

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

EDUARDO SILVA ALVES

O ADEUS A JANGO  
TIME MAGAZINE - PERCEPÇÕES

MESTRADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO  
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

EDUARDO SILVA ALVES

# O ADEUS A JANGO TIME MAGAZINE - PERCEPÇÕES

MESTRADO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À BANCA  
EXAMINADORA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE SÃO PAULO, COMO EXIGÊNCIA  
PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE  
EM HISTÓRIA SOB A ORIENTAÇÃO DO PROF.  
DOUTOR ANTONIO PEDRO TOTA.

SÃO PAULO  
2008

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu orientador Profº Drº Antonio Pedro Tota pelas observações, correções e dicas preciosas para a realização desse trabalho e sem as quais ele não seria possível.

Sou profundamente grato pelas orientações advindas da Banca de Qualificação e Defesa composta pela Profª Drª Mary Anne Junqueira e o Profº Drº Reginaldo Nasser. Agradeço também às Professoras Drªs. Denise Bernuzzi de Sant'Anna e Cristina Soreanu Pecequilo por também integrarem a minha Banca e pela leitura do meu trabalho.

Agradeço a todos os amigos e amigas da Diretoria de Ensino Regional Sul 3 de São Paulo que estiveram comigo nos últimos dois anos.

Não posso deixar de agradecer aos amigos Ailton Lauretino, Herodes Cavalcante, Joel Santos de Abreu, Otacílio Marcondes e Paulo Garcia pelas discussões preciosas que tivemos.

O apoio da minha mãe e do meu irmão foi de suma importância.

Por fim, agradeço ao programa *Bolsa Mestrado* da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo cuja parceria com a PUC-SP forneceu o apoio financeiro.

# RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as reportagens da Revista TIME produzidas durante os últimos seis meses do governo João Goulart (de 11 de outubro de 1963 a 10 de abril de 1964) e discutir as percepções desse veículo de comunicação em torno dos acontecimentos de ordem política, econômica e cultural no Brasil daquele momento. Dentro dessa análise, serão comentados: os interesses comerciais do grupo TIME-LIFE pelo mercado das comunicações do Brasil e o desconforto causado pela figura do Presidente João Goulart. Segundo a revista, Jango era um político inábil para dirigir um grande país e vinculou-o de forma recorrente ao comunismo. O cenário cultural daquele momento também interessou à revista, cujas percepções identificaram uma nação que fundia misticismo, violência e política.

Governo João Goulart - Revista TIME – Golpe de 1964

# **ABSTRACT**

The present research intends to analyze the TIME Magazine's reports produced during the last six months João Goulart's government (of 11 of October 1963 to April 10th, 1964) and argues the perceptions of this mass media around of the happenings of political, economic and cultural order in Brazil of that moment. Inside this analysis, will be commented: the commercial interests of the group TIME-LIFE by the communications market of Brazil and the discomfort in front of the picture of President João Goulart as president. According to magazine, Jango was an unqualified politician to command a great country and entailed him about to the communism. Jango's exit was celebrated in the magazine. The cultural scenery of that moment also interested TIME, whose perceptions identified a nation that melted mysticism, violence and political.

João Goulart Government – TIME Magazine – Brazil's Coup of 1964

*Para o meu pai (in memoriam)*



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS – HISTÓRIA

## ERRATA

MESTRANDO: Eduardo Silva Alves

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O ADEUS A JANGO – TIME MAGAZINE: PERCEPÇÕES

LOCAL/DATA: São Paulo, 16 de Dezembro de 2008.

1 – Página 114, 3º parágrafo: onde lê-se “...os relatos de viagem que eram publicados logo após a segunda guerra no *Readers Digest* ...”, lê-se “...os artigos que foram publicados logo após a segunda guerra no *Readers Digest* ...”.

2 – Página 188, nota 895: onde lê-se “...aos relatos de viagem dos navegantes norte-americanos que se aventuravam pelo *Wilderness*”, lê-se “...aos relatos de viagem dos pioneiros que se aventuravam pelo *Wilderness*”.

As duas retificações serão incorporadas ao texto logo após o parecer final da Banca Examinadora.

Atenciosamente

Eduardo Silva Alves

# SUMÁRIO

|                                                                                          |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                  | <b>3</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1.....</b>                                                                   | <b>10</b> |
| <b>O CASO TIME-LIFE &amp; REDE GLOBO.....</b>                                            | <b>10</b> |
| 1.1 - CIVITA E A EDITORA ABRIL .....                                                     | 11        |
| 1.2 - CAPITULAÇÃO DA GLOBO.....                                                          | 12        |
| 1.3 - ROBERTO MARINHO E A ESPOSA DE HENRY LUCE.....                                      | 13        |
| 1.4 - DENÚNCIAS: TIME-LIFE & REDE GLOBO - DE 1962 A 1968 .....                           | 15        |
| 1.5 - JAYME DANTAS: O PANOPTICON DA TIME-GLOBO.....                                      | 17        |
| <b>CAPÍTULO 2.....</b>                                                                   | <b>20</b> |
| <b>O CHAOS POLÍTICO.....</b>                                                             | <b>20</b> |
| 2.1 – ESTADO DE CAOS.....                                                                | 22        |
| 2.1.1 – O mês de julho/1963 – Goulart e Kennedy .....                                    | 22        |
| 2.1.2 – O mês de agosto.....                                                             | 23        |
| 2.1.3 – O mês de Setembro – A revolta dos Sargentos.....                                 | 24        |
| 2.1.4 – A Economia em 1963 .....                                                         | 26        |
| 2.1.4.1 – As Greves.....                                                                 | 27        |
| 2.1.5 – Lacerda e Adhemar versus Goulart: armamento em questão.....                      | 28        |
| 2.1.6 – A entrevista de Lacerda ao Los Angeles Times – Aprofundamento da crise.....      | 29        |
| 2.1.7 – O Estado de Sítio – ou o estado de chaos? .....                                  | 32        |
| 2.1.8 – A oposição ao Estado de Sítio.....                                               | 34        |
| 2.1.9 – Goulart, visto como incapaz .....                                                | 36        |
| 2.2 – CAOS CONTIDO .....                                                                 | 38        |
| 2.2.1 – Pego num engarrafamento.....                                                     | 39        |
| 2.2.2 – Um teste de adestramento, um exercício.....                                      | 43        |
| 2.2.3 – A derrota de Goulart – Retirada do pedido de Estado de Sítio. ....               | 45        |
| 2.3 - ENTRE O MARTELO E A BIGORNA .....                                                  | 50        |
| 2.3.1 - Sempre diante dele.....                                                          | 51        |
| 2.3.2 - Balas e Prisão.....                                                              | 54        |
| 2.3.3 - Inimigos da Liberdade.....                                                       | 62        |
| 2.3.4 – Lacerda e Andrew Heiskell .....                                                  | 65        |
| 2.4 - APÊNDICE - UMA NOTA SOBRE A MORTE DE KENNEDY – UM NOVO OLHAR SOBRE O BRASIL? ..... | 66        |
| <b>CAPÍTULO 3.....</b>                                                                   | <b>71</b> |
| <b>O ABISMO ECONÔMICO.....</b>                                                           | <b>71</b> |
| 3.1 – INDO PELO CAMINHO ERRADO .....                                                     | 75        |
| 3.1.1 - Gigantes Subdesenvolvidos .....                                                  | 77        |
| 3.1.2 - Pedido não consentido.....                                                       | 78        |
| 3.2 - À BEIRA DO ABISMO .....                                                            | 80        |
| 3.2.1 - Políticas, como de costume.....                                                  | 84        |
| 3.2.2 - Débitos a pagar .....                                                            | 88        |
| 3.3 - COMO PERDER INVESTIMENTOS .....                                                    | 91        |
| 3.4 - A BAGUNÇA NA PETROBRÁS .....                                                       | 95        |
| 3.4.1 - Duro trabalho na administração .....                                             | 97        |
| 3.4.2 – O Dócil Agente dos Yankees.....                                                  | 102       |
| 3.5 - COMO FAZER NEGÓCIOS EM MEIO AO CAOS.....                                           | 108       |
| 3.5.1 - Ajustando os preços.....                                                         | 110       |
| 3.5.2 - Permanecendo no mesmo lugar.....                                                 | 112       |

|                                                         |            |
|---------------------------------------------------------|------------|
| <b>CAPÍTULO 4.....</b>                                  | <b>114</b> |
| <b>CULTURA, MISTICISMO E VIOLÊNCIA .....</b>            | <b>114</b> |
| 4.1 - GOOOALLL!!!! .....                                | 116        |
| 4.1.1 - Pancada, ponta-pé e farra .....                 | 117        |
| 4.1.2 - Morte Súbita .....                              | 120        |
| 4.1.3 - A era das Conquistas.....                       | 122        |
| 4.2 – QUESTÃO DE DESORDEM .....                         | 125        |
| 4.3 - O HOMEM DAS ALTURAS.....                          | 130        |
| 4.3.1 - “Eu conheci todas as coisas”.....               | 131        |
| 4.3.2 – O Partido dos Machos .....                      | 136        |
| 4.4 – CONFUSÃO.....                                     | 140        |
| 4.4.1 - BAP, BAM, BUM.....                              | 141        |
| 4.4.2 - Adão e Eva.....                                 | 144        |
| 4.5 – O HOMEM DO PAPA EM RECIFE .....                   | 147        |
| 4.5.1 - Um metro e sessenta de altura e 54 quilos ..... | 150        |
| <b>CAPÍTULO 5.....</b>                                  | <b>154</b> |
| <b>O ADEUS A JANGO .....</b>                            | <b>154</b> |
| 5.1 – O ESPÍRITO DE 32.....                             | 156        |
| 5.1.1 - Armas e Rosários.....                           | 159        |
| 5.1.2 - Licença de Caça .....                           | 162        |
| 5.1.3 - Manifesto Militar .....                         | 165        |
| 5.2 – O ADEUS A JANGO.....                              | 169        |
| 5.2.1 - Post-Morten.....                                | 172        |
| 5.2.2 - Plano Cauteloso .....                           | 176        |
| 5.2.3 - Pausa Planejada.....                            | 178        |
| 5.2.4 - De volta à Brasília.....                        | 181        |
| 5.2.5 - Um começo .....                                 | 185        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                        | <b>188</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>                                | <b>192</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>                                     | <b>196</b> |

# INTRODUÇÃO

Estudos históricos que tomam exclusivamente como fonte e objeto de pesquisa os artigos que foram publicados na grande imprensa americana que se ocuparam com os últimos seis meses do governo do presidente João Goulart são poucos, senão raros. Artigos, notas e trechos de capítulos que citam a trajetória do golpe na imprensa americana podem ser encontrados em trabalhos que versam sobre a ditadura militar, mas são apresentados de forma breve e pontual. A exemplo disso, livros que tratam do golpe de 1964 como os de Marco Antonio Villa<sup>1</sup>, Phyllis Parker<sup>2</sup>, Skidmore<sup>3</sup>, Jordan Young<sup>4</sup>, clássicos como os de Mario Victor<sup>5</sup> e Helio Silva<sup>6</sup>, chegando às recentes produções de Victor Cantarino<sup>7</sup> e Elio Gaspari<sup>8</sup>, apenas utilizam as principais reportagens publicadas no *The New York Times* e *Washington Post*, e mesmo assim, a título de breve ilustração. Os jornais são os mais utilizados, porém no caso das revistas não podemos dizer o mesmo.

Com o objetivo de contribuir para os estudos históricos que utilizam como fonte a imprensa, em específico revistas semanais estrangeiras, optamos pela TIME Magazine. Nossa opção justifica-se em três pontos:

1 – Trata-se de uma revista de alcance mundial<sup>9</sup> e que já na década de 1960 circulava em mais de 128 países.<sup>10</sup>

2 – TIME pertencia ao grupo TIME-LIFE do empresário Henry Luce.<sup>11</sup> Naquele momento era a maior empresa de comunicações do mundo, pois incluía em sua lista variados tipos de revistas, cada uma delas líder de seu segmento. O grupo também tinha participações

---

<sup>1</sup> VILLA, Marco Antonio. *Jango: um perfil (1945-1964)*. São Paulo, Globo, 2004.

<sup>2</sup> PARKER, Phyllis R. 1964: *O Papel dos Estados Unidos no Golpe de 31 de Março*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

<sup>3</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

<sup>4</sup> YOUNG, Jordan M. *Brasil 1954/1964 O Fim de um Ciclo Civil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1973

<sup>5</sup> VICTOR, Mário. *5 Anos que Abalaram o Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

<sup>6</sup> SILVA, Hélio. *1964: golpe ou contragolpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

<sup>7</sup> CANTARINO, Victor. *1964: A Revolução para inglês ver*. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

<sup>8</sup> GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo, Cia das Letras, 2002.

<sup>9</sup> FISCHER, Heinz-Dietrich. “A situação Internacional das Revistas”, in: *Comunicação Internacional: meios-canais-funções*. São Paulo, Cutrix, 1975, pp. 370-371 – tradução: Edilson Alkimin Cunha.

<sup>10</sup> FISCHER, *op cit*, apud Willy Stamm, *Leitfaden für Presse und Werbung* 1968, Essen, Alemanha: Stamm-Verlag, 1968, pp. 5/153.

<sup>11</sup> TIME-LIFE em 1989 se juntou à Warner Communications e passou a se chamar TIME WARNER. Em 2002 iniciou uma parceria com a CNN. Para mais detalhes da recente trajetória empresarial da revista, ver CLURMANN, Richard. *Até o fim da TIME*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

acionárias nas principais redes de rádio e televisão dos Estados Unidos<sup>12</sup>, Europa<sup>13</sup> e América Latina<sup>14</sup>.

3 – A partir dos itens acima não poderíamos deixar de considerar a importância histórica da revista TIME como produtora de fontes para um enorme público, principalmente o norte-americano.

TIME se enquadra no seguimento de revista considerada de interesse geral, pois condensa em suas páginas todas as principais notícias no âmbito da política, economia e cultura que foram destaque durante a semana nos Estados Unidos e no Mundo. Dentro *desse segmento*, TIME em 1964 era a revista de maior circulação dentro dos Estados Unidos com uma tiragem semanal de quatro milhões exemplares.<sup>15</sup> De acordo com uma pesquisa de opinião pública organizada pelo Instituto Louis Harris no final da década 60, e publicada na própria revista com o título “O julgamento do Quarto Estado”<sup>16</sup>, TIME era ‘uma publicação familiar a 5 americanos em 10’<sup>17</sup>. Outro dado extraído da pesquisa citou que 77% dos seus leitores possuíam formação universitária e 42% manifestaram confiança na revista.<sup>18</sup>

A partir dos elementos citados, defenderemos que: TIME Magazine funcionou e ainda funciona dentro da sociedade americana como um poderoso veículo de comunicação e formação de opinião pública<sup>19</sup>, cujas notícias relativas ao Brasil daquele período e publicadas naquele país merecem uma exclusiva atenção. Utilizaremos a revista como *objeto e fonte* de pesquisa para investigar o *discurso* que foi produzido para o público dos EUA em suas seções acerca dos principais acontecimentos no Brasil que culminaram com o golpe de 1964.

---

<sup>12</sup> Para um estudo sistematizado sobre o poder do grupo TIME dentro dos Estados Unidos e no mundo, ver WOLSELEY, Roland E. *The Changing Magazines: Trends in Readership and Management*. New York, Hasting House Publishers, 1973, p. 74-114.

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> Sobre o poder norte-americano das comunicações na América Latina, ver: BELTRAN, L. Ramiro e CARDONA, Elizabeth Fox. *Comunicação Dominada – Os Estados Unidos e os Meios de Comunicação da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

<sup>15</sup> BOURBAGE, Robert, CAZEMAJOU, J., e KASPI, A. *Os Meios de Comunicação nos Estados Unidos*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro, Agir, 1973, p. 73.

<sup>16</sup> “*Judging the Fourth Estate: A TIME-Louis Harris Poll*”, disponível também no site: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,901355,00.html> (acessado em 10/2008). Também citado em BOURBAGE, Robert, *op cit*, p. 172.

<sup>17</sup> Em 1960 a população dos EUA (urbana e rural) era de 179.323.175 habitantes, e em 1970 era de 203.302.031 de hab.; dados extraídos do “1990 Census of Population and Housing – unit counts USA”, in: US DEPARTMENT OF COMMERCE – ECONOMICS AND ESTATISTIC ADMINISTRATION – BUREAL OF THE CENSUS, p. 14. Disponível também no site: <http://www.census.gov/population/www/censusdata/hiscendata.html> (acessado em 10/2008).

<sup>18</sup> BOURBAGE, Robert, *op cit*, p. 174.

<sup>19</sup> Sobre a influência de TIME junto à opinião pública norte-americana na década de 1960, ver: PETERSON, Theodore. *Magazines in the Twentieth Century*. Illinios, University of Illinois Press, 1964, p. 41-42 e 260-263.

TIME foi fundada em 09 de Março de 1923 por Henry Luce e Briton Hadden<sup>20</sup>. Antes de fundarem a revista, já haviam trabalhado juntos como repórteres no *Baltimore News* e como editores no *Yale Daily News*.<sup>21</sup> Os dois colegas da Universidade de Yale, com dinheiro emprestado, deram início a um trabalho que acabaria por reformular o jornalismo norte-americano da época<sup>22</sup>. A maioria das cinquentenárias, e até mesmo centenárias revistas norte-americanas carregavam consigo um estilo que fundia jornalismo e literatura. Eram edições com conteúdo denso, primavam pela qualidade, pela erudição dos temas expostos. Após a morte de Briton Hadden em 1929, Henry Luce conduziu a revista dentro de uma proposta WASP<sup>23</sup> (White, Anglo-Saxon and Protestant) fazendo jus à tradição dos americanos que compunham a elite dos EUA no início do século XX.<sup>24</sup> A formação ideológica de Luce foi incorporada à TIME juntamente com a visão intervencionista do presidente Theodore Roosevelt (1901-09). Segundo Robert Herzstein, “o resultado foi uma ideologia devota a Deus e aos EUA, com ambições doutrinárias, que ele acreditava civilizadoras, e com tendências conservadoras”.<sup>25</sup>

Convergimos com Maria Helena Capelato no sentido de que a imprensa ‘é fundamentalmente um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social’<sup>26</sup>, ao mesmo tempo em que também negamos aqui a neutralidade dos veículos jornalísticos. Em relação à *objetividade jornalística*, até mesmo o proprietário de TIME, Henry Luce, admitiu em 1948 que ele e seus editores não pretendiam se prender aos ‘conceitos tradicionais da objetividade jornalística’, pois se tratava de ‘algo mítico’. O mesmo servia para a imparcialidade jornalística, eles não queriam se importar com isso.

“Qual é a diferença entre imparcialidade e honestidade? O jornalista responsável é ‘parcial’ com relação à interpretação dos fatos que lhe parece se ajustar às coisas

---

<sup>20</sup> Segundo Robert T. Elson – historiador de TIME Magazine e ex-redator da revista – foi em Camp Jackson, no Estado da Carolina do Sul, que Luce e Hadden, no segundo ano de jornalismo da universidade de Yale, idealizaram TIME, in: ELSON, Robert T. *TIME Inc. The Intimate History of a Publishing Enterprise (1923-1941)*. New York, Atheneum, 1968, p. 3.

<sup>21</sup> Em 1922, um ano antes da fundação de TIME, era lançado o READERS DIGEST por DeWitt Wallace, e dez anos depois, em 1933, vinha à luz a revista NEWSWEEK, fundada por Thomas J. C. Martin, e sua principal concorrente histórica.

<sup>22</sup> ELSON, *loc cit*.

<sup>23</sup> HERZSTEIN, Robert E.: *Henry R. Luce, Time, and the American Crusade in Asia*. xviii, 346 pp. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> CAPELATO, Maria Helena e Prado, Maria Ligia. *O Bravo Matutino (imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”)*. São Paulo, Alfa-Omega, 1980, p. xix.

como são. Ele é honesto na medida em que não deturpa os fatos para fundamentar a sua opinião e não suprime aqueles que apóiam um ponto de vista diferente”.<sup>27</sup>

Segundo Maria Helena Capelato ‘a empresa jornalística coloca no mercado um produto muito específico: a mercadoria política’<sup>28</sup>. Neste ponto, ‘é de fundamental importância a necessidade de se levar em conta dois aspectos: o público e o privado’.<sup>29</sup> O primeiro relaciona-se com o fator ‘político’ e o segundo com o ‘empresarial’.<sup>30</sup> Mesmo que as palavras de Henry Luce denotem um sentido moral e ético, ou até mesmo ‘um compromisso público’ através do direito à informação, ‘o jornalismo é uma atividade exercida no setor privado’.<sup>31</sup> Segundo Capelato, ‘os empresários-jornalistas atuam na esfera privado, orientados pela lógica do lucro’<sup>32</sup>. No caso específico de TIME defendemos que os interesses de seu proprietário Henry Luce incorporavam não só a lógica do lucro como também a lógica do imperialismo norte-americano.

Em junho de 1941, *Life* – uma das principais revistas de Henry Luce - publicava a primeira entrevista que Hitler concedia à imprensa americana durante a segunda-guerra.<sup>33</sup> Segundo Robert Elson, Hitler foi agressivo em relação aos EUA, deixando o governo Roosevelt muito embaraçado.<sup>34</sup> Na edição seguinte, *Life* “somava esforços junto ao presidente dos EUA e proclamava ‘um ilimitado estado de emergência’”.<sup>35</sup> Naquele mesmo ano, Henry Luce convocava os EUA a ‘admitirem’ que o século XX era o Século Americano:

“(...) aceitar, de todo o nosso coração, o nosso dever e oportunidade como a nação mais poderosa do mundo e, em consequência, exercer, sobre o mundo o pleno impacto de nossa influência para objetivos que consideremos convenientes e por meios que julgemos apropriados”.<sup>36</sup>

---

<sup>27</sup> EMERY, Edwin. *História da Imprensa nos Estados Unidos*, Rio de Janeiro, Lidaador, 1965, pp. 692, tradução de Edílson Alkimin Cunha.

<sup>28</sup> CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo, Contexto, 1988, p. 18.

<sup>29</sup> Idem

<sup>30</sup> Idem

<sup>31</sup> Idem

<sup>32</sup> Idem

<sup>33</sup> ELSON, *op cit*, p. 473.

<sup>34</sup> Idem

<sup>35</sup> Idem

<sup>36</sup> SCHILLER, Herbert I., *apud* Henry Luce in: *American Century*, Life, Nova York, 1941, pp 23. Ver Herbert I. Schiller, in: *O Império Norte-Americano das Comunicações*, Petrópolis, Vozes, 1976, pp.11, trad. Maria Lúcia Halliday.

No final da segunda-guerra mundial, Henry Luce retorna às falas sobre o *Século Americano*. Em 1944, no editorial de uma de suas revistas - *Fortune* -, Luce tornou explícita a sua opinião de que o poderio das comunicações detinha o poder sobre o mundo:

“De sua (das comunicações internacionais que os EUA detém) eficiência depende o crescimento ou não dos Estados Unidos como centro do pensamento e do comércio mundiais, como o foi a Grã-Bretanha no passado (...) A Grã-Bretanha dá um exemplo sem paralelo do que um sistema de comunicações significa para uma grande nação que se estender de ponta a ponta do globo”.<sup>37</sup>

O Brasil não ficou de fora do *Século Americano*. TIME entrou em nosso país – e na América Latina - em 1943 com edições em inglês.<sup>38</sup> O interesse do grupo TIME-LIFE pelo Brasil se radicalizou a partir de 1950 e culminou na década de 1960 - conforme veremos no capítulo 1.

Nosso corte cronológico está delimitando de 11 de outubro de 1963 até 10 de abril de 1964. Segundo a própria revista, a origem dos problemas que culminaram com a revolta armada teve origem em Outubro de 1963 - conforme seu artigo “*Goodbye to Jango*” de abril de 1964:

Spontaneous it seemed, but last week’s revolt was actually hatched in October. At first, only half a dozen colonels were involved, and their plan was purely defensive; only if Goulart actually tried to seize dictatorial powers would they act. But as Goulart turned farther and farther left, as more and more of the demagogue came out in him, as fiscal madness multiplied, his opponents at last decided that they must act before he did, not after.<sup>39</sup>

Apesar da nossa pesquisa se enquadrar num período muito curto (seis meses) e analisar o discurso de apenas 15 reportagens, a gama de informações que puderam ser extraídas dessa pesquisa foram significativas. Perguntas como ‘o que a Revista Time publicou sobre o Brasil seis meses antes do Golpe de 1964?’ e ‘de que forma a Time cobriu esse período?’ nortearam o nosso trabalho. Evitamos analisar o discurso das reportagens dentro de uma linha fixa e cronológica, optamos por caminhos temáticos, sendo eles: o político, o econômico, o cultural e os momentos finais do governo de João Goulart.

---

<sup>37</sup> SCHILLER, Herbert I., *apud* Henry Luce in: *Fortune*, “World Communications”, maio de 1944, pp 129 e 178.

<sup>38</sup> Conforme reportagem na própria revista *Taxpayers' Vicfory* em 01/02/1943. Para mais detalhes consultar a matéria no site da revista disponível em: <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,790766-1,00.html> (acessado em 09/2008). O título da matéria foi:

<sup>39</sup> Parecia espontâneo, mas a revolta da semana passada foi, na verdade, tramada em Outubro. A princípio, apenas meia dúzia de coronéis estavam envolvidos, e seu plano era puramente defensivo; somente se Goulart realmente tentasse buscar poderes ditatoriais eles agiriam. Mas, conforme Goulart se voltava cada vez mais para a esquerda e mais e mais demagogos apareciam além da loucura fiscal que se multiplicava, seus oponentes finalmente decidiram que deveriam agir antes que ele o fizesse, não depois.

Conforme veremos no corpo do trabalho, nossa fonte secundária foi a clássica bibliografia política e histórica que debateu o período do governo de João Goulart e com ela mantivemos um intenso diálogo. Concordamos também com as análises teóricas de Edward W. Said em relação à história dos meios de comunicação norte-americanos, os quais ‘tem sido extensões sensoriais do contexto cultural predominante’.<sup>40</sup> Essas extensões sensoriais também correspondem com o que chamamos *percepções*. Não faremos um estudo sistemático com a preocupação de fornecer respostas definitivas. Ao contrário, faremos um estudo analítico e humilde na tentativa de trazer novas questões que possam enriquecer o debate em torno do tema aqui proposto.

A dissertação está organizada em cinco capítulos. No primeiro faremos uma análise da controversa ligação do Grupo TIME-LIFE com as Organizações Globo, cujas origens remontam o final da década de 1950 e que se deram por encerradas após várias CPIs em torno do caso até o início do Governo Costa e Silva. Esse capítulo teve como objetivo: a) situar o Brasil diante dos interesses da empresa de Henry Luce no exato momento em que foram produzidas as reportagens aqui analisadas; e, b) apresentar o correspondente Jayme Dantas como importante personagem de ligação entre a Globo a TIME-LIFE.

No capítulo dois serão analisadas as reportagens de cunho político, localizadas em sua maioria no final de 1963 e trazendo o clímax introdutório da crise. O termo *chaos*, utilizado de forma recorrente, ilustra para TIME, o início da decadência de Governo de João Goulart.

No capítulo três, serão analisadas as reportagens com foco direto na economia do país naquele momento. De início verificaremos as preocupações norte-americanas com o andamento da *Aliança para o Progresso* na região, motivo de desgastes políticos e internacionais com os países envolvidos. Esse capítulo flagra o desconforto da revista diante dos investimentos estrangeiros no país: o Brasil e João Goulart não ofereciam segurança para os empresários americanos.

O capítulo quatro analisará as matérias que cobriram fatos do nosso cotidiano sócio-cultural, por exemplo: o problema da alfabetização, dados sobre a violência, religião e futebol. As *percepções* da revista mesclaram-se entre a ironia do nosso subdesenvolvimento e o espanto de alguns casos entendidos como ‘muito violentos’ e curiosamente localizados na vida de nossos políticos. O elemento religioso, de perfil místico, foi citado em duas reportagens

---

<sup>40</sup> SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1995, p. 382.

Por fim, o capítulo cinco analisará as duas últimas reportagens publicadas sobre Brasil no momento do golpe. A figura de João Goulart não foi poupada das críticas da revista TIME, esta que saudou com alegria sua saída do governo.

Dois elementos são de fundamental importância para o nosso estudo: o contexto da guerra fria e o imperialismo norte americano. Sabemos que ambos se articulam no corpo da revista e se fazem refletir ao longo das reportagens. Os personagens políticos e religiosos são identificados como representantes de um mundo cultural frágil e conturbado, presas fáceis do comunismo.

TIME Magazine, desde 1950, passou a destacar os assuntos latino-americanos numa seção chamada HEMISPHERE, nela o tom sempre vigilante e crítico da revista em relação aos seus vizinhos pode ser notado. A maioria das reportagens de cunho político, econômico e cultural que estudaremos se encontram nessa seção. Poucas exceções se encontram em WORLD BUSINESS, RELIGION e LETTER FOR THE PUBLISHER (o editorial).

1964 foi o último ano de Henry Luce como editor chefe de TIME, o mesmo veio a falecer em 1967.

# CAPÍTULO 1

## O CASO TIME-LIFE & REDE GLOBO

Em 1966 veio à tona uma denúncia de ilegalidade contratual - estilo *lesa pátria* - entre uma das empresas de Henry Luce, a TIME-LIFE, e a Rede Globo, de Roberto Marinho<sup>41</sup>. A denúncia foi feita por Carlos Lacerda e João Calmon respectivamente. Tratava-se do fato de a Rede Globo ter recebido milhões dólares do sócio irregular entre 1962 e 1965. A denúncia, movida pelos parlamentares citados, se escorava no artigo 160 da Constituição Brasileira em vigor: ‘determinava que só, e exclusivamente, a brasileiros natos era permitida a propriedade, participação acionária ou mesmo a responsabilidade ou orientação intelectual e administrativa dessas empresas’.<sup>42</sup>

O período desenvolvimentista do governo Kubitschek, de 1955 e 1960, foi marcado pela a forte penetração do capital estrangeiro no país.<sup>43</sup> Houve a necessidade de um reordenamento dos países periféricos aos quadros do capitalismo internacional. Esse mesmo capital externo atuou fortemente nas empresas de comunicação através da publicidade.<sup>44</sup> Os registros dessas transações eram muito discretos e boa parte dos empresários da comunicação no Brasil foram procurados “por representantes de grupos estrangeiros para trabalharem conjuntamente na ‘defesa da liberdade de iniciativa no Brasil’”.<sup>45</sup>

Um dos parlamentares denunciante, João Calmon, publicou uma obra dividida em dois livros e intitulada *Duas Invasões*. No primeiro volume foi abordada a *Invasão Vermelha*, misto de denúncias e suspeitas de infiltrações comunistas nas instituições do país. Já no segundo volume, chamado de *O Livro Negro da Invasão Branca*, o autor narrou, com riqueza de detalhes, o caso TIME-LIFE & Rede Globo. A obra possui uma forte carga ufanista e não escondeu a preocupação desesperada do autor em relação às tais invasões daquele momento. João Calmon, na ocasião (1966) era diretor dos Diários e Emissoras Associados, deputado federal e presidente fundador da Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão, e

---

<sup>41</sup> Herz, Daniel. *A História Secreta da Rede Globo*, Porto Alegre, Tchê, 1987, pp.90.

<sup>42</sup> *idem*

<sup>43</sup> *idem*

<sup>44</sup> *idem*

<sup>45</sup> Herz *apud* CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Resolução nº. 190, de 1966: Aprova as conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar os fatos relacionados com a organização Rádio e TV e jornal “O Globo” e as empresas estrangeiras dirigentes das revistas “Time” e “Life”. (da CPI criada pela Resolução nº. 185, de 1966). *Diário do Congresso Nacional*. Brasília, 7 de junho de 1967, p. 69. (depoimento de Carlos Lacerda).

ao lado de Carlos Lacerda ‘assumiu uma posição combativa contra a associação estabelecida entre as empresas Globo e o grupo norte-americano.’<sup>46</sup>

Num tom de denúncia, o *Livro Negro da Invasão Branca*, de João Calmon, apresentou, segundo suas investigações, as origens da infiltração do capital estrangeiro no mercado editorial brasileiro na década de 40 com o *Readers Digest*<sup>47</sup>. Calmon reproduziu no livro um dos seus discursos durante a CPI de 1966 alertando para alguns grupos norte-americanos que já se encontravam no país realizando as mesmas irregularidades da TIME-LIFE. Era o caso do Grupo Visão – *Vison Incorporation* -, proprietário da revista *Visão*. Esse grupo realizava a distribuição gratuita da revista, ‘mas com conteúdo altamente selecionado’.<sup>48</sup> Além da revista *Visão*, esse mesmo grupo possuía as revistas *Dirigente Construtor* e *Dirigente Rural*, e segundo Calmon, esse último título foi resultado da absorção da tradicional revista *A Fazenda*.<sup>49</sup> O método rentável utilizado pelo grupo também foi analisado no livro: não houve, sequer, investimentos em dólares no país, as revistas não possuíam instalações próprias e eram prensadas na Companhia Litografia Ipiranga, em São Paulo.<sup>50</sup> Mediante um gigantesco apoio de anunciantes estrangeiros e com a distribuição gratuita dessas revistas, João Calmon alertava que o mercado da imprensa diária seria brevemente invadido por uma nova modalidade chamada de *Shopping News*. Outros grupos foram denunciados no livro dentro da mesma abordagem, foi o caso do grupo McGraw-Hill e do Robert Land Group, este que já vinha, há um bom tempo, dizimando a imprensa médica brasileira. Em resumo, uma das teses de João Calmon com essa *invasão branca* baseava-se na possibilidade do sucateamento da imprensa brasileira por parte das empresas estrangeiras, segundo ele:

“Como se vê, era a invasão pelo facilitário. Essas revistas são americanas com máscaras brasileiras.”

## 1.1 - CIVITA E A EDITORA ABRIL

João Calmon também focou o empresário Vitor Civita. Calmon denunciava a confusa tripla-nacionalidade de Civita, pois nascera na Itália, naturalizara-se norte-americano e logo

---

<sup>46</sup> Herz, op cit, pp. 90.

<sup>47</sup> Sobre o papel da Revista Seleções no Brasil, ver o livro de Mary Anne Junqueira. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista / EDUSE, 2000.

<sup>48</sup> Calmon, João. *O Livro Negro da Invasão Branca*. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, 1966, pp. 66.

<sup>49</sup> Idem

<sup>50</sup> Idem

após tornara-se brasileiro.<sup>51</sup> O processo de naturalização não atendia às exigências constitucionais prevista no artigo 160 da Constituição vigente, em suma: não servia para abertura de empresas jornalísticas no país. Ainda no encalço de Victor Civita, Calmon mencionou que ‘acompanhou bem de perto o processo de naturalização do empresário junto ao Ministério da Justiça, conseguiu uma cópia fotostática na qual ele, Civita, aparece como natural de Nova York e não da Itália’.<sup>52</sup> Numa verdadeira caçada às bruxas da invasão branca brasileira, João Calmon investigou as atividades de Civita nos Estados Unidos antes de chegar ao Brasil. ‘Soube que era empregado do grupo TIME-LIFE.’<sup>53</sup> Procurando eventuais elos entre o grupo TIME-LIFE e a Editora Abril, Calmon cita a chegada, sem recurso financeiro algum, de Vitor Civita ao Brasil ao passo que seu irmão partira para a Argentina em busca de sucesso.<sup>54</sup> Dentro de pouco tempo’, o grupo Editora Abril lançava 19 títulos na Argentina e mais 19 no México.<sup>55</sup> No caso argentino o destaque foi para a revista *Panorama*, esta que trazia logo abaixo de seu título a seguinte menção: “Uma revista da Editora Abril e do grupo TIME-LIFE”.<sup>56</sup> Um caso idêntico na Itália foi citado por Calmon, tratou-se de outra revista cujo título também era *Panorama*, e com a seguinte menção: “Uma edição da TIME-LIFE e Mandatori”.<sup>57</sup> Em meio a essa série de coincidências, Calmon levantava questões sobre a capacidade financeira de empresas brasileiras, no caso específico a Editora Abril, de conseguir operar com 19 revistas no México, na Argentina e no Brasil. Calmon, segundo o seu depoimento, colocava em cheque até mesmo a conceituada revista *Realidade*. Todavia, indagado a respeito do caráter estrangeiro da Editora Abril, João Calmon respondeu que ainda não tinha provas e, em tom irônico, dizia que ‘todo mundo é honesto, todo mundo merece fé até que se prove em contrário’.<sup>58</sup>

## 1.2 - CAPITULAÇÃO DA GLOBO

Em 29 de novembro de 1961 a Câmara dos Deputados aprovava o projeto de lei para limitar as remessas de lucros para o exterior. Somente em janeiro de 1964 o Presidente João Goulart assinaria esse projeto convertendo-o finalmente em lei. Esse projeto de lei atacava frontalmente os investimentos estrangeiros no Brasil, desagradava os empresários,

---

<sup>51</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS, op cit pp. 13. (depoimento de João Calmon)

<sup>52</sup> Idem

<sup>53</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS, op cit pp. 13. (depoimento de João Calmon)

<sup>54</sup> idem

<sup>55</sup> idem

<sup>56</sup> idem

<sup>57</sup> idem

<sup>58</sup> idem

principalmente os norte-americanos. A avalanche de capitais que despencava sobre o mercado interno também atingia os setores de imprensa, nesse caso, não somente o mercado editorial, mas principalmente o setor de radiodifusão.<sup>59</sup> ‘A penetração nessa área exigia cuidados especiais’. Cada emissora era objeto de uma concessão de frequência pelo Governo Federal e existiam controles formais quanto à constituição da empresa que fosse executar o serviço<sup>60</sup>. Por isso, era imprescindível, no caso das emissoras de rádio e televisão, a existência de um ‘testa-de-ferro’, que acobertasse a presença do sócio ou proprietário legalmente impedido.<sup>61</sup> Um desses ‘testas de ferro’ procurado pelo grupo TIME-LIFE foi Julio de Mesquita Filho de *O Estado de São Paulo*. A proposta se baseava na criação de um grupo de rádio e TV.<sup>62</sup> Segundo João Calmon, Mesquita não aceitou a parceria e completou dizendo que TIME-LIFE era um ‘grupo da linha mais reacionária e mais retrógrada do Partido Republicano, exclusivamente interessado em manter, em países como o nosso, bases anticomunistas’.<sup>63</sup>

Entre os anos de 1960 e 1961 as Organizações Globo possuíam diversos projetos de expansão de suas instalações. Detinham, naquele momento, o tradicional jornal *O Globo*, a *Editora Rio Gráfica* e a *Rádio Globo*, ‘entre outros investimentos no setor’.<sup>64</sup> Segundo Nelson Werneck Sodré, as Organizações Globo possuíam uma característica ‘marcadamente conservadora’ cujo nome estava ‘subordinado pela publicidade estrangeira’ na luta contra a nacionalização do Petróleo.<sup>65</sup> Todavia, o projeto de expansão das organizações Globo se justificava com base no pedido ao Governo Federal de ‘25 emissoras de rádio e televisão que seriam instaladas nos principais Estados do Brasil’.<sup>66</sup>

### 1.3 - ROBERTO MARINHO E A ESPOSA DE HENRY LUCE

Um dos elementos que agravaram ainda mais as conexões da Globo com a TIME-LIFE, foi o chamado ‘namoro indireto’ no final dos anos 50 entre os dois grupos. Nas principais páginas de *O Globo* entre 28 de fevereiro e 4 de maio de 1959, foi dado total destaque às atividades da esposa Henry Luce - então embaixadora dos Estados Unidos na Itália.<sup>67</sup> Na edição de 28 de fevereiro de 1959, o título da reportagem era “*A diplomata que tem o condão de atrair todas as simpatias*”. Segundo Calmon, ‘em literatura exaltada, de

---

<sup>59</sup> Herz, *op cit*, pp. 93

<sup>60</sup> *idem*

<sup>61</sup> *idem*

<sup>62</sup> *idem*

<sup>63</sup> Calmon, *op cit*, pp. 215

<sup>64</sup> Herz, *op cit*, pp. 93

<sup>65</sup> Herz *apud* Nelson Werneck Sodré, in: *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Graal, 1977, pp.460-7.

<sup>66</sup> Calmon *apud* CAMARA DOS DEPUTADOS, *op cit*, pp. 28 (Depoimento de Roberto Marinho).

<sup>67</sup> Calmon, *op cit*, pp.127-8

grande admiração pela Sra. Claire Booth Luce, ‘O Globo’ dizia da inteligência e da sensibilidade da embaixadora americana em tratar de problemas americanos na Itália.<sup>68</sup> A presença de Claire Luce estivera marcada por discussões e ‘melindres da política interna do grande país latino’.<sup>69</sup> Para apagar as mágoas sofridas pela embaixadora na Itália, em fins de fevereiro de 1959 foi-lhe oferecida em troca ‘da doce paisagem mediterrânea, o forte sol de uma representação nas Américas’ e ‘por mera coincidência, a embaixada escolhida foi a do Brasil’.<sup>70</sup> Após aceitar a indicação<sup>71</sup>, a presença da esposa de Henry Luce passou a ter destaque praticamente diário no jornal *O Globo*. A autora de livros e peça teatrais como ‘*Stuffed Shirt*’<sup>72</sup> e ‘*The Women*’<sup>73</sup>, foi ‘exaltada’ pelo seu grande admirador, Sr. Roberto Marinho, que destacou às atividades de pesca submarina da embaixadora e o seu importante papel junto ao Partido Republicano nos EUA.<sup>74</sup> Calmon cita as datas nas quais *O Globo* publicava conteúdos pertinentes a então futura embaixadora no Brasil, foram: 9, 10, 16, 17 e 18 de março; 2, 3, 7, 14, 16, 29 e 30 de abril; e dos dias 2, 3, 4 de maio de 1959.<sup>75</sup> Dentre essas reportagens, alguns títulos tentavam chamar a atenção: “*A embaixadora Bem-vinda*”, “*Que venha Claire Luce*”, “*Confiante Eisenhower na missão de Claire Luce*”, “*Feliz e orgulhosa Claire Luce por sua indicação*” e “*A nova embaixadora dos Estados Unidos no Brasil*”.<sup>76</sup>

No dia 04 de maio de 1959, *O Globo* publicava uma notícia estarrecedora para Roberto Marinho, a Sra. Claire Luce renunciava a embaixada brasileira e o título da reportagem foi: “*A embaixadora que os brasileiros desejavam*”.<sup>77</sup> Segundo Calmon, tratou-se de uma cobertura jornalística que pecou muito pela ética do próprio jornalismo. O empresário Roberto Marinho extrapolava a utilização de seu jornal na promoção de uma campanha publicitária exagerada em favor da esposa de Henry Luce, dono do grupo TIME-LIFE com o qual se objetivava uma aproximação gradual. O exemplo mais claro dessa atitude presunçosa do empresário brasileiro foi publicar reportagens cujos títulos sugeriam a preferência de todos os brasileiros pela Sra. Claire Luce. Calmon pontuou dizendo que ‘os brasileiros não

---

<sup>68</sup> Idem

<sup>69</sup> Calmon, *op cit.*

<sup>70</sup> Herz, *op cit*

<sup>71</sup> A indicação foi feita pelo presidente Eisenhower e foi destaque da edições de TIME de 2 de março de 1959 a 11 de maio de 1959. Na edição de 18 de maio de 1959 foi publicado um artigo comentando a resignação de Claire Luce.

<sup>72</sup> ‘Camiseta Estufada’ (N.T.)

<sup>73</sup> ‘As Mulheres’ (N.T.)

<sup>74</sup> Calmon, *op cit*

<sup>75</sup> idem

<sup>76</sup> idem

<sup>77</sup> idem

passaram uma procuração ao jornal *O Globo* para representá-los’.<sup>78</sup> De um modo geral, o noticiário e a expectativa em relação à possível vinda de Claire Luce para o Brasil ficou restrita às seções internas do próprio Jornal. A repercussão interna, tanto da vinda como da renúncia de Claire Luce, ‘não teve a menor repercussão entre nós’. Segundo Calmon, ‘ninguém ficou de luto, a não ser o nobre Chanceler da Ordem do Mérito, por motivos que pouco tempo depois seriam do domínio público’.<sup>79</sup>

A renúncia de Claire Luce se deu pelo fato da indicação de seu nome ter sido submetida a uma forte apreciação do Senado norte-americano. Duas figuras de renome na política interna dos EUA, os senadores democratas Wayne Morse e J. William Fullbright, levantaram objeções a sua indicação.<sup>80</sup> As análises de João Calmon mencionavam que o perfil da esposa de Henry Luce se enquadrava no tipo de *persona non grata* da política americana. Numa leve contradição com a idéia do *Século Americano* de seu marido<sup>81</sup>, durante a campanha eleitoral de 1944, Claire Luce, cuja antipatia pelo governo Democrata já era notória, acusara com incrível argumento que o presidente Roosevelt ‘foi o único presidente americano, que, com mentiras’ havia envolvido os Estados Unidos na guerra’ – tratava-se da segunda-guerra mundial, contra Hitler!<sup>82</sup> Os ataques da Sra. Claire Luce prosseguiram contra o presidente Trumann, o acusava de traidor. Por fim, as explicações solicitadas por Morse e Fullbright não foram dadas por ela.<sup>83</sup>

Terminava naquele momento os primeiros contatos entre a Globo e a TIME, e que seriam retomados poucos anos depois.

#### 1.4 - DENÚNCIAS: TIME-LIFE & REDE GLOBO - DE 1962 A 1968

Em 24 de julho de 1962 a Rede Globo e a empresa de Henry Luce formalizaram simultaneamente dois contratos. Um deles era o Contrato Principal, que na verdade representava uma conta de participação, uma *joint venture*. Quanto ao segundo, tratava-se de um contrato de Assistência Técnica, cujas cláusulas vinculavam-se ao contrato principal e tinha como característica alguns pontos, tais como: orientação de engenharia técnica,

---

<sup>78</sup> idem

<sup>79</sup> idem

<sup>80</sup> Calmon, *op cit* pp. 129-130

<sup>81</sup> Em 1941, o próprio Henry Luce sugeriu ao presidente Roosevelt uma tomada de posição dos EUA em relação à guerra. A neutralidade americana diante dos problemas advindos do conflito incomodavam o empresário naquele momento. Conf. “The American Century- 1941/1950”, in: BAUGHMAN, James L. *Henry Luce and the Rise of the American News Media*. Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 2001, p. 129-157.

<sup>82</sup> idem

<sup>83</sup> idem

orientações de como operar uma televisão comercial, treinamento de pessoal, orientação com relação à preparação de programações e comerciais de televisão entre outros.<sup>84</sup>

Em 1963, no meio da acirrada crítica oriunda da imprensa conservadora que se colocava contra Goulart, contra o presidencialismo e também contra o plebiscito, ‘*O Globo* dava mais uma vez, mostra da sua inesgotável versatilidade política’, dizia Lacerda.<sup>85</sup> Na edição de 07 de janeiro de 1963 - um dia após o plebiscito -, o jornal de Roberto Marinho, que via na figura de Goulart ‘o verdadeiro anti-Cristo’,<sup>86</sup> publicava um editorial chamando o presidente de “O Estadista”.<sup>87</sup> A versatilidade política que Lacerda atribuía ao jornal *O Globo* referia-se ao fato de que 24h depois do plebiscito, a Caixa Econômica liberava um empréstimo às Organizações Globo no valor de Cr\$240 milhões<sup>88</sup>. Tratava-se da compra de apoio pelo governo e cujas denúncias só viriam à tona no Governo Castelo Branco. Para Lacerda, foi um absurdo a mudança de posição política de Roberto Marinho em menos de 24h.<sup>89</sup>

Em 27 de maio de 1964, Roberto Marinho encaminhava somente o contrato de Assistência Técnica para registro na SUMOC – futuro Banco Central. Em depoimento, Roberto Marinho afirmava que os contratos eram de conhecimento do governo Goulart. No final de 1964, Carlos Lacerda registrou uma carta aos cuidados do presidente Castelo Branco, na qual era criticada a condução econômica da equipe do governo que sucedeu Goulart e o problema da ligação entre a TIME-LIFE com a Rede Globo. Castelo Branco fez uma promessa: “aquilo em que V. Exa. vê escândalo, será devidamente apurado”.<sup>90</sup>

Em 1965, após a revisão e assinatura de um novo contrato, Lacerda reclamou a promessa de Castelo Branco, dessa vez de forma mais aguda: “Resta somente saber qual é o grupo brasileiro que opera o grupo TIME-LIFE à revelia do Conselho Nacional de Telecomunicações e contrariamente à Constituição e ao Código de Telecomunicações. Afirmo à V. Exa que esse grupo é o de Roberto Marinho”.<sup>91</sup>

Em 1966 foi instaurada a CPI para apurar o caso TIME-LIFE & Rede Globo. As denúncias foram lideradas por Calmon e Lacerda. Segundo Daniel Herz, de julho de 1962 até 12 de maio de 1966 a TV Globo recebeu do grupo TIME-LIFE um total de US\$ 6.090.730,53

---

<sup>84</sup> Herz, *op cit*, pp. 114-115

<sup>85</sup> Herz, *op cit*, pp. 121

<sup>86</sup> *idem*

<sup>87</sup> *idem*

<sup>88</sup> *idem*

<sup>89</sup> *idem*

<sup>90</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS, *op cit*, pp. 74 (depoimento de Carlos Lacerda).

<sup>91</sup> *idem*

o que equivalia a mais de Cr\$10.120 bilhões no câmbio da época. Inúmeras pessoas, do Brasil e dos EUA, prestaram depoimentos.

Após a série de fatos apurados, o consultor-geral da República, Adroaldo Mesquita da Costa, concluiu que ‘não havia controle do capital ou da Organização Globo pelo grupo TIME-LIFE, nem ocorreu interferência intelectual ou administrativa da empresa norte-americana sobre a brasileira’<sup>92</sup>

Em 20 de outubro de 1967, o mesmo consultor-geral deu um segundo parecer favorável à Globo sob ciência do Marechal Castelo Branco, este que transferiu a decisão final para o governo seguinte.<sup>93</sup> A decisão de Costa e Silva veio somente um ano depois e, em 23 de setembro de 1968, o Marechal “legalizava” definitivamente a situação das Organizações Globo.<sup>94</sup>

Como representante dos Diários e Emissoras Associados, Calmon defendia os interesses das empresas que sofriam ‘a concorrência desleal da Rede Globo’.<sup>95</sup> Carlos Lacerda, naquela ocasião, ‘ligava-se aos interesses de frações da burguesia que foram excluídos do bloco de poder que assumiu o Estado com o golpe de 1964’.<sup>96</sup> Segundo Herz:

“Calmon e Lacerda explicitavam contradições e um debate que se dava no interior das classes dominantes. A radicalização dessas contradições fez com que as denúncias e informações publicadas por Calmon e Lacerda extrapolassem os interesses das classes que representavam e produzissem uma importante documentação histórica (...)”.<sup>97</sup>

## 1.5 - JAYME DANTAS: O PANOPTICON DA TIME-GLOBO

Na década de 60, no Rockefeller Center, os escritórios da TIME-LIFE empregavam cerca de 270 pessoas na administração e 130 na redação e na pesquisa.<sup>98</sup> Tratava-se da equipe especializada no *Rewriting* e seriam eles que dariam o formato final para o artigos que seriam publicados. Os artigos vinham dos repórteres e correspondentes distribuídos pelos Estados Unidos e pelo mundo.

Jayme Dantas era um desses correspondentes internacionais de TIME Magazine. Era brasileiro, e como nos conta Sebastião Nery, da *Tribuna de Imprensa*, ‘era, moreno, pequeno e atarracado, menino de Natal, no Rio Grande do Norte, vizinho de uma família americana,

---

<sup>92</sup> Herz, *op cit*, pp. 189

<sup>93</sup> idem

<sup>94</sup> Herz, *op cit*, pp. 190

<sup>95</sup> Idem

<sup>96</sup> idem

<sup>97</sup> Herz, *op cit*, pp. 90-91

<sup>98</sup> Kaspi, *op cit*, pp. 79

brincando com os garotos da casa ao lado, aprendeu o inglês como aprendeu o português'.<sup>99</sup> Em meio ao aprofundamento da Política da Boa Vizinha de Roosevelt, as bases militares do Rio Grande do Norte passaram a contribuir com a estratégia militar dos EUA com vistas às conexões com a África. Foi nesse contexto que a figura de Jayme Dantas veio à luz, era necessária a presença de alguém naquela região que conhecesse o idioma inglês e que servisse como intérprete entre os oficiais. Trabalhou com os americanos durante dois anos seguidos.<sup>100</sup> Com o fim da guerra, o grupo de Henry Luce “decidiu nomear um correspondente no Brasil. Jayme, nem ele sabia por que, foi indicado ao gringo da "Time" que veio ao Rio escolher o correspondente.”<sup>101</sup> Segundo nos conta Sebastião Nery, as passagens foram enviadas ao Rio Grande Norte com o endereço e o hotel onde Jayme Dantas deveria se encontrar com ‘gringo’. Ao receber a visita de Jayme, o ‘gringo’ foi frio e objetivo no convite: “A *"TIME"* é uma revista americana e republicana, feita para americano republicano. O senhor aceita trabalhar em uma revista assim?” Jayme Dantas, logo indaga: “Quanto pagam?”. O gringo ao ouvir a pergunta, imediatamente responde: “*Está contratado!*”.<sup>102</sup> O diálogo descontraído que Sebastião Nery nos apresentou, demonstrou claramente o espírito liberal e capitalista da empresa de Henry Luce – era o início da Guerra Fria, e, logo mais à frente, TIME prepararia a sua *Invasão Branca*.

Foi nesse período que ocorreu a aproximação de Jayme Dantas com Roberto Marinho. Como já vimos, a TIME-LIFE e as Organizações Globo operaram de forma conjunta durante e depois do governo de João Goulart.

“Jayme Dantas foi o chefe de redação do jornal *Ultra-Notícias*, que em 67 virou *Jornal da Globo*, com José Ramos Tinhorão como editor-chefe, e, em 69, tornava-se *Jornal Nacional*”.<sup>103</sup>

Conforme nos conta Sebastião Nery, “chefiando a redação do primeiro *Jornal da Globo*, o potiguar Jayme Dantas, baixinho e competente, era, no jornalismo da Globo, o representante do grupo TIME-LIFE, que foi sócio de Roberto Marinho e financiou a criação da TV, até que a CPI do Congresso, inspirada por Carlos Lacerda e comandada por João Calmon, dos *Diários Associados*, anulou o Acordo TIME-LIFE e obrigou Roberto Marinho a desfazer oficialmente a parceria.”<sup>104</sup>

---

<sup>99</sup> Sebastião Nery, *Tribuna de Imprensa*, 21 de setembro, 2004

<sup>100</sup> *idem*

<sup>101</sup> *idem*

<sup>102</sup> *idem*

<sup>103</sup> *idem*

<sup>104</sup> *idem*

Apesar de todos os bons serviços prestados às Organizações Globo, Jayme Dantas acabou sendo esquecido pela emissora durante a comemoração dos 35 anos do Jornal Nacional, principalmente no livro '*Jornal Nacional, a notícia faz história*' no qual seu nome sequer é citado.<sup>105</sup>

Jayme Dantas e John Blashill foram os correspondentes das reportagens cujo discurso analisaremos neste estudo. Alocados no Rio de Janeiro, ambos cobriram os principais fatos daquele período que interessaram à revista.

---

<sup>105</sup> *idem*

# CAPÍTULO 2

## O CHAOS POLÍTICO

Analisaremos neste capítulo três reportagens que forneceram o panorama da política brasileira no último trimestre de 1963. A partir de 1964 as reportagens se ocuparam com o agravamento econômico do Brasil, fator que preocupava os investidores estrangeiros. No entanto, é importante notar que as reportagens de 1963, de cunho político, sinalizaram os problemas do ano seguinte. O fator *chaos* político antecedeu ao *abismo* econômico, foi o que notamos ao longo das reportagens.

Foi nesse período - em 22 de novembro de 1963 - que o presidente Kennedy foi assassinado. Naquela mesma semana, TIME publicou uma edição especial sobre a morte do estadista - não houve nenhuma citação sobre o Brasil ou sobre João Goulart. TIME, como já vimos, se apresentava como uma revista republicana, e como veremos mais a frente, ela não escondia o seu mal estar diante da *Aliança para o Progresso*, o famoso projeto de ajuda econômica do governo democrata John Kennedy para os países da América Latina.

Países como Venezuela, Colômbia, Chile, Bolívia, Equador e Panamá foram vistos pela revista através de uma cobertura de cunho puramente econômico durante esse período. O petróleo venezuelano, o gás boliviano e o estratégico Panamá preocupavam TIME apenas pelo seu aspecto logístico, por exemplo: renovações contratuais, necessidade de ampliação e qualificação da mão de obra local e mais investimentos dos EUA na parte extrativista.

Ao contrário dos países citados acima, Argentina, Uruguai, Paraguai e, principalmente, o Brasil chamavam a atenção de TIME pela situação política que apresentavam e, segundo a revista, era uma situação delicada. Naquele último trimestre de cobertura jornalística, o fator político determinava o econômico na região que anos depois formaria o MERCOSUL. No caso brasileiro, as diversas greves, os constantes impasses entre João Goulart e setores das forças armadas, a inconciliável relação de amizade de Jango com os governadores dos principais Estados da nação foram analisados de forma contumaz por TIME nas matérias *State of Chaos* e *Chaos Compounded*.

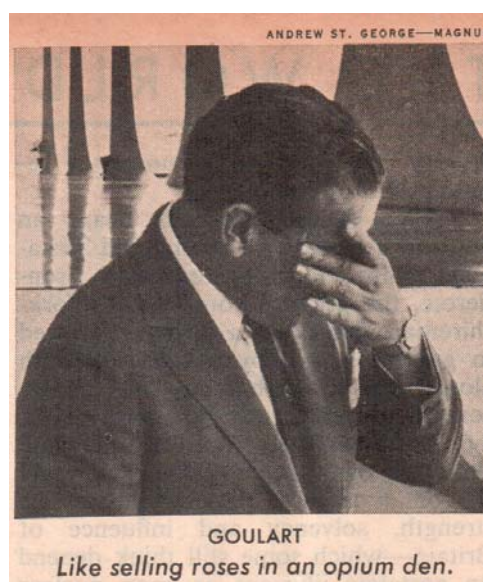
Dentre esses dois governadores, a figura de Lacerda recebeu uma exclusiva atenção por parte de revista. Na matéria de *Hammer and Anvil*, TIME fez uma biografia do então governador da Guanabara tendo como pano de fundo o antagonismo aberto de Lacerda em

relação ao governo de João Goulart. Ainda nesta matéria, aproveitamos para comentar a relação de amizade que Lacerda manteve, nos anos 50, com um dos principais executivos do grupo TIME-LIFE, Andrew Heiskell.

Por fim, as reportagens que serão aqui analisadas confirmam a antipatia da revista pelo presidente João Goulart. Segundo TIME, tratava-se de um governo desastroso, inábil para administrar qualquer problema que lhe apresentassem. A cada matéria, uma crítica ainda mais dura. No final desse capítulo anexamos um *excurso* no qual comentaremos a análise de alguns historiadores sobre o impacto da morte do presidente Kennedy no governo João Goulart. TIME, com sua vigilância nos investimentos dos EUA na região, não escondia seu mal estar diante da aplicação desses recursos em países que possuíam lideranças como João Goulart, chamado por ela de ‘um esquerdista’.

## 2.1 – ESTADO DE CAOS

Em sua edição de 11 de outubro de 1963, TIME publicou uma reportagem com o título Estado de Caos (*State os Chaos*). Além dessa reportagem, ainda veremos a utilização do termo *Chaos* em mais duas: *Chaos Compounded*, publicada em 18 de outubro de 1963 e *How to Do Business Amid Chaos*, de 06 de março de 1963 (ver capítulo 3). O recorte temporal da reportagem tomou como base os principais fatos ocorridos no Brasil entre o mês de setembro e início de Outubro de 1963, e foram publicados com uma semana de atraso na edição citada. O jornalista e escritor, Carlos Castello Branco, em seu livro *Introdução a Revolução de 1964: A queda de João Goulart*, escreveu que a partir de Outubro de 1963 começaram ‘os indícios de conspiração e de golpe’ contra o governo João Goulart (TIME concordará com esse argumento, vide capítulo 5).



### 2.1.1 – O MÊS DE JULHO/1963 – GOULART E KENNEDY

O *State of Chaos* pelo qual atravessou o Brasil no momento da publicação da reportagem antecedeu ao início de uma etapa crítica na História do Golpe de 1964 e que Antônio Porto Sobrinho acabou por chamar de ‘guerra psicológica contra o governo de João Goulart’, termo que inclusive serviu de título para um dos seus livros<sup>106</sup>. No entanto, o ‘estado de caos’ havia procedido outros acontecimentos não menos caóticos, principalmente no que se referiam às relações com os Estados Unidos.

<sup>106</sup> Antonio Porto Sobrinho, *A guerra psicológica no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1965. Moniz Bandeira também utiliza frequentemente o termo em seu livro *O Governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil 1961-1964*. Rio de Janeiro, Renavan, 2001, pp. 123

Em 01 de Julho de 1963 estiveram frente a frente Kennedy e Goulart pela última vez, em Roma, durante a cerimônia de posse do Papa Paulo VI. O encontro foi organizado pelo embaixador brasileiro em Roma, Hugo Gouthier, a contragosto do então ministro das Relações Exteriores, Evandro Lins e Silva. Tratou-se de uma situação delicada para Goulart, pois Kennedy tocou no problema que envolvia a Bold & Share, empresa que controlava a AMFORP. Goulart, além de explicar sobre as dificuldades internas para resolver a questão da forma como os norte-americanos propunham, conseguiu negociar com Kennedy a prorrogação de uma dívida brasileira de US\$25,5 bilhões por mais 90 dias. Logo após esse encontro, o presidente Kennedy, numa carta enviada aos cuidados de João Goulart, comentou a questão da AMFORP e manifestou o desconforto do governo norte-americano diante do problema.<sup>107</sup>

### 2.1.2 – O MÊS DE AGOSTO

Em agosto de 1963, baseado numa imensa documentação da Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou o ADEP<sup>108</sup> e IBAD<sup>109</sup> por corrupção eleitoral, Goulart suspendeu o funcionamento dos dois institutos. Segundo Carlos Castello Branco, para Goulart esse escândalo serviu ainda mais para que ele tirasse duas dúvidas quanto à participação da CIA nesse processo.<sup>110</sup> Ainda em agosto, e agravando o cenário da diplomacia brasileira, o embaixador Roberto Campos renunciou ao cargo em Washington. Os motivos de Campos foram a sua falta de condições para influenciar o governo paralelo ao fracasso das negociações entre Brasil e EUA no caso AMFORP. Segundo o *Washington Post*, o então ex-embaixador Roberto Campos era adepto de um forte programa antiinflacionário seguindo as orientações da Aliança para o Progresso. No campo da economia, o ministro da Fazenda,

---

<sup>107</sup> Entrevista de Evandro Lins e Silva a Moniz Bandeira, in: BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart – Lutas Sociais 1961-1964*. Brasília, Renavan, 2002. A carta de Kennedy a Goulart foi enviada em 10 de julho de 1963.

<sup>108</sup> Ação Democrática popular. Tratou-se de um Instituto vinculado ao IBAD cuja função foi a de canalizar recursos para o candidatos contrários a João Goulart na campanha eleitoral de 1962.

<sup>109</sup> Instituto Brasileira de Ação Democrática. “O instituto foi fundado em maio de 1959, por Ivan Hasslocher, recebendo contribuições de empresários brasileiros e estrangeiros e que, descontentes com a disparada da inflação e o estilo populista de JK, julgaram necessário organizarem-se com o objetivo de combater o comunismo e influir nos rumos do debate econômico, político e social do país. O papel desenhado para o IBAD era a ação política. Dessa forma, Hasslocher fundou, mais ou menos no mesmo período, a agência de propaganda Incrementadora de Vendas Promotion, subsidiária daquele instituto. A posse de João Goulart na presidência da República, em setembro de 1961, acirrou os ânimos dos ibadianos”, in: CPDOC FGV. Para mais informações sobre o ADEP e IBAD, ver DREIFUSS, René Armand., in: *1964: A Conquista do Estado – Ação, Poder e Golpe de Mestre*. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 361-397

<sup>110</sup> BRANCO, Carlos Castello. *Introdução a Revolução de 1964*. Rio de Janeiro, Artenova, 1975, tomo II, p. 59-71.

Carvalho Pinto, ‘inclinava-se a aceitar qualquer ajuda da URSS’<sup>111</sup> cuja missão militar estava em visita ao Brasil naquele momento.

### 2.1.3 – O MÊS DE SETEMBRO – A REVOLTA DOS SARGENTOS

Em 12 de setembro de 1963 estava aberto o caminho do *chaos* anunciado por TIME . A reportagem citou a revolta dos sargentos graduados em Brasília motivada pela decisão do Supremo Tribunal em proibi-los de concorrer nas próximas eleições a cargos públicos. Apesar da relevância deste acontecimento para o país naquele momento, a reportagem foi breve neste assunto, não ofereceu maiores detalhes:

Last month loyal army troops put down a flash rebellion of air force and navy noncoms.<sup>112</sup>

Nas entrelinhas temos aqui noticiada a questão da contradição entre as três Armas. As tropas que se sublevaram eram da marinha e da aeronáutica que, por sua vez, foram contidas pelo exército. Essa revolta contou com 600 sargentos, foram liderados pelo sargento da Aeronáutica, Prestes de Paula. Segundo Moniz Bandeira, tratou-se de um movimento sem orientação política alguma, ao ponto de surpreender até mesmo a esquerda radical.<sup>113</sup> O fato chamou a atenção do assessor da Casa Branca do governo Kennedy, Arthur Schlesinger, para um desfecho antidemocrático<sup>114</sup>.

Contradizendo Moniz Bandeira quanto à orientação política dos sargentos e identificado as causas do motim como ideológicas, o adido da Defesa dos Estados Unidos, Vernon Walters, transmitiu, em agosto, um relatório ao Pentágono informando que “os oficiais ultranacionalistas que apoiavam o presidente Goulart eram promovidos e obtinham o comando das tropas e os melhores lugares. Os oficiais francamente pró-democratas e pró-Estados Unidos geralmente não eram promovidos. Eram passados para trás e reformados ou iam para diretorias, bem como para funções menos desejáveis, e outros cargos que não dizem respeito ao comando de tropas (...). Para que a grande massa de oficiais não-comprometidos que desejam progredir e obter boas funções, é claro que a única maneira para conseguir as

---

<sup>111</sup> Conforme CIA – Telegram – Information Report No. TDCS DB – 3/655,948, August 1963. Subject: Establishment of Soviet Military Mission tied to Soviet offer of aid to Brazil. NKL – 76 163 # 3. JFKL; in: BANDEIRA, Moniz. *op cit*.

<sup>112</sup> No mês passado, tropas leais ao exército sufocaram uma rebelião de subalternos da marinha e aeronáutica.

<sup>113</sup> BANDEIRA, Moniz. *op cit*, pp. 124

<sup>114</sup> *idem*

duas coisas é adotar a linha ultranacionalista”.<sup>115</sup> Sob essa perspectiva, a Casa Branca era informada sobre a existência de um desequilíbrio nas relações entre as diversas patentes.

A revolta dos sargentos exemplificou essa contradição. Ficou demonstrada ainda a vulnerabilidade do Congresso diante do gesto dos rebelados que acabaram fazendo como prisioneiros: dois parlamentares – Clóvis Mota e Victor Nunes Leal -, 30 oficiais militares, além das mortes de um civil e um militar. No dia seguinte a revolta, tomou posse da Chefia do Estado Maior do Exército o General Humberto de Alencar Castello Branco, ele ‘condenou os oportunistas reformistas que’, segundo ele, ‘pretendiam substituir as Forças Armadas por milícias populares de ideologia ambígua’.<sup>116</sup>

A situação se agravou ainda mais a partir do momento em que o governo, após contornar o conflito, deu continuidade à emenda constitucional que concedia o direito de participação política aos sargentos. A reportagem sugeriu de forma subliminar essa estranha relação Governo *versus* Constituição para solução de impasses. Boa parte dos oficiais ‘assustou-se’<sup>117</sup> com a medida. No meio do fogo cruzado, mais exatamente em 14 de setembro de 1963, Goulart apoiava seus ministros na continuidade de seus trabalhos e ordenou uma rigorosa investigação do caso dos sargentos, cujos culpados não ficaram imunes às punições, não distinguiu entre os ultranacionalistas e os pró-democratas de Vernon Walters.

Promoveu-se, com essa posição do governo, uma radical polarização de forças. Segundo Skidmore, essa polarização vinha ocorrendo gradualmente desde os primeiros cinco meses de 1963<sup>118</sup>. No mesmo dia, Leonel Brizola, através da rádio Mayrink Veiga, apoiou os sargentos revoltosos e, em nome da FMP, da UNE e do CGT ‘defendeu o direito dos praças graduados de ocupar cargos públicos’.<sup>119</sup> Até mesmo o ex-presidente Juscelino Kubitschek apoiou os sargentos, disse que não havia nada de anormal na revolta – segundo Jordan Young, Kubitschek era então senador pelo Estado de Goiás e aproveitou a entrevista concedida aos jornalistas para informá-los que iniciaria sua campanha presidencial rumo a 1965.<sup>120</sup> Do outro lado, em 18 de Setembro, Peri Constant Bevilacqua, comandante do II Exército, com sede em

---

<sup>115</sup> Arquivo SCHLESINGER, Caixa 2, JFK – Vernon Walters, Relatório de Informações da Defesa, 6-8-63, in: PARKER, Phyllis R. 1964: *O Papel dos Estados Unidos no Golpe de 31 de Março*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, p. 69. Segundo Phyllis Parker ‘esse relatório dá os nomes dos ultranacionalistas que foram promovidos ou receberam os melhores cargos e dos oficiais *pró-Estados Unidos* que foram freqüentemente preteridos ou reformados por Goulart.

<sup>116</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO, 14-9-63, in: BANDEIRA, Moniz. *op cit*, p. 125

<sup>117</sup> BANDEIRA, Moniz. *op cit*, p. 125

<sup>118</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000, p. 308.

<sup>119</sup> YOUNG, Jordan M. *Brasil 1954/1964 O Fim de um Ciclo Civil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1973, p. 177.

<sup>120</sup> Idem.

São Paulo, atacou o CGT como ‘inimigos da lei, da ordem e das instituições democráticas’. Juntaram-se em apoio a esse protesto os comandantes da 3ª e 4ª regiões militares mais o ex-presidente Dutra. Em 22 de setembro, o CGT respondeu aos ataques convocando os operários, ‘os oficiais, sargentos e soldados nacionalistas para reformar as leis obsoletas’.<sup>121</sup> Existiram várias propostas consensuais para reformas sociais, econômicas e até mesmo política, no entanto, todas elas dependiam de uma reforma principal, a constitucional, e, nesse caso não existia consenso.

#### 2.1.4 – A ECONOMIA EM 1963

A reportagem mencionou a evolução inflacionária, o aumento do custo de vida e a conseqüente queda do cruzeiro desde janeiro de 1963 até Agosto do mesmo ano e não citou as fontes:

The problems were not new. They were just getting worse. Sucked up by a fierce inflationary spiral, the country's cost of living soared 45% between January and August while the value of the cruzeiro tumbled 14%.<sup>122</sup>

Para TIME, os problemas brasileiros não eram novidade, pois vinham de longa data e, perante o ‘estado caos’, se agravaram. Segundo Skidmore, o custo de vida no Rio de Janeiro aumentara em 31% contra 18% no mesmo período do ano anterior<sup>123</sup> e a previsão inflacionária para o final de 1963 que era prevista para 75% bateu 95,8% segundo comunicado do Ministério do Trabalho.<sup>124</sup> No entanto, o período que TIME noticiou – janeiro/agosto – coincidiu com o período de decadência do Plano Trienal de San Tiago Dantas-Furtado e a chegada de Carvalho Pinto na pasta da Fazenda após uma reforma ministerial. Em agosto de 1963, em meio aos rumores de uma moratória unilateral, o jornal *New York Times* ‘adverteu violentamente’ o Brasil no sentido de que ‘só mereceria ajuda, somente depois de dar provas concretas de estar cumprindo a sua promessa de deter a inflação’.<sup>125</sup> Em resposta ao jornal, Carvalho Pinto respondeu reafirmando “o compromisso de atacar gradualmente a inflação”, o que era, disse ele, “a única esperança do Brasil de evitar o desemprego e a miséria”.<sup>126</sup>

---

<sup>121</sup> Dois meses após o motim dos sargentos, mais exatamente em 18 de novembro de 1963, Goulart substituiria Beviláqua por Amarty Krueger, e advertiria Peri para que não continuasse a fazer declarações políticas, e os sargentos presos em Setembro foram postos em liberdade, in: YOUNG, Jordan M, *op cit* p. 178

<sup>122</sup> Os problemas já não eram muitos. Ficaram ainda piores. Absorvido numa feroz espiral inflacionária, o custo de vida do país subiu 45% entre janeiro e agosto, enquanto o cruzeiro caiu 14%.

<sup>123</sup> SKIDMORE, *op cit* 312-313

<sup>124</sup> YOUNG, *op cit* p. 183

<sup>125</sup> *The New York Times*, 31.08.63 – in: SKIDMORE, *op cit*, p 315

<sup>126</sup> *The New York Times*, 03.09.63 – in: SKIDMORE, *idem*.

#### 2.1.4.1 – AS GREVES



A reportagem destacou em foto a greve dos bancários controlados pelo batalhão de choque da polícia, que inclusive apareceram empunhando baionetas-caladas. O título da foto foi *‘Troops and striking bank worker’*, literalmente ‘tropas e greve dos bancários’.

Para TIME, outro fator que aprofundou a caótica situação do país – e a de Goulart também – foi o elevado número de graves ao longo de 1963. TIME mencionou o número de 30 greves, porém não citou o número exato das que estavam em andamento e as que estavam por vir. Além das greves, a revista citou a paralisação dos transportes públicos no Rio e em São Paulo:

At one point last week, 30 major walkouts were under way or immediately threatened – a streetcar strike in Rio, a railroad strike in São Paulo, a bank strike throughout the country.<sup>127</sup>

A greve dos bancários marcou o limite de negociações entre Goulart e os grupos que o apoiavam, em particular o CGT. A greve ocorreu no início de Outubro de 1963, e na tentativa de evitar o rompimento com os sindicatos, Goulart ainda estudou possibilidades de chegar a um acordo político com os bancários, pois a possibilidade do Tribunal Regional do Trabalho julgar ilegal a greve era muito grande. No entanto, em nota à imprensa, o líder sindical do PUA (Pacto de Unidade e Ação), Oswaldo Pacheco, advertiu sobre as conseqüências de ser julgada ilegal a greve, disse que ‘na hipótese de o Tribunal Regional do Trabalho julgar a

---

<sup>127</sup> Convergiam na semana passada 30 relevantes greves: em andamento ou na eminência de ocorrer. Uma série de bondes no Rio, uma ferrovia em São Paulo e um importante banco paralisaram o país.

ilegalidade da greve, tal decisão será a senha para a greve geral de nossas categorias que se reunirão para tal'.<sup>128</sup>

Segundo Jordan M. Young, 1963 foi um ano para o realinhamento partidário, era o momento para o ajuste de contas entre as forças lideradas por Goulart e de seus inimigos políticos<sup>129</sup>. A reportagem situou Goulart no meio de desse fogo cruzado, sugeriu que Jango havia traído às forças que o conduziram ao poder, neste caso os sindicatos:

Goulart is under attack from every side. The labor unions, which brought him to political power, denounce him for resisting impossible wage boosts.<sup>130</sup>

#### 2.1.5 – LACERDA E ADHEMAR VERSUS GOULART: ARMAMENTO EM QUESTÃO

TIME mencionou uma espécie de cerco a Goulart no eixo setembro-outubro de 1963. Os ataques, segundo a revista, vieram de todos os lados, inclusive da esquerda. No flanco da direita estavam Carlos Lacerda e Adhemar de Barros, citados como os dois governadores mais poderosos do país, ambos com o comando da poderosa força pública de seus Estados e capazes de resolver a dramática situação:

On the right, the two most powerful state governors, Guanabara's Carlos Lacerda and São Paulo's Adhemar de Barros, talk about taking matters in their own hands – and point ominously to some 70.000 state troops at their command.<sup>131</sup>

Ainda em 18 de setembro de 1963, dias após o motim dos sargentos, elementos ligados a Lacerda foram flagrados pela Polícia do Exército com 44 carabinas semi-automáticas no terceiro andar de um prédio no Rio de Janeiro.<sup>132</sup> Esse local servia como escritório para um grupo denominado Ação de Vigilantes do Brasil e, segundo Moniz Bandeira, 'no escritório não havia uma única fita verde e amarela e as paredes estavam cheias de retratos de personalidades norte americanas e mapas turísticos dos Estados Unidos', devendo, obviamente, tratar-se de uma agência da CIA.<sup>133</sup> Mesmo havendo espiões de Lacerda dentro do CSN (Conselho de Segurança Nacional) o SFICI (Serviço Federal de Informações e Contra-Informações) interou-se de inúmeras conspirações, inclusive soube que o governador Adhemar de Barros recebia armas contrabandeadas do Paraguai diante das

---

<sup>128</sup> VICTOR, Mario. *Cinco Anos que abalaram o Brasil: de Jânio ao Marechal Castelo Branco*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965, p. 455-456

<sup>129</sup> YOUNG, Jordan M. *Brasil 1954/1964 O Fim de um Ciclo Civil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1973, p. 170.

<sup>130</sup> Goulart está sob ataque de todos os lados. Os sindicatos que o trouxeram para o poder político o denunciam por resistir ao impossível aumento de salários.

<sup>131</sup> Na direita, os dois governadores mais poderosos do país, Lacerda e Adhemar de Barros, comentaram a decisão de resolver esses problemas com as suas próprias mãos – e ameaçaram com 70.000 soldados do Estado que estão sob seus comandos.

<sup>132</sup> BANDEIRA, Moniz. *op cit*, p. 127

<sup>133</sup> Idem.

vistas grossas do general Amaury Kruel, comandante do II Exército.<sup>134</sup> Ainda em 1963, o serviço secreto do Exército informou-se das conexões que Adhemar de Barros mantinha com Carlos Lacerda através de elementos ligados ao IBAD – responsável pela armas – e que haviam proposto ao general Dario Coelho para participar de um levante planejado pelo governador de São Paulo – pedido esse automaticamente negado por esse general.<sup>135</sup> Segundo João Goulart, numa entrevista a Moniz Bandeira, através de informações do SFICI, o adido coronel na Embaixada do Estado Unidos no Brasil, Vernon Walters – futuro diretor da CIA no governo de Nixon –, coordenava as operações da CIA no Brasil, inclusive se envolvendo diretamente no contrabando de armas.<sup>136</sup>

#### 2.1.6 - A ENTREVISTA DE LACERDA AO LOS ANGELES TIMES – APROFUNDAMENTO DA CRISE

Ao mesmo tempo em que Goulart negociava o difícil acordo com os bancários – princípio de Outubro –, era divulgado nos principais jornais do país os trechos de uma entrevista que Carlos Lacerda dera ao correspondente do *Los Angeles Times*, Julien Hartt no Brasil. A publicação da entrevista gerou um profundo impacto nas relações entre o governo e as demais instituições do país. O momento era inoportuno e o fato serviu ainda mais para acirrar a ‘guerra psicológica’ que atravessa o Brasil. TIME, em sua reportagem, destacou algumas palavras do governador da Guanabara dadas ao *Los Angeles Times*, segundo Lacerda o Brasil entraria em colapso nos próximos meses:

Last week Lacerda told a reporter for Los Angeles Times that he expected total collapse before long. “I don’t think will go to the end of the year”, he said, and warned that further U.S. aid “would be like trying to sell roses in an opium den”.<sup>137</sup>

TIME, em certa medida, destacou em sua reportagem dois trechos da entrevista de Lacerda ao *Los Angeles Times* os quais tocaram em um assunto delicado das relações internacionais com os Estados Unidos no campo da economia: a credibilidade para negociação de débitos. Um desses trechos foi a profecia de Lacerda sobre ‘um colapso’ até o final de 1963 e o outro se referiu à prevenção dos americanos quanto à ajuda financeira ao

---

<sup>134</sup> Depoimento de João Goulart à Moniz Bandeira, in BANDEIRA, Moniz. *op cit*, p 128.

<sup>135</sup> Segundo Moniz Bandeira, ‘o general Dario Coelho repeliu a proposta e comunicou o fato ao comandante da 5ª Região Militar.’, conf. Informe nº. 23/63, Ministério da Guerra, gabinete do ministro, 2ª Divisão – SSI-D2, 14.11.1963, secreto; in: BANDEIRA, Moniz. *op cit* p. 128.

<sup>136</sup> BANDEIRA, Moniz. *op cit*, p. 128.

<sup>137</sup> Na semana passada, Lacerda contou a um repórter do *Los Angeles Times* que ele prevê um colapso total dentro em breve. “Eu acho que isto possa vir até o final do ano”, ele disse e advertiu que a ajuda adicional do EUA “seria como tentar vender rosas para usuários de ópio”.

Brasil. O destino daquela ajuda, disse Lacerda, assemelhava-se a venda de rosas para um covil de usuários de ópio, na verdade, um covil de lobos e os EUA deveriam ficar mais atentos. No entanto, o colapso previsto por Lacerda poderia agregar outro fator, o político, elemento decisivo para abertura de uma nova e profunda crise no governo.

No *Los Angeles Times* as palavras de Lacerda foram mais ácidas do que o resumo que TIME publicou com uma semana de atraso, por exemplo: segundo aquele jornal “Goulart poderia ser chamado de um homem de direita (...), pois o que ele é, na realidade, é um totalitário, à moda sul-americana. Ele é um caudilho, com todos os recursos modernos. No momento, é a versão comunista que descamba para a esquerda”.<sup>138</sup> A entrevista de Lacerda atingiu o prestígio das forças armadas que acabaram sendo colocadas numa difícil e confusa situação de convivência com a crise do país ou de uma possível tentativa futura de golpe, pois, para Lacerda, “os militares brasileiros viviam pensando, com referência ao Presidente João Goulart, se era melhor tutelá-lo, patrociná-lo, pô-lo sob controle até o fim de seu mandato ou alijá-lo imediatamente”<sup>139</sup> Segundo TIME, as declarações de Lacerda foram a gota d’água para atrapalhar a prorrogação de créditos solicitada pela missão brasileira que estivera em Washington:

Coming at a time when a Brazilian mission was in Washington seeking a crucial credit extension, Lacerda’s statement was the final straw so far as Goulart was concerned.<sup>140</sup>

A entrevista de Lacerda atacava o Governo e pejorava Goulart como “inepto” e punha em descrédito as forças armadas, pois, para Lacerda, Goulart era “favorável aos comunistas” e “os militares hesitavam em depô-lo”<sup>141</sup>, “era necessário que o Departamento de Estado da América do Norte aprendesse que, depois de todos esses anos, não era assunto indiferente saber quem está governando o Brasil (...) Não intervir é uma coisa, mas outra é ignorar o que se está passando”<sup>142</sup>.

Em seu livro, *Depoimento*, Carlos Lacerda disse que ‘houve quem sugerisse que ele desmentisse a entrevista’.<sup>143</sup> Segundo Lacerda, não haveria motivos para desmentir essa reportagem, pois, “primeiro, tinha concedido a entrevista realmente, e, segundo, porque o

---

<sup>138</sup> VICTOR, Mario. *Cinco Anos que abalaram o Brasil: de Jânio ao Marechal Castelo Branco*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965, p. 456

<sup>139</sup> Idem.

<sup>140</sup> Quando a missão brasileira esteve, da última vez, em Washington pedindo uma decisiva prorrogação de créditos, as declarações de Lacerda foram a gota d’água para as preocupações de Goulart.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> idem

<sup>143</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimentos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, pp. 270

jornalista havia gravado”.<sup>144</sup> Mesmo após as ameaças de expulsão do país, o jornalista publicou a entrevista na íntegra e, segundo o próprio Lacerda, ‘publicou tal e qual, tudo aquilo que havia dito mesmo’.<sup>145</sup>

O colapso que Lacerda previa reforçava a imagem que o Congresso norte-americano tinha do Brasil como problemático em questões financeiras. Segundo Phyllis R. Parker, o Congresso americano vinha brigando com Kennedy por causa do seu projeto de ajuda externa.<sup>146</sup> Em 22 de setembro de 1963 (dias antes dessa reportagem), durante um programa de rádio e televisão, os senadores Clark e Scott, da Pensilvânia, interrogavam David Bell sobre a assistência financeira ao Brasil e chamando-a de “poço sem fundo”.<sup>147</sup> Bell informava a postura de endurecimento que seria tomada pelos EUA caso o Brasil não executasse os acordos de estabilização firmados.<sup>148</sup>

A posição de Abelardo Jurema, Ministro da Justiça de Goulart, em relação à postura dos governadores Lacerda e Adhemar de Barros, foi destacada pela reportagem:

His justice Minister declared the two state governors “in a true state of belligerence with the federal government”, and the President went to Congress.<sup>149</sup>

TIME destacou, nesse trecho, o Ministro da Justiça como autor de uma declaração de guerra aos governadores Lacerda e Adhemar, no entanto não mencionou os ministros militares Jair Dantas Ribeiro (Guerra)<sup>150</sup>, Silvio Mota (Marinha) e Anísio Botelho (Aeronáutica) - que se declaravam como os verdadeiros atingidos. Protestaram contra Lacerda em nota conjunta dizendo: “sucedem-se as provocações como esta e outras também de governadores como o de São Paulo que, ainda ontem, insultava o Poder constituído da República, o que mostra a estranha criação de um organismo de agitações e desordem. Um brasileiro, exercendo honroso cargo público em sua Pátria dá-se ao desplante de, utilizando correspondentes estrangeiros em meios de divulgação estrangeiros, investir caluniosamente contra as autoridades de seu País, escolhidas livremente pelo povo, atribuindo-lhes intuitos malsãos e impatrióticos, investir contra as Forças Armadas de seus país, atribuindo-lhe

---

<sup>144</sup> Idem

<sup>145</sup> Idem

<sup>146</sup> PARKER, Phyllis R. 1964: *O Papel dos Estados Unidos no Golpe de 31 de Março*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, p. 69.

<sup>147</sup> Idem

<sup>148</sup> Idem

<sup>149</sup> Seu Ministro da Justiça declarou aos dois governadores “um verdadeiro estado de Guerra com o governo federal”, e o presidente seguiu para o Congresso. Para mais detalhes sobre a indignação de Abelardo Jurema diante da situação, ver: JUREMA, Abelardo., *Sexta-Feira 13 – Os Últimos dias do Governo João Goulart*. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, 1964, 3ª edição, p. 123-138.

<sup>150</sup> O General Jair Dantas Ribeiro, foi um dos signatários do manifesto para deposição de Getúlio em 1954, conf. LACERDA, *op cit*, 280.

predicados de subserviência, de ignorância, de incapacidade para lutar pela emancipação de sua Pátria”.<sup>151</sup>

As respostas de Lacerda e de Adhemar de Barros aos ministros militares aprofundavam o estado de beligerância verbal. No dia 01 de Outubro de 1963, Lacerda deu a seguinte resposta aos militares: “Em declarações de natureza política e deplorável cunho pessoal, três Ministros do Governo Federal procuraram, pateticamente, atirar sobre terceiros a culpa da desordem, do empobrecimento e da desmoralização a que está sendo condenado o povo inocente. É inútil a tentativa de desviar sobre governadores ou simples cidadãos a responsabilidade das crises sucessivas. Estas são apenas aspectos de uma crise só, desencadeada pelos que estão parando o Brasil”.<sup>152</sup>

Adhemar de Barros juntou-se em coro a Lacerda e também notificou sua resposta. A fala do governador de São Paulo foi a seguinte: “Estranhamos, isto sim, que essa declaração não tenha partido do Ministro da Justiça, a quem compete, no Ministério presidencialista, falar pelo Governo. O Governo do Estado se opõe é contra as greves fabricadas, que provocam emissões de dinheiro, e cada nova emissão é um passo dado para a desagregação”.<sup>153</sup>

#### 2.1.7 – O ESTADO DE SÍTIO – OU O ESTADO DE CHAOS?

O cenário do *chaos* prosseguia. Segundo Marco Antonio Villa, “as palavras ‘desabridas’ de Lacerda acabaram servindo perfeitamente aos planos de Jango”<sup>154</sup>. O presidente estava insatisfeito com as dificuldades sempre impostas pelos diversos parlamentares da esquerda, da direita e até mesmo do seu partido, o PTB, ‘cujo grupo compacto não aceitava imposições’.<sup>155</sup> A insatisfação do exército diante do episódio serviu como trunfo para Goulart rearticular suas forças contra seus inimigos. No dia 02 de outubro, várias fontes do governo vazaram a notícia sobre a possibilidade do Estado de Sítio agravando ainda mais o clima político no país. Propuseram a decretação de um Estado Sítio para que ‘pudessem legalmente destituir Lacerda’<sup>156</sup>. Queriam a invasão imediata do Estado da Guanabara, pois não tolerariam que seu governador continuasse ‘acobertado pela impunidade

---

<sup>151</sup> VICTOR, Mario. *op cit* pp 456-457

<sup>152</sup> Idem.

<sup>153</sup> Idem.

<sup>154</sup> Villa, *op cit*, pp 119

<sup>155</sup> idem

<sup>156</sup> Bandeira, Moniz. *O Governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil 1961-1964*. Rio de Janeiro, Renavan, 2001, pp. 130

do cargo' e 'continuasse a sua ação sediciosa para liquidar o regime democrático'<sup>157</sup>, diziam. Essas propostas foram trabalhadas no dia 03 de outubro numa reunião entre Goulart e os ministros Abelardo Jurema e Oliveira Brito no Palácio das Laranjeiras. As 22h daquele mesmo dia, acertaram a decisão pelo Estado de Sítio. Jango no dia seguinte, 04 de outubro, partiu para Brasília levando a proposta que seria apreciada pelo Congresso. Segundo Antonio Villa, 'quatro horas depois, a mensagem já tinha sido lida e estava sendo encaminhada à Comissão de Constituição e Justiça'.<sup>158</sup> Enquanto isso, Tancredo Neves, após anunciar as medidas extremas proposta pelo Executivo, articulava a aprovação da proposta com os partidos.

Sem citar fontes, TIME afirmou as conseqüências da aprovação do Estado de Sítio. Pelo tom da reportagem percebe-se que a revista apontou suspeitas sobre o usufruto dos poderes que Goulart viesse a receber:

If the Congressmen declare a state of siege, Goulart will assume power to censor the press, ban political meetings, search home and make arrest without warrants, restrict travel, banish anyone to "any healthful populated area" in Brazil, and seize all state militias.<sup>159</sup>

O pedido do Estado de Sítio proposto por Goulart amparava-se no artigo 206 da constituição de 1946 e, de forma ousada, anexava ainda a suspensão dos direitos e garantias individuais previstos no artigo 141, principalmente os parágrafos 5<sup>160</sup>, 6<sup>161</sup>, 11<sup>162</sup>, 12<sup>163</sup>, 21-24<sup>164</sup> e 37<sup>165</sup>. Tratava-se, portanto, de uma medida radical e que chamaria, de forma

---

<sup>157</sup> idem

<sup>158</sup> Villa, op cit, pp 120-121

<sup>159</sup> Se os parlamentares declararem um Estado de Sítio, Goulart assumirá poderes para censurar a imprensa, proibirá reuniões políticas, investigará lares, fará prisões sem mandado, restringirá viagens, banirá qualquer um para "uma área povoada e sã" no Brasil, e irá se apoderar da Força Pública do Estado,

<sup>160</sup> § 5º - É livre a manifestação do pensamento, sem que dependa de censura, salvo quanto a espetáculos e diversões públicas, respondendo cada um, nos casos e na forma que a lei preceituar pelos abusos que cometer. Não é permitido o anonimato. É assegurado o direito de resposta. A publicação de livros e periódicos não dependerá de licença do Poder Público. Não será, porém, tolerada propaganda de guerra, de processos violentos para subverter a ordem política e social, ou de preconceitos de raça ou de classe.

<sup>161</sup> § 6º - É inviolável o sigilo da correspondência.

<sup>162</sup> § 11 - Todos podem reunir-se, sem armas, não intervindo a polícia senão para assegurar a ordem pública. Com esse intuito, poderá a polícia designar o local para a reunião, contanto que, assim procedendo, não a frustre ou impossibilite.

<sup>163</sup> § 12 - É garantida a liberdade de associação para fins lícitos. Nenhuma associação poderá ser compulsoriamente dissolvida senão em virtude de sentença judiciária.

<sup>164</sup> § 21 - Ninguém será levado à prisão ou nela detido se prestar fiança permitida em lei. § 22 - A prisão ou detenção de qualquer pessoa será imediatamente comunicada ao Juiz competente, que a relaxará, se não for legal, e, nos casos previstos em lei, promoverá a responsabilidade da autoridade coatora. § 23 - Dar-se-á habeas corpus sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder. Nas transgressões disciplinares, não cabe o habeas corpus. § 24 - Para proteger direito líquido e certo não amparado por habeas corpus, conceder-se-á mandado de segurança, seja qual for a autoridade responsável pela ilegalidade ou abuso de poder.

<sup>165</sup> § 37 - É assegurado a quem quer que seja o direito de representar, mediante petição dirigida aos Poderes Públicos, contra abusos de autoridades, e promover a responsabilidade delas.

inevitável, a atenção de uma revista cujo país tem pela sua Constituição um monumental apreço – principalmente como instrumento de histórica influência internacional. As medidas de Goulart atingiam em cheio as prerrogativas da democracia. Medidas que afetavam de forma direta campos específicos de uma Constituição não poderiam deixar de chamar a atenção de um olhar norte-americano. Ações dessa natureza são tomadas apenas em casos raros e emergenciais nos EUA, como foi o exemplo de Franklin Delano Roosevelt cujos embates com a suprema corte levaram-no a fazer emendas específicas na Constituição norte-americana durante a segunda-guerra.

Num clima de expectativa em torno da aprovação do pedido de Estado Sítio, a reportagem afirmou que a maioria dos brasileiros considerava grande a possibilidade de Goulart impor uma ditadura:

To many Brazilians that spells dictatorship. Almost everyone seemed against Goulart's demand for extraordinary powers – that right, the left, the press, state governors and a large section of Congress.<sup>166</sup>

#### 2.1.8 – A OPOSIÇÃO AO ESTADO DE SÍTIO

Diversas vozes se ergueram contra o Estado de Sítio. Foram vozes da esquerda, da direita e do centro, todos defendiam a democracia e a constituição. De acordo com Mário Victor, ‘num momento em que o CGT desafiava as decisões do Poder Judiciário, exercia pressão sobre o Executivo para escolha de Ministros de Estado e provocava greves para forçar o Poder Legislativo a adotar medidas de sua alçada exclusiva, que confiança teria o Congresso e o povo para conceder o estado de sítio ao Governo? Era uma temeridade pedi-lo’.<sup>167</sup> Na direita, a voz de Carlos Lacerda provocava os militares e utilizava argumentos semelhantes aos de sua entrevista ao *Los Angeles Times*, dizia: ‘Ao mesmo tempo em que se prepara a deposição do Governador da Guanabara (...), para afastar e inutilizar um candidato à Presidência da República (...) acena-se às Forças Armadas (...) com o estado de sítio para por termo aos abusos do direito de greve, às agitações, estas sim, provocadas por agentes subversivos’.<sup>168</sup> No centro, o jurisconsulto João Mangabeira informava que greves como a dos bancários existiam em todas as partes do mundo, e mesmo em países como Estados Unidos e Inglaterra algumas delas chegavam a durar meses’.<sup>169</sup> Apoiando as teses de João Mangabeira, San Tiago Dantas defendia a idéia de que aqueles que apoiavam a Constituição não podiam

---

<sup>166</sup> Para muitos brasileiros, isso significa ditadura. Quase todos tiveram uma impressão contrária aos pedidos de Goulart por super-poderes – a direita, a esquerda, a imprensa, os governadores dos Estados e uma grande parcela do Congresso.

<sup>167</sup> VICTOR, Mario. *op cit*, pp 458.

<sup>168</sup> *Op cit*, pp 459.

<sup>169</sup> Idem.

infringi-la.<sup>170</sup> Na esquerda moderada, Miguel Arraes juntava-se ao udenista Magalhães Pinto, ambos também contrários a Goulart. Por fim, na extrema esquerda, Luis Carlos Prestes, apoiando as medidas contra Lacerda e Adhemar de Barros, opunha-se ao Estado de Sítio, pois considerava ‘um meio inadequado para os fins em vista e o condenava por representar o cerceamento das manifestações populares.’<sup>171</sup>

Em 5 de Outubro daquele ano a UDN - segundo maior partido no Congresso e principal partido de oposição à Goulart - disse que “não existia nenhuma grave desordem interna no país nem qualquer prova de que fosse capaz de irromper alguma”.<sup>172</sup> Outros partidos também manifestaram oposição, o PSD, de centro, e a Frente Parlamentar Nacional.

Uma minoria apoiava a medida, cujos porta-vozes eram os Ministro da Justiça e os Ministros militares. Para Time, somente alguns militares apoiaram as medidas, entre eles o brigadeiro da aeronáutica, Anísio Botelho:

Only Goulart and some powerful members of military were emphatically for it. Said Air Minister Anisio Botelho cryptically: “Either we fall or we stand”<sup>173</sup>

Na ala do exército, contrária ao Estado de Sítio estava o General Castello Branco, que, numa publicação de 19 de Outubro de 1963 do Jornal *O Estado de São Paulo*, escreveu ao ministro da Guerra Jair Dantas Ribeiro uma carta dizendo-lhe ‘que o apoio dado pelo ministro à medida de Goulart era imprudente e em desacordo com as altas patentes do Exército’. Segundo Skidmore, a série de medidas tomadas por Goulart naquela primeira semana de Outubro aumentou o receio dos militares em relação ao governo de Goulart chegando mesmo a acelerar a conspiração que tinha por objetivo sua deposição.<sup>174</sup> Durante o período em que vigorou o pedido de Estado de Sítio, Abelardo Jurema insinuou que “Carlos Lacerda e Adhemar de Barros estavam envolvidos com os adversários de Goulart numa conspiração para tomar o poder derrubando o regime”.<sup>175</sup>

Desde o primeiro momento em que o pedido de estado de sítio foi enviado ao Congresso, uma forte oposição nacional girou em torno dessa decisão. Como vimos, a proposta foi taxada de unilateral pela maioria dos políticos, civis e militares do país e um dos argumentos foi o fato de que no Brasil daquele momento não havia evidência de nenhum

---

<sup>170</sup> Idem.

<sup>171</sup> BRANCO, Carlos Castello. *Introdução a Revolução de 1964 – 2º Tomo: A Queda de João Goulart*, Rio de Janeiro, Artenova, 1975, p. 84.

<sup>172</sup> YOUNG, *op cit*, p 179.

<sup>173</sup> Somente Goulart e alguns membros do exército estavam de acordo com isso. Disse secretamente o Ministro da Aeronáutica, Anísio Botelho, “Ou nós caímos ou nós permanecemos”.

<sup>174</sup> SKIDMORE, *op cit*, p 318.

<sup>175</sup> YOUNG, Jordan M. *op cit*, p. 179.

distúrbio ou problema que justificasse ou se encaixasse no artigo da constituição no qual o governo baseava sua proposta.

Em seu *lead*<sup>176</sup>, a reportagem fez menção ao artigo 206 (Título IX) da Constituição de 1946 o qual menciona que o Congresso Nacional poderá decretar o Estado de Sítio nos casos (inciso I) de comoção intestina grave ou de fatos que evidenciem estar a mesma a irromper e (inciso II) em caso de guerra externa. TIME, em seu parágrafo de abertura correlacionou as linhas do artigo constitucional aos acontecimentos daquele momento. Atribuiu a oficialização do estado caótico pelo qual atravessa a maior nação da América Latina ao presidente João Goulart:

Under Brazil's constitution, the President can petition Congress to declare a state of siege in event of "grave internal disturbances or when there is evidence that disturbances are about to erupt". The words precisely described the chaotic state of affairs in Latin America's biggest nation last week, and President João Goulart made it official.<sup>177</sup>

## 2.1.9 – GOULART, VISTO COMO INCAPAZ

Ainda no *lead*, a reportagem mencionou a questão da capacidade administrativa de Goulart, disse que ele não tinha capacidade<sup>178</sup> para lidar com grandes crises e muito menos com as pequenas:

Unable to cope with any of major crises – and few of the small ones – he asked the Brazilian Congress to proclaim a 30-day state of siege.<sup>179</sup>

A posição da revista não diferia em nada da visão negativa que tinha o governo norte-americano em relação a Goulart e sua capacidade administrativa. Em suas memórias, o

---

<sup>176</sup> “*Lead* é uma palavra inglesa que significa ‘comando’, ‘primeiro lugar’, ‘liderar’, ‘guiar’, ‘induzir’, ‘encabeçar’ e que é utilizada no jornalismo para identificar a abertura de uma notícia, reportagem, etc., onde se apresenta sucintamente o assunto ou se destaca o fato essencial, o clímax da história. Significa também o resumo inicial, constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo do texto jornalístico. O *lead* torna possível, ao leitor que dispõe de um pouco de tempo, tomar conhecimento do fundamental de uma notícia em rapidíssima e condensada leitura do primeiro parágrafo. Sua leitura pode também ‘fisgar’ o interesse do leitor e persuadi-lo a ler tudo até o final. Na construção de um *lead*, o redator deve responder às questões básicas da informação: *o quê, quem, quando, onde, como e por quê*”; in: BARBOSA, Gustavo & RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro, Editora Codecri, 1978, pp. 278-279. Para uma noção científica do *lead*, ver: LAGE, Nilson. in: *Estrutura da Notícia*. São Paulo, Editora Ática, 1987, pp. 26-29.

<sup>177</sup> Sob a Constituição do Brasil o presidente pode pedir ao Congresso que declare Estado de Sítio para os casos de distúrbios internos graves ou quando existir a certeza de que grandes problemas estejam para irromper. As palavras precisamente descrevem o estado caótico dos acontecimentos na maior nação da América Latina na última semana, e o presidente João Goulart o oficializou.

<sup>178</sup> (...) Jango era tido pela esquerda e pela direita como incapaz de governar. (...) Essa opinião era comum não só entre seus adversários de longa data, no seio da direita, que conspirava preparando um golpe, mas também entre os nacionalistas de esquerda. Conf. Thomas Skidmore, *Brasil: de Getúlio a Castelo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, pp. 311

<sup>179</sup> Incapaz de lidar com uma das maiores crises – e também com as menores – ele pediu para o Congresso brasileiro promulgar o Estado de Sítio por 30 dias.

Assistente Especial do Presidente Kennedy, Arthur Schlesinger, narrou a visão que os EUA tinham em relação ao Brasil e sobre Goulart, dizia que “o Brasil (...) foi o país onde se gastou mais dinheiro e com o qual mais se preocuparam e que logo após a estranha retirada de Quadros em 1961, o governo havia caído nas mãos do seu Vice-Presidente, João Goulart, um demagogo fraco e oscilante, tendo sido necessária toda a persuasão de dois brilhantes embaixadores, Lincoln Gordon, no Rio, e Roberto Campos, em Washington, para manter alguma racionalidade nas relações brasileiro americanas”.<sup>180</sup> Mesmo antes do problema cubano, o irmão do presidente dos EUA e Ministro da Justiça, Robert Kennedy, chamou o governo de Goulart de ‘desastroso’, por qualquer padrão que o medissem.<sup>181</sup> Prosseguiu dizendo que no Brasil a corrupção era endêmica e que Goulart, seu cunhado e seus amigos se tornaram alguns dos maiores proprietários de terra, alguns dos homens mais ricos do Brasil<sup>182</sup>. Após o bloqueio cubano, a campanha contra Goulart aumentou significativamente e os principais agentes da CIA passaram a considerar o Brasil o mais urgente problema na América Latina<sup>183</sup>. Durante o chamado *State of Chaos*, em 24 de Outubro de 1963 era publicado no *Maryland Monitor* um artigo intitulado “Uma Cuba ou Uma China” (*A Cuba – or a China?*) do jornalista Holmes Alexander. Esse artigo foi levado ao conhecimento de Arthur Schlesinger através de John Plank, do Departamento de Estado. O artigo, “criticava a política de Lincoln Gordon de ilhas de sanidade administrativa, por achá-la muito liberal, e sugeria que ‘logo chegará o momento em quem teremos de perguntar a nós mesmos se é do nosso próprio interesse que Goulart continue a cambalear até o fim de seu mandato em 1965... ou se nossos interesses seriam mais bem servidos se Goulart fosse ‘aposentado’ do Governo antes da data marcada..., a única alternativa a esperar seria uma tomada do poder ao estilo comunista’”.<sup>184</sup>

---

<sup>180</sup> Arthur Schlesinger, *Mil Dias: John Fitzgerald Kennedy na Casa Branca*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, pp. 791.

<sup>181</sup> KENNEDY, Robert. *O Desafio da América Latina*. Rio de Janeiro, Laudes, s/d, p. 135

<sup>182</sup> idem

<sup>183</sup> Cf. Weis, W. Michael – *Cold Warriors & Coups d’Etat – Brazilian-American Relations, 1945-1964*, Albuquerque, University of New México, 1993, p 157, citado em BANDEIRA, Moniz. op cit, p. 93

<sup>184</sup> Cf. Anexo de Plank a Schlesinger, 29-10-63, arquivo Schlesinger, caixa 2, JFK, in: PARKER, op cit, p 70.

## 2.2 – CAOS CONTIDO

*O Estado de Sítio é uma instituição condenada; é o carrasco do regime republicano. Há de liquidá-lo se não for extirpado por uma revisão constitucional. Ou esta instituição desaparece do seio das nossas instituições ou teremos de voltar a outro regime, se não desaparecermos no seio da anarquia e da ditadura.*

RUI BARBOSA<sup>185</sup>

Na semana seguinte ao *State of Chaos*, TIME publicou uma reportagem que sugeriu a contenção desse mesmo caos, *Chaos Compounded*, (Caos Contido) de 18 de Outubro de 1963. Para TIME, e de acordo com sua reportagem anterior, o Brasil entrou num Estado de Caos e reforçou a culpa no presidente João Goulart, chamando-o de inábil e incapaz para resolver os diversos problemas pelos quais atravessava o país naquele momento.

1963 foi o primeiro ano que Goulart presidiu o Brasil de forma direta, tudo isso graças a uma esmagadora vitória nas urnas para substituir o modelo parlamentarista pelo presidencialista a partir de Janeiro. Cerca de ‘nove milhões, em 10, ratificaram o mandato de Goulart, dizendo sim ao presidencialismo e às reformas de base’<sup>186</sup>, nos diz Moniz Bandeira. Goulart superou os 6 milhões de Jânio Quadros, e conforme publicou o *The New York Times*, ‘era o seu triunfo pessoal’<sup>187</sup>.

O mês de Outubro procedeu aos meses conturbados de greves em diversos setores. As questões econômicas, principalmente aquelas relacionadas à inflação crescente e os empréstimos com os EUA, desgastaram a imagem internacional do país. Todos esses elementos se desenrolaram mediante intensos e desgastantes atritos políticos das diversas correntes do país contra o presidente. Tratou-se de um mês que marcou ‘o auge do isolamento político de Goulart’.<sup>188</sup> No mês anterior, a escalada de greves chegava ao topo. Goulart ‘encontrava forte oposição nos altos escalões do exército’ ao mesmo tempo em que lutava com ‘uma insurreição vinda dos baixos escalões das Forças Armadas’. Lacerda e Adhemar de Barros ‘desafiavam a sua autoridade’ e, através da influência de seus Ministros Militares, Jango ‘pedia permissão ao Congresso para decretar o Estado de Sítio’.<sup>189</sup> O resultado foi uma violenta oposição ao seu pedido e por fim fecharam-lhe o cerco sem deixar-lhe alternativas.

---

<sup>185</sup> Citado como epígrafe em Mario Victor, *op cit*, pp.455

<sup>186</sup> Moniz Bandeira, *op cit*, pp. 99

<sup>187</sup> Conf. *O Estado de São Paulo*, 12.01.1963, citado em Moniz Bandeira, *op cit*, idem. Segundo Elio Gaspari, foram 9,5 milhões para o presidencialismo contra 2 milhões pelo parlamentarismo, in: *A Ditadura Envergonhada*, São Paulo, Cia. das Letras, 2002, pp 47.

<sup>188</sup> Figueiredo, Argelina Cheibub. *Democracias ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política:1961-1964*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993, pp. 131.

<sup>189</sup> Idem

O Brasil foi situado pela reportagem como um grande e tolerante país diante do caos que o cercava. O tumulto da semana anterior sugeriu-lhe essa qualificação. Raiva e confusão foram outros termos utilizados e deram, para TIME, o panorama da situação que culminou com a perda da esperança dos brasileiros:

Of all the nations of Latin America, Brazil seems to have the greatest tolerance for chaos. Yet such was the anger and confusion last week that Brazilians on every side despaired for their country.<sup>190</sup>

Num elo com a reportagem anterior, a continuação do *Chaos* foi noticiada, dessa vez com a análise da frustrada tentativa de seqüestro de Carlos Lacerda por parte de Goulart e alguns membros das Forças Armadas. Time deu continuidade aos fatos que não puderam ser cobertos a tempo na edição anterior. Encaixaram-se nas duas primeiras semanas de outubro. A matéria subdividiu-se em duas partes: a primeira, *Caught in a Jam*, narrou a construção do plano de seqüestro, e a segunda, *Quite an Exercise*, cobriu o fracasso da operação e as consequências políticas dele derivadas.

## 2.2.1 – PEGO NUM ENGARRAFAMENTO

O Estado de *Chaos* também não podia deixar de ser um Estado de Violência, principalmente em relação aos personagens principais, em especial, os políticos que se espetavam através de todos os meios de comunicação possíveis. Conforme nos relatou Carlos Castello Branco, a crise política entrava no ‘excitante capítulo das estórias de mocinho’<sup>191</sup>, bem à moda norte-americana. Havia ‘um governador desaparecido, um presidente correndo as estradas com viaturas cheias de metralhadoras à frente e atrás, e alusões às influências secretas que o Serviço de Informações do Exército apurava envolvendo parlamentares e altas figuras das classes dirigentes’.<sup>192</sup> O desaparecimento repentino de Lacerda chamou a atenção de todos ao mesmo tempo em que ‘recrudesciam as notícias de intervenção na Guanabara e em São Paulo’.<sup>193</sup> Durante aquele momento, Lacerda encontrava-se em repouso na cidade Petrópolis quando decidiu partir sem que ninguém soubesse para São Paulo.<sup>194</sup> Ainda no dia 03 de Outubro, Jango com ‘inédito aparato militar’<sup>195</sup> dirigiu-se para o interior do Estado do

---

<sup>190</sup> De todas as nações da América Latina, o Brasil parece ter a maior tolerância para o caos. No entanto, tamanha foi a raiva e a confusão na semana passada que os brasileiros de todos os lados perderam a esperança pelo seu país.

<sup>191</sup> BRANCO, Carlos Castello. *Introdução à Revolução de 1964. A queda de João Goulart*. Tomo 2, Rio de Janeiro, Artenova, 1975, p. 79.

<sup>192</sup> BRANCO, Carlos Castello, *op cit*,

<sup>193</sup> TÁVORA, Araken. *1º de Abril*. Rio de Janeiro, Sociedade Gráfica Vida Doméstica, 1964, p. 47.

<sup>194</sup> TÁVORA, Araken. *op cit*, idem

<sup>195</sup> BRANCO, Carlos Castello, *op cit*. Idem

Rio, quando ‘no caminho, sua comitiva cruzou com um carro no qual desciam a serra alguns amigos e auxiliares de Lacerda’.<sup>196</sup> Numa rápida conversa que tiveram os assessores de Goulart e Lacerda, a informação transmitida foi a de que o governador estivera hospedado na Fazenda Inglesa – enquanto outras fontes suspeitavam que estivesse hospedado na Fazenda Louveria do Sr. Julio Mesquita -, e logo após teria tomado um carro e desaparecido.<sup>197</sup> A informação provocou grande desconforto entre os agentes da política federal incumbidos de segui-lo.<sup>198</sup> Na tarde do dia 3, Lacerda, preocupado com a situação que se agravava em seu Estado, telefonou para o Rio e pediu para que um avião viesse buscá-lo, mas, como nos conta Araken Távora, ‘antes que o comandante Wilson Machado pudesse tomar qualquer providência, Lacerda se dirigiu ao aeroporto de Viracopos e tomou um teco-teco rumo à Guanabara. O mistério em torno da localização de Lacerda preocupava as autoridades do Governo. Passaram a existir rumores de que o governador da Guanabara ‘reapareceria dentro de poucas horas em qualquer ponto do país, e reapareceria de maneira espetacular’.<sup>199</sup>

No dia 3 de Outubro a informação sobre a possibilidade do Estado de Sítio já estava divulgada, faltava apenas a ratificação do pedido. A estratégia girava a em torno da possibilidade de prender Lacerda paralelo à decretação do Estado de Sítio, sendo que uma ação legitimaria a outra. Enquanto Goulart viajava para Brasília na madrugada do dia 4 com o pedido do Estado de Sítio, os ministros da Marinha e da Aeronáutica endossavam a ocupação militar do Estado da Guanabara e imediata captura de Lacerda<sup>200</sup>. Ainda no dia 3, Goulart chamou Brizola ao Palácio das Laranjeiras com objetivo de conseguir apoio popular às medidas planejadas. No entanto, Goulart durante uma extensa conferência não deixou claro para Brizola o que de fato queria. A idéia transmitida ao governador gaúcho era que ele, Goulart, tomaria nas próximas horas algumas medidas emergenciais. Brizola sem muita clareza deduziu ser a possibilidade de um Golpe de Estado, o qual ele sempre apoiou e incentivou João Goulart a dá-lo<sup>201</sup>. Mesmo solidarizando-se com a proposta não muito transparente, Brizola deixou o Palácio das Laranjeiras rumo ao Rio Grande do Sul, onde submeteria a proposta de apoio de Goulart à FMP.<sup>202</sup>

Lacerda havia reaparecido na noite do dia 3 de outubro e nenhum fato espetacular chamou a atenção da nação. Estivera reunido no Palácio da Guanabara onde ‘deliberava

---

<sup>196</sup> Idem

<sup>197</sup> Idem

<sup>198</sup> Idem

<sup>199</sup> Idem

<sup>200</sup> Moniz Bandeira, op cit, pp. 130-131

<sup>201</sup> Idem

<sup>202</sup> Idem

ignorar as providências que eram ultimadas por Jango’.<sup>203</sup> Disse que se dedicaria no dia seguinte a inspecionar obras públicas, ‘tendo como primeira visita o Hospital Miguel Couto, na Gávea, às seis horas da manhã.’<sup>204</sup>

Com subtítulo *Caught in a Jam*, a reportagem mencionou os detalhes iniciais da trama para seqüestrar Lacerda. A reportagem informou que o início das movimentações se deu às três da madrugada (não citou o dia, que seria 04 de outubro de 1963). Segundo a reportagem, ao mesmo tempo em que Goulart viajava para o Congresso, o Brigadeiro Alfredo Pinheiro - conhecido como ‘faz tudo’<sup>205</sup> - juntamente com Abelardo Mafra chegavam a uma base militar num subúrbio do Rio – TIME não cita o local exato. Como num filme, TIME informou que ambos, Pinheiro e Mafra, arrastaram da cama o comandante do grupo de artilharia – não citou o nome, mas tratava-se do tenente-coronel Francisco Boaventura Cavalcante. Pediram ao comandante para juntar um grupo de homens de confiança para capturar Lacerda ao amanhecer durante sua visita a um hospital no Rio.

Caught in a Jam. At 3 a.m. the morning that Goulart was to present his request for a state of siege to congress, a Goulart friend, Brigadier General Alfredo Pinheiro, accompanied by Lieut. Colonel Abelardo Mafra, appeared at the Vila Militar base in suburban Rio. They hauled the commander of an artillery group out of bed, told him to gather a score of trustworthy men and arrest Lacerda at 6:15 a.m. as he began an official visit to a state hospital near Rio.<sup>206</sup>

Agregando um tom de violência à trama, a reportagem frisou a ordem de assassinato contra Lacerda em caso de resistência, do contrário, se capturado vivo, que fosse embrulhado e posto dentro de um avião com destino a um local secreto:

If Lacerda resisted, shoot to kill – without fear of consequences. If taken alive, Lacerda supposedly was to be bundled aboard a plane at Rio’s International Galeão Airport and flown to a secret destination.<sup>207</sup>

A recusa em participar da trama por parte do tenente-coronel Francisco Boaventura Cavalcante foi registrada. Sem citar o nome do tenente, a reportagem mencionou a resistência de Cavalcante em participar daquela operação sem uma ordem por escrito. Em tom de

---

<sup>203</sup> TÁVORA, Araken. *op cit*, pp 48

<sup>204</sup> Idem

<sup>205</sup> VILLA, Marco Antonio. *Jango: Um perfil (1945-1964)*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2002, p. 124

<sup>206</sup> PEGO NUM ENGARRAFAMENTO: As 3h da madrugada do dia que Goulart foi apresentar seu pedido de Estado de Sítio ao Congresso, um amigo de Goulart, brigadeiro Alfredo Pinheiro, acompanhado pelo tenente coronel Abelardo Mafra, apareceram na base militar no subúrbio do Rio. Eles arrastaram o comandante de um grupo de artilharia para fora da cama, disseram-lhe para juntar um grupo de homens de confiança para prender Lacerda as 6:15 a.m. antes que ele começasse uma visita oficial num hospital do Rio.

<sup>207</sup> Se Lacerda resistisse, que atirassem para matar – sem temer das conseqüências. Se fosse pego vivo, Lacerda supostamente seria embrulhado a bordo de um avião no Aeroporto internacional do Galeão e transportado para um destino secreto.

desespero e improviso, Pinheiro e Mafra apelaram para o líder de uma companhia de engenharia que rapidamente aceitou a proposta:

The artillery officer refused saying that he needed a written order from his commander. Pinheiro and Mafra next went to the commander of a paratroop regiment, then to a commander of an engineer company, who finally consented.<sup>208</sup>

Segundo Carlos Lacerda, houve uma análise ponderada por parte do Coronel Boaventura Cavalcante que não via com bons olhos aquela proposta. Para o coronel, uma ordem para prender um Governador de Estado, e ainda mais pelo exército, equivalia a um atentado.<sup>209</sup>

Na verdade, diante dos apelos de Pinheiro, foi o tenente Mafra quem conseguiu ‘arregimentar’ alguns oficiais e soldados ‘sob o argumento de que Jango já teria decretado o estado de sítio *ad referendum* do Congresso Nacional’<sup>210</sup>. Um terceiro comandante que recebeu e recusou a proposta de Pinheiro não foi citado pela reportagem, tratava-se do comandante Aragão que juntamente com Cavalcante se opuseram radicalmente à ordem.

Segundo Araken Távora, muitos generais viam na proposta do Estado de Sítio a possibilidade de depor João Goulart,<sup>211</sup> o momento psicológico favorecia essa tomada de posição. Os planos da captura de Lacerda lhe chegaram ao conhecimento através de um telefonema a sua residência antes de sua saída.<sup>212</sup> A estratégia da oposição era que se Goulart invadissem a Guanabara e São Paulo, ele ficaria exposto ao ‘impeachment’.<sup>213</sup> Seguro de si, Lacerda saiu de sua residência às cinco e quarenta da manhã rumo à Gávea, e, oito minutos depois, João Goulart embarcou para Brasília com o pedido em sua pasta.

Lacerda chegou ao Hospital dez minutos após ter deixado sua residência. Foi recebido por Raimundo de Brito, secretário de saúde, e pelo deputado Danilo Nunes. Vistoriou as obras, questionou alguns prazos e custos, deu uma rápida entrevista para alguns repórteres que ali se encontravam, cumprimentou médicos e, logo após, tomou seu carro, junto com sua comitiva, rumo à Lagoa Rodrigo de Freitas ‘para inspecionar um terreno destinado à construção de uma escola normal e o Parque Proletário da Gávea’.<sup>214</sup>

---

<sup>208</sup> O oficial da artilharia negou dizendo que ele precisava de uma ordem por escrito de seu superior. Pinheiro e Mafra em seguida dirigiram-se para o chefe de um regimento de pára-quedistas, então comandante de uma companhia de engenharia, que aceitou a proposta.

<sup>209</sup> LACERDA, *op cit*, pp 272

<sup>210</sup> VILLA, *op cit*, pp 123-124

<sup>211</sup> TÁVORA, Araken. *op cit*, pp 48

<sup>212</sup> Idem

<sup>213</sup> Idem

<sup>214</sup> Idem

A frustração do plano também foi detalhada pela reportagem. As 6:30h – portanto com uma hora de atraso - o improvisado grupo se dirigiu para o Hospital Miguel Couto (não citado), onde Lacerda faria a inauguração da obra. TIME citou a tentativa da tropa de fugir do tráfego. Deslocaram-se por entre as colinas costeiras da cidade do Rio. Chegaram às 8h da manhã. A reportagem registrou a fuga de Lacerda, a qual se deu mediante uma denúncia de seu serviço secreto:

At 6:30 a.m, Mafra and 20 engineers roared out of the base in two troop trucks. To avoid downtown traffic, Mafra guided his tiny convoy through the coastal hills, only to run into a traffic jam caused by an accident. By the time they finally reached the hospital, it was 8 a.m. Lacerda had just left – after his secret service got a last-minute tip that troops were on the way.<sup>215</sup>

Os boatos sobre a possível captura de Lacerda ainda repercutiram na noite do dia 4, mesmo assim o governador prosseguiu seu trabalho no Palácio da Guanabara onde afirmava “*Não me deixarei prender, a não ser pela Justiça*”.<sup>216</sup> Carlos Lacerda comentou no seu livro, *Depoimento*, que em virtude da quebra das duas viaturas a expedição atrasara, e mesmo assim, após as visitas, ele decidiu aguardar o seqüestro no palácio e que ‘evidentemente iria resistir’, pois sabia qual era a ordem: ‘Se houver resistência, matar’.<sup>217</sup>

#### 2.2.2 – UM TESTE DE ADESTRAMENTO, UM EXERCÍCIO.

Após o malogro e a denúncia através de toda imprensa por parte de Lacerda, ambos, Alfredo Pinheiro e Abelardo Mafra negaram a versão de que haviam arquitetado um seqüestro. Segundo a reportagem, ambos informaram que se tratava de *um teste de adestramento para testar a lealdade dos soldados*,<sup>218</sup> e que Goulart não tinha nada a ver com o ocorrido:

Quite an Exercise. Both Pinheiro and Mafra admitted that the expedition took place. But they insisted that no actual kidnapping was intended. It was merely “an exercise” said Pinheiro lamely, to test the loyalty of officers to the constitution; Goulart personally had nothing to do with it.<sup>219</sup>

---

<sup>215</sup> As 6:30 a.m. Mafra e 20 homens saíram da base em dois caminhões a tropa. Para evitar o tráfego do centro da cidade, Mafra guiou sua pequena escolta pelas colinas costeiras, somente para fugir de um tráfego causado por um acidente. Quando eles finalmente alcançaram o hospital, era 8h da manhã e Lacerda acabara de partir – logo após uma informação de última hora, conseguida pelo seu serviço secreto, de que tropas estavam a caminho.

<sup>216</sup> Araken Távora, *op cit*, pp 50.

<sup>217</sup> Lacerda, *op cit* pp 273

<sup>218</sup> VILLA, *op cit*, pp124

<sup>219</sup> UM TESTE DE ADESTRAMENTO, UM EXERCÍCIO. Ambos, Pinheiro e Mafra, admitiram que a expedição ocorreu. Mas eles insistiram que nenhum seqüestro foi planejado. Era meramente “um exercício”, disse Pinheiro (de forma pouco convincente), para testar a lealdade dos oficiais para com a Constituição; Goulart pessoalmente não teve nada a ver com isso.

Segundo Marco Antonio Villa, ‘não se sabe por que não voltaram a procurar o governador, ficando a hipótese de que tinham recebido ordens para retornar ao quartel após um telefone de Mafra ao ministro Jair Dantas Ribeiro’, mentor intelectual da ação.<sup>220</sup> Naquele momento, Lacerda prosseguiu suas visitas e, enquanto os pára-quedistas frustravam-se e Goulart articulava com o Congresso, o governador da Guanabara ‘interrompia sua inspeção às obras de drenagem do canal do Mangue para uma refeição ligeira, à base de sanduíche’<sup>221</sup>. Para Skidmore, os oficiais que não quiseram tomar parte nesse complô foram os que tinham avisado Lacerda sobre a emboscada.<sup>222</sup> A recusa de Cavalcante se junta ao fato de ter sido ele o informante de Lacerda sobre sua captura. No dia anterior a tentativa do seqüestro, o mentor intelectual da captura, Jair Dantas Ribeiro foi advertido por vários generais, dos quais muitos deles com comando de tropas, disseram-lhe ‘que não pegariam em armas contra a legalidade’.<sup>223</sup> A publicidade foi tamanha em torno desse ocorrido que acabou desviando a atenção para um fato semelhante ocorrido com Miguel Arraes naquele mesmo momento.<sup>224</sup> Miguel Arraes se opunha a possibilidade de intervenção na Guanabara, pois, para ele, a intervenção começaria na Guanabara e terminaria em Pernambuco. Para Arraes, Lacerda cairia primeiro como reacionário e depois cairia ele como comunista.<sup>225</sup> Mandou ainda um recado para Goulart dizendo-lhe para não contar com ele e nem com o PTB de Pernambuco.<sup>226</sup>

Lacerda, anos depois, comentou que o coronel Cavalcante Boaventura telefonou para o seu Secretário de Segurança prevenindo o atentado, e logo após o descumprimento da ordem, o coronel foi afastado do centro das decisões.<sup>227</sup> Lacerda ironizou as respostas do General Alfredo Pinheiro que foram dados ao jornal *O Globo* em 10 de Outubro de 1963 dizendo que o motivo do teste de adestramento seria para sentir o espírito da tropa.<sup>228</sup> A matéria ainda mencionou que Pinheiro ‘considerou anedótica a versão de que o objetivo era prender e matar Lacerda’<sup>229</sup> Concluiu dizendo ‘que apesar de ser o Chefe do Estado Maior da Divisão, fez questão de comandar o exército para evitar que no seu transcorrer houvesse qualquer incidente em face da gravidade política naquele dia’.<sup>230</sup>

---

<sup>220</sup> VILLA, *op cit*, pp idem

<sup>221</sup> TÁVORA, Araken. *op cit*, pp 50.

<sup>222</sup> SKIDMORE, *op cit*, pp. 320

<sup>223</sup> TÁVORA, Araken. *op cit*, pp 47

<sup>224</sup> Idem.

<sup>225</sup> LACERDA, *op cit*, pp 270

<sup>226</sup> Idem

<sup>227</sup> LACERDA, *op cit*, pp 272

<sup>228</sup> LACERDA, *op cit*, pp 280.

<sup>229</sup> Idem, pp 281

<sup>230</sup> Idem

A reportagem também informou sobre a posição da UDN em relação ao caso. O partido exigiu uma investigação de emergência:

Lacerda's enraged U.D.N. Party demanded a full-scale congressional investigation, but that only led to more angry words and still greater confusion.<sup>231</sup>

Esses fatos, denominados e entendidos, segundo TIME, como *Chaos*, situavam-se num momento em que Lacerda empenhava-se ao máximo numa luta pelo poder político, principalmente contra o governo Goulart.<sup>232</sup> Lacerda se serviu dos meios de comunicação do seu Estado para desferir ataques contra o governo.<sup>233</sup> No entanto, do outro lado, e também com o apoio de vários meios de comunicação, estava Leonel Brizola, onde 'aparecia ladeado por fuzileiros navais (...)'.<sup>234</sup>

O caso do seqüestro de Lacerda dividiu as forças de oposição diante das investigações propostas pela UDN. TIME mencionou o conflito entre os políticos envolvidos e o exército quanto a condução das investigações do caso. O exército se opunha a investigação parlamentar de seus membros e colocou a oposição no mesmo pé de igualdade dos que tramaram o seqüestro, isto é, o exército ameaçava 'lavar a roupa suja' denunciando membros da própria UDN envolvidos em tentativas similares contra Goulart, informou TIME:

From the War Ministry came rumblings that it was a matter for the military, not Congress, to investigate. And the military privately threatened to hang out some more dirty laundry for everyone to see. If the U.D.N. did not call off its probe, the army was ready to publicize the details of a massive plot against the government organized by a close Lacerda aide and U.D.N. higher-up. Over the past few months, army intelligence claims that it has uncovered several caches of arms, and they were reportedly traced to Lacerda's men.<sup>235</sup>

### 2.2.3 – A DERROTA DE GOULART – RETIRADA DO PEDIDO DE ESTADO DE SÍTIO.

O pedido do Estado de Sítio ao Congresso deveria ser de 30 dias para que Goulart pudesse "enfrentar 'a grave comoção interna que ameaçava as instituições democráticas e a ordem política'", conforme sugerido pelos líderes militares.<sup>236</sup> No entanto, a reportagem reforçou a idéia de que Goulart requeria poderes ditatoriais para conter a possível guerra civil

---

<sup>231</sup> O enfurecido partido de Lacerda, a UDN, exigiu uma investigação parlamentar completa, mas que somente levou a mais agressões e confusão.

<sup>232</sup> YOUNG, *op cit*, pp 178

<sup>233</sup> Idem.

<sup>234</sup> PARKER, Phyllis R. *op cit*, pp 72.

<sup>235</sup> Do Ministério da Guerra vieram protestos enérgicos, que isso era assunto para o exército, não para o congresso investigar. E o exército reservadamente ameaçou expor um pouco mais de roupa suja para todo mundo ver. Se a UDN não cancelasse sua investigação, o exército estava pronto para publicar os detalhes de uma poderosa conspiração contra o governo e organizada por um assistente próximo a Lacerda e um superior da UDN.

<sup>236</sup> YOUNG, Jordan M. *op cit*, 179.

que estava prestes a acontecer. Segundo TIME, Goulart foi forçado a retirar o pedido diante da oposição generalizada da opinião pública em geral:

Having just demanded emergency dictatorial powers from Congress as the only hope of preventing civil war “at any moment”, President João Goulart was forced to withdraw the demand in the face of opposition by Congress, labor unions, state governors, and general public opinion.<sup>237</sup>

O pedido foi retirado em 07 de Outubro em meio a crescente oposição à medida. Goulart justificou a retirada comunicando que o governo não precisava mais de medidas extraordinárias para manter a ordem. TIME contradisse essa afirmação noticiando que os motivos da retirada na verdade eram outros, nesse caso a fracassada tentativa de seqüestro de Lacerda por parte dos “camaradas” do presidente. A tentativa de seqüestro havia ocorrido em 04 de outubro, mesmo dia em que Goulart enviara o pedido ao Congresso:

Goulart said the withdrawal was made possible “by new circumstances”. But the only new circumstance was an abortive plot by the President’s cronies to kidnap his severest critic; Carlos Lacerda, governor of Guanabara state, which includes Rio.<sup>238</sup>

No mesmo dia em que era retirado o pedido, o deputado Padre Godinho (UDN-São Paulo) apresentou um requerimento com 140 assinaturas com o objetivo de abrir uma CPI para apurar a denúncia do atentado de Lacerda.<sup>239</sup> Em 18 de novembro de 1963, o Ministro da Guerra assinou uma portaria (nº. 2.151) transferindo o Coronel Boaventura de suas funções. Em resposta, Boaventura escreveu uma carta tecendo um forte protesto à decisão. A carta acabou sendo lida da tribuna da Câmara pelo deputado Pedro Aleixo, e, como consequência, Boaventura acabou sendo preso.<sup>240</sup>

A reportagem finalizou com uma síntese desse estado de caos. A incapacidade de Goulart voltou a ser ressaltada. A matéria descreveu a figura de Goulart em estado de cansaço, sem poder dormir, enfim, completamente exausto. Já em princípios de Outubro, o estado físico de Goulart chamava a atenção de muitas pessoas. Segundo Carlos Castello Branco, a estafa do presidente era tamanha que, a partir de certa altura, passou a conversar deitado. Toda a estratégia do Estado de Sítio e posterior captura de Lacerda foi estudada e desenvolvida nas madrugadas do início de Outubro como pudemos notar. Por fim, a

---

<sup>237</sup> Acabando por exigir poderes ditatoriais de emergência do Congresso como a única esperança de prevenir uma guerra civil “a qualquer momento”, o presidente João Goulart foi forçado a retirar o pedido diante da oposição do Congresso, sindicatos, governadores e opinião pública em geral.

<sup>238</sup> Goulart disse que a retirada foi possível devido as novas circunstâncias. Mas a única nova circunstância foi uma fracassada conspiração dos “camaradas” do presidente para seqüestrar seu mais severo crítico; Carlos Lacerda, governador da Guanabara, na qual inclui o Rio.

<sup>239</sup> LACERDA, *op cit* pp. 281

<sup>240</sup> A íntegra da carta e do depoimento constam no livro de Carlos Castello BRANCO, *Introdução à Revolução de 1964*, tomo II, in: LACERDA, *op cit*.

reportagem cita a frase de um Jornal brasileiro (não diz qual) sobre o momento histórico que passaria viver o país a partir daquele momento:

By week's end, the battle lines grew steadily tighter, and Brazil was rapidly running out of peaceful solutions. A tired-eyed Goulart, weary from worry and no sleep, was maneuvering feverishly and unpredictably – not at all like the old pro of a few months ago. Throughout the country there was an air of desperation. History, as one Brazilian newspaper said, was being written by the minute.<sup>241</sup>

Segundo Thomas Skidmore, as tentativas frustradas de seqüestrar Lacerda poderiam ser enquadradas como mais um capítulo da eterna guerra entre ambos no início dos anos sessenta, no entanto, Goulart ‘quis ser decisivo numa questão de importância fatal’.<sup>242</sup> Ao insistir na punição de Boaventura Cavalcante – o oficial pára-quedista que se negara a tomar parte na trama do seqüestro de Lacerda -, Goulart ‘confirmava os receios de muitos oficiais mais graduados do Exército, que antes haviam negado engrossar a rede de conspirações militares’ que visavam sua derrubada.<sup>243</sup> A existência de um grupo de oficiais ‘linha dura’ durante aqueles últimos dez anos aguardava uma oportunidade de ‘intervir no processo político’.<sup>244</sup> Durante o caótico mês de Outubro de 1963 um grande número de oficiais ‘mais antigos’ começou a organizar uma conspiração<sup>245</sup> entendida por eles como ‘defensiva’, mas num sentido contrário à deposição direta do presidente.<sup>246</sup> Estavam dispostos a ‘deter’ e ‘resistir’ aos possíveis atentados contra a Constituição, como o fechamento do Congresso.<sup>247</sup> Skidmore pergunta: ‘Que foi que aproximou os moderados dos oficiais militares que advogavam um golpe contra Jango?’.<sup>248</sup> Os acontecimentos de Setembro e Outubro respondem a pergunta.<sup>249</sup> O pedido de estado de sítio e prisão frustrada de Lacerda foram fatores extremamente negativos e que enfraqueceram muito a posição de Goulart. Tratavam-se de soluções antidemocráticas e pessimamente ensaiadas, além do que, trazia à tona discussões referentes à disciplina militar que naquele momento Jango parecia estar disposto a violá-la.<sup>250</sup> As suspeitas indicavam uma guinada radical de Goulart rumo à chamada ‘esquerda negativa’ ao lado de seu cunhado. Para Skidmore, a estratégia de Jango que os

---

<sup>241</sup> No final de semana, as linhas de batalha cresceram continuamente, e as soluções de curto prazo estavam se esgotando. Um Goulart de olhos cansados, exausto de preocupação e sem dormir fazia manobras de forma agitada e imprevisível – nada parecido com o velho profissional de poucos meses atrás. Através do país havia um ar de desespero. A história, como um jornal brasileiro disse, estava começando a ser escrita naquele minuto.

<sup>242</sup> SKIDMORE, *op cit*, p. 320

<sup>243</sup> Idem

<sup>244</sup> Idem

<sup>245</sup> Vide sub-seção *Slow Groundwork* no capítulo 5

<sup>246</sup> Skidmore, *op cit*, p. 321

<sup>247</sup> Idem

<sup>248</sup> Idem

<sup>249</sup> Idem

<sup>250</sup> Idem

militares deduziam, baseava-se na neutralização do Exército para que em seguida ele pudesse trilhar o caminho que quisesse.

Para Moniz Bandeira, os dois fracassos de Goulart referentes a tentativa de seqüestrar Lacerda e implantar o estado de sítio serviram para demonstrar ao país a fraqueza do governo Goulart.<sup>251</sup> Diante desses dois fracassos, João Goulart se defrontava com outras duas situações que, em certa medida, eram silenciosas e perigosas. De um lado, a movimentação de boa parte da opinião em torno dos pedidos de ajuda militar preventiva aos EUA, e, do outro lado, o início das articulações da ala do exército que não simpatizava com as atitudes do governo.

Os dois casos estavam intimamente ligados e convergiam para a possibilidade de um golpe repentino contra Goulart por parte das forças nacionais. Essas movimentações estavam há um bom tempo sob acompanhamento à distância dos EUA que, até aquele momento, se opunham a tais iniciativas. Segundo Moniz Bandeira, durante aquele momento de crise – o estado de caos do último trimestre de 1963 –, o General Andrew O'Meara (comandante da zona Sul, com QG em Balboa, Panamá) visitou o Rio de Janeiro numa suposta missão de rotina, porém 'intimamente ligada à crise brasileira, segundo reconheciam os observadores de Washington'.<sup>252</sup> Num telegrama despachado por James Minife, em 08 de outubro de 1963, observou-se que "os militares latino-americanos, não compreendem que os Estados Unidos estão decididos a suspender a ajuda militar e econômica aos países cujos Governos democráticos forem derrubados por golpes de estado".<sup>253</sup> Talvez ao contrário da vontade de Kennedy, o Departamento de Estado norte-americano sabia que a conspiração contra Goulart aumentava,<sup>254</sup> e embaixada dos EUA no Brasil – que segundo Skidmore era excepcionalmente bem informada<sup>255</sup> - a apoiava o quanto podia.<sup>256</sup> Segundo Moniz Bandeira, a ênfase de Skidmore é proposital, pois 'uma Embaixada estrangeira só está informadíssima a respeito de conspiração quando a patrocina'.<sup>257</sup> Dentro dessa teia de conspiração encontravam-se civis e militares brasileiros reivindicando o apoio norte-americano. Além de Silvio Heck, um general da reserva numa conversa discreta com Vernon Walter, sugeriu aos Estados Unidos a imediata intervenção na crise brasileira, dizia ele "... os senhores querem intervir antes, durante ou depois – quando pode ser tarde demais – da invasão militar russo-cubana no

---

<sup>251</sup> BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973, pp. 456.

<sup>252</sup> *O Estado de São Paulo*, 08/10/1963, citado em BANDEIRA, Moniz. *op cit*, idem.

<sup>253</sup> BANDEIRA, Moniz *op cit*, idem.

<sup>254</sup> Idem

<sup>255</sup> SKIDMORE, *op cit*, 270-271

<sup>256</sup> BANDEIRA, Moniz *op cit*, idem.

<sup>257</sup> Idem

Brasil?”.<sup>258</sup> Segundo Lincoln Gordon, então embaixador no Brasil na época, um civil bastante respeitável pediu apoio aos Estados Unidos no caso de uma guerra civil.<sup>259</sup> O respeitável civil em questão falava em nome de Adhemar de Barros, então governador do Estado de São Paulo e representava o empresariado paulista<sup>260</sup>, tratava-se de Julio Mesquita Filho, diretor de *O Estado de São Paulo*. Pediam apoio dos EUA por intermédio de Lincoln Gordon cuja resposta foi que ‘se o levante durasse 48 horas, Washington poderia reconhecer a beligerância do Estado onde ela eclodisse – na época cogitava-se o levante em São Paulo.’<sup>261</sup> Em sua entrevista a revista *Veja*, Lincoln Gordon revelava que militares e civis pediam reuniões na embaixada e ‘queixavam-se dizendo que Goulart era realmente comunista e pediam apoio americano’.<sup>262</sup>

---

<sup>258</sup> STACCHINI, José. *Março 64: Mobilização de audácia*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1965, p. 88, citado em BANDEIRA, Moniz, *op cit*, p. 457. Stacchini conta o episódio, sem se referir aos nomes dos personagens.

<sup>259</sup> *Revista Veja*, nº. 167, de 17/11/1971, p. 6, *Entrevista com Lincoln Gordon*, citada em BANDEIRA, Moniz, *op cit*, *idem*.

<sup>260</sup> Entrevista de Lincoln Gordon a Roberto Garcia, *Revista Veja*, São Paulo, 1977, citado em Moniz Bandeira, *O Governo João Goulart*, p. 270.

<sup>261</sup> Ver também o artigo “When executives turned revolutionaries”, da revista *Fortune*, de setembro de 1964, conf. Moniz Bandeira, *op cit*, *idem*.

<sup>262</sup> *Revista Veja*, nº. 167, de 17/11/1971, p. 6, *Entrevista com Lincoln Gordon*, citada em Moniz Bandeira, *op cit*, *idem*.

## 2.3 - ENTRE O MARTELO E A BIGORNA

Após duas reportagens seguidas, nas quais foi dado total destaque ao *chaos* político vivenciado pelo governo de Goulart, TIME voltou a dar destaques ao Brasil um mês depois. Foi em 15 de novembro de 1963 com a matéria intitulada *The Hammer and the Anvil*. A reportagem focou a personalidade de Carlos Lacerda, a sua trajetória política no Brasil e seus inimigos.

O título foi muito provocador, *The Hammer and the Anvil* pode ser traduzido literalmente como o *Martelo e a Bigorna*. No entanto, também é uma referência a uma frase latina do século XVI, *Inter canem et lupum*, que segundo o dicionário de expressões e frases latinas de Henerik Kucher significa: *estar entre o lobo e o cão; estar entre a cruz e a espada; se correr, o bicho pega, se ficar, o bicho come; ficar entre dois fogos; estar entre o martelo e a bigorna*. A expressão também serve como significado de crepúsculo, por ser o momento em que o cão procura o descanso, e o lobo, a sua presa.<sup>263</sup> Segundo Aurélio Buarque de Holanda, estar entre a bigorna e o martelo, significa estar entre duas grandes dificuldades, dois perigos, sem saber como evitá-los; achar-se entre duas decisões opostas, com a perspectiva de ser vítima em qualquer das alternativas. A reportagem em questão nos sugeriu essas possibilidades. O Brasil em estado de caos encontrava-se a mercê de Lacerda (o martelo) e Goulart (a bigorna).

O *lead* afirmou, de forma irônica, que os maiores problemas de João Goulart não eram as questões estruturais do país, tais como a economia ou as questões sociais, mas sim de ordem política, principalmente àquelas relacionadas à figura de Carlos Lacerda.

There is much to talk about at the lengthy Cabinet meetings in Rio's Laranjeiras Palace, where President João Goulart makes his headquarters when he is in Rio. Brazil's economy is a shambles, the army uneasy, the unions are grumbling. But none of these rates as Topic A with Goulart. His consuming interest is what to do about the occupant of a palace less than a mile away: Carlos Lacerda, 49, governor of Guanabara state (which includes Rio) and Goulart's most dangerous political foe.<sup>264</sup>

Nas outras duas reportagens analisadas neste capítulo, pudemos perceber esse clima de intensa hostilidade entre ambos. TIME fez questão de registrar esse verdadeiro estado de

---

<sup>263</sup> [http://www.hkocher.info/minha\\_pagina/dicionario/i09.htm](http://www.hkocher.info/minha_pagina/dicionario/i09.htm)

<sup>264</sup> Há muito para se falar sobre as longas reuniões de gabinete no Palácio das Laranjeiras do Rio de Janeiro, onde o presidente João Goulart faz o seu quartel general quando está no Rio. A economia do Brasil está desajeitada, o exército intranquilo e os sindicatos resmungando. Mas nenhuma dessas categorias é tema primordial para Goulart. Sua principal preocupação é saber o que fazer em relação ao ocupante do palácio que está a menos de uma milha dali; Carlos Lacerda, 49, governador do Estado da Guanabara (incluindo o Rio) e o mais perigoso inimigo político de Goulart.

beligerância entre Goulart e Lacerda. O Rio de Janeiro havia deixado de ser a capital do Brasil. Todavia, alguns ministérios e a própria residência de muitos parlamentares ainda permaneciam no Rio. A Guanabara tornou-se o ex-distrito federal da República, e passou à condição de Estado. Goulart utilizava a ponte aérea Rio-Brasília, mas, em muitos casos, chegava a despachar mais do Palácio das Laranjeiras, antiga sede do governo, do que na nova capital <sup>265</sup>. Como a reportagem nos mostrou, a menos de um milha das Laranjeiras encontrava-se o Palácio da Guanabara, local onde estava alocado o arque-inimigo Carlos Lacerda.

### 2.3.1 - SEMPRE DIANTE DELE

A reportagem, no subtítulo *ALWAYS BEFORE HIM*, prosseguiu informando sobre a figura de Carlos Lacerda como um tormento para Goulart. Ambos foram vistos como ‘um perseguindo ao outro’ numa verdadeira guerra rumo a corrida presidencial de 1965:

For two racking years, Lacerda has tormented Goulart at every step, and Goulart in turn has done his best to destroy, or at least neutralize, his enemy. Yet Lacerda is still governor, still trying to drive Goulart out of office, and still gathering strength for his own run at the presidency in 1965. One Brazilian Deputy told Congress: “The President cannot sleep for seeing Carlos Lacerda in front of him”.<sup>266</sup>

A reportagem expôs uma foto de Lacerda extraída da revista Manchete. Trouxe como título “*As near as the next palace*”, que ora traduzimos como ‘cada vez mais próximo do palácio ao lado’. Tratava-se da corrida presidencial citada na reportagem; Lacerda estava tentando se aproximar do Executivo Federal que por enquanto ainda mantinha parte do poderio de decisões no Palácio das Laranjeiras, seu vizinho.

---

<sup>265</sup> VILLA, *op cit*, pp 121

<sup>266</sup> Por dois terríveis anos, Lacerda atormentou Goulart em todos os passos, e Goulart, por sua vez, fez o que pode para destruir, ou pelo menos neutralizar o seu inimigo. Lacerda ainda é o governador, ainda tenta forçar a saída de Goulart do cargo, e ainda junta forças para sua própria corrida para a presidência em 1965. Um deputado brasileiro disse no congresso: “o presidente não pode dormir, pois logo vê Carlos Lacerda na sua frente”.



TIME deu início a uma rápida biografia de Lacerda. Sua profissão como jornalista e empresário do setor de comunicações foram mencionados junto com suas habilidades de comentarista:

Lacerda is one of the most spectacular prodigies that Brazil has ever produced. The son of an influential Rio journalist, he was managing editor of one Brazil's most powerful newspapers at 26, owned his own paper at 34, in between was the country's most popular columnist and radio commentator.<sup>267</sup>

TIME não citou o nome do pai de Lacerda, Maurício Paiva de Lacerda. As origens familiares de Lacerda contradizem o que foi seu futuro como político. Seu pai, além da profissão de jornalista, também teve uma atuação política significativa em seu tempo. Foi um ativo revolucionário durante o período de 1922 e 1924, além de participar da Revolução de 1930 como aliado de Getúlio Vargas<sup>268</sup>. Para aumentar a frustração de um Lacerda pós-anos 50, seu pai ainda foi membro da ANL, organização política dos anos 30 e sob liderança do PCB. Maurício Lacerda ainda seria acusado de envolvimento no famoso levante comunista, de novembro de 1935, conhecido como Intentona Comunista.<sup>269</sup>

---

<sup>267</sup> Lacerda é um dos mais espetaculares prodígios que o Brasil já produziu. Filho de um influente jornalista do Rio, foi editor chefe de um dos mais poderosos jornais do Brasil aos 26 anos, aos 34 conseguiu o seu próprio jornal, entre outras coisas foi o mais popular colunista e comentarista de rádio do país.

<sup>268</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Weiner: o corvo e o bessarabiano*. São Paulo, Editora SENAC, 1998, p. 36

<sup>269</sup> BELOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves (orgs), "Partido Comunista Brasileiro", *Dicionário histórico-biográfico 1930/1983*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, FGV/CPDOC, 1984, p. 2495, citado por LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *op cit*, p. 37

A reportagem prosseguiu a análise biográfica de Lacerda citando que fora editor chefe de um dos mais poderosos jornais do Brasil aos 26 anos, mas não cita qual o jornal.

Em 1938, Lacerda costumava utilizar o pseudônimo de ‘Marcos Pimenta’ enquanto colaborava com a revista antifascista *A Seiva*, publicada na Bahia.<sup>270</sup> Nesse mesmo ano ele trabalhou na revista *Diretrizes*, de Samuel Weiner, e no *Observador Econômico e Financeiro*, de Valentin Rebolças. Em 1945, com o fim do Estado Novo, Lacerda na condição de *free-lance* no *Correio da Manhã*, publicou uma entrevista com o ex-candidato à presidência, José Américo de Almeida, ‘na qual o ex-candidato criticava o regime em declínio e reivindicava eleições diretas’.<sup>271</sup> Aquela reportagem acabou lançando Lacerda à condição de destacado jornalista e, a partir daí, passou a assinar uma coluna no *Correio da Manhã* intitulada ‘Tribuna de Imprensa’.<sup>272</sup> Nessa coluna Lacerda escrevia ‘uma espécie de crônica dos novos tempos democráticos vividos pelo Brasil’, ele se baseava na Constituição de 1946.<sup>273</sup>

Destacando o espírito empresarial de Lacerda, a reportagem mencionou que aos 34 ele conseguiu o seu próprio jornal. Tratava-se do ano de 1949, quando Lacerda deixou o *Correio da Manhã* para fundar a *Tribuna de Imprensa*, não citada na reportagem.

Prosseguindo o rol de habilidades de Lacerda, a matéria frisou que ‘entre outras coisas foi o mais popular colunista e comentarista de rádio do país’. Essa fama, na verdade, era advinda de sua participação marcante em importantes jornais como *O Diário Carioca* (1946), *O Globo* (1956) de Roberto Marinho, seu grande desafeto anos depois. Lacerda como grande amigo de Rui Mesquita desde 1943, atuou também no *Jornal da Tarde* e no *O Estado de São Paulo*, jornais que ele assinava com o pseudônimo de Júlio Tavares.<sup>274</sup>

No campo da administração pública, Time destacou seu governo no Estado da Guanabara marcado por importantes obras:

As governor of Guanabara he has built schools, modernized hospital, cleared slums and lured foreign investment to his state.<sup>275</sup>

Após essas observações, a reportagem mencionou a principal característica de Lacerda, segundo TIME, a guerra política:

But his strongest talent is for violent political warfare. “Carlos Lacerda”, says his longtime friend, former Bahia Governor Juracy Magalhães, “is a man who cannot live without an anvil to hammer on”.<sup>276</sup>

---

<sup>270</sup> Idem.

<sup>271</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *op cit*, p. 41.

<sup>272</sup> Idem

<sup>273</sup> Idem

<sup>274</sup> Idem

<sup>275</sup> Como governador da Guanabara ele construiu escolas, modernizou hospitais, iluminou favelas e atraiu investimentos estrangeiros para o seu Estado.

O seu ex-amigo e eterno adversário de imprensa, Samuel Weiner, foi o responsável por dar força ao pseudônimo de “O Corvo” a Lacerda. Essa folclórica atribuição remonta ao comparecimento de Lacerda ao enterro do repórter policial Nestor Moreira, de *A Noite*, em 1954. Na ocasião, Lacerda apareceu vestido todo de preto ‘e com ar compungido’.<sup>277</sup> Estavam presentes, Samuel Weiner, Otávio Malta e Moacir Werneck de Castro, todos editores do *Última Hora* e que tiveram ‘uma imediata associação de idéias’ em relação a Lacerda que foi comparado a um corvo preto. Nas edições da *Última Hora* de 25 a 27 de maio, o chargista Lan explorou a idéia pintando Lacerda na figura de um corvo vertendo lágrimas sobre o caixão de Nestor Moreira.<sup>278</sup>

### 2.3.2 - BALAS E PRISÃO

Com subtítulo *BULLETS & JAIL* a reportagem passou a mencionar o lado violento da trajetória política de Lacerda. Sua origem comunista e sua mudança de lado foram destacados.

As a youth, Lacerda championed the Communist cause, then broke with the Reds in 1939 to become their implacable foe.<sup>279</sup>

A iniciação comunista de Lacerda se deu nos seus tempos de faculdade (1932), espaço, segundo ele mesmo, dominado por uma turma de professores marxistas que davam aulas sobre o materialismo histórico graças a falta de interesse dos demais professores do campus.<sup>280</sup> Na casa de seus amigos Leônidas Rezende, Chagas Freitas e Evandro Lins e Silva, discutiam Marx e Engels madrugada adentro. Tratavam-se de verdadeiras aulas e todos saíam convencidos ‘daquilo tudo’, pois levavam ‘a sério aquele negócio’<sup>281</sup>. Quando ainda compunha os quadros da Aliança Libertadora, foi nomeado pelo Major Costa Leite para ser o representante dos estudantes no lançamento de Luis Carlos Prestes para presidente de honra da Aliança, fato esse que deixou o jovem Lacerda extremamente lisonjeado, achou aquilo

---

<sup>276</sup> Mas o seu talento mais forte é para a agressiva guerra política. Carlos Lacerda, diz seu velho amigo, o antigo governador da Bahia, Juracy Magalhães, “é um homem que não pode viver sem uma bigorna para martelar”.

<sup>277</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *op cit*, p. 42

<sup>278</sup> DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda, a vida de um lutador (1914-1960)*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992, vol. 1, p. 169-171, citado por LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *op cit*, p. 42.

<sup>279</sup> Na juventude, Lacerda lutou pela causa comunista, logo após rompeu com os “vermelhos” em 1939 para tornar-se seu mais implacável inimigo.

<sup>280</sup> LACERDA, *op cit*, pp. 29

<sup>281</sup> Idem

‘uma honra excepcional’, ‘achou um negócio maravilhoso’, ele não se imaginava saudando Prestes, ‘um herói fabuloso!’<sup>282</sup>

Com a ascensão do Estado Novo, o comunismo foi radicalmente proibido no Brasil. As consequências atingiram Lacerda e seu grupo. Nesse período, Olímpio Guilherme, da revista *Observador Econômico*, pediu para que Carlos Lacerda escrevesse uma ‘história do comunismo no Brasil’, um *paper* moderado, sem tintas comunistas, pró-Estado Novo, inclusive não seria assinado pelo autor. O texto seria apreciado por Heitor Muniz, parente de Moniz Sodré, um jornalista anticomunista. Lacerda, preocupado com a trajetória da proposta, consultou o Comitê Central do Partido – então na clandestinidade – para pedir que avaliasse a proposta. As lideranças concordaram que Lacerda poderia escrever o texto, pois ele era uma pessoa da mais extrema confiança dos camaradas.<sup>283</sup> Olímpio Guilherme se espantou com o parecer positivo de Lacerda em relação ao texto. A história terminava com um happy end: “*Graças ao Estado Novo (...), o comunismo acabou no Brasil, foi desbaratado, seus chefes foram presos, acabou, não tem mais perigo nenhum e tal...*”.<sup>284</sup>

A ruptura ‘com os vermelhos’ em 1939, citada por TIME, se deu em virtude de uma acusação de traição por parte de Lacerda em relação ao Partido. O motivo foi a publicação do texto sobre a história do comunismo no Brasil na revista *Observador Econômico* com as tintas do Estado Novo. Segundo Lacerda, uma semana após a publicação do texto, seus companheiros de causa, Samuel Weiner e Moacir Werneck, apresentaram-lhe um boletim mimeografado do Partido no qual o acusava de ‘agente da Gestapo, trotskista a serviço do imperialismo, traidor da causa do proletariado, delator, etc’.<sup>285</sup> Lacerda, espantando com a denúncia, acabou tendo um encontro secreto com um dos líderes do comitê conhecido como *Baby Face* com quem conversou sobre o caso. A denúncia de que era trotskista – o que não era verdade - chegou até a polícia e Lacerda acabou sendo preso.<sup>286</sup>

O trecho abaixo marca a sequência dos fatos citados acima. As linhas da reportagem apresentaram um conteúdo histórico de violência, o qual cercou a trajetória inicial de Lacerda. Para TIME, após a ruptura, Lacerda passou a lutar contra seus opositores, toda esquerda e os pseudo-ditadores. Como consequência dessa ofensiva, a revista pontuou a ocorrência de espancamentos, tiros no pé, prisões e o exílio de um ano, mas deixou de mencionar quem seriam esses ditadores:

---

<sup>282</sup> Idem

<sup>283</sup> Idem

<sup>284</sup> Idem

<sup>285</sup> Idem

<sup>286</sup> Idem

Over the years, his campaigns against the left, against would-be dictators and just plain opponents have him one bullet (in the foot) and three severe beatings; he has been jailed nine times, chased into hiding for two years and went into exile for one year.<sup>287</sup>

O tiro no pé, destacado na reportagem, refere-se ao atentado sofrido por Lacerda na Rua Toneleiros, nº. 180, em agosto de 1954, mês da morte de Vargas. Lacerda, já diretor do *Jornal Tribuna de Imprensa*, do Rio de Janeiro, e voz influente na campanha contra Getúlio,<sup>288</sup> junto com o major Rubens Florentino Vaz sofreram um grave atentado a bala em frente ao edifício Albervânia, no qual morava Lacerda no décimo andar. O major Vaz não resistiu aos ferimentos e faleceu. Segundo Carlos Lacerda, Rubem Vaz acabou sendo abatido porque se tratava de uma estratégia dos criminosos profissionais atirarem primeiro no acompanhante do alvo principal, pois poderia se tratar de um guarda-costas<sup>289</sup>. O agressor portava uma arma calibre 45, muito pesada e que diminui muito a precisão do tiro. Para Lacerda, o peso da arma foi decisivo para que a bala lhe atingisse o pé, fato que só pode perceber minutos depois do tiro.<sup>290</sup> Na ocasião, membros da guarda pessoal de Vargas haviam sido acusados.

O motivo secreto do atentado, segundo Skidmore, foi o desgaste sofrido por Vargas devido aos ataques de Lacerda. Esses ataques acabaram por mobilizar forças leais ao presidente que resolveram ‘cuidar de Lacerda com as próprias mãos’. O General Mendes de Moraes e o Deputado Federal Euvaldo Lodi “sugeriram a Gregório Fortunato, chefe da guarda presidencial do palácio, que seu dever era ‘cuidar’ de Lacerda”.<sup>291</sup> Gregório, vendo que era o momento de prestar um grande serviço ao presidente, providenciou o pistoleiro profissional encarregado do atentado.<sup>292</sup>

Lacerda sabia dos riscos que corria a sua vida e por isso vivia ‘guardado de dia e de noite’ por homens de confiança, principalmente pelo contingente de jovens oficiais voluntários da Aeronáutica, ele mesmo já havia sofrido vários atentados.<sup>293</sup> Todavia, o impacto desse atendo serviu de estopim para que Lacerda acirra-se sua guerra contra Vargas.

---

<sup>287</sup> Ao longo dos anos, suas campanhas contra a esquerda, contra pseudo ditadores e lamentáveis oponentes o deixaram com uma bala (no pé) e três graves espancamentos, ele foi preso nove vezes, perseguido por dois anos e exilado um ano.

<sup>288</sup> YOUNG, Jordan. Brasil: 1954/1964: *Fim de um ciclo civil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1973, tradução: Milton Persson, pp. 26.

<sup>289</sup> LACERDA, *op cit*, p 132-135.

<sup>290</sup> Idem

<sup>291</sup> SKIDMORE, *op cit*, pp 175-176

<sup>292</sup> Idem

<sup>293</sup> Idem.

No trecho seguinte da reportagem, TIME atribui a Lacerda não apenas a condução do processo de derrubada de Vargas, mas a responsabilidade pelo famoso suicídio:

In 1954 he led a fire-breathing editorial attack on corruption that eventually drove President Getúlio Vargas to suicide.<sup>294</sup>

Conforme Ana Maria Laurenza, “o suicídio de Vargas não passaria despercebido nos Estados Unidos, país que lhe deu o contraponto da política nacionalista utilizada em seus discursos para amaciar a oposição às reformas estruturais da política econômica adotada no pós-guerra”.<sup>295</sup> A morte de Vargas foi noticiada por TIME em sua edição de 06 de Setembro de 1954. Foram duas reportagens com os seguintes títulos: *Goodbye to a Gaúcho* (Adeus para um Gaúcho) e *Week of Rioting* (Semana de tumulto)<sup>296</sup>. Na primeira, TIME chamou atenção para os ataques de Lacerda contra Vargas. Lembrando que em sua edição de 1940, Vargas foi destaque de capa com o título *Southern Friends*. No entanto, na segunda reportagem, TIME apontou os problemas relacionados à política brasileira, entendida como violenta pela revista e ainda comparou a figura de Vargas com a Adolf Hitler!

Fiery discontent ripped Brazil's violent politics wide open last week. After months of strikes, army and air force threats, ceaseless newspaper attacks and congressional roars for the impeachment of President Getulio Vargas, the proud old (71) Gaúcho who had ruled Brazil for 18 of the past 24 years was toppled from office by the chiefs of the armed forces. Then, in a last, fateful act of Hitler-like defiance, he killed himself, leaving behind a bitter, eloquent testament heaping all blame for his failure—and Brazil's plight—on a wicked combination of his domestic enemies and "international financial groups."<sup>297</sup>

Segundo o próprio Lacerda, o suicídio de Vargas surpreendeu a todos, inclusive ele que, logo após o incidente, saiu com sua esposa para arejar a cabeça e durante o percurso decidiu parar no colégio Santo Inácio – localizado na Rua Clemente -, entrou na Igreja e rezou pela alma de Vargas de forma comovida.<sup>298</sup>

---

<sup>294</sup> Em 1954, ele conduziu um incendiário ataque eleitoral de corrupção que conseqüentemente levou o presidente Getúlio Vargas ao suicídio.

<sup>295</sup> LAURENZA, *op cit*, p.130.

<sup>296</sup> Ambas as reportagens estão disponíveis na íntegra no próprio site da revista:

<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,820093-2,00.html> (acessado em 02/2008)

<sup>297</sup> TIME, 06/09/1954. “Um ardente descontentamento rachou de alto a baixo, na semana passada, a violenta política do Brasil. Ao cabo de meses de greves, ameaças do Exército e da Aeronáutica, incessantes ataques da Imprensa e brados do Congresso a favor do impedimento do presidente Getúlio Vargas, o velho (71) e orgulhoso gaúcho que governou o Brasil durante 18 dos últimos 24 anos foi deposto do cargo pelos chefes das Forças Armadas. E então, num gesto de desafio semelhante ao de Hitler, derradeiro e fatal, matou-se, deixando um testamento rancoroso e eloqüente, no qual amontoa toda a culpa pelo malogro – e pela situação angustiosa do Brasil – numa maligna combinação dos seus inimigos políticos internos e fé ‘grupos financeiros internacionais’”. (tradução de Antonio Callado, in: Dr. Getulio, sua vida e glória, prefácio – Dias Gomes e Ferreira Gullar, peça teatral, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, s/n). Citado por LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *op cit*, pp. 138.

<sup>298</sup> LACERDA, *op cit*, pp. 147

Lacerda, ao lado de muitos opositores, comandou a campanha contra Vargas. As contradições de sua história de vida podem ser percebidas claramente em seu livro *Depoimento*. Segundo ele, um dia antes do suicídio ele havia sugerido para que Café Filho assumisse imediatamente a República, afinal de contas ele era ‘o vice-presidente eleito, e presidente existe para essas ocasiões’.<sup>299</sup> Exatos oito anos depois, com Jango, ele não pôde dizer o mesmo.

Observando a linha cronológica, TIME noticiou que no ano seguinte à morte de Vargas, Lacerda reiniciava seus ataques na direção de Juscelino, apoiado pelo partido de Vargas. Situando Lacerda como golpista, a reportagem lhe atribuiu a articulação política que tentou impedir a posse do então presidente eleito. Mencionando a ocorrência de um contragolpe por parte de oficiais legalistas, frustrava-se o plano de Lacerda:

The following year, when Juscelino Kubitschek got himself elected President with the help of Vargas’ party, Lacerda fomented a coup to prevent Kubitschek from taking office; only a countercoup by loyal army officers upset the plot.<sup>300</sup>

Lacerda, através da *Tribuna de Imprensa*, publicou um violento editorial contra Kubstichek, no qual convocava as forças armadas para evitar a posse do novo presidente. No dia seguinte, o cenário de guerra estava armado, pois trouxe à cena outros oficiais contrários ao editorial. Jordan Young identificou naquele momento a ocorrência de ‘dois golpes de Estado’.<sup>301</sup> Com o vice-presidente Café Filho internado após um grave ataque cardíaco, o presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Coimbra Luz, assumiu as funções de presidente. O então Ministro da Guerra, General Teixeira Lott, pediu para que o presidente em exercício, Carlos Luz, punisse o coronel Jurandir Mamede por ter incitado publicamente o cancelamento das eleições de Juscelino. Tendo o seu pedido não atendido por Luz, Lott se demitiu do cargo. Na manhã do dia seguinte, em 11 de novembro de 1955, Lott convencido que Carlos Luz faria de tudo para impedir a posse de Juscelino, “efetuou aquilo que ele (Lott) chamou de ‘golpe preventivo’, ou contragolpe”.<sup>302</sup> O general, junto com forças leais às suas ordens, depôs o presidente em exercício, Carlos Luz. Como consequência, o próprio Luz, o coronel Mamede e Carlos Lacerda fugiram para o exílio a bordo do cruzador *Tamandaré*. Segundo Moniz Bandeira, ‘o imperialismo norte-americano reagiu com certa perplexidade e vacilação’.<sup>303</sup> O

---

<sup>299</sup> Idem

<sup>300</sup> O ano seguinte, quando Juscelino Kubitschek conseguiu se eleger presidente com a ajuda do partido de Vargas, Lacerda fomentou um súbito golpe para impedir a posse de Juscelino; somente um contragolpe de leais oficiais do exército frustraram a conspiração.

<sup>301</sup> YOUNG, *op cit*, pp. 38

<sup>302</sup> YOUNG, *op cit*, pp 38

<sup>303</sup> BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973, pp. 374.

*The New York Times* ‘elogiou o espírito democrático e o sentimento patriótico do exercito brasileiro que se mobilizou, sob o comando do general Lott, para fazer respeitar a vontade das urnas’. Dias depois esse mesmo jornal ponderava “que se há de prevalecer a democracia na América Latina, deve ser mediante eleições limpas e secretas, que sejam respeitadas, agrade ou não a alguém o vencedor”.<sup>304</sup> Anos depois, Lacerda disse que havia mesmo sugerido uma alteração profunda daquela lei eleitoral; sugeriu uma ampla reforma no país e, sobretudo, o adiamento das eleições; “*tudo para destigmatizar a opinião pública, deixar que ela voltasse a normalidade, para que esquecesse um pouco a tragédia do suicídio de Getúlio (...)*”.<sup>305</sup> Na manhã do mesmo dia 11 de novembro nos conta Lacerda que seu vizinho, conhecido como Vitorino, batia na porta de sua casa, na famosa Rua Toneleiro, e disse-lhe: “*Olha, está tudo liquidado, tudo acabado! Você trate de salvar a sua vida! Eu estou lhe avisando como vizinho e como amigo!*”<sup>306</sup> Segundo Jordan Young, ‘enquanto o *Tamandaré* zarpava do porto do Rio de Janeiro, baterias do Forte de Copacabana abriram fogo, mas sem lhe causar danos.’<sup>307</sup>

Prosseguindo a cronologia do ‘derrubador de presidentes’, termo que Lacerda sempre renegou, TIME notificou o duelo com Jânio Quadros, quando este ainda era governador de São Paulo. A reportagem destacou os termos ‘paranóico’, ‘assassino’ e ‘nazista’ atribuídos ao rival político Jânio, o que acentuou ainda mais a personalidade agressiva de Lacerda:

All the while, Lacerda was blistering Jânio Quadros, then governor of São Paulo, whom he called “a paranoid”, “a delirious virtuoso of felony”, “the Brazilian version of Adolf Hitler”.<sup>308</sup>

Os termos ácidos que Lacerda dirigiu a Jânio datam de suas brigas política nos anos 50 e que foram amplamente publicadas no *Tribuna de Imprensa*. Lacerda publicava outros termos com equivalente grau ofensivo à pessoa de Jânio Quadro. Era geralmente chamado de ‘demagogo caspento’, ‘sujo por dentro e por fora’ e outros termos.<sup>309</sup> Logo em seguida, e tornando a desenvolver a tese da personalidade contraditória do político Lacerda, a reportagem notificou a breve trégua ocorrida com Quadros em 1960:

The two called off the feud long enough to cooperate in the 1960 elections, Quadros winning the president and Lacerda the Guanabara governorship.<sup>310</sup>

---

<sup>304</sup> Idem

<sup>305</sup> LACERDA, *op cit*, 157

<sup>306</sup> LACERDA, *op cit*, 160

<sup>307</sup> YOUNG, *op cit*, pp 38

<sup>308</sup> O tempo todo, Lacerda devastou Jânio Quadros, então governador de São Paulo, a quem ele chamou de “um paranóico”, “um frenético criminoso”, “a versão brasileira de Adolf Hitler”.

<sup>309</sup> CABRAL, Castilho. *Tempos de Jânio e outros Tempos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1962, pp. 61.

<sup>310</sup> Os dois encerraram a longa rinha para cooperar na eleição de 1960, Quadros venceu a presidência e Lacerda o governo da Guanabara.

A aproximação ocorreu antes do início da campanha dos dois. Lacerda foi procurado pelo deputado Roberto Abreu Sodré, ainda em 1959, propondo-lhe o encontro com Jânio. Lacerda, de forma resistente, respondeu-lhe que ‘se brigasse pela honra de sua mãe, jamais faria as pazes’, no entanto, naquele momento, Lacerda ‘brigava por interesses públicos’ e, sendo assim, ‘se brigava por interesses públicos, faria as pazes por interesse público’.<sup>311</sup> O local do encontro foi no apartamento de Roberto Sodré, na praia de São Vicente. Conta Lacerda que ao chegar ao apartamento, Jânio Quadro já estava lá e imediatamente se levantou dizendo: “*Oh, meu amigo, que feliz reencontro!*”. Após sentarem-se, Jânio prosseguiu: “*Você sabe que sou um udenista sem carteira partidária*”. Justificando sua candidatura para Lacerda, Quadros indicou sua posição: “*Não quero assumir compromissos partidários, quero ser um candidato popular*”. Lacerda disse-lhe que concordava com aquela postura assumida, pois ia de encontro aos princípios que seu partido, a UDN. Finalmente, Lacerda celebrava a trégua com Jânio dizendo-lhe: “*Se fizer no Brasil o governo que, dizem, você fez em São Paulo, já fico satisfeito*”.<sup>312</sup>

Por tratar-se de uma reportagem que abordou a trajetória biográfica de Lacerda ainda que de forma resumida, o salto nas informações abreviou o tempo histórico. No trecho anterior, houve menção do acordo político *Lacerda-Quadros*, no entanto, logo em seguida, a reportagem passou uma noção de tempo muito curto e fatos ainda mais abreviados. Ao lermos a seqüência da reportagem, temos a sensação que a mudança de posição de Lacerda se deu de forma repentina e brusca. Segundo TIME, Quadros mal assumiu o governo para que o ‘martelo’ começasse a trabalhar contra ele:

No sooner was Quadros in office, however, than Lacerda was at him again, ripping Quadros for his left-leaning foreign policy and accusing him of attempting to set up a dictatorship. Most Brazilians think that Lacerda's attacks led the erratic Quadros to resign after barely seven months in office.<sup>313</sup>

Lacerda em seu livro, *Depoimento*, diz que nunca escondeu sua insatisfação com o governo Jânio Quadros. A insatisfação era de ordem política e econômica, porém não afetando de modo algum a amizade entre os dois. Meses antes da renúncia, a convite de Jânio Quadro, ambos tiveram um longa conversa no Palácio das Laranjeiras, e cujo conteúdo assustou muito a Carlos Lacerda. O então governador da Guanabara foi questionado pelo então presidente da República sobre ‘em quais condições ele conseguia administrar o Estado

---

<sup>311</sup> LACERDA, *op cit* pp. 202.

<sup>312</sup> Idem

<sup>313</sup> Quadros, mal estava no cargo para Lacerda recomeçar, rechaçou Quadros por sua política externa de esquerda e o acusou de instalar uma ditadura. A maioria dos brasileiros acha que os ataques de Lacerda levaram o excêntrico Quadros a renunciar depois de apenas seis meses no cargo.

da Guanabara’ e, logo após, ‘prossequindo sua conversa extremamente estranha’<sup>314</sup>, começou a criticar o trabalho dos demais governadores da União e concluiu dizendo: “*Eu tenho a impressão que vai ser muito difícil governar o Brasil com esse congresso*”.<sup>315</sup>

O afastamento de Jânio não se deu através da famosa condecoração do Cruzeiro do Sul dada a Che Guevara, foi algo processual, segundo Lacerda.<sup>316</sup> O problema teve início poucos dias antes da renúncia, quando Lacerda foi alertá-lo que renunciaria ao governo da Guanabara caso os ajustes e mudanças estruturais prometidos na campanha não fossem feitos logo.<sup>317</sup> Naquele mesmo dia, a pedido de Jânio, Lacerda teve uma nova conversa de conteúdo não muito claro com o Ministro da Justiça Pedroso Horta.<sup>318</sup> A única coisa que parecia clara para Lacerda era a existência de uma articulação que se tornou famosa entre o Brigadeiro Moss, Marechal Denys e o Almirante Silvio Heck.<sup>319</sup> A seqüência dos fatos prosseguiu com as duras críticas de Lacerda, na televisão, dirigidas contra Jânio, cuja renúncia não era esperada por Lacerda.<sup>320</sup> No dia 25 de agosto de 1961, Lacerda, sem esperar, recebia a informação da renúncia por telefone através do Ministro da Justiça, Oscar Pedroso Horta que disse-lhe: “*Estou apenas lhe comunicando, em nome do Presidente da República Jânio Quadros, que acabo de entregar ao Congresso a carta de renúncia do presidente*”.<sup>321</sup>

Contradizendo TIME – que atribui a Lacerda a participação direta na renúncia -, o próprio ex-governador da Guanabara informou: “*A renúncia foi uma surpresa para mim porque, entre outras coisas, eu não acreditava nela*”.<sup>322</sup> Porém, numa antiga conversa, Jânio havia lhe revelado uma profunda admiração por Nasser, Perón e Castro.<sup>323</sup> Em seu *Depoimento*, Lacerda diz que ao saber da carta de renúncia, ele acabou se lembrando desse encontro com Jânio e teve uma surpresa ao relacionar a atitude do presidente do Brasil com as três personalidades citadas.<sup>324</sup> Segundo Lacerda, “*Nasser, depois do fracasso da primeira e da segunda guerra com Israel, renunciou e voltou ditador; Peron renunciou e voltou ditador, mais do que antes; Fidel Castro renunciou e voltou ditador. Então pensei, é a mesma manobra! O que ele quer e provocar pânico no país.*”<sup>325</sup>

---

<sup>314</sup> LACERDA, *op cit*, p 241

<sup>315</sup> Idem

<sup>316</sup> LACERDA, *op cit* p 248

<sup>317</sup> Idem

<sup>318</sup> Idem

<sup>319</sup> Idem

<sup>320</sup> Idem

<sup>321</sup> Lacerda, *op cit*, pp 260.

<sup>322</sup> Lacerda, *op cit*, pp 261

<sup>323</sup> Idem

<sup>324</sup> Idem

<sup>325</sup> Idem

### 2.3.3 - INIMIGOS DA LIBERDADE

*Enemies of Liberty* foi o subtítulo que a reportagem deu ao parágrafo dedicado a guerra política entre Lacerda e Goulart.

Of all the anvils, none rings louder than Goulart, whom Lacerda regards as a potential tyrant and “the most dangerous politician in Brazil”.<sup>326</sup>

Por outro lado, Lacerda sempre fez inferências de que conhecia a fundo seu mais duro adversário. Em seu *Depoimento*, de forma irônica, enaltecia a competência de Goulart dizendo que antes de tudo, era preciso compreender um pouco do temperamento do ex-presidente, pois ‘*ele tinha o gosto do poder (...), mas não era o gosto para fazer as coisas, era o poder pelo poder, era o poder de beneficiar os amigos, era o poder para fazer cosquinhas nos adversários, era o poder, enfim, que eu chamo de provinciano*’.<sup>327</sup>

Goulart foi considerado pela reportagem como a maior bigorna que Lacerda martelou. TIME tentou apresentar a trajetória opositora de Lacerda para quem Goulart era o verdadeiro inimigo da liberdade graças à proposta de reatamento dos laços diplomáticos com a Rússia, o que motivou a ira de Lacerda. A reportagem recuperou a imagem do Lacerda golpista, lembrou a conturbada posição do governador da Guanabara em relação à posse de Goulart logo após a renúncia de Jânio:

When Quadros resigned, Lacerda called openly for a military coup to prevent Vice President Goulart from taking office. “We cannot allow the enemies of liberty to exploit liberty for its destruction”, he cried. When Goulart in office agreed to renew diplomatic relations with Russia, Lacerda thundered Communist.<sup>328</sup>

Para Lacerda, a crise da legalidade que visava a posse de Goulart acabou sendo deturpada pela História. ‘Por incrível que pudesse parecer’, Lacerda escreveu que a sua primeira decisão ‘foi reunir seu secretariado’ para elaboração do seu pronunciamento em favor da posse.<sup>329</sup> Dizia que a culpa não era deles (UDN) ‘se o povo elegeu João Goulart’, achava muito importante ‘empossá-lo’ e na seqüência ‘vigia-lo’ para depois ‘combatê-lo’.<sup>330</sup> Mais a frente, se ele vacilasse, poderia ser derrubado, afinal de contas ‘não era a primeira vez

---

<sup>326</sup> De todas as bigornas, nenhuma soou mais alto do que Goulart, que Lacerda considera como um virtual tirano e o mais perigoso político do Brasil.

<sup>327</sup> LACERDA, *op cit*, p 269

<sup>328</sup> Quando Quadros renunciou, Lacerda chamou abertamente por um golpe militar para prevenir que o vice-presidente Goulart tomasse posse. “Não podemos permitir que os inimigos da liberdade se aproveitem da liberdade para destruí-la”, suplicou. Quando Goulart, já no cargo, concordou em renovar as relações diplomáticas com a Rússia, Lacerda ameaçou-o de comunista.

<sup>329</sup> LACERDA, *op cit*, pp. 267

<sup>330</sup> Idem

aquilo que tudo acontecia’.<sup>331</sup> Nos conta Lacerda que ‘levou um susto’, porque a fórmula do parlamentarismo não mais era do que uma solução falha, *‘que não iria funcionar e que serviria apenas para dar posse ao Jango, que depois passaria para o regime presidencialista de novo e a ditador’*.<sup>332</sup> Desse ponto em diante, Lacerda, de fato, passou a combater João Goulart.<sup>333</sup>

A reportagem notificou a ocorrência de um desespero por parte de Lacerda em torno da questão da vitória do plebiscito, nesse caso em 1963:

When, despite Lacerda’s opposition, a plebiscite finally gave Goulart full constitutional powers, Lacerda charged that “the mission of the new Cabinet is to hand Brazil over to Russia”.<sup>334</sup>

Para Lacerda *“aquele presidencialismo que estava ali era evidentemente falso e postiço; o povo não se sentia governado e o problema foi se agravando no país porque aquilo não era governo, não funcionava. O Jango ganhou a batalha do plebiscito e voltou o presidencialismo”*.<sup>335</sup>

Poucos meses antes, em fins de agosto de 1963, o plano Bell/Dantas, que consistia num programa de ajuda ao Brasil por parte dos Estados Unidos foi suspenso por influência do então embaixador Lincoln Gordon.<sup>336</sup> Após o reexame desse plano, Gordon inverteu o critério para os empréstimos, eles deixariam de ser concedidos a ‘programas’ para serem concedidos a ‘projetos’.<sup>337</sup> Em outras palavras, seria uma substituição de investimentos macroeconômicos por microeconômicos, sendo que toda ajuda financeira seria destinada aos Estados e municípios do país, as chamadas “ilhas de sanidade” de Lincoln Gordon.<sup>338</sup> Apesar da crítica de alguns governadores, como Miguel Arraes - este que reclamava desfavorecimento e ausência de atenção para sua região, numa crítica à ajuda destinada aos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro -, Lincoln Gordon ‘neutralizou as farpas’ informando que os empréstimos eram tratados com os governos municipais e estaduais, porém, ‘todos os empréstimos requeriam a aprovação do governo’.<sup>339</sup>

---

<sup>331</sup> Idem

<sup>332</sup> LACERDA, *op cit*, pp. 268

<sup>333</sup> Idem

<sup>334</sup> Quando, apesar da oposição de Lacerda, um plebiscito finalmente dava total poder constitucional a Goulart, Lacerda exortou que: “a missão do novo gabinete é entregar o Brasil completamente à Rússia”.

<sup>335</sup> LACERDA, *op cit*, idem

<sup>336</sup> PARKER, Phyllis R. *op cit*, pp 70.

<sup>337</sup> Idem

<sup>338</sup> Idem

<sup>339</sup> PARKER, *idem*.

O bloqueio de um desses empréstimos citados acima, e que havia sido contraído por Lacerda, foi mencionado na reportagem como uma forma de represália que Goulart havia encontrado naquele momento para conter os ataques do governador da Guanabara:

In reprisal against Lacerda's attacks, Goulart withheld federal funds voted by Congress for Lacerda's state, blocked a \$4.000.000 aid agreement between the U.S. and the state.<sup>340</sup>

O grande erro de Goulart, segundo Lacerda foi este: 'começar a agitar o país'.<sup>341</sup> Para o então Governador do Estado da Guanabara 'quem está no poder deve se preocupar com a manutenção da ordem, 'deve ser o último a querer a desordem', afinal de contas não tem nada a lucrar com isso. Para Lacerda, se João Goulart tivesse mantido a ordem no país 'poderia até conseguir algumas reformas que desejasse promover'.<sup>342</sup>

Talvez a questão pudesse ser essa: como manter a ordem em meio ao caos?

O caso da tentativa de seqüestrar Lacerda, discutido na reportagem de 18 de novembro de 1963, foi recuperado no trecho abaixo.

The fight has gone beyond mere words. A month ago, a group of pro-Goulart military men staged an abortive attempt to kidnap Lacerda.<sup>343</sup>

A reportagem prosseguiu com a persistente briga política e pessoal entre Goulart e Lacerda. Notificou que Goulart passou a operar de forma mais sutil, utilizou-se da máquina do Estado para atingir seus objetivos contra Lacerda.

Now Goulart is working more subtly. To undermine Lacerda's ability to protect himself and to provide normal state services, Goulart has opened federal police ranks to draw away all he can of the governor's lower-paid keepers of public order. Despite hurry-up wage boosts by Lacerda, 70% of the state's militiamen civil police and even firemen have applied for transfer to Goulart's payroll.<sup>344</sup>

Retomando o tom pessimista em relação a violência política do Brasil, Time finalizou a reportagem aguardando mais incidentes:

It looks like a fight to finish between Brazil's president and the governor of its most important state. Brazil will be lucky if the issue is eventually settled at the ballot box. More violent settlements remain a possibility.<sup>345</sup>

<sup>340</sup> Em represália contra os ataques de Lacerda, Goulart reteve o capital federal votado pelo congresso ao Estado de Lacerda, bloqueou \$4.000.000 de acordo de ajuda entre os Estados Unidos e o Estado da Guanabara.

<sup>341</sup> LACERDA, *op cit* pp 270.

<sup>342</sup> *Idem*

<sup>343</sup> A luta foi além das meras palavras. Um mês atrás, um grupo de militares pró-Goulart ensaiaram uma tentativa fracassada para seqüestrar Lacerda.

<sup>344</sup> Agora Goulart está trabalhando mais sutilmente. Para debilitar a habilidade que Lacerda tem para proteger-se e providenciar serviços regulares do Estado, Goulart abriu postos da polícia federal para arrancar tudo que ele puder dos mal pagos guardiões da ordem pública. Apesar da pressa de Lacerda em aumentar os salários, 70% da polícia civil do Estado e até bombeiros solicitaram transferência para a folha de pagamento de Goulart.

<sup>345</sup> Parece uma luta sem fim entre o Presidente do Brasil e o governador do seu mais importante Estado do Brasil. A situação só irá melhorar se o assunto eventualmente resolver-se nas urnas. Novas decisões truncadas permanecem como uma possibilidade.

### 2.3.4 – LACERDA E ANDREW HEISKELL

Essa reportagem ocorreu entre dois momentos distintos e muito contraditórios de Lacerda em relação ao grupo TIME-LIFE. O primeiro momento foi em 1955 quando, durante seu exílio nos Estados Unidos, Lacerda manteve estreitos laços de amizade com Andrew Heiskell<sup>346</sup>, o terceiro homem do alto escalão de TIME - ficava abaixo apenas de Roy E. Larsen, *Chairman Executive Committee*, e de Henry Luce! Heiskell ocupou o cargo mencionado entre 1950 e 1970. Nos anos 70, tornou-se presidente do *Conselho Executivo* do grupo TIME-LIFE.<sup>347</sup>

Heiskell e sua esposa, a atriz Madeleine Carroll - uma flor de pessoa, segundo Lacerda – intermediaram o aluguel de um imóvel para ele e sua família durante seis meses de exílio nos EUA<sup>348</sup>. A casa ficava na cidade de Norwalk, em Connecticut. A família de Lacerda costumava passar os finais de semana na casa de praia de Heiskell, perto de Nova York, a convite do executivo americano. Lacerda, nos conta em seus *Depoimentos*, que durante a noite de Natal nos EUA ‘Carrol e Andrew, como bons americanos (...) passaram a noite de Natal desentupindo a máquina de lavar pratos’, pois ele, Lacerda, ‘era uma negação para tudo o que se chama know-how’.<sup>349</sup>

O segundo momento acentua a contradição, pois está localizado cerca de três anos após a reportagem. Em 1966, Lacerda e João Calmon conduziram um incendiário ataque aos contratos suspeitos entre a Rede Globo e o grupo TIME-LIFE (vide capítulo 1). Lacerda, em seus *Depoimentos*, informou que foi seu amigo, Andrew Heiskell, ‘quem negociou com Roberto Marinho o acordo do TIME-LIFE com a TV Globo’.<sup>350</sup>

---

<sup>346</sup> LACERDA, *op cit*, pp 172-173

<sup>347</sup> CLURMANN, Richard. *Até o fim da Time*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

<sup>348</sup> LACERDA, *op cit* idem

<sup>349</sup> Idem

<sup>350</sup> Idem

## 2.4 - APÊNDICE - UMA NOTA SOBRE A MORTE DE KENNEDY – UM NOVO OLHAR SOBRE O BRASIL?

[Gordon] – Creio que uma de nossas tarefas mais importantes consiste em fortalecer a espinha militar. É preciso deixar claro, porém com discrição, que não somos necessariamente hostis a qualquer tipo de ação militar, contanto que fique claro o motivo.

— Contra a esquerda – cortou Kennedy.

— Ele está entregando o país aos...

— Comunistas – complementou o presidente.

— Há vários indícios de que Goulart, contra sua vontade ou não

[inaudível]...<sup>351</sup>

Essa conversa foi realizada em 30 de julho de 1962 quando o presidente Kennedy inaugurava um sistema de gravações clandestinas das suas reuniões no Salão Oval da Casa Branca<sup>352</sup>. Naquele encontro, Gordon informou a Kennedy sobre a hipótese de que um golpe militar no Brasil ‘estava no baralho’, no entanto, mesmo contrário à deposição de Goulart, ele não queria abrir mão dessa ‘carta’.<sup>353</sup> A decisão do presidente após essa conversa foi a de reforçar a base militar da embaixada brasileira. A expectativa após essa conversa era que um regime comunista poderia se instalar no Brasil ao longo de 1963, e, nas palavras de Kennedy: “Do jeito que o Brasil vai, daqui a três meses o Exército pode vir a ser a única coisa que nos resta”.<sup>354</sup>

De acordo com Elio Gaspari ‘o dispositivo militar dos americanos começou a ser montado em julho de 1962 no já citado Salão Oval da Casa Branca pelo presidente Kennedy.’<sup>355</sup> As hipóteses sobre a possibilidade de uma invasão comunista no Brasil ganhavam força em 1963 e alarmavam ainda mais Lincoln Gordon. Para o embaixador ‘parecia cada vez mais claro o objetivo de Goulart se perpetuar no poder através de golpe como o de Vargas em 1937’.<sup>356</sup> O embaixador apoiava suas opiniões sobre Goulart desde o inimigos mais diretos como Juracy Magalhães – grande aliado de Lacerda – até pessoas de sua intimidade como o jornalista Samuel Weiner, no entanto, as sínteses que Lincoln Gordon produzia com bases nessas informações escondiam certo desespero por parte do embaixador,

<sup>351</sup> Timothy Naftali (ed), *The presidential recordings – John F. Kennedy*, vol 1: *July 30-August 1962*, pp. 5-25. Transcrito na reportagem de Carlos Haag, “Todos os tapes do presidente”, *Valor*, 19 de outubro de 2001, trecho extraído de GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada – As ilusões armadas*. São Paulo, Cia. das Letras, 2002, p. 60.

<sup>352</sup> “Entre 1940 e 1973 todos os presidentes americanos gravaram conversas que tiveram na Casa Branca. Alguns como Franklin Roosevelt e Harry Trumann, fizeram poucos registros. Kennedy foi o primeiro a gravá-las extensivamente. Entre julho de 1962 e sua morte, em (outubro) de 1963, deixou pelo menos 248 horas de reuniões e doze conversas telefônicas”, trecho extraído de GASPARI, Elio. *op cit*, p. idem.

<sup>353</sup> GASPARI, Elio. *op cit*, p. 60.

<sup>354</sup> Idem

<sup>355</sup> GASPARI, Elio. *op cit*, p. 97-98.

<sup>356</sup> Idem

este que chegava a produzir sentenças como essa: “*Se Deus é brasileiro, Goulart terá uma recaída do problema de infarto que sofreu em 1962*”.<sup>357</sup>

A frase acima foi transmitida ao Departamento de Estado através de um telegrama do embaixador em 21 de agosto de 1963, e tomava como referência uma isquemia que Goulart tivera durante uma visita ao México.<sup>358</sup> Esse telegrama causou forte impacto no meio burocrático do governo Kennedy, principalmente em Washington. Durante o Estado de Caos pelo qual passava o país nos meses de Setembro e Outubro de 1963, o Departamento de Estado norte-americano passou a elaborar uma proposta de curto prazo baseado numa ação política para o Brasil incluindo um programa de ‘penetração clandestina no meio militar’ e ainda recomendava “*o apoio e imediato reconhecimento de qualquer regime que os brasileiros estabeleçam para substituir Goulart*”.<sup>359</sup> Ainda em Outubro, o serviço de estimativas da CIA ‘achavam que não era mais apropriado estimar a permanência de Goulart até o final de seu mandato’<sup>360</sup>, e, conforme Elio Gaspari, ‘também propunham o reconhecimento do regime que viesse e emergir de um golpe’, “*desde que ele pareça razoavelmente instalado*”.<sup>361</sup> Lembrando que todas essas articulações ocorreram ainda no período de Kennedy.

Em 22 de novembro de 1963 - exatos quatro dias após o famoso pronunciamento de Julio Mesquita Filho à imprensa de Miami, onde alertou sobre os risco do governo João Goulart e uma guerra nuclear -, o presidente John F. Kennedy era assassinado em Dallas, no Texas. O impacto foi tão grande que desviou todas as atenções locais para os EUA. O fato foi classificado como *Golpe de Estado norte-americano*, pelo jornal *O Semanário* – segundo Moniz Bandeira, um órgão da corrente nacionalista.<sup>362</sup> Para Oswaldo Costa “...a única diferença entre um golpe no estilo latino-americano e um golpe no estilo ianque é que, na

---

<sup>357</sup> Idem

<sup>358</sup> Telegrama 373, de 21/08/1963 do embaixador Lincoln Gordon ao Departamento de Estado, BJFK, arquivo de Kennedy, citado em GASPARI, Elio. *op cit.*, nota 49, p. 98

<sup>359</sup> *Proposed Short Term Policy: Brazil*, 12 páginas do Departamento de Estado, de 30/09/1963, BJFK, citado em GASPARI, Elio., *op cit.*, p. 98, nota 50.

<sup>360</sup> Cinco páginas do *Office of National Estimates*, Central Intelligence Agency, de 18/10/1963, BJFK, citado em GASPARI, Elio., *op cit.*, p.98, nota 51.

<sup>361</sup> *Comissão de Política Latino-Americana – Política de Curto Prazo Aprovada para o Brasil*, da Central Intelligence Agency, de 11/10/1963, em “O testamento de Kennedy para Jango”, de Rosenthal Calmon, *Jornal do Brasil*, 27/11/1988, Caderno B Especial, pp.4-6, citado em GASPARI, Elio., *op cit.* P. 98, nota 52.

<sup>362</sup> *O Semanário*, RJ, nº. 362, 5 a 11/12/1963, “O Golpe norte-americano”, artigo assinado por Oswaldo Costa, e citado em BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973, p. 462.

*América Latina, os Chefes de Governo são depostos e, nos Estados Unidos, são assassinados”*.<sup>363</sup>

Segundo Moniz Bandeira, as orientações do governo de Kennedy descontentavam diversos setores da economia e da política americana, principalmente aqueles claramente identificados com ‘a direta dos EUA’, entre eles a associação *Americanos da Ação Democrática*, diretamente financiada pela CIA<sup>364</sup>. Sérgio Magalhães, então presidente na FPN, e ex-candidato ao governo da Guanabara, observava que o atentado em Dallas não resolveria os impasses da direita americana, dividida em duas alas, a moderada e a exaltada - o problema iria continuar ainda por muito tempo. Sérgio Magalhães advertia o povo brasileiro para que não ficasse na mera expectativa dos acontecimentos, e antevia “*a ameaça de uma ofensiva sem precedentes contra a soberania dos países latino-americanos*”<sup>365</sup>, e concluiu sua previsão das conseqüências da futura e bem próxima política externa norte-americana: “*...será o golpe nas nossas instituições para facilitar os acordos anti-nacionais e calar a voz dos nacionalistas*”.<sup>366</sup>

Kennedy, apesar dos constantes pronunciamentos contrários a deposição de governos democráticos, não se opôs às quedas de Arturo Frondizi da Presidência da Argentina e a de Manoel Prado no Peru.<sup>367</sup> Num artigo publicado no jornal *The New York Times*, de 05 de julho de 2000, com o título ‘Plano do Presidente Kennedy para a paz com Cuba’ (*President Kennedy’s plan for peace with Cuba*), o ex-secretário de Estado assistente para Assuntos Interamericanos durante o governo Kennedy, Richard Goodwin classificou a política americana desse período como ‘um tipo de terrorismo patrocinado pelo Estado’ (*state-sponsored terrorism*).<sup>368</sup> Apesar de aceitar esses golpes como ‘fatos consumados’, Kennedy procurava conter os grupos que reclamavam por ações mais enérgicas, senão mais agressivas de sua administração e, segundo Moniz Bandeira, com a sua morte estava aberto efetivamente ‘o caminho para uma definição’.<sup>369</sup>

Em 13 de Dezembro de 1963, Goulart escreveu uma carta ao presidente Johnson transmitindo os pêsames do Brasil:

---

<sup>363</sup> Idem

<sup>364</sup> SCHLESINGER, Arthur. *Mil dias: John Fitzgerald Kennedy na Casa Branca*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, pp.755-756

<sup>365</sup> Sérgio Magalhães, “*O período crítico*”, in: O Semanário nº. 361, 28/11 a 04/12/1963, citado em BANDEIRA, Moniz. *op cit*, idem.

<sup>366</sup> Idem.

<sup>367</sup> SCHLESINGER, Arthur. *op cit*, p.786

<sup>368</sup> GASPARI, Elio. *op cit*, p. 347 (n)

<sup>369</sup> BANDEIRA, Moniz. *op cit*, pp.144

“A cruel agressão que derrubou seu predecessor deixou-o, para sempre fixado no próprio ato de lutar por causas generosas e aprofundou o compromisso de todos os povos e todos os homens de boa vontade para a construção um mundo novo, livre das preocupações ideológicas já obsoletas do século passado e também independente dos privilégios e interesses inaceitáveis de grupos, castas ou indivíduos especiais. As razões da melhoria de relações entre os povos e do aperfeiçoamento da sociedade humana ficaram fortalecidas pelo lamentável episódio em que o presidente Kennedy perdeu a vida, o presidente Kennedy que imbuiu essas duas missões de um ideal mais alto de justiça, de elevados padrões de irmandade pacífica, e da procura de uma prosperidade que pudesse ser desfrutada por todos, de acordo com os méritos e a necessidade de cada um (...)”<sup>370</sup>

Em resposta a carta de Goulart, Johnson mencionou, em 18 de Dezembro de 1963, o profundo agradecimento e reconhecimento pelo apreço ao povo norte-americano, manifesto na carta do presidente do Brasil, mas não deixou de ressaltar a importância comercial e os objetivos da Aliança para o Progresso, num tom de aparente preocupação com o caso brasileiro. O texto da carta de Johnson veio a público através do *The New York Times* de 23 de dezembro de 1963 <sup>371</sup>:

(...) Problemas de comércio, desenvolvimento e investimento... constituem, naturalmente, motivo de preocupações para nossos dois países. Acredito que todos esses problemas serão solucionáveis se abordados dentro de uma concepção de cooperação internacional em fase de expansão – uma concepção que afasta barreiras desnecessárias ao comércio e investimento cria novas oportunidades para o crescimento econômico. Isso, naturalmente, é de suma importância para o crescimento acelerado dos países menos desenvolvidos (...).<sup>372</sup>

Johnson não deixou de citar o problema específico do Brasil em relação a sua dívida externa:

(...) No caso do Brasil, parece que há uma preocupação imediata com o problema do pagamento de dívidas. Como o governo dos EUA retém apenas uma parte relativamente pequena das obrigações atualmente devidas ou que serão devidas nos próximos anos, uma iniciativa brasileira para reduzir esse problema a proporções viáveis terá que ser dirigida principalmente no sentido de acordos com os credores comerciais, agências e governos internacionais que respondem pelo volume de obrigações. Os Estados Unidos, porém, estão prontos a participar de negociações para conseguir esse objetivo (...).<sup>373</sup>

Johnson concluiu a carta fazendo menção à ‘esplendida tradição’ da liberdade política do Brasil e prenunciou em futuro brilhante para as duas nações que sempre permanecerão juntas:

(...) Sei que o Brasil é dono de uma esplêndida tradição de liberdade e estabilidade políticas e de tolerância social e religiosa... Os notáveis progressos feitos nos últimos 30 anos com a criação no Brasil do maior parque industrial na América Latina, proporcionaram terreno firme para a confiança de que existem todos os

---

<sup>370</sup> Citada em YOUNG, Jordan *op cit*, p.193-194.

<sup>371</sup> Idem

<sup>372</sup> Idem

<sup>373</sup> Idem

elementos para um futuro próximo mais brilhante ainda. Nossos países sempre estiveram juntos, tanto na paz como na guerra, e acredito que a nossa firme cooperação possa fazer uma contribuição vital para o bem-estar de nossos dois povos (...).<sup>374</sup>

Até o momento da morte de Kennedy, as relações entre Brasil e EUA ‘estavam flagrantemente frias’,<sup>375</sup> porém, com assassinato, os brasileiros ficaram profundamente sensibilizados com a situação. As relações entre Kennedy e Goulart foram, na maioria das vezes, difíceis, e ‘o não cumprimento da visita de Kennedy ao Brasil dava margens aos comentários’.<sup>376</sup> Segundo Phyllis Parker, com a morte de Kennedy, um elo era rompido, ‘um fio importante que ligava Goulart aos Estados Unidos estava cortado’.<sup>377</sup> Jango ‘julgava que tinha boas relações com Kennedy e com sua família’, e no mesmo dia do atentado fez questão de comparecer pessoalmente à embaixada para prestar uma homenagem ao presidente morto<sup>378</sup>. Goulart admirava Kennedy, e em sua última visita a Washington, apesar de não indicar uma colaboração consolidada entre os dois países, abrandou o forte antagonismo que o presidente brasileiro tinha para com os EUA assim que regressou ao Brasil.<sup>379</sup> Com morte do Estadista norte-americano, esse elo desaparecia.<sup>380</sup>

---

<sup>374</sup> Idem

<sup>375</sup> YOUNG, Jordan. *op cit*, p.193.

<sup>376</sup> Idem

<sup>377</sup> PARKER, Phyllis. *op cit*, p. 75-76

<sup>378</sup> VILLA, Marcos. *op cit*, p. 147

<sup>379</sup> Idem

<sup>380</sup> Idem

# CAPÍTULO 3

## O ABISMO ECONÔMICO

Dentro do projeto das *Novas Fronteiras* do Presidente Kennedy, a Aliança para o Progresso (Alianza para el Progreso) fazia parte da estratégica política externa dos norte-americanos durante a guerra fria. Tratou-se de um programa de ajuda econômica e social dos EUA para a América Latina realizado mais especificamente entre 1961 e 1970. Em seu discurso de 13 de Março de 1961, durante uma recepção na Casa Branca, o recém eleito presidente Kennedy anunciava sua proposta aos embaixadores latino-americanos. ‘O discurso foi transmitido pela Voz de América em inglês e traduzido em espanhol, português e francês’. A Aliança para o Progresso estava prevista para durar 10 anos<sup>381</sup> e estimava um investimento da ordem de 20 bilhões de dólares. O investidor majoritário seria os Estados Unidos, mas também contaria com a ajuda de diversas organizações internacionais, países europeus e empresas privadas.

Na reunião de Punta del Este, Uruguai, realizada entre os dias 5 a 17 de Agosto de 1961, na sede do Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES) da OEA, foram debatidos detalhadamente os objetivos primordiais da Aliança. As metas e objetivos foram aprovados por todos os países presentes, exceto Cuba. A Aliança trazia consigo uma espécie de retaliação econômica dos EUA em relação à Revolução Cubana. Segundo Schlesinger, ‘tratava-se de uma advertência a Fidel Castro’, os ‘fedelistas e seus aliados comunistas, redobravam os esforços para perturbar a tentativa democrática e chamar para si as energias de transformação’.<sup>382</sup>

A cobertura que a revista TIME deu à *Aliança para Progresso*, desde sua implementação em 1961, foi marcada por uma série de 10 reportagens, sendo que nove delas foram publicadas em tom negativo. A primeira reportagem, *Alliance for Progress*, de 24 de fevereiro de 1961 (apontando detalhes do projeto), foi a única exceção.

Em 16 de março de 1962, durante o primeiro aniversário da *Alliance*, TIME publicou uma matéria comemorativa cujo título, em espanhol, era *Alianza Si', Progreso No*. A reportagem fez um balanço dos investimentos e dos resultados obtidos nos países latino-

---

<sup>381</sup> A Aliança foi extinta em 1969 por Richard Nixon

<sup>382</sup> SCHLESINGER. Arthur Mil Dias. *John F. Kennedy na Casa Branca*, vol. 2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, trad. Waltensir Dutra, pp. 761.

americanos, disse também que a maioria do que havia sido proposto sequer avançou. TIME chamou a atenção para o clima de insatisfação que começava a se instalar na Casa Branca.

Em 10 de agosto de 1962, foi publicada *Troubled Alliance* (Aliança Complicada) com destaque para um deboche de Fidel Castro. No título original em inglês ‘*for Progress*’, o termo inglês *for* foi trazido por Fidel, para o espanhol, como *pára*, dando o sentido de que a ‘*Aliança pára – parava – o Progresso*’.

O ano de 1962 não havia sido um ano mau para as relações internacionais dos Estados Unidos.<sup>383</sup> No entanto, ‘os problemas do hemisfério continuavam intensos’ e, em princípios de 1963, dizia Kennedy; “*Considero a América Latina como a área mais crítica do mundo de hoje*”.<sup>384</sup>

No aniversário de 2 anos da Aliança, TIME publicou, em 22 de março de 1963, a reportagem *Dissatisfaction Down South* (Descontentamento ao Sul). Foi dado destaque ao encontro no Rio de Janeiro entre Juscelino Kubitschek e Alberto Lleras Camargo, os ex-presidentes do Brasil e da Colômbia respectivamente. Segundo a reportagem, ambos se encontraram para discordar de uma série de pontos relativos à ajuda econômica da Aliança aos seus países. A reportagem ironizou Juscelino, disse que ele ‘foi o homem que construiu Brasília no deserto e hipotecou seu país para o futuro’<sup>385</sup> (uma irônica alusão dos 50 anos em 5).

Um mês depois, em 26 de abril de 1963, foi publicado *Everyone's Bank* (O Banco de Todos). A reportagem criticava os empréstimos do jovem BID<sup>386</sup> (*Inter-American Development Bank*) às nações latino-americanas envolvidas com Aliança. O BID foi chamado de pequena versão hemisférica do Banco Mundial.<sup>387</sup>

---

<sup>383</sup> Idem

<sup>384</sup> Idem.

<sup>385</sup> *Kubitschek—the man who started Brasilia in the wilds, and mortgaged his country's present to its future.* TIME, 22/03/1963.

<sup>386</sup> A idéia da criação desse Banco surgiu na I Conferência Pan-Americana, em 1890, mas somente 70 anos depois sua proposta foi posta em prática. O Banco foi criado formalmente em 1959, quando a Organização dos Estados Americanos decidiu redigir o texto final. As primeiras linhas de crédito favoreceram Argentina, Brasil, Chile e México. Para mais detalhes sobre a história do BID, ver: BANCO INTERNACIONAL DE RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO (BID). ‘O Estado num mundo em transformação’. *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial – 1997*. Washington, 1997. Sobre o perfil político-econômico do BID dentro de uma perspectiva crítica, ver: BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. *Reforma do Estado para a cidadania: a reforma gerencial brasileira na perspectiva internacional*. São Paulo: Ed.34; Brasília: ENAP, 1998.

<sup>387</sup> “(...) *Inter-American Development Bank, a sort of hemispheric version of the World Bank* (...)”, in: TIME, 26/04/1963.

Em 03 de maio de 1963, TIME publicou *Troubles & Remedies* (Problemas e Soluções). Foram destacadas as falas de João Goulart<sup>388</sup> e Rockefeller, ambas com caráter de ‘ajuda’, mas discordantes. As idéias de João Goulart foram apresentadas em tom vago, não muito sério. Para TIME, as sugestões que Goulart havia dado para resolver os problemas da Aliança pareciam preocupadas somente com o Brasil, país que, segundo TIME, era o maior beneficiário dos investimentos na região. A fala de Goulart criticava os objetivos e as esperanças não atendidas nos últimos dois anos de Aliança e ainda pedia ‘calma’ e ‘tranquilidade’ na proposta de reavaliação das engrenagens da Aliança. Em contraponto à proposta do presidente do Brasil, a sugestão de Rockefeller pareceu, para TIME, a mais sóbria, ele propunha a criação de um ‘Comitê de Assuntos do Hemisfério’ com o objetivo de ajudar todos os envolvidos com a Aliança. Seriam criados escritórios em cada país com intuito de ajudar os governos locais.<sup>389</sup>

Com o título *Frustrating Monologue* (Monólogo frustrante), de 28 de junho de 1963, a revista comentou novamente as posições dos ex-presidentes do Brasil e da Colômbia. A fala de Juscelino foi notificada em tom crítico à Aliança. Para o ex-presidente brasileiro a Aliança estava indo longe demais, ela estava se tornando um slogan de todos os projetos que eram realizados na América do Sul, e por tratar-se de uma ‘marca’ (*label*) ela acabava roubando para ‘si’ iniciativas que nunca contaram com sua ajuda e já estavam em andamento há muito tempo, antes mesmo da Aliança existir.<sup>390</sup>

Em 20 de setembro de 1963 era publicada *Cut When It Hurts* (Corte quando causar danos). A reportagem referiu-se à decisão do congresso norte-americano em controlar de forma mais rigorosa os investimentos na América Latina e que tinha como referência a Aliança para o Progresso. Foi, na verdade, uma derrota de Kennedy, a fala do coordenador da Aliança, Teodoro Moscoso, expressava essa perda: “Estávamos começando a fazer o verdadeiro progresso, e agora o Congresso nos derrotou”.<sup>391</sup> Segundo TIME, as nações

---

<sup>388</sup> “(...)Brazil's President Joao Goulart said that the Alliance "fulfills neither the objectives nor the high hopes raised when it was formulated two years ago." Goulart, whose country is the program's biggest beneficiary, called for a "cool and calm" reappraisal aimed at "remodeling" the Alliance's machinery. TIME, 03/05/1963.

<sup>389</sup> “(...) Rockefeller urged the creation of "an overall Hemisphere Business Committee to advise on matters of broad policy. Then local committees could be set up in each nation to counsel government bodies". TIME, idem.

<sup>390</sup> (...)As presently constituted, Kubitschek went on, the Alliance is little more than a label. "I protest against using the name Alianza as a label for projects of all sorts, some of which had already been put into operation before the creation of the Alliance and which have no creative purpose." TIME, 28/06/1963.

<sup>391</sup> "We were just beginning to make real progress," he says, bitterly, "and now Congress has clobbered us." TIME, 20/09/1963.

Latino-americanas entenderam a decisão da Casa Branca como um gesto de desconfiança em relação a elas.<sup>392</sup>

“Indo pelo caminho errado” (*Going the Wrong way*) foi o nome da reportagem de 22 de novembro de 1963. Foi publicada no mesmo dia do assassinato de Kennedy. Essa edição chegou às bancas sem a cobertura do assassinato. Uma edição especial foi providenciada para cobrir a tempo o assunto da morte de Kennedy.

Seguindo *pelo caminho errado*, o Brasil de 1963, para TIME, faltamente chegaria ao abismo econômico de 1964, conforme veremos nas análises das reportagens deste capítulo.

---

<sup>392</sup> *For many Latin Americans, the House action was interpreted as a vote of no confidence in the Alliance,* TIME, idem.

### 3.1 – INDO PELO CAMINHO ERRADO

O tema dessa matéria foi a Segunda Reunião Anual do Conselho Interamericano Econômico e Social cuja finalidade era discutir técnicas para melhorar a coordenação da *Aliança*<sup>393</sup>. A conferência foi realizada no Brasil, precisamente no Estado de São Paulo entre os dias 11 e 16 de novembro de 1963. A conferência contou com a presença de delegados dos EUA e de 19 países latino-americanos. O então ministro da Fazenda do Brasil, Carvalho Pinto, foi indicado para presidir a conferência, porém as atenções estiveram voltadas para João Goulart.



TIME publicou uma foto daquela reunião com destaque para o chefe da delegação W. Averell Harriman discursando na conferência. Na foto estava a seguinte menção: *pouca aliança e pouco progresso*. A revista manifestou no *lead* o seu descontentamento com a postura de João Goulart, tratou-o como demagogo e pretensioso em sua fala de boas vindas, para TIME Jango foi arrogante e agressivo para com o governo de Washington:

The Alliance for Progress gathered in São Paulo, Brazil, and discovered that there was little progress, and not much alliance. In his so-called welcoming speech, João Goulart, demagogic President of the host nation, mentioned the Alianza only once

<sup>393</sup> PARKER, Phyllis R. 1964: *O Papel dos Estados Unidos no Golpe de 31 de Março*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, pp. 73.

and the U.S. not at all, pointedly denounced what he called “palliatives or false, superficial concessions” by the “industrialized, capital-exporting countries”.<sup>394</sup>

A postura de João Goulart incomodou muitas autoridades presentes na reunião, entre elas Roberto Campos, de volta ao posto de embaixador em Washington após um pedido de renúncia negado pelo governo em Agosto de 1963. Campos ficou surpreso com o pouco caso de Goulart. Entendeu tal atitude como um apelo emocional do presidente do Brasil para se aproveitar daquela situação.<sup>395</sup> O embaixador norte-americano no Brasil, Lincoln Gordon também ficou irritado com João Goulart.<sup>396</sup>

A continuação do duro discurso de Goulart não foi notificado na reportagem. Para ele, “os paliativos ou concessões falsas, superficiais” das nações desenvolvidas não eram suficientes para romper com a “estrutura agrária” da América Latina, enfim “o feudalismo” dessas nações desenvolvidas sufocava, com seus privilégios, o desenvolvimento dos países pobres.<sup>397</sup> Com certeza TIME deveria ter conhecimento do conteúdo da carta de Punta del Este, cujos objetivos incluíam a questão da reforma agrária: “*Estimular...programas de reforma agrária ampla, que levem à transformação efetiva, onde necessário, das estruturas e sistemas injustos de propriedade e uso da terra, com o objetivo de substituir os latifúndios e propriedades muito pequenas por um sistema justo de posse da terra...*”<sup>398</sup> Podemos localizar neste item um dos pontos discordantes de TIME em relação à Aliança.

O chefe da delegação americana, W. Averell Harriman informou, segundo a matéria, que os Estados Unidos já vinham fornecendo cerca de 1 bilhão de dólares como forma de ajuda à Aliança, porém as ineficiências administrativas eram o maior problema em questão:

Speaking for the U.S. two days later Chief Delegate W. Averell Harriman had some sharp comments of his own. The U.S. was providing \$1 billion a year in Alliance aid. But inside Latin America there has been “delays in establishing planning machinery, in establishing priorities and, above all, in the development of well-conceived and technically sound projects”.<sup>399</sup>

Averell Harriman era uma figura de caráter relevante na história política dos Estados Unidos, principalmente na fase do pós-guerra. Foi nomeado embaixador dos EUA na URSS

---

<sup>394</sup> A Aliança para o Progresso reunida em São Paulo, constatou que houve um pequeno progresso e pouca aliança. Em sua pretenciosa fala de boas-vindas, o demagógico presidente da nação anfitriã mencionou a Alianza apenas uma vez e de modo algum os EUA, intencionalmente denunciou aquilo que ele chamou de “paliativos ou mentiras, concessões superficiais por parte dos países industrializados e exportadores de capital”.

<sup>395</sup> Conf. entrevista concedida à Phyllis Parker, *op cit*, *idem*.

<sup>396</sup> Conf. entrevista concedida à Phyllis Parker, *op cit*, *idem*.

<sup>397</sup> YOUNG, Jordan M. Brasil 1954/1964 *O Fim de um Ciclo Civil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1973, pp. 203.

<sup>398</sup> SCHLESINGER, Arthur. *op cit*, pp 765

<sup>399</sup> Falando para os EUA dois dias depois, o delegado chefe W. Averell Harriman tinha alguns comentários afiados. Os EUA estavam fornecendo \$1 bilhão de dólares em ajuda da Aliança. Mas no interior da América Latina existem “atrasos para estabelecer mecanismos de planejamento, prioridades e, acima de tudo, o desenvolvimento bem concebido de projetos tecnicamente de expressão”.

entre 1943 e 1946 pelo governo Roosevelt, e logo após embaixador na Inglaterra durante o governo Trumann. Nessa mesma gestão foi nomeado Secretário de Comércio dos Estados Unidos e mediu, no Irã (então Pérsia), em 1951, o acordo de nacionalização da Anglo-Iranian Oil Company, entre Inglaterra e Pérsia. Em 1952 foi um dos indicados derrotados nas prévias do Partido Democrata para a presidência dos EUA, foi indicado e derrotado novamente em 1956 por Adlai Stevenson. Na gestão de Kennedy, ele assumiu postos como embaixador e Secretário Assistente para Assuntos da Costa Leste, e, em 1963, assumiu a função de Sub-Secretário de Estado para Assuntos Políticos do governo Kennedy.

Uma curiosidade cerca a figura de Harriman. Em 1935 ele fundava uma revista de notícias chamada *Today*. Em 1937, com o empresário John Astor, Harriman consolidava a fusão com a *Newsweek*, principal concorrente de TIME.

### 3.1.1 - GIGANTES SUBDESENVOLVIDOS

Com o subtítulo *BACKWARD GIANTS*, a matéria prosseguiu tecendo elogios à Colômbia e à Venezuela, ambas com aumento do PIB *per capita* acima de 3% ainda em 1962:

The lack of deeds tended to sharpen the words. Some small and medium-sized nations got good reports; Columbia is putting into effect a sophisticated economic development plan, land reform, a revised tax system; it has received \$185,2 million in Alliance aid and last year registered a 3,4% increase in gross domestic product per capita – nearly 1% better than the Alliance's hemisphere-wide goal of 2,5%. Venezuela's per capita gross domestic product last year climbed 3,9%.<sup>400</sup>

Fazendo menção direta ao Brasil e à Argentina – os gigantes subdesenvolvidos – a reportagem depositou em ambos o problema da estagnação de toda a América Latina, além do que, para TIME, ambos não conseguiram nem de perto atingir o patamar de desenvolvimento dos países citados. Para TIME, Argentina e Brasil, mesmo sendo os maiores beneficiados com o programa de ajuda da *Aliança para o Progresso*, não conseguiram acelerar seus programas de desenvolvimento graças ao *caos econômico* e a falta de planejamento:

But Latin America as a whole is standing still. Its average per capita economic product increased only 1% in 1961, scarcely at all last year. Holding down the average are two giants – Argentina and Brazil. Yet of the total \$2,5 billion in Alliance aid so far committed, Brazil and Argentina got nearly a third - \$841,8 million between them. Neither country has drawn up effective development plans and stuck to them; the money has been sopped up by economic chaos and unplanned

---

<sup>400</sup> A falta de ações serviu para afiar as palavras. Algumas nações de pequeno e médio porte conseguiram bons relatórios. A Colômbia está pondo em prática um sofisticado plano de desenvolvimento econômico, reforma agrária e reforma fiscal; recebeu \$185,2 milhões de ajuda da Aliança e no final do ano passado registrou um aumento de 3,4% em seu produto interno per capita – quase 1% acima da meta de 2,5% da Aliança para o Hemisfério. O produto interno bruto da Venezuela subiu 3,9% no ano passado.

spending. Argentina's per capita gross domestic product actually fell 5,1% last year, while Brazil's grew by less than 1,5%..<sup>401</sup>

### 3.1.2 - PEDIDO NÃO CONSENTIDO

Com subtítulo *ADVISE, NO CONSENT*, a reportagem destacou os brasileiros como condutores de um tipo de negociação que só atenderia aos seus interesses. A reportagem mencionou que a proposta de latinizar a Aliança adveio do Brasil. Por meio de uma organização interamericana, 20 bilhões de dólares seriam distribuídos, sendo que quase 50% desse volume deveria vir dos EUA.

TIME destacou a posição de Harriman, favorável à uma nova tábua de coordenação, porém discordou dos empréstimos:

In São Paulo last week the Brazilians wanted more accessible money and fewer conditions. They called for a "Latinized" alliance in which a new inter-American organization would pass out \$20 billion in ten years (\$8 billion from the U.S.) without U.S. control. But Harriman favored an alternate proposal for a new coordinating board to advise, though not consent, on loans and projects. In the end, this addition to hemispheric bureaucracy won out.<sup>402</sup>

A vitória da burocracia hemisférica, ironizada no parágrafo anterior, referiu-se à criação da CIAP, Comissão Inter-Americana para a Aliança para o Progresso, aprovada na última reunião daquela conferência – 16 de novembro de 1963 – por 19 votos contra 1. Mesmo entendida por TIME como uma vitória da burocracia dos países latino-americanos, o controle das verbas continuaria com os EUA<sup>403</sup>, ficava à CIAP somente as recomendações financeiras e a fiscalização do funcionamento dos programas.<sup>404</sup> Segundo Skidmore, Goulart 'preferia a organização de uma frente comum latino-americana de política comercial perante as nações envolvidas', porém 'seu tom indicava falta de interesse em tentar satisfazer os credores estrangeiros do Brasil'.<sup>405</sup> O Brasil votou relutante no modelo CIAP, porém

---

<sup>401</sup> Mas a América Latina como um todo ainda não se levantou. Seu produto econômico per capita aumentou só 1% em 1961 e escassamente em todo o ano passado. Liderando a media estão os dois gigantes: Argentina e Brasil. Do total de \$2,5 bilhões de ajuda da Aliança até agora confiados, Brasil e Argentina conseguiram quase um terço - \$841,8 milhões entre ambos. Nenhum país parou seus efetivos planos de desenvolvimento como eles; o dinheiro foi encharcado pelo caos econômico e pelos gastos não planejados. O produto interno bruto da Argentina realmente caiu 5,1% no ano passado, enquanto o crescimento do Brasil foi menos de 1,5%.

<sup>402</sup> Em São Paulo, na semana passada, os brasileiros quiseram dinheiro mais acessível e menos condições. Eles pediram para "latinizar" a Aliança, na qual uma nova organização interamericana distribuiria \$20 bilhões em 10 anos (8 bilhões dos EUA) sem o controle dos EUA. Mas Harriman foi favorável a uma proposta alternativa para uma nova tábua de coordenação para despachos, no entanto não concordou com empréstimos e projetos. No final, esse acréscimo à burocracia hemisférica obteve a vitória.

<sup>403</sup> YOUNG, *op cit*, 203.

<sup>404</sup> Idem.

<sup>405</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, pp. 323.

conseguiu aprovar uma proposta para apresentação de relatórios semestrais sobre um fundo de desenvolvimento <sup>406</sup>.

Segundo a reportagem, o investimento privado frustrou as expectativas dos conferentes. TIME mencionou a expressiva cifra de 1 bilhão de dólares, oriundos dos empresários estrangeiros, aguardados pelos latino-americanos. Apontando a existência de um nacionalismo muito forte na América Latina, além da inflação presente na maioria desses países, a reportagem identificou nestes sintomas o motivo de uma grande fuga de capitais, principalmente de países como a Argentina:

Left unsolved was the Alliance's crucial shortage: private capital. In the original plan, everyone counted on at least \$1 billion a year in new development money from private investors. But jingoism and skyrocketing inflation have frightened off investors to the point where some \$200 million more in private capital was taken out of Argentina alone last year than was put in. Last week's oil contract cancellation was hardly likely to attract more private investors. <sup>407</sup>

Segundo Skidmore, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil encabeçava os preparativos dos países latino-americanos para a Conferência do Comércio e do Desenvolvimento das Nações Unidas, marcada para Genebra, em março de 1964<sup>408</sup>. O ponto de vista latino americano seguia as observações de um relatório de Raul Prebisch (*Nueva Política Comercial para el Desarrollo* – México 1964) onde ‘frisava a urgência de uma revisão nas normas do comércio mundial, de forma a ampliar a capacidade limitada de importação dos países em desenvolvimento’<sup>409</sup>. O discurso de Goulart na conferência de novembro de 1963 era parte da preparação diplomática para a conferência de Genebra.<sup>410</sup>

---

<sup>406</sup> YOUNG, *op cit*, *idem*.

<sup>407</sup> O escasso capital privado da Aliança permaneceu sem solução. No plano original, todos contaram com pelo menos \$ 1 bilhão por ano em empréstimos dos investidores privados. Mas o nacionalismo extremado e a vertiginosa inflação têm assustado os investidores ao ponto de algo em torno de \$200 milhões em capital privado foram retirados da Argentina somente no ano passado. O cancelamento dos contratos com petróleo nas últimas semanas dificilmente atrairá novos investidores privados.

<sup>408</sup> SKIDMORE, *op cit*, nota 17, pp 489.

<sup>409</sup> *Idem*.

<sup>410</sup> SKIDMORE, *idem* - mais detalhes sobre a participação do Brasil na conferência de Genebra poderão ser verificados em *Revista Brasileira de Política Internacional*, VII, nº. 28, (Dez. 1964).

### 3.2 - À BEIRA DO ABISMO

No dia 1º de janeiro de 1964, o diplomata Miguel Osório de Almeida, chegando às pressas de Washington, onde servia, procurara Goulart, em companhia de San Tiago Dantas e do deputado Renato Archer, para transmitir-lhe, urgentemente, a informação de que os EUA se dispunham a declarar a bancarrota do Brasil e que a única forma de evitá-lo seria um pronunciamento de Goulart favorável à Aliança para o Progresso. Goulart ouviu todo o relatório e, ao fim, afirmou, dirigindo-se a San Tiago Dantas: “Já não adianta mais, professor. Não acredito que nenhuma palavra minha detenham a conspirata que os EUA patrocinam”.<sup>411</sup>

O último trimestre de 1963 foi apresentado ao público leitor de TIME como *chaotico* para o Brasil – e por que não para os seus credores também?!

Os contratemplos de ordem política refletiram de forma negativa sobre a economia do país. Durante as rotinas de final de ano, o Congresso Federal manteve-se em atividade, evitando os prolongados recessos. Tal atitude se devia ao temor de que Jango pudesse decretar repentinamente um ‘estado de sítio’.<sup>412</sup> Para o embaixador Lincoln Gordon, 1963 havia sido um ano decepcionante, pois trazia, dentre muitos dados negativos, ‘o fracasso do plano Bell/Dantas, o caso da AMFORP ainda estava sendo negociado e os grupos pró-comunistas ganhavam força junto aos sindicatos’.<sup>413</sup>

O ano de 1964 começou com a perspectiva de que haveria apenas 50% de chances ‘para se manterem as coisas nos eixos’.<sup>414</sup> Os objetivos do embaixador Lincoln Gordon eram apenas dois: ajudar o ministro da economia no reescalonamento da dívida externa e ‘frisar que era o Brasil e não os Estados Unidos o responsável pela situação vigente no país’.<sup>415</sup>

Goulart em seu discurso de início de ano (02 de janeiro de 1964) comentou que durante o ano de 1963 a paz e a liberdade internas haviam sido mantidas, e reconheceu que o crescimento econômico ainda carecia de tempo, sabia que não estava satisfatório o desempenho do país.<sup>416</sup> Defendeu a tese de que a maioria dos contratemplos era por culpa dos grupos estrangeiros e advertiu os brasileiros que a principal parcela da dívida externa do país (US\$ 350 milhões) só poderia ser paga no final de 1965 e para que isso fosse possível, seria necessário, ainda, contar com uma nova diminuição do ritmo de crescimento.<sup>417</sup> Não

---

<sup>411</sup> Entrevista de Renato Archer a Moniz Bandeira, Rio de Janeiro, 07/03/1977 e 19/07/1977, citado em BANDEIRA, Moniz *op cit*, p. 149

<sup>412</sup> Entrevista de Lincoln Gordon à Phyllis Parker, *op cit*, p. 79.

<sup>413</sup> Idem

<sup>414</sup> Idem

<sup>415</sup> Idem

<sup>416</sup> YOUNG, *op cit*, p. 206

<sup>417</sup> Idem

descartou a possibilidade de novos empréstimos e finalizou ratificando a necessidade de medidas radicais para aquele ano, dentre elas: a reforma agrária e eleitoral.<sup>418</sup>

ON THE EDGE OF THE ABYSS foi a primeira reportagem sobre o Brasil em 1964. O termo ‘abismo’ se junta ao termo ‘caos’ de 1963, mencionado em duas reportagens seguidas (vide capítulo 2). Esta reportagem foi publicada na edição de 03 de janeiro de 1964 e trouxe uma foto do recém empossado ministro da economia, Ney Galvão. A foto do então ministro foi uma cortesia da revista Manchete<sup>419</sup> e mostrou-o sentado numa mesa de jantar (ou almoço) com um enorme charuto (cubano?) num canto da boca e esboçando um largo sorriso. Um político sorridente numa foto cujo título trás a idéia de que o país está prestes a cair num abismo dá o tom de ironia da reportagem em relação àquele momento. O subtítulo da foto foi ‘soluções que não resolvem nada’ (*solutions that solve nothing*).



O *lead* fez uma alusão à grandiosidade do Brasil na América do Sul. Comentou que essa noção era advinda do próprio povo brasileiro. Porém, de forma subliminar, a matéria tentou demonstrar nossa ingenuidade através da falta de noção de perigo que cercava o país

---

<sup>418</sup> Idem

<sup>419</sup> A maioria das fotos que aparecem ao longo das reportagens de TIME procediam da Revista Manchete. Criada em 1952, Manchete se inspirava na revista francesa Paris Match, no entanto, seu estilo foto-jornalístico também seguia às linhas de uma das principais revistas de Henry Luce, LIFE. Graças à amizade entre Alexandre Peconick, da revista Manchete, e Jayme Dantas, TIME - cujos escritórios estavam alocados no Rio de Janeiro desde a década de 1950 - o intercâmbio e a troca de informações entre os dois jornalistas subsidiou as matérias de dois periódicos. Para detalhes sobre a história das principais revistas brasileiras, ver: CORREIA, Thomas Souto, “A Era das Revistas de Consumo”, in: LUCA, Tania Regina de (Org.), MARTINS. Ana Luiza (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2008, p. 207. Para uma abordagem mais específica do jornalismo de revista no Brasil, ver: SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo, Contexto, 2002.

naquele momento. Poderíamos ser grandes, porém éramos presas fáceis de um enorme abismo e nossa visão limitada não nos deixava vê-lo:

Brazilians like to think that their country is so big that no abyss could possibly hold it. They may be right. With half of South America's people and nearly half of its area, Brazil is huge, rich, and living on the steep sides of an abyss.<sup>420</sup>

Mencionado a ocorrência de seis crises de gabinete em um ano e meio, TIME reiniciou seu ataque atribuindo a João Goulart a postura de político limitado cujas ações não possuíam eficácia alguma.

Last week the country was in the midst of its sixth Cabinet crisis in 18 months—and President Joao Goulart was engaged in another of those nimble political maneuvers by which he solves nothing but somehow survives.<sup>421</sup>

Dentre as seis crises de gabinete - que a reportagem não fornece os detalhes - estão Walter Moreira Salles, primeiro Ministro da Fazenda, de Goulart, e que permaneceu desde a posse de Goulart em 07 de setembro de 1961 até 24 de janeiro de 1963. Após a vitória de Jango no plebiscito, Francisco San Tiago Dantas assumiu a pasta no lugar de Moreira Salles e continuou até 20 de junho de 1963. Com saída de Dantas, assumiu interinamente o gabinete Antonio Balbino de Carvalho Filho, sendo substituído pelo elogiado Carvalho Pinto, que ficou no cargo até 21 de dezembro de 1963. Durante os impasses sobre a substituição de Pinto, Hélio Bicudo assumiu interinamente e logo após passou o bastão para Ney Galvão, que viria a ser o último ministro da fazenda de Goulart. Seis ministros em 18 meses serviram de exemplo para a reportagem basear sua crítica a Jango.

A crise em questão – pontuda por TIME - era à saída do então ministro da economia, Carvalho Pinto. Em tom complacente, a reportagem atribui ao ex-ministro um papel de grande relevância na luta contra a inflação e contra os problemas brasileiros.

Out as Finance Minister went Carlos Alberto Alves Carvalho Pinto, 53, the able onetime governor of Sao Paulo state, who resigned in anger after six hopeless months of struggle against Brazil's wild inflation (about 85% in 1963), its fleeing capital and its immense foreign debt.<sup>422</sup>

---

<sup>420</sup> Os brasileiros gostam de achar que seu país é tão grande que nenhum abismo poderia possivelmente agarrá-lo. Eles podem estar certos. Com metade da população da América do Sul e quase metade de sua área, o Brasil é enorme, rico, e está vivendo às extremidades de um abismo.

<sup>421</sup> Semana passada, o país estava no meio de sua sexta crise de gabinete em 18 meses – e o presidente João Goulart estava envolvido em outra daquelas ágeis manobras políticas pelas quais não resolve nada, mas de alguma forma sobrevive.

<sup>422</sup> Como Ministro das Finanças se foi Carlos Alberto Alves Carvalho Pinto, 53, ex-governador do estado de São Paulo, renunciou furioso após seis meses de desesperançosa luta contra a inflação selvagem do Brasil (cerca de 85% em 1963), seu capital e sua imensa dívida externa.

Carvalho Pinto se notabilizara como o “papa” das finanças durante a gestão de Jânio Quadros no Governo do Estado de São Paulo, salvou ‘aquele Estado de uma séria crise econômico-financeira’.<sup>423</sup> Durante os seis meses de sua gestão no Governo Goulart, sua luta para renegociação da dívida externa brasileira foi constante, porém em vão.<sup>424</sup> Todas as negociações dependiam de números positivos para a economia brasileira os quais não eram apresentá-los - o que dificultava ainda mais as soluções de médio e longo prazo. Os credores estrangeiros queriam uma prova de êxito daquela política de estabilização.<sup>425</sup> Antes de sua saída como ministro da fazenda, Carvalho Pinto havia conseguido a prorrogação de vários empréstimos de curto prazo com o FMI e com o Tesouro dos Estados Unidos. Deveriam ser saldados durante o período do *Chaos* – Setembro e Outubro de 1963 -, mas foram prorrogados para 1964, ficando ainda a importância de 928 milhões de dólares para 1965.<sup>426</sup> Segundo Phyllis Parker, o sucesso dessa negociação só foi possível porque Carvalho Pinto transmitia mais segurança aos credores do que Goulart. Numa correspondência, Lincoln Gordon dizia ao secretário de Estado norte-americano Dean Rusk que “com todas as limitações, Carvalho Pinto está do lado dos anjos nessa situação difícil, como a recente reunião de São Paulo tornou claro. Não acredito que qualquer sucessor escolhido por Goulart em seu atual estado de espírito pudesse fazer melhor”.<sup>427</sup> Outro papel importante de Carvalho Pinto foi o de negar os boatos de que o Brasil em pouco tempo iria pedir uma moratória unilateral<sup>428</sup>, essa atitude pode ser comprovada na publicação de 25 de outubro de 1963 do jornal *The New York Times*, “mais tempo” não “mais dólares” era o apelo do ministro.<sup>429</sup>

Num tom oposto, enfim, de decepção com a troca de Carvalho Pinto, a reportagem se dirigiu ao ministro substituto, Ney Galvão, como um político limitado e bem próximo a Goulart:

In to cope with the same problems came Ney Galvao, 60, a smalltime provincial banker whose only previous claim to fame was as a Goulart-appointed head of the Bank of Brazil.<sup>430</sup>

<sup>423</sup> VITOR, Mario. *Cinco Anos que abalaram o Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965, p. 464.

<sup>424</sup> SKIDMORE, *op cit*, p. 326

<sup>425</sup> Idem

<sup>426</sup> Idem

<sup>427</sup> Conforme PARKER, Phyllis. *op cit*, pp 75 in: telegrama de Gordon a Rusk, 20-11-63, caixa 13 e 14, nsf, vol 7, JFK.

<sup>428</sup> Idem

<sup>429</sup> Citado em SKIDMORE, *op cit*.

<sup>430</sup> Indicado para lidar com os mesmos problemas veio Ney Galvão, 60, um banqueiro provinciano sem muito prestígio, cuja única pretensão à fama foi ser o indicado por Goulart à presidência do Banco do Brasil.

O novo ministro, Nei Neves Galvão, tinha 60 anos e era natural de Rio Pardo (RS).<sup>431</sup> Considerado como um amigo íntimo do presidente João Goulart, em 12 de setembro de 1961 foi nomeado para a presidência do Banco do Brasil. Em julho de 1963, com o agravamento da crise econômica e política, o governo federal precisou modificar a composição do ministério. Nessa ocasião, Nei Galvão foi substituído na presidência do Banco do Brasil por Nilo Medina Coeli.<sup>432</sup> O plano de combate à inflação formulado por Carvalho Pinto encontrou fortes resistências por parte dos banqueiros, ao mesmo tempo em que o governo dos Estados Unidos — contrariado com o adiamento da compra da American and Foreign Power Company (AMFORP) pelo Brasil e a iminente regulamentação da lei de remessa de lucros — dificultava o reescalonamento da dívida externa brasileira.<sup>433</sup> Entre os objetivos prioritários de Ney Galvão, estavam o incremento das exportações, o fortalecimento do mercado de títulos e o financiamento à agricultura de subsistência. Para enfrentar a inflação galopante, tentou, sem êxito, estabelecer o tabelamento de preços dos produtos de primeira necessidade. Com o objetivo de renegociar o pagamento da dívida externa, reabriu as negociações com o Fundo Monetário Internacional, suspensas na gestão de Carvalho Pinto. Porém, as tentativas brasileiras esbarravam na posição do governo norte-americano, contrariado com o decreto assinado por Goulart em dezembro de 1963 determinando uma profunda revisão na política de concessões às empresas de mineração, e com a regulamentação, em janeiro de 1964, da lei de remessa de lucros<sup>434</sup>, como veremos na análise das próximas reportagens.

Segundo Skidmore, Ney Galvão era um político sem expressão, presidia o Banco do Brasil e sua nomeação só serviu para expor ainda mais o perfil de um governo indeciso e que tentava com essa nomeação ‘cultivar a desmantelada coalizão PSD-PTB no Congresso’<sup>435</sup>.

### 3.2.1 - POLÍTICAS, COMO DE COSTUME.

No subtítulo *POLITICS, AS USUAL*, TIME relacionou os motivos da substituição de Carvalho Pinto como semelhantes aos da substituição de San Tiago Dantas em junho de 1963, isto é, todas as vezes que um ministro ‘sério’ tentava ajustar a situação econômica do país,

---

<sup>431</sup> [http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_jgoulart/htm/biografias/Nei\\_Galvao.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jgoulart/htm/biografias/Nei_Galvao.asp) (acessado em 13/03/2008) Fonte: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. 5v. il.]

<sup>432</sup> Idem

<sup>433</sup> Idem

<sup>434</sup> Idem

<sup>435</sup> SKIDMORE, op cit, pp.324-325.

este acabava sendo substituído ou demitido por Goulart. A reportagem prosseguiu detalhando o ‘bom trabalho’ de Dantas e Pinto:

What happened to Carvalho Pinto is typical of how Goulart operates. Pinto's predecessor as Finance Minister was Francisco San Tiago Dantas, whose promises of fiscal good behavior brought \$398.5 million in U.S. aid at a tight moment. Dantas lasted less than six months before Goulart fired him.<sup>436</sup>

De fato, em junho de 1963, Goulart fez uma drástica renovação em seu gabinete. Com o objetivo de conquistar apoio político para reforma tributária e econômica do país, ele substituiu Dantas por Carvalho Pinto. No caso de San Tiago Dantas, não houve um radical afastamento dele por parte de Goulart, o ex-ministro da economia foi incumbido de chefiar uma missão econômica nos Estados Unidos, Europa Ocidental e Oriental.

Segundo a reportagem, para acalmar os ânimos ‘da comunidade fiscal’, Goulart nomeou o professor Carvalho Pinto<sup>437</sup>.

To quiet the outcries of the fiscal community, Goulart put in Carvalho Pinto, a hardheaded conservative. For a time Pinto was able to stop the endless cranking out of meaningless new currency; he also fought against featherbedded government payrolls, called on workers and management to hold down wages and prices.<sup>438</sup>

Na verdade, o que Jango fez foi colocar o Partido Democrata Cristão ao seu lado no governo, lembrando que Carvalho Pinto também estava ligado à UDN.<sup>439</sup> A reportagem citou a postura inicial de Goulart em relação ao novo ministro. Num primeiro momento teria sido simpático a Carvalho Pinto, mas na verdade, para TIME, tudo aquilo não passava de meras políticas costumeiras do governo federal:

At first Goulart praised his actions. But before long it was politics as usual.<sup>440</sup>

A postura contraditória de Goulart voltou a ser explorada, passou a ser visto como um político que atrapalhava o papel de ministro de Carvalho Pinto. Segundo a revista, tais contradições por parte do presidente serviam somente para aprofundar ainda mais o abismo econômico-inflacionário pelo qual passava o país:

---

<sup>436</sup> O que aconteceu com Carvalho Pinto é típico de como Goulart opera. O antecessor de Pinto como Ministro das Finanças foi Francisco Santiago Dantas, cujas promessas de bom comportamento fiscal trouxeram 398.5 milhões de dólares em ajuda americana num momento difícil. Dantas durou menos de seis meses até Goulart demiti-lo.

<sup>437</sup> YOUNG, *op cit*, p. 175

<sup>438</sup> Para acalmar os ânimos da comunidade fiscal, Goulart apresentou Carvalho Pinto, um conservador tradicional. Por um tempo, Pinto foi capaz de parar as intermináveis instabilidades sem sentido por conta da moeda em circulação; ele também lutou contra o favorecimento de funcionários (featherbedded) através da folha de pagamento do governo, convocou patrões e empregados para manter preços e salários.

<sup>439</sup> YOUNG, *op cit*, p. 175

<sup>440</sup> Num primeiro momento, Goulart elogiou suas ações. Mas no final das contas foi tudo política, como de costume.

While Carvalho Pinto was talking confidence to businessmen, Goulart gave a magazine interview warning of an impending "social disaster of catastrophic consequences," an interview that sent the cruzeiro tumbling (presently 1,220 to the dollar).<sup>441</sup>

Os nomes dos ‘empresários’ e o nome da ‘revista’ para a qual Carvalho Pinto deu a entrevista não foram citados. No entanto, a reportagem insistia na especulação em torno do desgaste da troca de Carvalho Pinto e alertava para um iminente desastre social de conseqüências catastróficas lembrava a entrevista de Lacerda ao *Los Angeles Times*.

No trecho abaixo, TIME menciona uma atitude de Goulart desprestigiando as ações de Carvalho Pinto:

While Carvalho Pinto called for austerity, Goulart gave the green light to hire more government employees. Twice Carvalho Pinto submitted his resignation; each time Goulart talked him into staying.<sup>442</sup>

Segundo Mário Victor, Carvalho Pinto se opunha às medidas ‘pleiteadas pela esquerda radical’, cujas pressões acabaram por cercá-lo de críticas por todos os lados.<sup>443</sup> Tal pressão atingiu ‘o clímax’ quando Brizola, apoiado pelas forças de esquerda (CGT, UNE, FMP) passou a reivindicar a pasta da fazenda e na qual faria uma verdadeira fiscalização nos ministérios<sup>444</sup>. O silêncio de Goulart diante dessas movimentações depreciou cada vez mais a imagem de Carvalho Pinto.<sup>445</sup>

TIME acentuou a relação de Goulart com essas forças de esquerda, mencionou a pressão sobre o seu governo para que indicasse Leonel Brizola ao posto de Ministro da Economia no lugar de Carvalho Pinto.

All the while, Brazil's powerful leftists were pressuring Goulart to replace Pinto with one of their men. Leading candidate for the job: Leonel Brizola, 41, Goulart's rabble-rousing brother-in-law and anti-Yankee federal Deputy.<sup>446</sup>

---

<sup>441</sup> Enquanto Carvalho Pinto trocava confidências com homens de negócios, Goulart dava uma entrevista a uma revista alertando para o iminente “desastre social de conseqüências catastróficas”, entrevista que fez o cruzeiro despencar (atualmente 1,220 de dólar).

<sup>442</sup> Enquanto Carvalho Pinto buscava austeridade, Goulart dava sinal verde para a contratação de mais funcionários de governo. Por duas vezes Carvalho Pinto encaminhou seu pedido de renúncia; em cada uma delas Goulart pediu a ele que ficasse.

<sup>443</sup> VICTOR, Mario *op cit*, p. 465

<sup>444</sup> Idem

<sup>445</sup> Idem

<sup>446</sup> Enquanto isso, os poderosos esquerdistas do Brasil pressionavam Goulart a substituir Pinto por um de seus homens. O principal candidato ao posto era Leonel Brizola, 41, cunhado agitador das massas de Goulart e deputado federal anti-Yankee.

Qualificando explicitamente Brizola de anti-yankee e lembrando o laço de parentesco com Goulart, a reportagem voltou justificar o vínculo do presidente com as forças de esquerda com o seguinte argumento:

At first Goulart seemed to resist, then to wobble: "I have not asked any person to take part in the Cabinet. But if I did, I would be using an incontestable, legitimate and constitutional right. The people of Rio gave Brizola the greatest vote they have ever given to a Deputy."<sup>447</sup>

A fala de Goulart, destacada no trecho anterior, insere-se no contexto conhecido como ‘guinada para esquerda’<sup>448</sup>, sendo que esta esquerda estaria dividida entre ‘esquerda negativa’ e ‘esquerda positiva’. Na esquerda positiva encontrava-se a Frente Progressista de Apoio às Reformas de Base, sob a liderança de San Tiago Dantas. O ex-ministro Dantas, que em companhia de um grupo de políticos moderados do PTB e de outros partidos, tinha como principal objetivo ‘impedir o crescente movimento conspiratório da direita contra o governo’.<sup>449</sup> Em Dezembro de 1963, antes da saída de Carvalho Pinto, Goulart aproximou-se de Brizola através de uma série de medidas conciliatórias nas quais era dado todo apoio à esquerda radical e, juntamente com essas medidas, espalharam-se os boatos da substituição de Carvalho Pinto pelo cunhado de Goulart.<sup>450</sup> A credibilidade de Carvalho Pinto era minada na opinião pública através ‘de políticos radicais de esquerda que cercavam o presidente’<sup>451</sup>. Segundo Skidmore, essa postura de Goulart significou uma ‘decisiva guinada para a esquerda negativa’<sup>452</sup>.

Carvalho Pinto, considerado ‘um dos últimos elos com o empresariado paulista’<sup>453</sup>, justificou seu afastamento por ‘não haver mais condições mínimas e necessárias para obtenção de qualquer resultado útil’.<sup>454</sup> Além dos inimigos tradicionais, Carvalho Pinto também teve sérias intrigas com Jorge Serpa, diretor da Mannesmann, que lhe fez forte campanha de oposição e mobilizou até mesmo Lincoln Gordon contra o ex-ministro.<sup>455</sup>

---

<sup>447</sup> A princípio Goulart parecia resistir, para então hesitar: “Eu não pedi a nenhuma pessoa para fazer parte do Gabinete. Mas se tivesse pedido, estaria usando um direito constitucional legítimo e incontestável. O povo do Rio deu a Brizola o maior número de votos já dado a um deputado.”

<sup>448</sup> PARKER, Phyllis R. 1964: *O Papel dos Estados Unidos no Golpe de 31 de Março*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, p. 67.

<sup>449</sup> FIGUEIREDO, Argelina Cheibub, *Democracia ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993, p. 143

<sup>450</sup> SKIDMORE, *op cit*, p.323.

<sup>451</sup> Idem.

<sup>452</sup> Idem.

<sup>453</sup> BANDEIRA, Moniz. *op cit*, p. 147

<sup>454</sup> Carta de Carvalho Pinto a João Goulart, citada em BANDEIRA, Moniz, *op cit*, idem

<sup>455</sup> Conforme *Incoming Telegram*, nº 1201, confidential, Gordon to the Secretary of State, 09/12/1963, midnight, citado em BANDEIRA, Moniz., *op cit*, idem.

A reportagem mencionou uma fala de Carvalho Pinto, em relação ao seu suposto substituto, na qual ironizou o amadorismo de Brizola. Logo após, TIME notificou a opinião de Carvalho Pinto em relação ao governo de Goulart:

Scoffed Carvalho Pinto: "Brizola has every right to become Minister of Finance, since he fulfills all the constitutional requirements for the job—one of which is to be more than 20 years old."<sup>456</sup>

O isolamento político de Carvalho Pinto e o conseqüente afastamento de Goulart puderam ser percebidos em casos específicos como o pagamento do 13º salário aos trabalhadores e da Carteira de Redesconto do Banco do Brasil, ‘que infringia os limites fixados no orçamento monetário’.<sup>457</sup> O rígido programa anti-inflacionário atingia frontalmente os governadores dos principais estados da nação, ‘empurrando, por exemplo, Magalhães Pinto para o lado da oposição’.<sup>458</sup>

By now Goulart was busily circumscribing Pinto's authority, and Pinto resigned as a matter of duty—"the duty of being coherent at an hour when the demagoguery of some and the greed of others seem to prevail."<sup>459</sup>

Em carta a Goulart, Carvalho Pinto justificava a sua demissão dizendo que ela não ‘era fruto precipitado de instantâneas reações emocionais’. Trava-se, portanto, ‘de uma deliberação refletida de quem não considerava vantajoso ao País a simples ocupação de um cargo daquela relevância quando deixavam de existir condições para o exercício independente’.<sup>460</sup>

A demissão de Carvalho Pinto e a forte chegada de Brizola à disputa da vaga marcaram ‘o início da agonia do governo Goulart’.<sup>461</sup>

### 3.2.2 - DÉBITOS A PAGAR

Num tom de cobrança, mais parecido com a fala dos credores externos, a reportagem trouxe outro subtítulo, *DEBTS TO PAY*. TIME chamou o ministro nomeado de ‘amigo íntimo de Goulart’ e, mais uma vez, pôs em dúvida o futuro econômico do Brasil. Interessante notar que a reportagem trás um prenúncio para o futuro e, justamente, após Ney Galvão.

---

<sup>456</sup> Carvalho Pinto ridicularizou: “Brizola tem todo o direito de se tornar Ministro das Finanças, desde que preencha todos os requisitos constitucionais para o trabalho – um dos quais é ter mais de 20 anos de experiência.”

<sup>457</sup> BANDEIRA, Moniz. *op cit*, idem

<sup>458</sup> Idem

<sup>459</sup> Até este ponto, Goulart estava ocupado limitando a autoridade de Pinto, e Pinto renunciou por uma questão de dever – “o dever de ser coerente num momento em que a demagogia de alguns e a ganância de outros parecem prevalecer.”

<sup>460</sup> Idem

<sup>461</sup> BANDEIRA, Moniz *op cit*, p. 147

Indagou-se se a chegada do novo ministro não seria um prenúncio negativo para o futuro:

Is Goulart's crony Galvao just an interlude before worse comes? The U.S. hopes not. Of Brazil's \$3.8 billion foreign debt, \$1.6 billion falls due between now and 1965, with the U.S. Government and private creditors holding the bulk of it. Brizola has been crying for an outright moratorium on repayment.<sup>462</sup>

O país que Ney Galvão recebia naquele momento encontrava-se numa situação bem mais delicada do que aquele de Carvalho Pinto herdara de San Tiago Dantas.<sup>463</sup> O ano de 1963 projetava um 1964 cheio de problemas econômicos. No final de 1963 os números da economia eram desanimadores. O PIB crescera somente 1,5% em relação aos 5,3% de 1962 e 10,3% de 1961.<sup>464</sup> A renda *per capita* que atingiu 7,2% em 1961, despencou para 2,3% em 1962 e atingia o pior resultado de sua história ao fechar o ano de 1963 em 1,3%.<sup>465</sup> O déficit público que mantinha sempre a mesma média anual, 0,7%, fechou o ano de 1963 em 3,8%<sup>466</sup>, o déficit orçamentário ‘não podia ser controlado’ pois o montante de 504,6 bilhões de cruzeiros (1/3 dos gastos orçamentários) ultrapassava as previsões mais pessimistas.<sup>467</sup> A inflação continuava acelerada, em 1962 foi de 54,8% e saltou para 78% ‘o nível mais alto do século até aquele momento.’<sup>468</sup> A fundação Getulio Vargas havia calculado que o custo de vida da classe operária havia subido 80,7% em 1963 e o Ministério do Trabalho calculou somente para a cidade do Rio de Janeiro 95,8% naquele mesmo ano.<sup>469</sup>

O mercado financeiro via na substituição de Carvalho Pinto por Ney Galvão um sinal de que os assuntos de política econômica estariam ‘exclusivamente a serviço dos planos de Goulart’ e que ‘desafortunadamente’ ninguém saberia dizer quais eram.<sup>470</sup> Todavia, os Estados Unidos aguardavam um comunicado mais claro por parte do governo brasileiro, pois já estava agendada uma visita de Carvalho Pinto a Washington para negociar com os credores norte-americanos.<sup>471</sup> O Eximbank, maior credor do Brasil, não dera o menor sinal de que iria fazer novos empréstimos, no máximo prorrogaria alguns pagamentos que estivessem muito

---

<sup>462</sup> Galvão, amigo íntimo de Goulart, é apenas um intervalo antes que o pior venha? Os Estados Unidos esperam que não. Dos 3.8 bilhões da dívida externa do Brasil, 1.6 bilhões vencem entre agora e 1965, com o governo americano e os credores privados reunindo a maior parte deste dinheiro. Brizola tem clamado por uma franca moratória na questão deste reembolso.

<sup>463</sup> SKIDMORE, op cit, pp 327.

<sup>464</sup> Donald V. Coes. *Macroeconomics crisis, policies and growth in Brazil, 1964-1990* with Brazil. Washington, The World Bank, 1995, p. 12, citado em VILLA, Marco. *op cit*, p. 146.

<sup>465</sup> Idem

<sup>466</sup> Idem

<sup>467</sup> SKIDMORE, op cit, pp 327.

<sup>468</sup> VILLA, Marco *op cit*, p. 146.

<sup>469</sup> YOUNG, op cit, pp 183.

<sup>470</sup> VILLA, *op cit*, p. 146

<sup>471</sup> Idem

próximos de vencer.<sup>472</sup> Lincoln Gordon, tido como um bom amigo de Carvalho Pinto temia que o Brasil declarasse abertamente um pedido de moratória dentro dos moldes de Brizola.

A nomeação de Ney Galvão, em lugar de Leonel Brizola, frustrou totalmente a esquerda radical, e tal atitude foi entendida como uma manobra ‘de Goulart para obter o reajustamento das relações entre o Brasil e os Estados Unidos’.<sup>473</sup> A reportagem de TIME, em seu último parágrafo, fez menção de uma carta pessoal, trocada entre Goulart e Johnson, na qual o presidente norte-americano se solidarizava com o Brasil e oferecia ajuda para renegociação dos débitos:

But President Johnson wrote Goulart a personal letter offering to help Brazil reschedule its debt payments. "The U.S. Government," said Johnson, "stands ready to participate in negotiations for this purpose." Still, the Brazilians gave little sign that they had much present intention of putting their house in order.<sup>474</sup>

Essa troca de cartas entre Johnson e Goulart levantava as suspeitas que a esquerda tinha em relação à escolha de Ney Galvão para a pasta da Fazenda.<sup>475</sup> As duras críticas de Brizola e sua reivindicação pelo Ministério da Fazenda acabaram compondo a estratégia de Goulart para melhorar a situação do país junto aos EUA. A brusca decisão de nomear Ney Galvão e o imediato resfriamento dos ânimos brizolistas serviu para transmitir, em certa medida, confiança aos Estados Unidos. Segundo Castello Branco, a conclusão a que chegavam as esquerdas naquele momento era de que ‘o senhor Brizola havia prestado, indiretamente, um serviço ao senhor Goulart, possibilitando-lhe a tensão indispensável à solução da crise entre o seu Governo e o Governo de Washington’.<sup>476</sup>

---

<sup>472</sup> Idem

<sup>473</sup> FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993, p.138

<sup>474</sup> O presidente Johnson escreveu a Goulart uma carta pessoal oferecendo ajuda ao Brasil a criar um novo roteiro de pagamento dos débitos. “O Governo Americano,” disse Johnson, “está preparado para participar de negociações para este propósito.” Ainda assim, os brasileiros deram poucos sinais de que tinham uma real intenção de colocar sua casa em ordem.

<sup>475</sup> FIGUEIREDO, Argelina Cheibub, *op cit*, p.138

<sup>476</sup> BRANCO, Carlos Castello. *Introdução a Revolução de 1964. 2º tomo, A Queda de João Goulart*. Rio de Janeiro, Arte Nova, 1975. p.156.

### 3.3 - COMO PERDER INVESTIMENTOS

O capital estrangeiro, salvo pouquíssimas exceções, tem-se instalado e crescido de tal maneira no Brasil que se impõe o desenvolvimento do capital nacional. É capital que pede garantias para entrar no País, garantias maiores ainda para nele permanecer e ainda maiores para sair. Portanto, não parece desejável por qualquer país e menos ainda o é pelo Brasil.<sup>477</sup>  
OSWALDO ARANHA, 1953

A segunda reportagem de 1964 – publicada na sessão *World Business* - trouxe um título que poderia indicar tanto uma receita ou uma fórmula, como também um conselho, ‘Como perder investimentos’ (*HOW TO LOSE INVESTMENTS*) foi publicada em 31 de janeiro de 1964 – o mês do abismo.

O *lead* retomou as referências ao Brasil como a maior nação da América Latina - uma nação que se volta contra si mesma, traindo a confiança dos seus investidores:

It is hard to imagine how Latin America's largest nation could do much more to discourage foreign investment.<sup>478</sup>

Traçando o já conhecido panorama caótico, econômico e político do país, *TIME* lamentou o fato de Goulart ter assinado o decreto que restringia as remessas de lucros para o exterior:

But Brazil – which already offers inflation galloping at 84% a year, xenophobic politicians, irresponsible strikes, sporadic power blackouts and water short-ages – has managed to add another obstacle. After 16 months of debate, President João Goulart finally signed the toughest profits-control decree in the hemisphere.<sup>479</sup>

A reportagem foi publicada em Janeiro de 1964, porém os 84% de inflação anual não foram apresentados como números de 1963. Os políticos xenófobos se enquadram dentro do perfil dos nacionalistas que Thomas Mann advertia – Mann naquele momento era novo Secretário Assistente de Assuntos Interamericanos.

O decreto havia sido assinado em 17 de janeiro de 1964 e punha em vigor a Lei nº 4131 de 03 de setembro de 1962 limitando a maioria das remessas anuais para o exterior a 10% de seus capitais brasileiros. O *New York Times* publicou em 27 de janeiro de 1964 uma reportagem criticando essa medida com o título ‘*Brazilian Boomerang*’ deixando o

---

<sup>477</sup> Citado em VICTOR, Mário *op cit*, p. 466

<sup>478</sup> É difícil imaginar como a maior nação da América Latina poderia fazer tanto para desencorajar os investimentos estrangeiros.

<sup>479</sup> Mas o Brasil – que já oferece inflação galopante de 84% ao ano, políticos xenófobos greves irresponsáveis, blecautes de energia esporádicos e secas – conseguiu adicionar outro obstáculo. Após 16 meses de debate, o Presidente João Goulart finalmente assinou o mais duro decreto de controle de lucros do hemisfério.

embaixador Lincon Gordon consternado<sup>480</sup>. Segundo Phyllis Parker, a ameaça dessa medida tornar-se lei poderia ocorrer a qualquer instante, principalmente num momento econômico delicado, pois a inflação desenfreada aliada a uma conjuntura política instável já vinha desestimulando o investimento no país, e com a assinatura desse decreto o investimento estaria praticamente estancado.<sup>481</sup> Os lucros reinvestidos no Brasil deveriam ser considerados ‘capital nacional’, o que contrariava o ponto de vista dos investidores estrangeiros e o governo dos EUA<sup>482</sup>. Lincon Gordon se sentiu traído com a atitude de Goulart, pois ele havia lhe assegurado que tal medida não seria tomada. Para o embaixador norte-americano, Goulart era o tipo de homem em quem não se podia confiar.<sup>483</sup>

Em seu discurso de 17 de janeiro de 1964, Goulart defendeu-se contra as acusações de que estaria subvertendo a ordem democrática com seguintes palavras: “Os meus acusadores são os mesmos que já tramaram o golpe contra o saudoso presidente Vargas. A nação ainda não esqueceu a conjura que se formou, mais recentemente, para impedir a minha posse na Presidência da República. É desses grupos infatigáveis, em seus desígnios antinacionais e antipopulares que partem as acusações contra o meu governo”.<sup>484</sup> Finalizou seu discurso numa referência a Kennedy: ‘Reforma ou Revolução’<sup>485</sup>. O slogan foi utilizado para justificar a necessidade da lei.<sup>486</sup>

No entanto, a referência simpática ao presidente Kennedy não foi suficiente para obter apoio do governo de Washington, muito menos junto ao embaixador Lincoln Gordon<sup>487</sup>, o maior opositor dessa lei. Durante 16 meses Goulart havia prometido que vetaria diversos artigos, o que infelizmente acabou não ocorrendo e levando Lincoln Gordon a ridicularizar Goulart com a seguinte frase: “Ele era uma rolha balançando na água. Goulart ia sempre pela última opinião que ouvia”.<sup>488</sup> O decreto foi assinado no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, e o presidente João Goulart não fez questão de justificar o atraso. O decreto foi sancionado nos termos do § 2º do art. 70 da Constituição Federal em vigor (1946) pelo presidente do Senado Federal, Auro Moura Andrade em 1962 e, por questões políticas, vinha sendo prorrogado por 16 meses:

---

<sup>480</sup> PARKER, *op cit*, pp 80.

<sup>481</sup> Idem.

<sup>482</sup> SKIDMORE, *op cit*, pp 329.

<sup>483</sup> PARKER, *op cit*, pp 81

<sup>484</sup> GENNARI, Adilson Marques. *Réquiem ao capitalismo nacional: lei de remessa de lucros no governo Goulart*. Araraquara/São Paulo, FCL/Cultura Acadêmica, 1999, p. 170, citado em Marcos VILLA, *op cit* 154.

<sup>485</sup> PARKER, idem.

<sup>486</sup> YOUNG, *op cit*, pp 209.

<sup>487</sup> VILLA, *op cit*, p. 154

<sup>488</sup> PARKER, *op cit*, p. 81

In 83 ambiguous articles, it says that foreign companies can send back in profit each year no more than 10% of their “registered investments”.<sup>489</sup>

Na verdade não se tratavam de 83 artigos. O corpo da lei era composto de 59 artigos, e o trecho acima se refere ao artigo 31, no qual se estipulava que “*As remessas anuais de lucros para o exterior não poderão exceder de 10% sobre o valor dos investimentos registrados.*”.

The trouble is that no authority has determined whether the 10% applies to straight investment alone or to money poured back in as reinvestment as well.<sup>490</sup>

Entendendo como arbitrária a decisão de Goulart, a reportagem mencionou os problemas que as empresas teriam durante o período que durasse o decreto. O artigo 32 continha a essência dessa irritação, pois: “As remessas de lucros que ultrapassassem o limite estabelecido no artigo anterior seriam consideradas retorno de capital e deduzidas de registro correspondente para efeito das futuras remessas de lucros para o exterior”. No parágrafo único desse artigo, a parcela anual de retorno de capital estrangeiro não poderia exceder de 20% do capital registrado e o foco da limitação, e talvez daquilo que seria a fórmula para perda de investimentos, estaria no artigo 33, no qual: “os lucros excedentes do limite estabelecido no artigo 31 dessa lei seriam registrados a parte, como capital suplementar e não dariam direito à remessa de lucros futuros”.

Sem prever o que ainda estaria por vir nos meses seguintes, TIME manteve o tom pessimista em torno das conseqüências dessa lei. Supunha que os problemas de ordem burocrática dela derivados atrapalhariam os investimentos estrangeiros por pelo menos 3 anos. Mais que isso, as diversas empresas que acreditaram no país estariam agora presas ao Brasil juntamente com seu capital aplicado. Segundo a reportagem, para o governo do Brasil esses problemas pouco importavam:

Threshing out all the vague legalisms will require at least three years; the meantime, the profits of many companies may well be tied up in Brazil. Little matter.<sup>491</sup>

Mesmo antes da Lei de Remessas ter sido aprovada por Goulart, a maioria das empresas estrangeiras já estava obrigada a registrar a importância de seu investimento total no

---

<sup>489</sup> Em 83 artigos ambíguos, diz que companhias estrangeiras não podem enviar a seus países um lucro anual superior a 10% de seus “investimentos registrados”.

<sup>490</sup> O problema é que sem autoridade determinou, quer queria quer não, que os 10% se aplicavam somente aos investimentos diretos ou ao dinheiro devolvido como reinvestimento.

<sup>491</sup> Desembaralhar todos os legalismos válidos irá levar pelo menos três anos; nesse meio tempo, os lucros de muitas companhias podem vir a ficar amarrados ao Brasil. Pouco importa.

país, sendo que, ainda em junho de 1963, mais de 12.000 entidades comerciais tinham iniciado seus relatórios.<sup>492</sup>

TIME finalizou a matéria insistindo no tom pessimista sobre os investimentos no Brasil, afinal de contas a nossa economia havia se tornado tão caótica que o fluxo financeiro estava completamente estagnado:

Brazil's economy has become so chaotic that nobody has been putting in or talking out much real money lately.<sup>493</sup>

Não há dúvidas de que a medida afetava diretamente os interesses norte-americanos no país e Lincoln Gordon tentou a todo custo detê-la, inclusive através de amigos íntimos de Goulart tais como Jorge Serpa, que segundo Moniz Bandeira, ‘movera campanha contra Carvalho Pinto e tudo comunicava à Embaixada Americana’.<sup>494</sup> A luta do embaixador era para proibir os principais pontos da medida, tais como a proibição da transferência de lucros com base nos reinvestimentos caracterizados como capitais acumulados no Brasil e que constituíam a metade dos investimentos registrados como estrangeiros.<sup>495</sup> Apesar das várias audiências, objeções por escrito de Gordon - as quais Goulart encaminhou para apreciação de Valdir Pires ‘que as considerou inválidas’ -, a lei foi assinada sem nenhuma alteração.<sup>496</sup>

---

<sup>492</sup> YOUNG, *op cit*, p. 208

<sup>493</sup> A economia do Brasil se tornou tão caótica que ninguém tem colocado ou tirado muito dinheiro ultimamente.

<sup>494</sup> Despachos de Gordon para o secretário de Estado, Rio de Janeiro, 9/12/1963, 10h 19m, PM, 005988, e 9/12/1963, 11h 26m, PM, 6011, LBJL, citado em BANDEIRA, *op cit*, p.148.

<sup>495</sup> Idem

<sup>496</sup> BANDEIRA, *op cit*, p. 148.

### 3.4 - A BAGUNÇA NA PETROBRÁS

“O Brasil nacionalizou a sociedade americana Esso Standard do Brasil Inc. a pedido da Standard. Materialmente, significa essa nacionalização que a grande distribuidora no Brasil dos produtos da Standard Oil Company, de New Jersey, transforma-se na Esso Brasileira de Petróleo S.A., que o seu capital na sociedade passa a ser em cruzeiros e que seus escritórios centrais mudam-se de Fairmont, na Virginia Ocidental, para o Rio de Janeiro. Assim, se algum dia o Brasil desapropriar empresas estrangeiras, a Esso poderá escapar. Por outro lado, se o Brasil algum dia permitir a participação de capitais particulares na exploração do Petróleo, a Esso estará em condições de entrar em ação”.

TIME, 25/01/1960<sup>497</sup>

A menos de um mês do comício da Central do Brasil e da encampação das refinarias particulares de petróleo, TIME publicou em 21 de fevereiro de 1964 uma matéria sobre a Petrobrás. Já era de conhecimento público que o governo tomaria tais atitudes dali a dois meses, mas exatamente em 19 de abril de 1964, o que viria a coincidir com a ‘efeméride natalícia do Presidente Vargas’<sup>498</sup>. O título da matéria seguiu a mesma linha de adjetivos atribuídos à situação no país no período estudado. A *Bagunça* na Petrobrás (*THE MESS AT PETROBRAS*), se junta ao *chaos* e ao *abismo* entre os quais se encontrava o Brasil.

Dois meses antes da publicação dessa reportagem (24 de dezembro de 1963), o presidente João Goulart assinava o decreto que estabelecia o monopólio da importação de petróleo e seus derivados. Dessa forma, o governo brasileiro passava a autorizar, regular e controlar a importação, o transporte e inclusive a construção de oleodutos, a distribuição e o comércio de petróleo. Até aquele momento, essas operações eram efetuadas pelas refinarias particulares do país, que ‘comprometidas com os trustes, pagavam por um tipo de óleo mais caro, quando na verdade recebiam outro mais barato, transferindo fraudulentamente recursos do país para o estrangeiro através do sobre-faturamento’<sup>499</sup>, denunciava Moniz Bandeira.

TIME citou as frases “o petróleo é nosso” e ‘a Petrobrás é intocável’, emitidas por políticos exaltados e nacionalistas, como armas de defesa e protesto contra qualquer tentativa de apropriação:

Whenever the subject of oil comes up, Brazil’s politicians unfailingly quote two slogans. “The oil is ours”, is one cry, and the second goes, “Petrobrás is untouchable”.<sup>500</sup>

<sup>497</sup> Também citado em SILVA, Hélio. 1964, *Golpe ou Contra-Golpe?* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, p. 192.

<sup>498</sup> MOREL, Edmar. *O Golpe Começou em Washington*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965, pp. 56.

<sup>499</sup> BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, p.465-466.

<sup>500</sup> Sempre que o assunto do petróleo vem à tona, os políticos do Brasil persistentemente citam dois slogans: “O petróleo é nosso,” é um deles, e o segundo, “A Petrobrás é intocável.”

A primeira frase foi elaborada no governo Getúlio Vargas, e a segunda foi composta ainda no governo de Juscelino Kubistchek, em 1958, pelo General Teixeira Lott, o qual dirigia sérias críticas às persistentes e radicais aproximações do secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, junto aos ‘negócios do petróleo brasileiro’.<sup>501</sup>

A reportagem prosseguiu no *lead* informando sobre a importância econômica da empresa como a maior e mais lucrativa estatal do país, empregando mais de 30.000 funcionários e produzindo 30% de óleo cru, que na verdade referia-se aos processos de extração, o que deixava os outros 70% para importação, mesmo assim o lucro informado foi cerca de 350 milhões dólares anuais:

Petrobrás is Brazil's state-run oil company, and the country's biggest single business. It provides jobs for 30.000 people, produces 30% of Brazil's crude-oil needs, grosses almost \$350 million a year.<sup>502</sup>

A reportagem não cita as fontes dos números indicados e por isso são passíveis de contestação. Em 1963 o faturamento da Petrobrás foi de 350 bilhões de cruzeiros e proporcionou uma economia da ordem de 180 milhões de dólares.<sup>503</sup> Havia a uma estimativa para 1964 de que, com o decreto do monopólio, as divisas ultrapassassem Cr\$1.000.000.000.000,00 (um trilhão de cruzeiros)<sup>504</sup>, cerca de 500 milhões de dólares no câmbio da época.

A observação negativa em torno da empresa fechou o *lead* com ênfase na questão de que mesmo sendo a mais lucrativa, também era a mais doente de todas as empresas. A Petrobrás era alvo – ou presa - de ‘esquerdistas’, enfim, era tudo, menos intocável:

But Petrobrás is also one of Brazil's sickest companies – hard hit by graft and inefficiency, and honeycombed with far-leftists. Last week, after a jolt of scandals, Petrobrás was anything but untouchable.<sup>505</sup>

Desde 1961, durante a transição do governo Quadros para o governo Goulart, ‘dois atores passaram a desempenhar papel de destaque na coalizão dominante da Petrobrás: o Ministro das Minas e Energia e os sindicatos de trabalhadores da indústria de petróleo’.<sup>506</sup> O

---

<sup>501</sup> CUPERTINO, Fausto. *Os contratos de risco e a Petrobrás: o petróleo e nosso, o risco é deles?* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, p. 98.

<sup>502</sup> A Petrobrás é a companhia estatal de petróleo do Brasil, e o maior negócio do país. Emprega 30.000 pessoas, produz 30% das necessidades de óleo bruto do Brasil, fatura quase \$350 milhões por ano.

<sup>503</sup> MOREL, *op cit*, p. 61.

<sup>504</sup> *Idem*

<sup>505</sup> Mas a Petrobrás também é uma das companhias mais doentes do Brasil – atacada duramente pela troca de favores e ineficiência, e bajulada por radicais esquerdistas. Na semana passada, após um solavanco causado por escândalos, a Petrobrás era qualquer coisa, menos intocável.

<sup>506</sup> CARVALHO, Getúlio. *Petrobrás: do monopólio aos contratos de risco*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977, p. 127

ministério das Minas e Energia havia sido fundado em 1960, mas somente no ano posterior começaria a participar na parte organizacional da Petrobras. Os sindicatos haviam sido fundados durante o governo Juscelino, porém, iriam ter uma participação mais aguda na Petrobrás durante o governo Goulart.<sup>507</sup> Desse confronto de interesses e posições surgiram a maioria dos problemas administrativos da empresa paralelos ao desgaste político do governo Goulart. A reportagem que TIME publicou girou em torno desses assuntos. As ineficiências mencionadas e os escândalos das semanas anteriores tiveram contrapartida nessa problemática do ‘intocável’.

Citando o Jornal do Brasil, a demissão de três diretores num curto espaço de tempo era motivo de ‘vergonha nacional’:

In the space of a few days, the president and three directors of Petrobrás had been fired. Congressional and presidential committees were digging into company affairs. Wrote Rio's *Jornal do Brasil*: “The situation is a national shame and a menace to the security of the country”.<sup>508</sup>

A reportagem fechou o parágrafo destacando a atitude enérgica de João Goulart demitindo ao mesmo tempo o então presidente da Petrobras, o general Albino Silva, que denunciou ‘uma negociata na Petrobrás’, e três diretores, ligados aos sindicatos que exerciam poderosa influência no comando da estatal. A citação do Jornal do Brasil acalorava a posição dos militares, pois afirmava ‘que o setor militar perdera todo o controle sobre a política do petróleo como elemento de segurança nacional, indicando alguns de seus membros para altos cargos da empresa em sabor das pressões dos sindicatos’<sup>509</sup>. O Jornal comentava a nomeação de Osvino Ferreira Alves, ex-comandante do I Exército, e conhecido nos círculos nacionalistas mais radicais como o “General do Povo”.

### 3.4.1 - DURO TRABALHO NA ADMINISTRAÇÃO

Com dados positivos sobre a Petrobrás ao longo de dez anos, TIME citou o momento inicial da auto-suficiência brasileira nesse setor, os números informados eram significativos:

In the ten years since Petrobrás started out to make Brazil largely self-sufficient in oil, the company's production of crude oil has grown from 990.000 bbl to 36,5

---

<sup>507</sup> Idem

<sup>508</sup> No espaço de poucos dias, o presidente e três diretores da Petrobrás foram demitidos. Comissões da Presidência e do Congresso estiveram investigando os negócios da companhia. Escreveu o *Jornal do Brasil* do Rio: “A situação é uma vergonha nacional e uma ameaça à segurança do país.”

<sup>509</sup> *Jornal do Brasil*. 02/02/1964.

million bbl. Annually, and its refining output has risen from 907.000 bbl to 90 million bbl.

A reportagem não mencionou o quanto foi faturado pela empresa nos dez anos citados. Por exemplo: a contar de 1954 até 1963, o lucro havia atingido 875 bilhões de cruzeiros e ‘a economia de divisas foi superior a 1 bilhão de dólares’.<sup>510</sup> Detentora de três refinarias, Mataripe, Duque de Caxias e Cubatão, a Petrobrás refinava em 1964 cerca de 260.000 barris/dia.<sup>511</sup> Antes da aprovação do decreto que estabeleceu o monopólio do petróleo pelo Governo Federal, empresas como a *Standard Oil*, do grupo Rockefeller, vendiam às ‘nossas destilarias particulares e oficiais’ cerca de 350.000 barris/dia, quando a produção nacional era de 120.000 antes de 1963.<sup>512</sup>

A reportagem prosseguiu suas notícias sobre a Petrobrás sem dar nenhuma referência ao decreto do monopólio do petróleo. Apesar dos números positivos que o artigo apresentou, TIME informou que o Brasil, mesmo assim, ainda era dependente de 65% do petróleo bruto estrangeiro:

Yet Brazil still depends on private oilmen, both domestic and foreign, for 65% of its crude oil needs.<sup>513</sup>

Até aquele momento as petrolíferas norte-americanas possuíam inúmeras concessões em vários países da América Latina e a estrutura brasileira não seria suficiente para deter-lhes o lucro. Segundo Romanova, essas empresas ao longo de todo o continente latino-americano extraíam o petróleo e continuavam freando sua extração onde, por algum motivo lhes conviesse.<sup>514</sup> Eram donas de praticamente tudo: oleodutos, refinarias, absorviam todo o ciclo de elaboração de petróleo desde a extração, pesquisa e distribuição.<sup>515</sup> A maior de todas elas, a *Standard Oil Co.*, dos Rockefellers, possuía cerca de 40 filiais em toda a América Latina, com destaque para a sua ESSO, esta que estendia sua influência principalmente no Brasil como na Argentina.<sup>516</sup>

---

<sup>510</sup> MOREL, *op cit*, p. 61

<sup>511</sup> Idem

<sup>512</sup> Idem

<sup>513</sup> Nos dez anos desde que a Petrobrás começou a tornar o Brasil largamente auto-suficiente em petróleo, a produção de óleo bruto da companhia cresceu de 990.000 barris para 36.5 milhões de barris anuais, e sua produção de refinação cresceu de 907.000 barris para 90 milhões de barris. Mesmo assim, o Brasil ainda depende da produção privada, tanto doméstica quanto estrangeira, para 65% de sua demanda de óleo bruto.

<sup>514</sup> Z. ROMANOVA. *A expansão econômica dos Estados Unidos na América Latina*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 23, tradução: Rodolfo Konder.

<sup>515</sup> Idem

<sup>516</sup> Idem

O quadro abaixo exemplifica em números a quantidade de investimentos norte-americanos na região naquele momento, e dentre eles a indústria petrolífera liderava as inversões:

**ESTRUTURAS DAS INVERSÕES DIRETAS DOS EUA NA AMÉRICA LATINA EM 1963**  
(EM MILHÕES DE DÓLARES)<sup>517</sup>

| Países    | Ind. Mineira | Ind. Petrolífera | Ind. Transformadora | Empresas Públicas | Comércio | Outros ramos | Total       |
|-----------|--------------|------------------|---------------------|-------------------|----------|--------------|-------------|
| Venezuela | *            | 2166             | 202                 | 37                | 185      | 218          | <b>2808</b> |
| Brasil    | 30           | 60               | 663                 | 190               | 147      | 38           | <b>1128</b> |
| México    | 116          | 66               | 503                 | 25                | 93       | 104          | <b>907</b>  |
| Argentina | *            | *                | 454                 | *                 | 38       | 336          | <b>828</b>  |
| Chile     | 503          | *                | 27                  | *                 | 15       | 223          | <b>768</b>  |
| Panamá    | 19           | 94               | 12                  | 27                | 274      | 195          | <b>621</b>  |
| Colômbia  | *            | 246              | 120                 | 27                | 52       | 19           | <b>464</b>  |
| Peru      | 240          | 56               | 64                  | 21                | 41       | 27           | <b>449</b>  |
| Guatemala | *            | 27               | *                   | 69                | 6        | 21           | <b>123</b>  |
| Honduras  | *            | *                | *                   | 23                | 1        | 80           | <b>104</b>  |
| Uruguai   | *            | *                | 20                  | *                 | 6        | 24           | <b>50</b>   |

\* significa que os dados relativos a este grupo estão incluídos em outros grupos.

**FONTE:** *Survey of Current Business*, agosto de 1964

Entre os trustes americanos que deviam fazer investimentos externos, os que recebiam maior apoio do governo dos EUA eram os do petróleo.<sup>518</sup> Dentro dessa lógica, os Estados Unidos não davam nenhum tipo de apoio financeiro às empresas estatais de outros países.<sup>519</sup> Segundo Francisco Mangabeira, ex-presidente da Petrobrás nos governos Jânio e Jango, a Petrobrás possuía, em 1964, grandes linhas de crédito nos Bancos europeus (França, Grã-Bretanha, Bélgica e outros), e podia adquirir nesses países ‘de quem quisesse’ e ‘quando quisesse’, menos nos EUA<sup>520</sup>. Nenhuma linha de crédito foi concedida à Petrobrás por parte dos EUA, principalmente do *Export and Import Bank*.<sup>521</sup>

Segundo o *Jornal do Brasil*, o decreto ‘representava uma medida importantíssima, pois permitiria única e exclusivamente à Petrobrás especular no mercado internacional, diversificando e obtendo o petróleo, inclusive através de trocas por café, minérios e outros produtos’.<sup>522</sup> Segundo Mario Victor ‘os preços conseguidos pelas refinarias’, Capuava,

<sup>517</sup> A citação desse quadro encontra-se no livro de Z. ROMANOVA, *A Expansão Econômica dos Estados Unidos na América Latina*. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1968, trad. Leandro Konder, pp. 22.

<sup>518</sup> MANGABEIRA, Francisco. *Imperialismo, Petróleo e Petrobrás*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1964, p. 122.

<sup>519</sup> Idem

<sup>520</sup> Idem

<sup>521</sup> Idem

<sup>522</sup> *Jornal do Brasil*, 27/12/1963

Manguinhos, Sabá e Ipiranga, ‘no mercado internacional eram sempre superiores aos obtidos pela Petrobrás, valendo aos particulares a acusação de subfaturamento, isto é, embolsar a diferença em centavos de dólar que conseguiam em cada barril’<sup>523</sup>. Importações são mencionadas na reportagem, porém de forma vaga.

On several deals, according to insiders, Petrobras has imported crude oil at prices well above the market and exported refined products at a loss.<sup>524</sup>

Segundo Moniz Bandeira, os principais trustes afetados com o decreto de Dezembro de 1963 foram: a *Gulf Oil*, com 20.000 barris/dia, que importava do Kuwait para a Refinaria de Capuava; a *Shell*, com 4.000 barris/dia da Venezuela, juntamente com a *Sinclair Oil*, com 1.000 barris/dia do Peru, para revenda junto à Refinaria Sabará; *Standard Oil* e *Gulf Oil*, ambas importando 9.500 barris/dia da Venezuela com destino à Refinaria Ipiranga; e *Standard Oil*, importando 10.000 barris/dia da Venezuela para revenda junto a Refinaria de Manguinhos.<sup>525</sup>

As refinarias privadas que seriam encampadas durante o discurso de Goulart não eram responsáveis pela distribuição de gasolina, óleo e outros derivados.<sup>526</sup> Segundo Edmar Morel, a refinaria de ‘Manguinhos comprava óleo à vista da Venezuela à Standard Oil’, o óleo chegava ao Rio de Janeiro com ‘o frete pago em ouro’, e, logo após serem destilados, ‘os seus produtos eram entregues novamente à Standard, Atlantic, Texaco, Shell e Guff pelo prazo de 45 dias’, e ‘após uma série de fraudes, despejavam a gasolina e o óleo de Manguinhos nos seus postos, cobrando à vista - pagamento feito na hora da entrega’.<sup>527</sup>

O decreto do monopólio do petróleo afetou diretamente as principais multinacionais do setor, dizia: “...considerando as dificuldades do balanço de pagamentos, impõem-se a diversificação de fontes de suprimento de petróleo e seus derivados, de modo a reduzir o impacto das importações sobre as disponibilidades cambiais do País’.<sup>528</sup> No artigo 1º, parágrafo 3º, ficava evidente a forte supervisão em torno da qualidade do petróleo importado, outrora motivo de escândalo, dizia “...na seleção dos petróleos de origem estrangeira a serem fornecidos às empresas permissionárias de refinação à Petróleo Brasileiro S/A, ouvido o

---

<sup>523</sup> VICTOR, *op cit*, p 467

<sup>524</sup> Em várias negociações, de acordo com os envolvidos, a Petrobrás importou óleo bruto a preços bem acima do mercado e exportou produtos refinados a preço bem menor.

<sup>525</sup> BANDEIRA, *op cit*, p. 466 – nota 52

<sup>526</sup> MOREL, *op cit*, pp 58.

<sup>527</sup> Idem.

<sup>528</sup> VICTOR, *op cit*, p. 466

Conselho Nacional de Petróleo, levará em consideração as características das respectivas instalações de refinação e as necessidades do mercado consumidor”.<sup>529</sup>

O ambiente político-institucional da Petrobrás no primeiro trimestre de 1964 era de completo desgaste. Os trabalhadores da estatal passaram gradualmente a exigir ‘uma parcela crescente de poder nas decisões da empresa’<sup>530</sup>, e com o tempo os sindicatos começaram ‘a ditar normas que a administração da Petrobrás não podia desprezar sem o risco de greve e tumulto’.<sup>531</sup> A perda de influência do Ministério do Trabalho sobre os sindicatos corria paralela à disputa de poder na Petrobrás pelos agentes ‘nacionalistas’. Goulart passou a sofrer uma pressão bilateral. De um lado os sindicatos, nos quais ele buscava certo apoio e, do outro, os militares contrários a essas atitudes. A imagem do presidente se deteriorava junto aos grupos de militares ‘à medida que surgiam novas manifestações de poder por parte dos sindicatos’.<sup>532</sup> Os sindicatos eram vistos como uma ameaça ao papel institucional da forças armadas. A reportagem destacou a infiltração de comunistas na estatal com vistas aos postos de duas das três diretorias:

Moreover, Communist-leaning agitators dominate Petrobras' powerful refining and production unions—which, in turn, suggest their candidates for two of Petrobras' three directorships..<sup>533</sup>

TIME prosseguiu a reportagem concordando com a idéia de que os grandes problemas da empresa estavam localizados numa administração ineficiente e que tinha à frente trabalhadores manipulados pelos sindicatos, além da própria falta de qualificação desse setor. A revista informou sobre a existência de um consenso nacional em relação ao problema da Petrobrás estar sob controle dos sindicatos. Ainda citou uma das greves e a existência de corrupção na estatal:

Almost everyone agrees that Petrobrás' operations are hampered by illtrained and featherbedding workers. Last year Petrobrás held up construction on an ammonia plant in Bahia, yet kept on most of the 400 workers hired for the plant, transferring them to other jobs. Companies doing business with Petrobrás also complain that its personnel solicit bribes and kickbacks.<sup>534</sup>

---

<sup>529</sup> Idem

<sup>530</sup> CARVALHO, *op cit*, p. 128

<sup>531</sup> Idem

<sup>532</sup> Idem

<sup>533</sup> Além disso, agitadores comunistas dominam a poderosa refinação da Petrobrás e propõem seus candidatos para duas das três diretorias da companhia.

<sup>534</sup> Quase todos concordam que as operações da Petrobrás estão nas mãos de trabalhadores manipulados por sindicatos e com treinamento deficiente. No ano passado, a Petrobrás retardou a construção de uma fábrica de amônia na Bahia, mas ainda assim manteve a maioria dos 400 trabalhadores contratados para a fábrica,

O problema dos trabalhadores da Petrobrás, na Bahia, teve início no final de 1963 e adentrou a primeira quinzena de 1964. Referiu-se a uma greve de operários de empresas petrolíferas, que se estendeu até o Rio de Janeiro juntamente com os empregados das companhias de gás. Todos exigiam um aumento de 100% para compensarem as perdas com a inflação.<sup>535</sup>

Além do elemento comunista presente nos sindicatos, segundo a reportagem havia outros grupos que participavam seja de forma direta ou indireta no rol de decisões da Petrobrás. Tratava-se dos grupos parlamentares oriundos de diversas correntes, tais como a Frente de Libertação Nacional e, sobretudo, a Frente Parlamentar Nacionalista ‘que se notabilizara pela defesa de uma política externa independente e pelo irrestrito apoio à Petrobrás’.<sup>536</sup>

### 3.4.2 – O DÓCIL AGENTE DOS YANKEES

De Getúlio a Jango, oito presidentes estiveram à frente da Petrobrás, dois civis e seis militares. O primeiro foi o militar Juracy Montenegro Magalhães que dirigiu a empresa no conturbado ano da morte de Getúlio; ficou no cargo por cinco meses, de 02 de abril de 1954 até 02 de setembro de 1954. O segundo foi Artur Levy, de 11 de setembro de 1954 até 01 de fevereiro de 1956. Na sequência veio Janari Gentil Nunes, de 03 de fevereiro de 1956 a 09 de dezembro de 1958. Idílio Sardenberg ficou de 11 de dezembro de 1958 a 02 de fevereiro de 1961. O primeiro civil veio no governo Quadros-Jango e foi Geonísio Carvalho Barroso, de 20 de fevereiro de 1961 a 05 de janeiro de 1962. Na sequência de Barroso veio outro civil, o advogado Francisco Mangabeira, de 17 de janeiro de 1962 até 06 de junho de 1963. Retornando a presença militar ao poder da Petrobras, o general Albino Silva permaneceu no curto período de 11 de junho de 1963 a 28 de janeiro de 1964 e acompanhou de perto o decreto sobre o monopólio do petróleo. Completando a ciclo militar, o general Osvino Ferreira Alves foi o que menos tempo permaneceu no cargo, de 28 de janeiro de 1964 a 03 de abril de 1964.

---

transferindo-os para outras funções. Empresas fazendo negócios com a Petrobrás também reclamam que seus funcionários solicitam propina e pagamentos “por fora”.

<sup>535</sup> Jordan Young, *op cit*, p. 207

<sup>536</sup> E. Bredford Burns. *Nationalism in Brazil: A Historical Survey*. New York, Frederick Preager Publishers, 1968, p. 109-110; citado em CARVALHO, Getúlio. *op cit*, p 134.



Durante a transição de Mangabeira para Albino Silva os líderes sindicais ‘reagiram com uma expectativa nervosa’.<sup>537</sup> Albino Silva, ex-chefe da Casa Militar ‘fazia parte do dispositivo militar com que contava o Presidente para a preservação do regime’.<sup>538</sup> Tinha o apoio do Ministro da Guerra, Jair Dantas Ribeiro, ‘que havia sido seu padrinho durante a cerimônia de entrega de espadas aos novos generais promovidos por Goulart em Agosto de 1962’.<sup>539</sup> Albino Silva, ao lado de Juracy Magalhães e Osvino Alves, foi um dos presidentes que menos tempo ficaram no cargo. Segundo Getúlio Carvalho, sua administração ‘transcorreu num clima de grande agitação e de luta aberta pelo controle dos recursos da Petrobrás’.<sup>540</sup> Albino Silva em 1962, representou o Brasil como mediador entre Cuba e EUA na crise dos mísseis. Em outubro de 1962, Silva fora indicado por Lincon Gordon a pedido de Goulart para comunicar Fidel Castro sobre a posição do Brasil naquele momento: o governo brasileiro discordara da invasão da Baía dos Porcos, por parte do governo de Washington, porém não concordava com a instalação de uma base de mísseis em território cubano pela URSS.<sup>541</sup>

---

<sup>537</sup> CARVALHO, *op cit*, p. 140

<sup>538</sup> *Idem*

<sup>539</sup> *Idem*

<sup>540</sup> *Idem*

<sup>541</sup> BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart. As lutas sociais no Brasil: 1961-1964*, Rio de Janeiro, Revan; Brasília, DF: EdUnB, 2001, pp.91-92

TIME mencionou algumas das enérgicas ações que Albino Silva tomara durante sua gestão, tais como a suspensão de 8000 novas contratações além das já citadas denúncias dos diretores corruptos da empresa:

He stopped all hiring (8000 new employees were added during the two preceding years), looked into shady dealings of Petrobrás executives, twice blocked strikes approved by a Petrobrás director, and cracked down sharply on lavish publicity spending.<sup>542</sup>

A reportagem trouxe a foto do ex-presidente Albino Silva, com subtítulo ‘Tocando o intocável’ (*Touching the untouchable*). Identificou-o como um general colérico, irritado, e que se encontrava numa cruzada solitária contra a corrupção e contra o comunismo:

The present scandal erupted when Petrobrás President Albino Silva, 54, a peppery army general appointed last year, started a one-man campaign against corruption and Communist influence within the company.<sup>543</sup>

O escândalo citado pela reportagem ocorreu no final do mês de janeiro de 1964. Referiu-se às acusações que Albino Silva fizera a um diretor e alguns chefes de serviço da Petrobrás de terem negociado de forma irregular alguns contratos de importação e transporte de petróleo desfavoráveis à Petrobras. Albino Silva pediu ao presidente Goulart a demissão imediata do diretor acusado. No entanto, os diretores acusados reagiram acusando o General Albino Silva de participar de outra negociata. Estava armada a ‘Bagunça na Petrobrás’ que se referiu a reportagem.

Silva took his evidence to Brazil’s President João Goulart. When word leaked out, a newspaper article appeared with, statements accusing the general himself of engineering a “major underhanded deal” involving the purchase of \$200 million worth of oil from “a large petroleum company” – later identified as U.S. – owned Esso Brasileira. Silva, said a union-nominated director, was a “docile agent” of the Yankee oilmen.<sup>544</sup>

A imagem de Albino Silva sendo vinculada a um aliado do capital internacional teve origem logo no início de sua gestão quando, após o início de sua guerra contra a influência

---

<sup>542</sup> Ele congelou todas as contratações (8.000 novos empregados foram adicionados durante os dois anos anteriores), se aprofundou em negociações suspeitas de executivos da Petrobrás, por duas vezes bloqueou decisões aprovadas por um diretor da empresa, e combateu duramente desperdícios com gastos publicitários.

<sup>543</sup> O recente escândalo explodiu quando o presidente da Petrobrás Albino Silva, 54, colérico general do exército indicado no ano passado, deu início a uma campanha de um homem só contra a corrupção e a influência comunista dentro da companhia.

<sup>544</sup> Silva levou suas evidências ao Presidente do Brasil João Goulart. Quando o boato vazou, um artigo de jornal apareceu com dizeres acusando o próprio general de conduzir “uma enorme negociação clandestina” envolvendo a compra de \$200 milhões em petróleo de “uma grande companhia petroleira” - mais tarde identificada como norte-americana - proprietária da Esso Brasileira. Silva, disse um diretor da união, foi um “dócil agente” dos Yankees do petróleo.

dos sindicatos na estatal, disse ‘que as falhas da Petrobrás deveriam ser atribuídas à própria empresa e não aos trustes internacionais do petróleo’.<sup>545</sup>

Os conflitos entre Albino Silva e os sindicatos deram a tônica de sua administração e tiveram profundas repercussões fora da empresa. O forte embate travado com os líderes trabalhistas alcançava a imprensa conservadora, além de civis e militares os quais ‘viam na contenda um sinal evidente da fraqueza de Goulart’.<sup>546</sup> As denúncias de infiltração comunista, citadas por TIME, vinham desde agosto de 1963 quando o jornal de Carlos Lacerda, *Tribuna de Imprensa*, publicou uma advertência do Conselho Nacional de Segurança ao Governo João Goulart. Jango recebeu a informação de ‘que elementos do Partido Comunista Brasileiro haviam ocupado os postos mais importantes da empresa e que poderiam, caso quisessem fazê-lo, paralisar o país num prazo mínimo de 48 horas, bastando para isso negarem o fornecimento de derivados de petróleo às companhias distribuidoras’.<sup>547</sup>

Em 28 de janeiro de 1964 o CGT e os deputados que participavam da Frente de Mobilização popular decidiram ‘abortar’ uma greve dos sindicatos de trabalhadores da Petrobrás em solidariedade aos diretores ‘sacrificados’ na luta contra o General Albino Silva.<sup>548</sup> O CGT temia os rumos que estavam tomando os debates em torno da questão, receavam que uma greve naquele momento desse lugar para os altos escalões do exército se apoderarem dos estoques de combustível que poderiam abastecer por três meses a máquina militar.<sup>549</sup>

TIME destacou a ação do Congresso sem mencionar o nome dos parlamentares que conduziriam a investigação desse caso. A necessidade de uma reorganização foi proposta por um deputado cujo nome também não foi citado:

Brazil’s Congress took up the case. A congressional committee sat for 40 hours, listened to 15 witnesses and collected another 600 documents. Said one Brazilian Deputy: “A complete reorganization of Petrobrás is necessary”.<sup>550</sup>

A CPI foi proposta e montada por João Goulart e tinha a frente o engenheiro e ex-ministro de Viação e Obras Públicas de Jango, Helio de Almeida, que ‘aceitou a incumbência com o intuito de propor uma reforma geral na Petrobrás e de sugerir modificações em seus

---

<sup>545</sup> *Correio da Manhã*, 20/09/1963.

<sup>546</sup> CARVALHO, *op cit*, p. 140

<sup>547</sup> *Tribuna de Imprensa*, 30/08/1963, citado em CARVALHO, Getúlio. *op cit*, nota 32.

<sup>548</sup> BRANCO, Carlos Castello. *Introdução a Revolução de 64, tomo 2, a queda do governo João Goulart*. Rio de Janeiro, Artenova, 1976, p. 172.

<sup>549</sup> *Idem*

<sup>550</sup> O Congresso brasileiro assumiu o caso. Uma comissão do congresso, presidida durante 40 horas, ouviu 15 testemunhas e juntou outros 600 documentos. Disse um deputado brasileiro: “Uma reorganização completa da Petrobrás se faz necessária.”

métodos de trabalho, relegando para o segundo plano os acontecimentos diretamente relacionados com o escândalo’.<sup>551</sup>

As palavras de Goulart reaparecem na reportagem - ele mesmo se colocando como vítima de conspirações e a Petrobrás sendo um dos alvos principais.

Goulart called the whole blowup a “campaign which certain interests are carrying out against the government under the pretext of disclosing scandals in companies that belong to the people’s patrimony. What they want is to destroy Petrobrás. I believe in the defense of Petrobrás.”<sup>552</sup>

A escolha de Helio de Almeida, para presidir a CPI do escândalo da Petrobrás que envolveu Albino Silva, foi objeto de especulação da imprensa durante um bom tempo. Atribuía-se a Jango segundas intenções com as nomeações que fizera nesse interregno, das quais incluía-se o lançamento da candidatura de Helio de Almeida ao governo do Estado da Guanabara, bastião político de Carlos Lacerda, arque-inimigo de João Goulart. Por outro lado, também se especulava sobre o motivo da eleição de Osvino Alves à presidência da Petrobrás dentro de um esquema que pretendia preparar a campanha de Goulart às eleições de 1965 ou sua perpetuação no poder.<sup>553</sup> Em 31 de janeiro de 1964, segundo o jornalista Carlos Castello Branco, ‘a impressão que ficava nos meios políticos a respeito do episódio da Petrobrás era a de que o Jango aproveitou-se do incidente para desvencilhar-se, nessa área, da esquerda radical, que mantinha até então rígido controle da principal empresa estatal do país, tanto do ponto de vista político quanto do financeiro’.<sup>554</sup>

A demissão dos diretores e de Albino Silva foram informadas como tática de defesa de João Goulart, e a nomeação de Osvino Alves era entendida como uma nomeação em moldes informais, pois se referiu à nomeação de ‘um velho amigo’ segundo a reportagem:

As part of that defense, he fired the company’s three directors and crusading President Silva. To replace Silva, Goulart chose Marshal Osvino Alves, 66, an old friend and former chief of Brazil’s first army – who took over as the eighth president of Petrobrás in ten years.<sup>555</sup>

Por outro lado, o afastamento dos diretores da empresa, os quais eram aliados dos sindicatos, chamou a atenção da esquerda. Segundo o Jornal do Brasil, ‘Miguel Arraes teria

---

<sup>551</sup> Entrevista concedida a Getúlio Carvalho em 01/11/1973, in: Getúlio de Carvalho, *op cit*, nota 43

<sup>552</sup> Goulart, num acesso de raiva, disse que se tratava de “uma campanha na qual certos interesses estão conspirando contra o governo, sob o pretexto de revelar escândalos em companhias que pertencem ao patrimônio do povo. O que eles querem é destruir a Petrobrás. Acredito na defesa da Petrobrás.” Como parte desta defesa, ele demitiu os três diretores da companhia e seu expedicionário Presidente Silva.

<sup>553</sup> *Jornal do Brasil*, 30/01/1964.

<sup>554</sup> BRANCO, Carlos Castello. *op cit*, p. 173.

<sup>555</sup> Para substituir Silva, Goulart escolheu Marechal Osvino Alves, 66, um velho amigo e antigo chefe do primeiro exército brasileiro – que assumiu como o oitavo presidente da Petrobrás em dez anos.

sugerido a Osvino Alves que fizesse o mínimo possível de substituições na Petrobrás<sup>556</sup>, enquanto Leonel Brizola temia pelo desgaste que sofreria a esquerda em relação à imagem dos sindicatos junto à opinião pública.<sup>557</sup>

Osvino Ferreira Alves, logo após o Golpe, foi preso, reformado e teve os seus direitos políticos cassados por 10 anos.<sup>558</sup>

---

<sup>556</sup> *Jornal do Brasil*, 28/01/1964

<sup>557</sup> *Idem*

<sup>558</sup> MOREL, *op cit*, pp. 62.

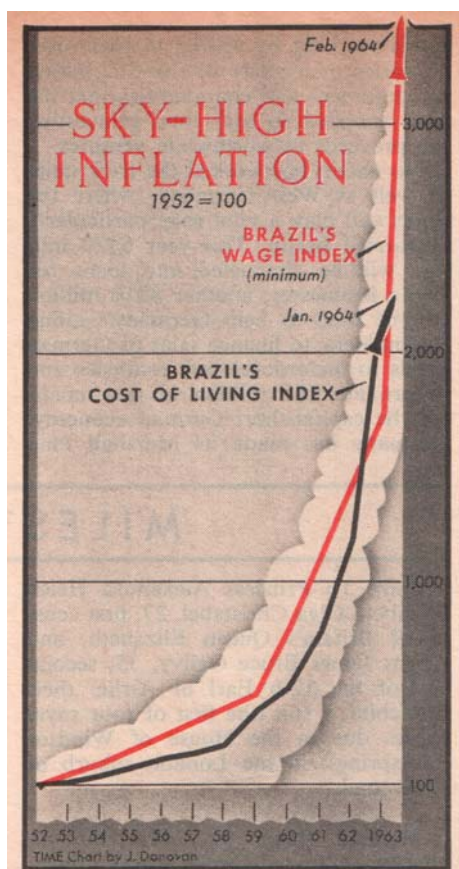
### 3.5 - COMO FAZER NEGÓCIOS EM MEIO AO CAOS

“Armai-vos uns aos outros, porque nós já estamos armados!”<sup>559</sup>

JORGE BEHRING DE MATTOS

Diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro - Março/1964

A reportagem ‘Como fazer negócios em meio ao Caos’ (HOW TO DO BUSINESS AMID CHAOS), publicada em 06 de março de 1964, seguiu na mesma linha de ‘How to lose Investments’ (31 de janeiro de 1964), ambas publicadas na Seção *World Business*. O *chaos* que se referiu a matéria foi o caos inflacionário que se tornara insustentável para a economia brasileira. Um gráfico desenhado por J. Donovan (editor de assuntos econômicos de TIME) com título ‘Inflação nas nuvens’ (*Sky-high Inflation*) demonstrou os números da inflação no Brasil entre 1952 e 1964. Utilizou-se como ilustração dois pequenos foguetes: um para o salário mínimo e outro para o custo de vida. O foguete do salário mínimo partia de 1952 com Cr\$100,00 e chegava a fevereiro de 1964 acima dos Cr\$3.000,00. O foguete do custo de vida partiu também de 1952 com 100% anuais e chegou ao mês de Janeiro de 1964 acima dos 2000%.



<sup>559</sup> Citado no Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 12/03/1964.

O *lead* da reportagem fez uma analogia da Floresta Amazônica e o horizonte dos prédios de São Paulo com a inflação brasileira, todos em acentuado e caótico crescimento. Segundo TIME, na semana anterior à reportagem a situação inflacionária no Brasil encontrava-se numa espiral que tornou a terrível inflação de 1963 como algo irrelevante perante a inflação que tomava corpo em 1964:

Like the Amazonian rain forest or the skyline of São Paulo, inflation in Brazil never seems to stop growing. The cost of Living last year rose 80.7 %: auto prices increased 100%, drugs 78% and food 77%. Last week Brazil's prices began a new spiral that threatens to make last year's inflation appear mild.<sup>560</sup>

Segundo Mario Henrique Simonsen, a inflação no início de 1964 não era apenas 'galopante', era também 'reprimida'.<sup>561</sup> Para ele, uma política de estabilização não devia apenas visar à eliminação das altas de preços, deveria também, e principalmente objetivar à sustentação de um sistema de preços eficiente, do ponto de vista da alocação de recursos.<sup>562</sup> Sendo assim, a solução proposta por ele, já no governo militar, seria 'o descongelamento de diversos setores – aluguéis, combustíveis, serviços de utilidade pública, etc, cujos preços haviam sido corrompidos naquela clássica tentativa de combater a inflação por sintomas'.<sup>563</sup> O método de Simonsen seria a implantação daquilo que ficou conhecido como 'inflação corretiva', na qual uma série de altas de preços eram destinadas a corrigir 'as distorções acumuladas no passado, e que, em médio prazo, atenuariam a dependência de alguns desses setores dos subsídios governamentais'.<sup>564</sup>

O aumento do salário mínimo foi entendido por TIME como um paliativo à dramática situação dos trabalhadores brasileiros, estes que de forma ingênua acreditavam naquela medida como uma solução de curto prazo:

President João Goulart has just signed a decree doubling the monthly minimum wage for urban Brazilian workers to 42.000 cruzeiros, which is \$68 on the official exchange rate and about \$30 in actual buying power. The workers are glad to get the cash they need to chase rising prices, (...) <sup>565</sup>

---

<sup>560</sup> Assim como a floresta Amazônica ou o horizonte dos prédios de São Paulo, a inflação no Brasil parece nunca parar de crescer. O custo de vida no ano passado subiu 80,7%: o preço dos automóveis aumentou 100%, medicamentos 78% e alimentos 77%. Na semana passada, os preços brasileiros iniciaram uma nova espiral que ameaça fazer a inflação do ano passado parecer algo suave.

<sup>561</sup> SIMONSEN, Mario Henrique. *Inflação: gradualismo x tratamento de choque*. Rio de Janeiro, Editora APEC, 1970, p. 14-15

<sup>562</sup> Idem

<sup>563</sup> Idem

<sup>564</sup> Idem

<sup>565</sup> O Presidente João Goulart acaba de assinar um decreto dobrando o salário mínimo mensal dos trabalhadores urbanos brasileiros para 42.000 cruzeiros, o que representa \$68 pelo câmbio oficial e aproximadamente \$30 do poder de compra atual. Os trabalhadores estão aliviados por verem seu dinheiro alcançando cifras mais altas (...)

O aumento para o salário mínimo citado acima, foi sancionado por Goulart em 22 de fevereiro de 1964 ‘num comício monumental organizado pelo CGT no Rio de Janeiro’<sup>566</sup>. Aquela nova lei duplicava os níveis salariais na Guanabara, Brasília, São Paulo e Belo Horizonte ‘onde a média mensal era inferior a 42.000 cruzeiros’.<sup>567</sup>

Citando a fala do empresário Willian James, gerente geral da REMINGTON RAND DO BRASIL, dizia ele que a situação dos investidores e empresários se assemelhava a uma cena do filme de *Alice no país das Maravilhas*, onde ela corria insistentemente, porém não conseguia sair do lugar. Essa metáfora representava o empresariado estagnado pela economia brasileira:

(...) but the new more adds just another episode to nightmare that businessmen must endure to survive in Brazil. Says William Jones, general manager of Remington Rand in Brazil: “Every executive here should read *Thought the Looking Glass* at least once each week – especially that part where Alice is told that she has to run fast just to keep in the same place”.<sup>568</sup>

Essa situação de estagnação, segundo a revista *Conjuntura Econômica*, foi resultado da fracassada tentativa de estabilização do governo Goulart que acabou por ‘recrudescer a inflação em termos nunca antes vistos’, o acabou exigindo do consumidor uma corrida aos moldes de ‘Alice nos país das Maravilhas’, pois ‘o consumidor reagiu voltando a comprar bens, embora sendo mais rápido o aumento de preços e salários’. Ainda, segundo a revista, “a situação continuou em 1964 até a época da ‘Revolução’”.<sup>569</sup>

### 3.5.1 - AJUSTANDO OS PREÇOS

A matéria prosseguiu com o sub-título *Adjusting Prices* fazendo alusão às restritivas medidas tomadas em janeiro daquele ano referentes à lei de remessas de lucros para o exterior e cujos lucros reinvestidos no país foram entendidos pela reportagem como negativos aos investidores:

Business in Brazil has been turned into a dangerous and complicated gamble by runaway inflation , which has been accelerated by reckless government spending,

---

<sup>566</sup> YOUNG, *op cit*, p. 207

<sup>567</sup> Idem

<sup>568</sup> (...) mas esse novo movimento apenas adiciona outro episódio ao pesadelo que os homens de negócios devem enfrentar para sobreviver no Brasil. Diz William Jones, gerente-geral da Remington Rand no Brasil: “Cada executivo aqui deveria ler ‘Através da Vitrine’ (*Alice no País das Maravilhas*) pelo menos uma vez por semana – especialmente aquela parte em que é dito à Alice que ela tem que correr apenas para se manter no mesmo lugar.”

<sup>569</sup> *Conjuntura Econômica*, Fevereiro de 1965, Ano XIX, nº 2. Ed. Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Análise da Conjuntura Econômica, p. 52.

constant labor demands for more money, and restrictive laws that force foreign companies to plow back their profits into the Brazilian economy.<sup>570</sup>

O cenário econômico brasileiro foi visto por TIME naquele momento como algo completamente imprevisível, no qual o crescimento constante da inflação inviabilizava qualquer tipo de aposta em relação ao futuro:

Between the time a businessman bids for an order and delivers the goods, he does not know how much the cost of the materials will rise, how high the worker's wages will climb, how much his financing charges will increase, or even if his customer will be able to pay for the order.<sup>571</sup>

Segundo Moniz Bandeira, a situação se tornava cada vez mais dramática 'devido ao rigoroso cerco econômico e financeiro que os EUA promoviam contra o governo Goulart e à inflação conjugada com violento declínio de caráter estrutural e conjuntural das atividades produtivas do Brasil'.<sup>572</sup>

Outra fala de empresário, desta vez de William O. Kelleher, presidente da SERS & ROEBUCK DO BRASIL, narrou um pouco de sua história no país além de ilustrar aquele cenário negativo:

"When I came here four years ago", says William O. Kelleher, president of Sers, Roebuck in Brazil, "we were selling a 7-cu.-ft. refrigerator for 49000 cruzeiros. Today that same refrigerator sells for 227.000." Coca-Cola raised its prices three times in 1963. General Electric writes a clause into its sales contracts that allows for adjustments in the delivery price to compensate for inflation, and IBM does that same in its computer-rental contracts.<sup>573</sup>

O problema do crédito também foi registrado. Mesmo com a ajuda das empresas que tentavam conquistar os consumidores brasileiros, estes deixam de pagar as dívidas do mês sob a perspectiva de receber um salário maior no mês seguinte, enfim, a economia permitia uma justificativa para a inadimplência:

Companies must grant credit to attract the free-wheeling Brazilian shopper, but extending credit has become costly for business. Customers understandably prefer to

---

<sup>570</sup> Os negócios no Brasil se tornaram uma aposta complicada e perigosa devido à inflação em disparada, ela tem sido acelerada por gastos governamentais irresponsáveis, constante demanda de mão de obra por mais dinheiro, e leis restritivas que forçam empresas estrangeiras a injetar seus lucros de volta na economia brasileira.

<sup>571</sup> Entre o tempo que um negociador propõe o orçamento de um pedido até a entrega da mercadoria, ele não sabe quanto o custo dos materiais irá aumentar, quanto irá aumentar o salário dos trabalhadores, quantos seus impostos irão aumentar, ou até mesmo se seu cliente conseguirá pagar pela mercadoria.

<sup>572</sup> BANDEIRA, *op cit*, p. 160.

<sup>573</sup> "Quando vim para cá há quatro anos," diz William O. Kelleher, presidente da Sears, Roebuck do Brasil, "vendíamos um refrigerador por 49.000 cruzeiros. Hoje, este mesmo refrigerador é vendido por 227.000." A Coca-Cola aumentou seus preços três vezes em 1963. A General Electric escreve uma cláusula em seus contratos de venda que permite ajustes no preço de entrega para compensar a inflação, e a IBM faz o mesmo em seus contratos de aluguel de computadores.

put off paying, because their wages are rising faster than prices; thus, as each inflationary month passes, the bill in effect become smaller.<sup>574</sup>

Incluindo o Brasil entre os piores pagadores e ainda citando o governo brasileiro como um governo que raramente honra seus compromissos, a reportagem citou uma concessão de 3 bilhões de dólares por parte dos EUA:

Among the slowest payers: Brazilian government, which seldom honors its bills promptly; last week the U.S. and five other nations agreed to ease the burden of Brazil's \$3 billion debt by stretching out payment schedules.<sup>575</sup>

A emergente indústria automobilística não ficou de fora, segundo a reportagem os problemas da economia brasileira afetavam de forma direta o empresariado desse setor e deu como 'prova' a fala do presidente da WILLYS DO BRASIL:

Businessmen are finding it difficult even to keep on hand enough cash to carry on. Willys of Brazil complains that many of its auto dealers are losing more money through inflation that they are able to make on their auto sales.<sup>576</sup>

Numa mensagem ao Congresso ainda em março de 1964, Goulart comunicava a redução do déficit do balanço de pagamentos de US\$343 milhões, em 1962 para US\$284 milhões, em 1963, 'tendo as exportações brasileiras, aumentado de US\$1.250 milhões para US\$1.370 milhões, no mesmo período'.<sup>577</sup> No entanto, segundo Moniz Bandeira, a dívida externa acumulada no período Juscelino-Quadros atingia 3 bilhões de dólares, com US\$1.732 devendo ser pagos no biênio 1964-65, o que viria comprometer cerca de 70% das exportações brasileiras 'em moedas conversíveis'.<sup>578</sup>

### 3.5.2 - PERMANECENDO NO MESMO LUGAR

Com outro subtítulo, *Staying Put*, a reportagem aludiu novamente à lei de remessas. Notificou as estratégias que as empresas estrangeiras estão fazendo para conseguir sobreviver no país sem investimento algum:

---

<sup>574</sup> As empresas devem garantir crédito para atrair o consumidor brasileiro, mas estender o crédito se tornou custoso para os negócios. Os consumidores, compreensivelmente, preferem adiar o pagamento, porque seus salários estão aumentando mais rápido do que os próprios preços; assim, conforme cada mês inflacionário passa, as contas, conseqüentemente, ficam menores.

<sup>575</sup> Entre os piores pagadores: o governo Brasileiro, que raramente honra seus compromissos de pagamento; na semana passada, os Estados Unidos e cinco outras nações concordaram em aliviar os \$3 bilhões do Brasil em dívidas esticando os prazos de pagamento.

<sup>576</sup> Os homens de negócios estão tendo dificuldades até mesmo para manter capital interno para seguir em frente. A Willys do Brasil reclama que muitos de seus clientes no segmento automotivo estão perdendo mais dinheiro pela inflação do que são capazes de faturar em suas vendas de veículos.

<sup>577</sup> João Goulart – Mensagem ao Congresso Nacional, 1964, Brasília, pp. XII, XIII, 30 e 31; citado em BANDEIRA, *op cit.*

<sup>578</sup> *Op cit*, p.34-35

Because of the law blocking foreign firms from sending home profits, U.S. companies have almost completely stopped investing in their Brazilian offspring. American businessmen in Brazil must thus finance their operations with loans from local banks at interest rates that run as high as 40% per year.<sup>579</sup>

O PIB em 1963 havia crescido apenas 1,5%<sup>580</sup>, o IGP subira para 81,3%<sup>581</sup>, e com o déficit do Tesouro na casa dos 500 bilhões de cruzeiros, ‘a expansão monetária evoluiria para 64,3%.<sup>582</sup>

Despite these difficulties, however, both Brazilian-owned and U.S. companies often manage to make a profit, largely by overanticipating inflationary rises, raising prices and exploiting legitimate tax loopholes.<sup>583</sup>

TIME colocou os empresários ao lado das donas de casa do Brasil, a situação era a mesma para ambos os lados:

Even the managers of companies that are suffering losses feel that it would be a mistake to quit now and lose their foothold in Brazil, whose growing population and rich natural resources make it a potentially sound market. After all, businessmen are only coping on a larger scale with a situation to which the Brazilian housewife has already adapted herself. Because of inflation’s swift pace, Friday’s prices are often higher than Monday’s – and on many items, the price on any day is actually higher by noon than it was in the morning.<sup>584</sup>

Se retomarmos a idéia do economista Roberto Simonsen, em relação ao fato de que a causa da inflação não estava na expansão monetária, Moniz Bandeira não concordaria com seu método de inflação corretiva, pois para ele a causa do problema inflacionário se encontrava justamente na ‘elevação de preços que, associada a outros fatores, obrigava o governo a emitir não só para financiar o déficit de caixa do Tesouro como para atender às pressões do empresariado (...)’.<sup>585</sup>

---

<sup>579</sup> Por causa da lei que impede as empresas estrangeiras de mandarem seus lucros para casa, as companhias norte-americanas já pararam quase que completamente de investir em suas filiais brasileiras. Os negociadores norte-americanos no Brasil devem, assim, financiar suas operações com empréstimos de bancos locais, a taxas que giram em torno de até 40% ao ano.

<sup>580</sup> Brasil Financeiro, 1971/72 e 1972/73, São Paulo, Editora Banas, p. 12 e 26.

<sup>581</sup> Op cit, p. 16

<sup>582</sup> Idem

<sup>583</sup> Apesar destas dificuldades, entretanto, tanto companhias brasileiras quanto americanas freqüentemente conseguem lucrar, em grande parte por anteciparem os aumentos inflacionários, aumentando seus preços e se aproveitando de brechas fiscais legais.

<sup>584</sup> Até mesmo os gerentes de companhias que estão sofrendo perdas sentem que seria um erro desistir agora e perder seu espaço no Brasil, cujo crescimento populacional e riqueza de recursos naturais ilustram um mercado em potencial. No final das contas, os homens de negócios só estão enfrentando uma situação em larga escala, situação com a qual a dona de casa brasileira até já se adaptou. Por causa do passo veloz da inflação, os preços da sexta-feira são freqüentemente mais altos que os da segunda – e em muitos itens, o preço em qualquer dia já é mais alto ao meio-dia do que era na parte da manhã.

<sup>585</sup> BANDEIRA, *op cit*, p. 160

# CAPÍTULO 4

## CULTURA, MISTICISMO E VIOLÊNCIA

Analisaremos neste capítulo uma série cinco reportagens que se ocuparam com os temas vinculados a nossa cultura, a nossa religião e, em certa medida, a alguns temas relacionados com a violência presente em nosso meio político e esportivo.

A distribuição das cinco reportagens foi feita dentro de uma ordem cronológica. Iniciamos com uma reportagem de novembro de 1963 na qual se comentou a ‘violenta’ conquista do título mundial de futebol pelo Santos, os efeitos dessa vitória sobre o povo brasileiro e a sua utilização para fins políticos. A segunda reportagem, publicada também em 1963, prossegue com o tema da violência, dessa vez de forma mais aguda; TIME noticiou o famoso assassinato dentro da Câmara do Senado cometido pelo pai do ex-presidente Fernando Collor. A terceira matéria, publicada na última edição do ano – geralmente a edição natalina – trouxe o tema do misticismo religioso presente não apenas na nossa cultura, mas principalmente na nossa política; Alziro Zarur, fundador da Legião da Boa Vontade, tem sua biografia analisada na matéria. A quarta reportagem, publicada em 1964, faz referência a enorme proliferação de siglas em nosso meio cultural e educacional como representantes de uma forma única de linguagem e comunicação entre os brasileiros. A quinta e última reportagem traz de volta a discussão da religião e suas lideranças, e o exemplo explorado por TIME foi Dom Helder Câmara, cujo perfil interessou muito a revista.

Inicialmente, e conforme Mary Anne Junqueira, os relatos de viagem que eram publicados logo após a segunda guerra no *Readers Digest*, traziam consigo ‘o interesse em questões territoriais, dimensões e acidentes geográficos’. A fronteira, o território desconhecido da região amazônica e o cerrado onde foi construída a capital Brasília, aparecem nesses discursos nomeados como *Wilderness*.<sup>586</sup> As percepções de TIME em relação a nossa cultura corroboram a continuação de uma percepção do *Wilderness*. O olhar curioso da revista em relação ao nosso comportamento e a nossa cultura não se desvencilha de

---

<sup>586</sup> Segundo Mary Junqueira “...não existe um objeto específico com o nome *wilderness*(...), a chave para se entender o significado está em perceber que *wilderness* é uma espécie de estado mental provocado pela observação de determinado lugar. Para uma primeira tentativa de compreensão, devemos nos voltar para o observador. É mais interessante notar o que o observador aponta como *wilderness*, do que procurar uma definição pronta da palavra. É o olhar do homem que dá sentido ao *wilderness*.” Para mais detalhes ver: JUNQUEIRA, Mary Anne. Ao Sul do Rio Grande. *Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista, EDUSF, 2000, p. 54-58

uma concepção preconceituosa e preocupada. Além da fronteira, do território, está o povo, o povo do *Wilderness*.

## 4.1 - GOOOALLL!!!!

TIME trouxe em sua reportagem de 29 de novembro de 1963 uma matéria abordando o futebol. Em específico, o assunto foi a conquista do bi-campeonato mundial de clubes obtida pelo time do Santos. No *lead* da reportagem, TIME retomou sua visão de um país cheio de contradições. O país parava unido em torno daquele evento: os brasileiros, as atenções da mídia local e o próprio presidente João Goulart – cancelando compromissos – estavam voltados para o jogo:

At stake was the World Club soccer championship – Santos of Brazil v. Milan of Italy – and all Brazil braced for the familiar frenzy. Work came to a standstill; every radio and TV set was turned to the broadcast. In Brazilia President João Goulart canceled all appointments and camped by his radio; congressional committees recessed (...)<sup>587</sup>

A reunião da *Aliança para o Progresso*, alocada em São Paulo naqueles dias (vide capítulo 3), pareceu preocupar a revista. A matéria fez questão de lembrar que os trabalhos estavam previstos para se iniciarem em torno do jogo:

Alliance for Progress meeting in São Paulo were scheduled around game time.<sup>588</sup>

A reportagem entendeu como um ‘perfeito estado de loucura’ o fato de milhares de pessoas estarem dispostas a gastar todo o seu dinheiro para assistirem de maneira desconfortável ao jogo. Para TIME, não se tratava de um jogo, mas sim de uma verdadeira loucura latino-americana:

And in Rio 150.000 passionate souls, every man jack of them willing to part with his last cruzeiro, squeezed into Maracanã Stadium for the games. Games? It was more like a Latin American madness.<sup>589</sup>

Ao contrário do que acontece hoje, os americanos na década de 1960 não possuíam um Ministério Federal dos Esportes, federações nacionais e de licenças, o que dificultava calcular o número exato de esportistas em atividade nos EUA.<sup>590</sup> No entanto, os 150.000 torcedores ensandecidos, citados na matéria, nem de perto se comparavam ao número de torcedores que assistiam às diversas modalidades esportivas nos EUA naqueles anos - fosse

---

<sup>587</sup> Em jogo estava o campeão mundial de futebol – o Santos do Brasil contra o Milan da Itália – e todo Brasil unido em torno de um ideal comum. O trabalho foi paralisado, todos os rádios e TV em conjunto voltaram-se para a transmissão do evento. Em Brasília o presidente João Goulart cancelou todos os seus compromissos e acampou próximo ao seu rádio; o congresso entrou em recesso.

<sup>588</sup> (...) a reunião da Aliança para o Progresso em São Paulo estava com hora marcada em torno do jogo.

<sup>589</sup> E no Rio, 150.000 almas apaixonadas, todos homens humildes dispostos a desfazer-se de seu último cruzeiro, apertados no estádio do Maracanã para os jogos. Jogos? Era mais parecida como uma loucura latino-americana.

<sup>590</sup> SAPORTA, Marc (org). *O Grande Desafio. Enciclopédia comparada USA-URSS*. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura, 1968, tradução: José Carlos Oliveira. p. 586.

ao vivo, pela TV ou pelo rádio. Os americanos gastavam anualmente cerca de 350 milhões de dólares ‘para assistirem competições esportivas de todos os tipos’.<sup>591</sup> Os efeitos da televisão sobre os espectadores justificavam os investimentos: por um lado ‘seguravam os torcedores em suas casas’, e por outro ‘a televisão suscitou um vivo interesse pelos esportes’, atingindo ‘certas camadas da população que até então não haviam dedicado qualquer atenção a essas atividades’.<sup>592</sup> As mulheres fizeram parte desse fenômeno nos anos 60 e representavam um terço ‘do público que se comprimia nas arquibancadas durante os jogos profissionais de futebol americano’.<sup>593</sup>

#### 4.1.1 - PANCADA, PONTA-PÉ E FARRA

PANCADA, PONTA-PÉ E FARRA (*CONK, KICK, BASH*) foi um dos subtítulos da reportagem que cobriu a trajetória vencedora do Santos no duelo contra o Milan. Após a derrota no primeiro jogo na Itália, o Santos retornava ao Brasil ao lado do seu 12º jogador, a torcida – conforme destaque da própria matéria – e venceria o jogo sem Pelé. A observação da revista para esse segundo jogo foi que o Santos obteve uma vitória em perfeita harmonia:

Brazil was already behind in the three-game series, having lost the first fought encounter, 2-4, to the Italians in Milan. But now Santos’ eleven-man team was on national ground, and with Brazil’s famed “twelfth man”! – the crowd – at its back. “Gooooaalllll” howled the mob at each Santos goal; fireworks lit the sky and fans danced in the stands. No wonder that Santos, even playing without its injured superstar Pelé (Time, April 12), won the second game, 4-2, tying it all up.<sup>594</sup>

Sem uma análise abrangente desse esporte, a matéria omitiu as questões de ordem tática de ambos os times e focou sua atenção na grande confusão dentro do campo e que marcou muito aquela partida, que era tudo, menos um jogo:

By the third game, it was hardly a game at all.<sup>595</sup>

Segundo a reportagem, os jogadores italianos estavam numa arena cercada de pessoas muito violentas dentre as quais os próprios repórteres eram também algozes, pois agrediam os italianos com guarda-chuvas e com os próprios microfones:

---

<sup>591</sup> Idem

<sup>592</sup> Idem

<sup>593</sup> Idem

<sup>594</sup> O Brasil estava atrás na série de 3 jogos, tendo perdido o primeiro duelo do encontro por 2 x 4 para os italianos em Milão. Mas agora os 11 homens do time do Santos estavam em solo nacional, e com o seu famoso 12º jogador - a torcida – por trás. “Gool”, berrava a multidão a cada gol do Santos; fogos de artifício iluminaram o céu e os torcedores dançavam nas tribunas. Não é de se admirar que o time do Santos, mesmo sem o seu craque Pelé, machucado, venceu o segundo jogo por 4 x 2, em perfeita harmonia.

<sup>595</sup> Para o terceiro jogo, dificilmente seria um jogo de fato.

Photographers charged into the field to conk Milan players with umbrellas; broadcasters bashed Italians with microphones; the Italians retaliated by kicking Santos players in the face, the Brazilians kicked right back.<sup>596</sup>

Ficou registrado na matéria que quase metade da partida foi gasta num feroz e selvagem combate dentro de campo. A reportagem mencionou a fala de um dos jogadores italianos perplexo com o que viu no Maracanã:

Of the regulation 90 minutes, 39 were spent in furious combat, 51 playing soccer. At least, Santos booted home a penalty shot for a 1-0 victory. Returning home, one of Milan's wounded groaned: "Never in all my soccer days have I seen anything like this".<sup>597</sup>

A revista destacou em foto o tumulto generalizado dentro do estádio do Maracanã e atribuiu-lhe um título: *'batalha e confusão no estádio do Maracanã – mais do que um loucura'*:



Ensaando uma espécie de história das origens do futebol na América Latina, TIME identificou esse esporte como um produto importado da Inglaterra e que fascinava, desde 1840, os argentinos às margens de um porto.

<sup>596</sup> Fotógrafos correram pelo campo para bater nos jogadores do Milan com seus guarda-chuvas, radialistas bateram nos italianos com seus microfones, os italianos revidaram chutando o rosto dos jogadores do Santos, e os brasileiros revidavam.

<sup>597</sup> Dos 90 minutos do regulamento, 39 foram gastos no furioso combate, 51 minutos foram de futebol. Pelo menos o Santos, time da casa, cobrou o pênalti que lhe deu a vitória por 1 x 0. Voltando para casa, um dos jogadores feridos do time do Milan gritou: "nunca em todos os meus dias de jogador pude ver algo parecido com isso".

No other game interests Latin Americans so much. The continent's fútbol madness began as respectable British import. In the 1840s, the citizens of Argentina's port of Buenos Aires watched in fascination as the crews of British ships idled away dockside hours kicking a ball around.<sup>598</sup>

O mesmo fascínio foi observado pelos peruanos que, em agradecimento aos britânicos, diziam que o uísque e o futebol foram as duas melhores coisas que eles trouxeram ao seu país:

In Peru, where other British sailors spread the fever, the saying is that "the only good things we owe the British are soccer and Scotch".<sup>599</sup>

TIME interpretou, no trecho abaixo, o futebol como o narcótico mais aceitável aos peruanos do que o próprio uísque. A reportagem ainda relacionou o futebol na América Latina às questões da sensualidade masculina, ao ritmo, à dança e ao vigor latino-americano:

And of the two soccer is by far the more intoxicating. It appeals to Latin sense of rhythm, of masculine grace and strength.<sup>600</sup>

A matéria também observou a intimidade dos brasileiros com o futebol na praia de Copacabana. Admirada, a reportagem dizia que os meninos eram capazes de manter a bola no ar dispensando o uso das mãos.

On Rio's Copacabana beach, groups of boys and men, using heads, shoulders, bodies, legs and feet, keep a soccer ball in the air for minutes on end.<sup>601</sup>

Destacou-se números significativos da institucionalização do futebol em países como o Paraguai – bem menor que o Estado da Filadélfia – e o Chile, cuja federação de futebol contabilizava cerca de 120.000 jogadores:

In empty Paraguay, with a population (1.900.000) smaller than of Philadelphia, there are eleven teams in the top division alone. The Chilean Federation of Fútbol carries 1.320 amateur soccer clubs and 120.000 players on its roster.<sup>602</sup>

Apesar da análise irônica em relação ao Paraguai, é importante destacarmos alguns elementos relacionados ao futebol nos EUA. O futebol de origem européia, *soccer* como é

---

<sup>598</sup> Nenhum outro jogo interessa tanto aos latino-americanos. A loucura pelo futebol começou no continente com sua importação da Inglaterra. Em 1840, os cidadãos argentinos em Buenos Aires assistiam fascinados à tripulação de navios ingleses que passava horas em redor do cais chutando uma bola.

<sup>599</sup> No Peru, onde os marinheiros britânicos espalharam sua febre, a declaração é que "as coisas boas que nos devemos aos ingleses são futebol e uísque".

<sup>600</sup> E dos dois, o futebol é de longe o mais intoxicante. Apela para a sensação latina de ritmo, graça masculina e vigor.

<sup>601</sup> Na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, grupos de meninos e homens, usando a cabeça, ombros, o corpo, as pernas e os pés, mantém a bola de futebol no ar por minutos sem interrupção.

<sup>602</sup> No desabitado Paraguai, com uma população (1.900.000) inferior a da Filadélfia, existem 11 times somente na primeira divisão. A federação chilena de futebol mantém 1320 clubes de futebol amador e 120.000 jogadores em sua lista.

conhecido pelos americanos, começou a ganhar força naquele país ainda na década de 60, mas especificamente entre 1960 e 1966.<sup>603</sup> Nesse período inicial, o número de equipes universitárias passou de 100 para 425. Em 1968 já era possível contabilizar 1100 equipes escolares com 25.000 jogadores.<sup>604</sup> As ligas profissionais só ganharam força a partir da década de 1970. Antes disso, a ocorrência desse esporte se estruturou de forma gradual junto aos amadores, *colleges* e universidades. No final dos anos 60, em Nova York, ‘havia mais escolas de *soccer* (46) do que de futebol americano (19) e baseball (23)’<sup>605</sup> - lembramos que os EUA foram eliminados pelo México na Copa do Mundo de 1966.

#### 4.1.2 - MORTE SÚBITA

Com subtítulo ‘Morte Súbita’ (*Sudden Death*), TIME observou outro aspecto do caso latino americano que lhe pareceu curioso. Para a revista o futebol apresentava-se como ‘avesso’ à forma de um esporte coletivo e destacou o fator ‘individualidade’ e ‘orgulho’ semelhantes à polidez de um toureiro, sendo que cada um dos ‘onze virtuosos’ jogadores de futebol possuía um apelido e fãs. Não deixou de citar o futebol como uma profissão rentável e mencionou a média salarial das estrelas:

Soccer is supposed to be a team sport. But a Latin American side is a collection of eleven virtuosos, each as proud as a bullfighter, each with his own style, each with his own nickname among the hero-worshipping fans. On Argentina, the average base pay for the dozen top stars is a handsome (by Latin standards) \$9.000 a year.<sup>606</sup>

TIME identificou Pelé como um ‘dark-skinned’<sup>607</sup> e o apresentou como o adorável ídolo de sua torcida. A revista ainda frisou que o craque possuía um salário superior aos padrões argentinos e que já havia estado em contato com celebridades como a Rainha Elizabeth, além de servir como modelo de inspiração para autores de livros e canções.

Brazil’s Pelé, a dark-skinned 23-year-old whose grace and daring leave the fans in ecstasy, gets something like \$40.000 a year, has been received by Queen Elizabeth, lionized in books and dozens of songs.<sup>608</sup>

---

<sup>603</sup> SAPORTA, *op cit*, p. 608.

<sup>604</sup> Idem

<sup>605</sup> Idem

<sup>606</sup> Supõem-se que o futebol seja um jogo de equipe. Mas no caso latino-americano existe uma coleção de onze virtuosos, cada um tão orgulhoso quanto um toureiro, cada um com o seu próprio estilo, cada um com o seu próprio apelido entre os heróis adorados dos fãs. Na Argentina, a média de pagamento para uma dúzia de super estrelas são generosos (para os padrões latinos) \$9.000 ao ano.

<sup>607</sup> Pele escura – tradução aproximada

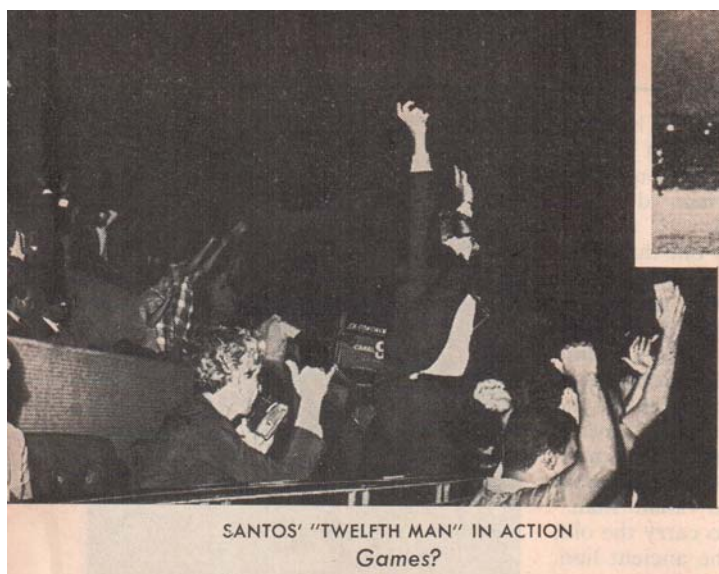
<sup>608</sup> Pelé, do Brasil, um negro de 23 anos, cuja graça e ousadia deixa os fãs em êxtase, ganha algo em torno de \$40.000 ao ano, foi recebido pela rainha Elizabeth, celebrado em livros e uma dúzia de canções.

A reportagem percebeu a importância de Pelé para as decisões de ordem política, econômica e cultural do seu clube, o Santos. Após recusar uma oferta de 1 milhão de dólares do Real Madrid, o então presidente do Santos, Athie Coury<sup>609</sup> – também político de São Paulo – atribuiu os riscos de um mau desempenho eleitoral e até mesmo a morte - *Sudden Death* - caso se desfizesse de Pelé:

Spain's Real Madrid reportedly offered the Santos Club \$1.000.000 for him. But to sell him abroad would be unthinkable. Says Santos Club President (and São Paulo State Legislator) Athie Coury: "I would lose not only my job and the next election, but I would also meet sudden and violent death at the hands of Santos fans".<sup>610</sup>

Mencionando a Argentina e o Uruguai como antigos campeões latino-americanos, a reportagem atualizou o Brasil como o adversário a ser batido, além do *glamour* que causava a sua visita em diversos países:

In the early days, Argentina and Uruguay ruled the Latin-American soccer world. But now Brazil is the country for everyone to beat, and nowhere is victory greeted with such delirium nor defeat such agitation.<sup>611</sup>



<sup>609</sup> Athie Coury antes de ser presidente do Santos, também jogou pelo clube na posição de goleiro nas décadas de 30 e 40. Foi presidente do Santos por 26 anos (1945 a 1971), além de desenvolver paralelamente atividades políticas como deputado estadual de São Paulo; para mais detalhes, acessar:

[http://santos.globo.com/clube\\_administracao\\_ptexto.php?cod=11892](http://santos.globo.com/clube_administracao_ptexto.php?cod=11892); [http://santos.globo.com/clube\\_historia\\_mtexto.php?cod=3703](http://santos.globo.com/clube_historia_mtexto.php?cod=3703)

<sup>610</sup> O Real Madrid da Espanha, ofereceu ao Santos \$1.000.000 por ele. Mas vendê-lo ao clube estrangeiro seria inconcebível. Diz o presidente do Santos (e deputado do Estado de São Paulo), Athie Coury: “eu não perderia somente o meu trabalho e a próxima eleição, mas também encontraria a morte súbita e violenta nas mãos dos torcedores do Santos”.

<sup>611</sup> No início dos tempos, Argentina e Uruguai dominaram o mundo do futebol latino-americano. Mas agora o Brasil é o país a ser batido, e em nenhuma parte a vitória é saudada com tal delírio e agitação.

Foi destacada em foto a figura do ‘décimo segundo homem do time do Santos em ação’- a torcida – e, recuperando a idéia da insanidade, acrescentou uma irônica pergunta: Jogos?

A imagem de torcidas violentas e incontidas da América Latina retomou as linhas da reportagem que deu destaque às questões de segurança tanto aos árbitros como aos jogadores. Mencionou a utilização de cercas largas e profundas ao redor dos campos de futebol no Chile e Argentina; a segurança no estádio do Maracanã foi destacada:

Chile and Argentina have 9-ft. fences around their soccer fields to protect referees and enemy players from enraged fans, but Rio’s giant Maracanã Stadium wisely has a dry moat, 7 ft. deep and more than 5 ft. wide.<sup>612</sup>

E o que dizer das torcidas americanas? O número de expectadores de outros esportes na década de 1960 chegava a ser assustador. Apesar da pequena popularidade do futebol *soccer* em relação às demais modalidades esportivas, o número anual de torcedores americanos presentes nos estádios superava a população de muitos países do mundo. O basquetebol na temporada de 1965-66 contava com 1 milhão de atletas interessados de todas as idades e atraía cerca de 150 milhões de espectadores aos ginásios.<sup>613</sup> O baseball em 1966 deslocava anualmente 25.200.000 pessoas nos torneios da primeira categoria e 10 milhões nos de segunda categoria.<sup>614</sup> O futebol americano em 1966 levou 30 milhões de americanos aos estádios, além dos 60 milhões que assistiram aos jogos pela televisão.<sup>615</sup>

#### 4.1.3 - A ERA DAS CONQUISTAS

Fechando a reportagem com o subtítulo ‘A Era das Conquistas’ (*ERA OF CONQUESTS*), o triunfo da copa de 1958 foi lembrado na reportagem, assim como a escolta aérea que recebeu a seleção brasileira em sua chegada ao Brasil.

Era of conquests. When Brazil won its first World All Star Cup in Sweden in 1958 the airliner that brought the players home was escorted into Rio by 16 Brazilian Air Force jets.<sup>616</sup>

---

<sup>612</sup> Chile e Argentina possuem cercas de 3 metros em torno dos campos de futebol para proteger árbitros e jogadores adversários dos fãs enfurecidos, mas o gigante estádio do Maracanã, no Rio, sabiamente possui um seco e profundo poço de 2 metros de profundidade e mais 1,5m de largura.

<sup>613</sup> SAPORTA, *op cit*, p. 602.

<sup>614</sup> Idem

<sup>615</sup> Idem

<sup>616</sup> Era de conquistas. Quando o Brasil ganhou sua primeira copa do mundo na Suécia em 1958 o avião que trouxe os jogadores para casa foi escoltado no Rio por 16 jatos da força aérea nacional.

Dando foco à movimentação do país em torno do acontecido, a reportagem não deixou de mencionar o fechamento de lojas e a paralisação das atividades do congresso cujas sessões havia sido suspensas:

Stores closed, Congress adjourned.<sup>617</sup>

O espírito de veneração pelos heróis do esporte nacional não deixou ser observado. A reportagem notificou milhares de fãs erguendo os jogadores campeões de 1958 num carro de bombeiros para, logo após, percorrerem as ruas de Brasília em meio aos gritos dos fãs:

Thousands of fans hoisted their heroes onto a waiting fire truck, then followed them into the city as more than 1.000.000 flag-waving, dancing, screaming fans lined the route.<sup>618</sup>

A fala do então presidente Juscelino destacava a afirmação da ‘raça’ brasileira e o início de uma era de conquistas:

President Juscelino Kubitschek waited outside his palace with gold medals and a proclamation: “We have received the emblem of victory as an affirmation of our race. This is the beginning of a new era of conquests”.<sup>619</sup>

Antes de embarcarem para a conquista do bi-campeonato mundial em 1962, a delegação brasileira ainda esteve em Brasília para um encontro com Jango num sinal de boa sorte à equipe. Segundo a revista Manchete “Pelé, preocupado com a saúde de Goulart perguntou ao presidente como andavam as coronárias, ao que Jango respondeu: estão boas, mas não tanto quanto as suas”<sup>620</sup>. Segundo TIME, a era de conquistas prosseguia e destacou o bi-campeonato do Brasil na copa do mundo de 1962:

Four years later, when the World All Star Cup was held again, Brazil conquered once more.<sup>621</sup>

No ano da conquista do bi em 1962, o presidente João Goulart repetiu o gesto de Juscelino indo recepcionar em Brasília a seleção brasileira em meio a uma grande festa que iria percorrer o país. Jango havia quebrado o ‘rígido protocolo do Itamaraty’ e foi pessoalmente receber os jogadores no aeroporto.<sup>622</sup> Após abraçar a todos, decidiu fazer um

---

<sup>617</sup> Lojas fecharam, o congresso suspendeu as sessões.

<sup>618</sup> Milhares de fãs suspenderam seus heróis sobre um carro de bombeiros que os aguardava, e então os seguiram pela cidade com mais de um milhão de bandeirinhas, acenando, dançando, fãs gritando em filas durante roteiro.

<sup>619</sup> O presidente Juscelino Kubitschek esperou do lado de fora do palácio com medalhas de ouro e uma proclamação; “nos recebemos o emblema da vitória como uma afirmação da nossa raça. Este é o início de uma nova era de conquistas”.

<sup>620</sup> *Manchete*, 02 de junho de 1962, citado em Marco Villa, *op cit*, p. 252

<sup>621</sup> Quatro anos depois, quando a copa do mundo voltou a ser disputada, o Brasil conquistou o título mais uma vez.

<sup>622</sup> VILLA, *op cit*, p. 75

brinde aos campeões, onde ‘na falta de champanhe, bebeu uísque, cercado por Garrincha, Pelé e Amarildo’.<sup>623</sup> Poucos meses após a conquista de 62, e a poucos meses do plebiscito que decidiria pelo presidencialismo, o desabastecimento de gêneros de primeira necessidade agravara-se dando margem para uma irônica comparação: “falta feijão, mas tem Pelé; falta arroz, mas tem Mané”.<sup>624</sup>

TIME lembrou a primeira conquista do Santos, no ano anterior, ao vencer o time de Portugal (Benfica) pelo título mundial de clubes:

Last year Brazil, championed by Santos, won another of international soccer’s highest prizes by beating Portugal for the World Club Championship. And by demolishing Milan last week Santos won the World Club Championship for a second straight year.<sup>625</sup>

A violência da final do mundial de clubes coberta nessa reportagem pode ser confirmada por um dos seus protagonistas. Em livro, Almir, o pernambuquinho, ex-jogador do Santos e presente naquela ocasião, relatou o desespero para conquistar aquele título. Os jogadores receberiam 2 mil cruzeiros como prêmio. Segundo o ex-jogador, aquele dinheiro “dava para comprar um fusca zerinho”. Eles entraram ‘em campo vendo o automóvel ao alcance das mãos’. Confessando que ‘tomou uma bola’ – um tipo de droga – Almir disse que ‘do outro lado estavam os caras que podiam impedir isso’ – a conquista do dinheiro. “Era preciso fazer de tudo, a gente precisava se matar dentro do campo, prá não deixar que eles faturassem o nosso bicho”.<sup>626</sup>

TIME encerrou a reportagem fazendo menção aos prêmios que seriam recebidos pelos jogadores do Santos e a construção de uma estátua fora do estádio do Maracanã como um presente da torcida santista à torcida carioca pela solidariedade prestada ao time durante o jogo da conquista:

All eleven players got \$2.000 bonuses. And Club President Coury announced an appropriate bonus for the “twelfth man” – a statue, of what is not yet decided, from the grateful people of Santos to the fans of Rio, to be erected outside Maracanã Stadium.<sup>627</sup>

---

<sup>623</sup> Idem

<sup>624</sup> Idem

<sup>625</sup> No ano passado o Brasil, defendido pelo Santos, venceu outro campeonato importante ao bater Portugal pelo título mundial de clubes. E demolindo o Milan na semana passada, o Santos venceu o campeonato mundial de clubes pelo segundo ano consecutivo.

<sup>626</sup> Para mais detalhes, acessar: <http://www.museudosesportes.com.br/noticia.php?id=3804> (acessado em 10/2008).

<sup>627</sup> Todos os onze jogadores conseguiram \$2.000 como gratificação. E Presidente do Clube, Sr. Coury, anunciou um justo prêmio ao “décimo segundo jogador” - uma estátua, que ainda não está decidida, uma forma de agradecimentos dos torcedores do Santos aos torcedores do Rio de Janeiro, será erguida no lado de fora do Estádio do Maracanã.

## 4.2 – QUESTÃO DE DESORDEM

Ao contrário do termo *point of order* (Questão de ordem), TIME trouxe em 13 de Dezembro de 1963 uma reportagem com o título *Point of Disorder* (Questão de desordem).

A violência na política brasileira foi destaque e trouxe duas figuras do senado brasileiro, Arnon de Melo e Silvestre Péricles de Góes Monteiro, inimigos políticos de sua região – Alagoas – e que travaram um duelo de morte durante uma sessão no plenário.

Qualificando como ‘oscilante’ a ‘liberdade política’ do Brasil e olhando para a Câmara do Senado como algo ‘modernístico’, TIME utilizou o episódio como exemplo da maneira violenta de se fazer política no Brasil e como, graças a esse tipo violência, era possível se adquirir liberdade de expressão. Ao velho estilo *western*, a reportagem informou que vários políticos brasileiros portavam armas apenas para garantir a atenção de todos perante seus discursos.

In Brazil's free-swinging politics, violence is often more than verbal. Rip-roaring first fights sometimes punctuate the debates in the modernistic chambers of the nation Congress in Brasilia. Many a lawmaker packs a pistol, which can be used – as one Congressman recently discovered – to assure undivided attention to a speech.<sup>628</sup>

O episódio do confronto armado entre os dois senadores foi em 5 de dezembro de 1963 - uma semana antes da publicação dessa reportagem. Foi narrado em tom cinematográfico e com final trágico:

Last week, rising to make his maiden speech in the Brazilian Senate, Senator Arnon de Mello, 52, looked uneasily toward the back of the chamber. “I will speak today”, he began, “with my eyes turned to Senator Silvestre Péricles de Góes Monteiro, who... who... who has threatened to kill me today”.<sup>629</sup>

Liberdade de expressão cerceada pela violência? Intimidações parlamentares para assegurar determinado tipo de poder ou força regional? Foi essa a impressão deixada pela

---

<sup>628</sup> Na oscilante livre política do Brasil, a violência é muito mais do que verbal. A turbulência que marca o início das lutas, algumas vezes pontua os debates na modernística Câmara do congresso em Brasília. Muitos legisladores carregam uma pistola que pode ser usada – conforme um parlamentar recentemente descobriu – para assegurar a atenção dividida durante uma fala.

<sup>629</sup> Semana passada, subindo para fazer sua fala inaugural no senado brasileiro, o senador Arnon de Mello, 52, olhou apreensivamente na direção da parte de trás da câmara. “Eu falarei hoje”, começou, “com os meus olhos voltados para o Senador Silvestre Péricles de Góes Monteiro que..., que..., que me ameaçou de morte hoje”.

reportagem ao analisar a atitude do então senador Arnon de Mello que, mesmo ameaçado de morte pelo senador Silvestre Péricles de Góes Monteiro, faria o seu discurso. Antes de o tiroteio começar, houve um trocadilho que serviu como uma confissão de Goes Monteiro diante da acusação. Após chamar Arnon de Mello de ‘suíno’, estava aberto o pedido por ‘Questão de Ordem’ na casa:

“Swine”, roared Góes Monteiro, 67, charging down the aisle. Mello drew his Smith & Wesson .38, ducked behind a seat – and fired twice.<sup>630</sup>

A troca de tiros prosseguiu. Ao sacar a sua própria arma, Goes Monteiro foi detido por outro parlamentar. Para a reportagem isso servia para confirmar que os parlamentares, de fato, eram e estavam em sua maioria portando armas:

An old hand at political gunplay, Góes Monteiro whipped out his own .38, but another Senator jumped him before he could fire.<sup>631</sup>

No meio do fogo cruzado, um terceiro senador acabou sendo vítima da violência. Tratava-se de José Kairala. Segundo a reportagem, ele estava caído no chão em meio a uma poça de sangue. O tiro que perfurou-lhe a barriga era advindo da pistola de Mello. Mesmo com a ajuda médica em tempo, Kairala veio a falecer horas depois, notificou a reportagem:

When the bedlam subsided, a third Senator, José Kairala, 48, was lying in a pool of blood. Apparently the second shot from Mello’s pistol had ripped into his abdomen. Doctors kept him alive for four hours, and then he died.<sup>632</sup>

José Kairala era natural de Manaus e ocupava a cadeira do Senado Federal como suplente de José Guimard, pelo estado do Acre. Aquele seria o seu penúltimo dia como senador suplente.

O fato percorreu a imprensa não apenas nacional como internacional. O *New York Times* destacou em suas páginas da edição de 5 de dezembro de 1963 o fato. Segundo TIME, o Brasil estava chocado, mas aquilo, na verdade, não era uma surpresa, era um fato normal:

Brazil was shocked, but hardly surprised.<sup>633</sup>

Segundo a reportagem os dois parlamentares eram oriundos da ‘dura região nordestina’ do Brasil, espaço para produção e ocorrências desse tipo:

---

<sup>630</sup> “Suíno”, gritou Góes Monteiro, 67, atacando das cadeiras de baixo. Mello sacou seu Smith & Wesson .38, rapidamente de trás de uma cadeira e atirou duas vezes.

<sup>631</sup> Um tarimbado político atirador, Góes Monteiro arrancou seu próprio 38, mas outro Senador o impediu antes que ele pudesse atirar.

<sup>632</sup> Quando o tumulto baixou, um terceiro senador, José Kairala, 48, estava estendido numa poça de sangue. Aparentemente o segundo tiro da pistola de Mello rasgou seu abdômen. Os médicos o mantiveram vivo por 4 horas, e então ele morreu.

<sup>633</sup> O Brasil estava chocado, mas dificilmente surpreso.

Both Mello and Góes Monteiro come from the hard-scramble northeast state of Alagoas, where political ambushes are the rule not the exception.<sup>634</sup>

TIME traçou o perfil da família de Goes Monteiro, segundo a revista o clã mantinha o poder oligárquico na região há 20 anos e acabou fazendo do Estado de Alagoas sua propriedade privada:

For more than 20 years, Góes Monteiro and his family ran the state as a private political reserve.<sup>635</sup>

A família de Silvestre Péricles de Goes Monteiro é a mesma do militar Pedro Aurélio de Goes Monteiro. Este que participou ativamente como comandante militar na Revolução de 1930 e como articulador da deposição de Getúlio em 1945. Silvestre Péricles era filho de Manuel César de Goes Monteiro (1891 — 1963) que também havia sido militar, além de médico e político. O comando dessa família sobre o Estado de Alagoas se deu por exatos 16 anos - ao contrário dos 20 citados por TIME. O irmão mais velho de Silvestre Péricles, Edgar de Goes Monteiro governou Alagoas por dez anos (1935 a 1945). Logo após, seu outro irmão, Ismar de Góis Monteiro completou o mandato de Edgar (1941-1947). Silvestre Péricles foi governador de Alagoas entre 1947 e 1951.

O perfil de um político violento foi exposto na reportagem ao citar as comemorações que Silvestre ordenava ao povo quando um inimigo era eliminado:

Once, when a political enemy was enemy mysteriously killed, Góes Monteiro ordered samba music played on public loudspeakers.<sup>636</sup>

Mello foi apresentado pela reportagem na figura do mocinho, pois foi o único que teve coragem de lutar contra o forte clã dos Goes Monteiro. A reportagem errou no ano que Mello venceu as eleições, o correto é 1951 e não 1950 como ficou registrado:

One of the few who dared cross him was Mello, a crusading newspaperman, whose election as governor in 1950 touched off a bloody feud.<sup>637</sup>

A questão das denúncias foi pontuada como algo passível de represália. As consequências da quebra da lei do silêncio são identificadas na reportagem através das rinchas violentas. O papel de Arnon de Mello, como denunciante de uma série de irregularidades e

---

<sup>634</sup> Ambos, Mello e Góes Monteiro, vêm da dura região nordestina do Estado de Alagoas, onde as emboscadas políticas são regra sem exceção.

<sup>635</sup> Por mais de 20 anos, Góes Monteiro e sua família mantiveram o Estado como um reserva política privada.

<sup>636</sup> Uma vez, quando um político inimigo foi morto misteriosamente, Góes Monteiro ordenou que tocassem samba nos alto-falantes públicos.

<sup>637</sup> Um dos poucos que ousaram cruzar-lhe o caminho foi Mello, um corajoso jornalista cuja eleição como governador em 1950 desencadeou uma rinha sangrenta.

crimes cometidos pelo seu conterrâneo, foi observado por TIME como uma questão de coragem. Em 13 de setembro 1957, no mesmo Estado de Alagoas - dos Mello e dos Goes Monteiro - houve um duelo com pistolas entre facções inimigas dentro da sede da Assembléia Legislativa de Alagoas<sup>638</sup>, TIME recordou o episódio:

Mello ordered an investigation into the previous Góes Monteiro regime; a star witness was found both legs – and his spirit – broken, and at one point rival gangs fought a pitched battle with machine guns on the floor of state assembly.<sup>639</sup>

Os motivos das ameaças de Silvestre Péricles se deviam ao fato da chegada de Mello ao Congresso, pontuou a reportagem:

When Mello moved on to the national Senate 14 months ago, old Góes Monteiro promised: “He’ll never make his first speech”.<sup>640</sup>

Segundo Jordan Young, ambos, Silvestre Péricles e Arnon de Mello, foram privados de sua imunidade parlamentar em 07 de dezembro de 1963.<sup>641</sup>

Arnon Afonso de Farias Melo, era natural de Rio Largo, Alagoas. Naquele momento ele contava com 52 anos de idade e viria a falecer em Maceió, no dia 29 de setembro de 1984, com 73 anos de idade.<sup>642</sup> Sua primeira participação como senador foi em 1963, cargo no qual sempre esteve presente até sua morte. Arnon de Mello foi pai do ex-presidente da República Fernando Collor de Mello. O assassinato de José Kairala não foi detalhado pela reportagem: trataram-se de três tiros, a menos de cinco metros,<sup>643</sup> ao contrário do que publicou a revista – que passou a impressão de que os tiros haviam sido dados da tribuna da câmara, a média distância. Com o episódio, Arnon de Melo tornou-se o primeiro senador com o mandato cassado no Brasil.<sup>644</sup> Arnon de Melo atuou pela extinta ARENA em 1970 e novamente em 1978.<sup>645</sup>

O clã de família Arnon de Mello detém atualmente um dos maiores complexos da área de comunicação do norte-nordeste. Conhecida como *Organização Arnon de Mello*, é

---

<sup>638</sup> YOUNG, *op cit*, p. 204-205

<sup>639</sup> Mello ordenou uma investigação no governo anterior de Góes Monteiro; uma célebre testemunha foi encontrada com ambas as pernas – e sua honra – quebradas, e gangues rivais travavam uma batalha com metralhadoras no chão da assembléia do Estado.

<sup>640</sup> Quando Mello mudou-se para o Senado Nacional, 14 meses atrás, o velho Góes Monteiro prometeu: “ele nunca fará seu primeiro discurso”.

<sup>641</sup> YOUNG, *op cit*, p. 204-205

<sup>642</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arnon\\_de\\_mello](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arnon_de_mello) (acessado em 29/05/2008)

<sup>643</sup> Idem

<sup>644</sup> (...) feito que só aconteceu mais uma vez, quando o senador Luís Estevão perdeu seu cargo de representante do Distrito Federal em 28 de junho de 2000, Idem.

<sup>645</sup> Idem

composta por Rádios, Emissora de TV, Jornal, Instituto de Pesquisa, entre outros.<sup>646</sup> Essa mega empresa atualmente está sob o controle dos herdeiros do próprio Arnon de Mello “entre eles o ex-presidente Fernando Collor. As suas rádios são as mais ouvidas no Estado, a sua Emissora Televisiva foi a primeira a transmitir em cores para Alagoas e seu jornal é o mais lido”.<sup>647</sup> Compõem esse império a TV Gazeta de Alagoas - Afiliada da Rede Globo (Canal 7); a Gazeta de Alagoas - Jornal de maior circulação no Estado; as rádios Gazeta AM, Gazeta FM Maceió (94,1 MHz), Arapiraca e Pão de Açúcar. Possuem ainda um Instituto de Pesquisa: GAPE (Gazeta Pesquisa). Já na era digital a GazetaWeb.com também é de sua propriedade.<sup>648</sup>

A revista finalizou a reportagem mencionado a ousada resistência de Arnon de Mello em permanecer no Congresso mesmo com as ameaças de morte de Silvestre Péricles:

Except for his swearing-in, Mello made it a point to stay from the Senate – until last week. Even then, he never made his maiden speech. After the gunplay Mello faced a charged of homicide; Goes Monteiro was held for attempted assault with intent to kill.<sup>649</sup>

Segundo TIME, o Senado brasileiro daquele momento em diante acabou tomando uma decisão drástica. No intuito de inibir a violência, pelo menos dentro da casa, os parlamentares não entrariam mais armados.

And The Senate passed a rule: from now on, all Senators will check their weapons at the door.<sup>650</sup>

A violência na política brasileira, noticiada nas páginas de TIME não era um caso raro. Em 31 de agosto de 1963, meses antes desta reportagem, o deputado estadual do Estado do Rio do Sul, Euclides Kleimann (PSD) foi morto a tiros durante um debate transmitido pela rádio de Santa Cruz do Sul. Seu assassino foi o vereador Floriano Peixoto (PTB) que confessou ter matado a queima-roupa o deputado. O caso chamou a atenção da Associated Press que explicou a origem do problema: o fato era que ambos não haviam recebido o mesmo tempo para falar no rádio.<sup>651</sup>

---

<sup>646</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_Arnon\\_de\\_Mello](http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_Arnon_de_Mello) (acessado em 29/05/2008)

<sup>647</sup> Idem

<sup>648</sup> Idem

<sup>649</sup> Com exceção de seu julgamento, Mello fez disto um ponto para ficar no Senado – até a semana passada. Até então ele nunca tinha feito sua fala inaugural. Depois que o atirador Mello denunciou uma serie de homicídios, Góes Monteiro estava empenhado em matar.

<sup>650</sup> E o senado aprovou uma regra: de agora em diante todos os senadores depositarão suas armas na porta.

<sup>651</sup> YOUNG, *op cit*, p. 204-205

### 4.3 - O HOMEM DAS ALTURAS

“Zarur é o homem mais combatido que eu, e ganha todas as batalhas com a Verdade do Evangelho”.<sup>652</sup>

CARLOS LACERDA

‘O HOMEM DAS ALTURAS’ (*Man from above*) foi o título da matéria de sua edição de 27 de dezembro de 1963, a última daquele ano. TIME deu destaque à enigmática figura de Alziro Zarur, fundador da Legião da Boa Vontade, uma entidade religiosa que com o passar dos anos obteve um crescente número de fiéis no Brasil e no mundo.

De forma irônica, o tom místico abriu o *lead* da matéria - ambientalizada numa sessão de orações. Num estado de transe por parte dos fieis, o nome de Zarur era invocado em meio aos cânticos a aplausos. Logo em seguida, recebendo uma mensagem do além, advinda de ninguém menos do que o próprio Jesus Cristo, Alziro Zarur comunicava aos fiéis as determinações de Cristo que o indicava, naquele momento, ao cargo de presidente do Brasil:

The music from the soundtrack of The Ten Commandments swells to a crescendo, then fades as a clapping chant, “Za-rur-Za-rur”, fills the loudspeakers. “Brothers”, a soft voice intones, “Jesus Christ told me I should be President of Brazil.”<sup>653</sup>

Zarur, humildemente, colocava Jesus à frente de qualquer atividade política que viesse a ser desempenhada por seu servo. Enfatizou que seria o próprio Jesus que estaria no comando:

But Jesus is not my campaign manager. I am his. If I win, Jesus will govern. I will deliver Brazil into the hands of God. The people are waking up and saying: ‘I want Jesus to rule Brazil’.<sup>654</sup>

---

<sup>652</sup> Citado em ZARUR, Alziro. *Mensagem de Jesus para os sobreviventes*. Rio de Janeiro, Promopaz, 1978, 18ª edição, p. 15. Outras citações extraídas desse livro irão aparecer nos próximos subtítulos dessa seção a título de mera ilustração. O livro foi escrito pelo próprio Alziro Zarur, portanto trata-se de uma fonte duvidosa. Há uma grande dificuldade para se localizar uma bibliografia de perfil independente abordando a figura de Zarur de forma isenta e não tendenciosa.

<sup>653</sup> A música da trilha Sonora dos dez mandamentos eleva-se num tom crescente, então enfraquece com um cântico em aplausos, “za-rur-za-rur”, enche os alto-falantes. “Irmãos”, uma voz suave entoia, “Jesus Cristo me disse que eu deveria ser presidente do Brasil (...)”

<sup>654</sup> “(...) Mas Jesus não é meu gerente de campanha. Se eu vencer, Jesus governará. Eu entregarei o Brasil nas mãos de Deus. As pessoas estão acordando e dizendo: ‘Eu quero que Jesus governe o Brasil’”.

Traçando um perfil físico e psicológico da Alziro Zarur, TIME citou a fala de cunho político e bem articulada desse controvertido personagem avesso às ideologias de esquerda e de direita, sua opção era pelos céus:

Every afternoon and evening, Alziro Zarur, 48, a squat, balding, onetime actor who now bills himself as Jesus latter-day apostle, speaks to millions of Brazilians from Rio to the pampas borders of Uruguay. “I am not from left, from right or from center but from above”, he says.<sup>655</sup>

#### 4.3.1 - “EU CONHECI TODAS AS COISAS”.

“Meu caro Zarur, acompanho a LBV desde meus tempos à frente da prefeitura de Belo Horizonte. Os Legionários se multiplicam como cogumelos! Meus parabéns pela sua realização: agora você é o presidente da LBV, enquanto eu sou, apenas, o presidente da República”.<sup>656</sup>

JUSCELINO KUBITSCHKE

Na seção com subtítulo “Eu conheci todas as coisas” (*I knew everything*), TIME fez uma separação entre loucura e misticismo. Zarur, segundo a revista, não era louco, afinal de contas o Brasil sempre teve afinidade com o misticismo. No lugar da loucura, caberia o fator messiânico de um salvador da pátria. Citando o caos econômico e político daqueles dias, a reportagem advertia sobre a possibilidade de um perfil como o de Zarur ser candidato às eleições de 1965 com possibilidade de êxito:

“I KNEW EVERYTHING”. A screwball? Not in Brazil, which has always had an affinity for mystics. In these troubled days for Brazil of squabbling politicians, wild inflation and widespread cynicism, there is a longing for someone to save the country, and this longing makes Zarur a possible candidate for the 1965 presidential elections.<sup>657</sup>

A reportagem baseou seu argumento numa pesquisa de boca-de-urna realizada naqueles dias e que dava o quarto lugar a Zurur, atrás dos três principais candidatos à presidência em 1965 que eram Adhemar de Barros, Carlos Lacerda e o ex-presidente Juscelino.

A recent poll in São Paulo and Rio gave Zarur 6% of the vote and fourth place among presidential candidates – trailing only ex-President Juscelino Kubitschek,

---

<sup>655</sup> Todas tardes e noites, Alziro Zarur, 48, um atarracado, calvo, ex-ator que agora anuncia a si mesmo como moderno apóstolo de Jesus, fala com milhões de brasileiros do Rio até os pampas do Uruguai. “Eu não sou da esquerda, da direita ou do centro, mas do alto”, diz ele.

<sup>656</sup> Zarur, *op cit*, p. 20

<sup>657</sup> Um louco? Não no Brasil, que sempre teve uma afinidade para místicos. Nestes conturbados dias, para o Brasil das querelas políticas, inflação selvagem e cinismo difundido, existe um desejo de que alguém possa salvar o país, e este desejo faz Zarur um possível candidato para as eleições presidenciais de 1965.

Governors Carlos Lacerda of Guanabara State and Adhemar de Barros of São Paulo State.<sup>658</sup>

Houve ainda a alegação por parte dos seguidores de Zarur que o líder das pesquisas, Juscelino, teria lhe oferecido a vice-presidência, porém Zarur acabou preferindo Jesus:

Even before the poll, claim Zarur's lieutenants, Kubitschek offered him second place on the Kubitschek ticket. Zarur stayed with Jesus.<sup>659</sup>

TIME não forneceu números claros em relação à corrida eleitoral daquele momento, apenas situou Zarur em quarto lugar e deu continuidade a análise do líder religioso - como uma espécie de fenômeno político no Brasil.

No seguinte, 1964, os números começariam a mudar para Zarur. Tomando como referência o estudo de Antonio Lavareda, no período de 9 a 26 de março de 1964, Zarur estava empatado com Magalhães Pinto no quinto lugar da corrida presidencial.<sup>660</sup> Segundo esse autor, “naquele que foi o último estudo de opinião pública realizado antes da intervenção militar, abrangendo oito capitais, delineava-se a disputa que teria lugar no ano seguinte”<sup>661</sup>.

**SE A ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE DA REPÚBLICA FOSSE REALIZADA AMANHÃ, EM QUAL DESSES CANDIDATOS VOCÊ VOTARIA? (9/26 DE MARÇO DE 1964)**

(%)

| Cidades        | Juscelino Kubitschek | Carlos Lacerda | Carvalho Pinto | Miguel Arraes | Ademar de Barros | Magalhães Pinto | Alziro Zarur | B/N/NS |
|----------------|----------------------|----------------|----------------|---------------|------------------|-----------------|--------------|--------|
| São Paulo      | 22                   | 16             | 24             | 3             | 9                | 3               | 1            | 21     |
| Rio de Janeiro | 27                   | 33             | 4              | 10            | 7                | 2               | 5            | 11     |
| Belo Horizonte | 52                   | 17             | 1              | 5             | 6                | 6               | 2            | 9      |
| Porto Alegre   | 18                   | 19             | 11             | 10            | 12               | 4               | 1            | 24     |
| Recife         | 24                   | 17             | 4              | 34            | 3                | 0               | 1            | 17     |
| Salvador       | 40                   | 17             | 3              | 6             | 9                | 3               | 2            | 18     |
| Curitiba       | 32                   | 19             | 5              | 2             | 9                | 0               | 3            | 29     |

<sup>658</sup> Uma recente pesquisa eleitoral em São Paulo e no Rio deu a Zarur 6% dos votos e o quarto lugar entre os candidatos presidenciais – atrás apenas do ex-presidente Juscelino Kubitschek e dos governadores Carlos Lacerda, da Guanabara, e Adhemar de Barros, de São Paulo.

<sup>659</sup> Até antes da pesquisa, alegavam os legionários de Zarur, Kubstichek ofereceu-lhe o segundo lugar (vice-presidência) em sua chapa. Zarur ficou com Jesus.

<sup>660</sup> LAVAREDA, Antonio. *A Democracia nas Urnas – O processo partidário-eleitoral brasileiro: 1945-1964*. 2ª edição revisada. Rio de Janeiro, Iuperj: Renavan, 1999, p. 171-172

<sup>661</sup> Idem

|                  |            |            |            |           |           |           |           |            |
|------------------|------------|------------|------------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
| <b>Fortaleza</b> | 52         | 16         | 2          | 13        | 4         | 0         | 0         | 12         |
| <b>Total</b>     | <b>28%</b> | <b>22%</b> | <b>12%</b> | <b>8%</b> | <b>8%</b> | <b>2%</b> | <b>2%</b> | <b>17%</b> |

PESQUISA IBOPE<sup>662</sup>

Segundo Lavareda, ‘(...) quanto ao lanterninha, Alziro Zarur, dirigente de um político-filantrópico Partido da Boa Vontade, representava apenas uma candidatura folclórica sediada no Rio de Janeiro’.<sup>663</sup>

Do mesmo modo como fez com Lacerda (vide capítulo 2), TIME traçou a biografia desse controvertido personagem brasileiro. O representante de Jesus na Terra tinha toda a Bíblia na ponta da língua e na juventude foi um estudante do *voodoo*, além de pesquisador do misticismo:

A onetime student of voodoo, Zarur grew up memorizing the Bible and studying mysticism.<sup>664</sup>

Alziro Zarur, como veremos mais à frente, nasceu em 25 de dezembro de 1914 e era filho de pais sírios: Elias Zarur e Ássima Zarur<sup>665</sup>. Chegaram ao Brasil em 1912 e abriram uma loja chamada Casa de Novidades, onde vendiam roupas, calçados e chapéus.<sup>666</sup> Segundo seu biógrafo, Martins Capistrano, Alziro Zarur foi uma criança de rara inteligência e desde pequeno já revelava uma afinidade com a religião. Seus pais espantavam-se diante do menino cuja inteligência parecia-lhes um milagre.<sup>667</sup> Aos oito anos de idade ‘colaborava com suplementos infantis da imprensa carioca e, em 1926, aos doze anos dava início a sua atividade radiofônica, cujo Jubileu de Ouro se comemorou em 1976’.<sup>668</sup>

Seguindo um perfil comparativo com o jovem Jesus Cristo - que também se destacara entre os doutores – o jovem Zarur, aos quinze anos de idade iniciava sua carreira como jornalista profissional no matutino *A Pátria*, cujo proprietário era João do Rio, sob a direção de Diniz Júnior.<sup>669</sup>

Zarur, segundo TIME, aos 18 anos já atuava como escritor e ator no rádio:

<sup>662</sup> Idem

<sup>663</sup> LAVAREDA, *op cit*, p. 173.

<sup>664</sup> Um ex-aluno de voodoo (macumba), Zarur cresceu memorizando a bíblia e estudando o misticismo.

<sup>665</sup> Esses dados foram extraídos de uma biografia de Zarur escrita por um dos seus seguidores mais devotados, Martins Capistrano, vide: CAPISTRANO, Martins. *Alziro Zarur: Intelectual e Apóstolo*. Rio de Janeiro, Agência Paz, 1978, p. 74-75

<sup>666</sup> Idem

<sup>667</sup> Idem

<sup>668</sup> Idem

<sup>669</sup> ZARUR, *op cit*, p. 7

In 1932 he drifted into radio as a writer and actor.<sup>670</sup>

Em 1935, Zarur foi contratado pela revista *Fon-Fon* e trabalhou como jornalista ao lado de Mário Poppe, Bastos Portela e outros.<sup>671</sup> Durante 22 anos Zarur colaborou nessa revista e foi responsável pelo lançamento do concurso *Melhores do Rádio* cuja finalidade era constatar junto aos ouvintes quais eram os artistas que tinha melhor afinidade com o povo. Os vencedores do primeiro concurso realizado em 1938 foram Carmen Miranda, Francisco Alves, Ary Barroso, Barbosa Junior e César Ladeira.<sup>672</sup> Nos anos 40, Alziro Zarur lançou na rádio carioca Mayrink Veiga<sup>673</sup> “Aventuras de Sher-lock Holmes”.<sup>674</sup>

A missão de vida de Alziro Zarur, segundo a reportagem, se pautou pela leitura do livro de São Francisco, sugerida por um médium. Logo após a leitura, os seus olhos se abriram para a verdade, enfim, era conhecido o mistério da vida, e dali em diante seria necessário apenas dar início ao trabalho religioso:

In 1948, as the story goes, a medium brought him a message from St. Francis of Assisi: “The time for the mission has arrived”. “What mission?” asked Zarur. “Read the book about him”, said the medium, “and you will understand”. Zarur went back to a book by St. Francis, and suddenly “I knew everything. All I had to do was begin”.<sup>675</sup>

Segundo Martins Capistrano, em 1926, então com 12 anos, Zarur esteve diante da aparição de Jesus Cristo que lhe conferiu a missão de pregar o Evangelho pelo mundo – fato registrado pelo “menino Zarur”<sup>676</sup> no *Jornal de Deus*.<sup>677</sup> O trecho da reportagem acima fez menção a manifestação do espírito de São Francisco de Assis por intermédio de uma velhinha – o médium citado – para ratificar ‘o início do trabalho de evangelizador já preconizado por Cristo’.<sup>678</sup> O nome da velhinha era Emília Ribeiro, ‘um dos grandes nomes da mediunidade no Brasil na época’, que ao olhar para Zarur, disse-lhe: “... eu vi São Francisco de Assis ao seu lado o tempo todo e ele disse que é hora de começar.”<sup>679</sup> Zarur querendo saber mais sobre

---

<sup>670</sup> Em 1932 atuou no rádio como escritor e ator.

<sup>671</sup> CAPISTRANO, *op cit*, p. 26.

<sup>672</sup> Idem

<sup>673</sup> Em 1963 a Mayrink Veiga havia se tornando uma significativa cadeia de rádios e acabou sendo adquirida por Leonel Brizola cujo objetivo foi a tentativa de ‘institucionalização de adeptos’ e, partir dela, ‘começou a organizar células políticas armadas que denominou *grupo dos onze* – conf. SKIDMORE, *op cit*, p. 341.

<sup>674</sup> <http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/religiao/relig14.htm> (acessado em 30/05/2008)

<sup>675</sup> Em 1948, dando prosseguimento a sua estória, um médium lhe trouxe uma mensagem de São Francisco de Assis: “o tempo da missão chegou”. “Que missão?”, perguntou Zarur, “leia o livro sobre ele”, disse o médium, “e você entenderá”. Zarur voltou-se para o livro de São Francisco e de repente “eu conheci tudo. Tudo o que tinha de fazer era começar”.

<sup>676</sup> Alusão ao “menino Jesus”

<sup>677</sup> CAPISTRANO, *op cit*, p. 81

<sup>678</sup> CAPISTRANO, *op cit*, p. 134

<sup>679</sup> <http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/religiao/relig14.htm> (acessado em 30/05/2008)

a história de São Francisco entrou logo numa livraria para comprar um livro desse Santo. Ao longo da leitura ele ficou confuso, ‘preferiu esclarecê-las com Chico Xavier’. As visões foram confirmadas pelo médium que aconselhou-o a ‘dar vida a um sonho antigo, o de fundar uma instituição de caridade’.<sup>680</sup>

Em 1949, após 15 anos de trabalho no rádio, Zarur, em atenção aos doentes, lançou o programa *Hora da Boa Vontade* na Rádio Globo. A idéia seria conceber uma programação ‘destinada a ouvir os lamentos dos enfermos e consolá-los em seu sofrimento com a palavra e a imagem de Jesus’.<sup>681</sup>

TIME citou a fundação da LBV exatos dois anos após o lançamento da *Hora da Boa Vontade*. A história da vida de Zarur se confundia com história da LBV (Legião da Boa Vontade) e a reportagem chamou a atenção para o significativo número de fieis, 600.000:

Zarur first launched an inspirational radio program called The Hour of Good Will, two years later founded the Legion Of Good Will, which now claims 600.000 members.<sup>682</sup>

A LBV já existia de maneira informal. Seus estatutos datam de um período bem anterior a 1950 e também funcionava como organização filantrópica.<sup>683</sup> O serviço de utilidade pública da instituição foi reconhecido em 1952 junto à antiga Câmara do Distrito Federal no Rio de Janeiro. Tomou-se como base o Decreto-Lei de 19 de junho de 1956, e com número 39.424 recebeu o título de Utilidade Pública Federal com a assinatura do presidente Juscelino Kubitschek.<sup>684</sup>

TIME observou que as doações para manter a instituição eram em abundância, possibilitando a construção de aparelhos sociais:

With donations pouring in, he set up good-will orphanages, pharmacies, clinics soup kitchens, and mobile units that offered food, clothing and medical aid.<sup>685</sup>

A reportagem fez menção à fundação do Partido da Boa Vontade e destacou, além de seus lemas, o slogan que lançava Zarur à presidência:

In 1962 Zarur founded the Party of Good Will with the motto “Power, Truth, Goodness”, and the cry “Zarur for President”.<sup>686</sup>

---

<sup>680</sup> Idem

<sup>681</sup> CAPISTRANO, *op cit*, p. 106

<sup>682</sup> Zarur lançou primeiro um inspirado programa de rádio chamado de ‘A Hora da Boa Vontade’, dois anos mais tarde fundou a Legião da Boa Vontade, que agora possui 600.000 membros.

<sup>683</sup> CAPISTRANO, *op cit*, p. 106

<sup>684</sup> Idem.

<sup>685</sup> Com doações em abundância ele construiu orfanatos, farmácias, postos de saúde, clínicas e unidades móveis que oferecem comida, roupa e ajuda médica

O PBV permaneceu como um partido político informal até 1965, quando Zarur decidiu ‘salvar o Brasil de todas as tragédias que, na época, o rondavam’.<sup>687</sup> Mesmo sendo registrado no Tribunal Superior Eleitoral em Brasília, no dia de São João Batista – 24 de junho – não teve condições para funcionar como uma ‘poderosa força eleitoral’, apenas conseguiu ‘congregar legionários e simpatizantes (...) através de fecundas pregações do presidente da Legião da Boa Vontade’.<sup>688</sup>

#### 4.3.2 – O PARTIDO DOS MACHOS

Com subtítulo “O Partido dos Machos” (*THE PARTY OF MACHOS*) a reportagem atribuiu à Radio Mundial o status de quartel-general de Zarur.

Political GHQ for Zarur is Rio’s powerful (50 kw) “Radio Mundial”, which he bought in 1956 for \$187.500.<sup>689</sup>

A Rádio Mundial, adquirida em 1956 de acordo com TIME, havia pertencido ao empresário Victor Costa. A rádio chegou às mãos de Zarur ‘com os seus funcionários em aflitiva situação financeira, havia a falta de pagamento de seus honorários’.<sup>690</sup>

TIME citou ‘Zarur’ como tema central da programação de sua própria rádio, ficando o noticiário geral relegado a meros 60 segundos.

On the air 24 hours a day, Mundial carries only a minimum of sports, newscasts and commercials. Most of the time it is Zarur.<sup>691</sup>

Reconhecendo que durante dez anos (de 1956 a 1966) a Rádio Mundial funcionou a serviço da LBV ‘divulgando a doutrina de Cristo’, o biógrafo de Zarur, Martins Capistrano, tentou justificar tal programação com o argumento que até mesmo pessoas estranhas à LBV optavam pela Rádio Mundial com o intuito de fugir dos programas profanos que eram transmitidos pelas madrugadas.<sup>692</sup>

Uma fala de Zarur, extraída de uma de suas sessões religiosas, chamou atenção da reportagem, tratava-se da maneira como Zarur fazia política. Durante a transmissão de um

---

<sup>686</sup> Em 1962, Zarur fundou o Partido da Boa Vontade com o lema “Poder, Verdade, Bondade”, e o brado “Zarur para presidente”.

<sup>687</sup> CAPISTRANO, *op cit*, p. 126-127

<sup>688</sup> Idem

<sup>689</sup> O Quartel General de Zarur é a poderosa Rádio Mundial, que ele comprou em 1956 por \$187.500.

<sup>690</sup> CAPISTRANO, *op cit*, p. 102

<sup>691</sup> No ar 24 horas por dia, a Rádio Mundial transmite somente um mínimo de esportes, noticiários e comerciais. A maior parte do tempo é Zarur.

<sup>692</sup> CAPISTRANO, *idem*.

programa ele perguntou qual seria o motivo das mulheres gostarem do PBV. Imediatamente respondeu dizendo que tal preferência se devia ao fato de o PBV ser um partido de ‘machos’, homens viris, homens que saciavam suas mulheres! Ainda, segundo TIME, vozes dentro do estúdio de transmissão gritavam ‘Viva Jesus’, numa espécie de adoração às frases pronunciadas:

Zarur politicking: “Why do women like our party? Because we are the party of machos! We satisfy our women!” (Studio audience: “Viva Jesus!”).<sup>693</sup>

Fechando esse parágrafo, os poderes mágicos de Zarur foram citados. Curas eram realizadas através do contato de um copo de água sobre um aparelho de rádio durante uma sessão de sua programação:

Zarur faith-healing with “magnetized water”: “If you believe, put your glass beside the radio. Con-centrate. Now take your medicine and be healed”.<sup>694</sup>

TIME chamou de ‘água magnetizada’ a famosa “*Prece do Copo D’ Água*”, que Zarur veiculava em sua rádio.

Segundo os argumentos de Zarur, “*o Legionário da Boa Vontade é portador da ‘fé raciocinante’, bem diversa da fé sectária, fanática, vacilante*”.<sup>695</sup> Para o pregador, “*o milagre não se opera sem o merecimento por parte de quem o invoca*”, e continuou, “*faça a sua parte e Deus fará a parte que lhe cabe*”.<sup>696</sup> A título de ilustração, segundo Martins Capistrano, na década de 70, um fiel chamado Jerônimo Alves Pimenta, cujo número legionário era 588.486, havia sido curado de um câncer de garganta após ter ouvido *A Prece do Copo D’ Água*<sup>697</sup>. Segundo Zarur “na prece do copo d’água, os fluidos benéficos se introduzem no continente do líquido para realizar a cura miraculosa”.<sup>698</sup>

A reportagem destacou uma foto com título ‘*Zarur e sua família*’ e tendo como subtítulo ‘*Política num misticismo bizarro*’. A família mencionada na foto trazia o próprio Alziro acompanhado no alto por Jesus Cristo e Moisés e, logo abaixo, seu filho de cinco anos de idade:

---

<sup>693</sup> A política de Zarur: “por que as mulheres gostam de nosso partido? Porque nos somos o partido dos machos! Nós satisfazemos nossas mulheres!” (público do estúdio: Viva Jesus!).

<sup>694</sup> A fé e o poder de cura de Zarur com a “água magnetizada”, “se você acredita, ponha seu copo ao lado do rádio. Concentrado. Agora tome o seu remédio e seja curado”.

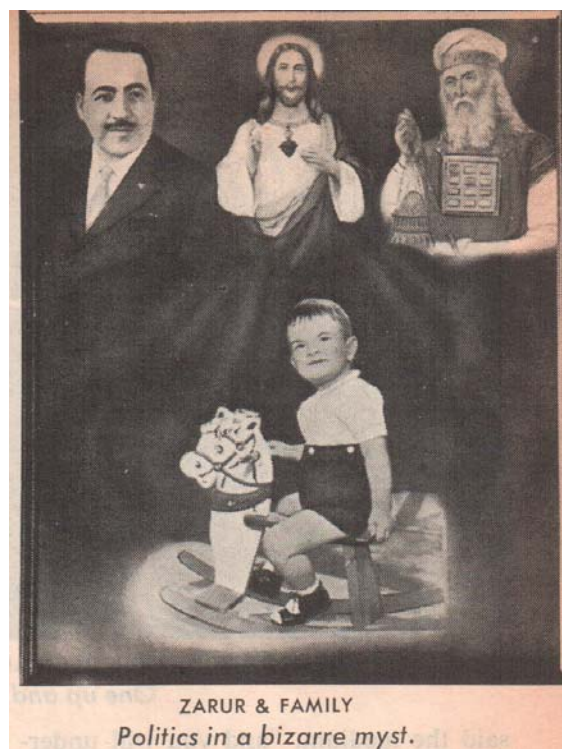
<sup>695</sup> CAPISTRANO, *op cit*, p. 118

<sup>696</sup> Idem

<sup>697</sup> Idem

<sup>698</sup> Idem

On his office wall is a composite photo of “the holy family”. From left to right: Zarur, Jesus and Moses, with Zarur’s five-year-old son sitting beneath.<sup>699</sup>



TIME mencionou a forte oposição sofrida por Zarur diante da opinião pública em geral. Desde os principais jornais do Brasil e passando por todos os principais segmentos religiosos, Zarur foi considerado um verdadeiro herege, principalmente por Dom Helder Câmara:

Brazil’s newspapers hoot at Zarur. The Protestant churches deplore him, spiritualist sects repudiate him, and Rio’s Roman Catholic Auxiliary Archbishop Dom Helder Câmara calls him a heretic. Says Zarur: “I don’t say I am comparable to Christ, but my followers do”. Then he pleads their case: “Look, my enemies call me a thief, a heretic, a sorcerer.”<sup>700</sup>

Fechando a reportagem, TIME citou a defesa de Zarur perante seus inimigos através de um argumento um tanto controverso: as coincidências que lhe cercaram a vida e que lhe pautaram o destino:

<sup>699</sup> Na parede de seu escritório está uma foto da Sagrada Família. Da esquerda para a direita: Zarur, Jesus e Moisés, com o filho de cinco anos de idade de Zarur sentado logo abaixo.

<sup>700</sup> Os jornais do Brasil vão a Zarur. As igrejas protestantes lamentam, seitas espiritualistas o repudiam, o arcebispo auxiliar católico do Rio, Dom Helder Câmara o chama de herege. Diz Zarur: “eu não digo que sou comparável a Jesus, mas meus servidores dizem”. Logo se defende dizendo: “olhe, meus inimigos me chamam de ladrão, herético e feiticeiro.”

Well, they called Jesus all those things as well. I was born on 25th, the same day as Jesus was, and I also received a message from St. Francis on my 33rd birthday, the same age as Christ when he was crucified”. Mere coincidence? Says Zarur: “Destiny makes coincidences. Coincidences make destiny”.<sup>701</sup>

Alziro Abrahão Elias David Zarur faleceu de uma parada cardíaca no seu Estado natal, Rio de Janeiro, em 21 de outubro de 1979.

Com 24,73% dos votos, foi o décimo-quarto colocado na categoria *religião* do concurso *O Brasileiro do Século*, promovido pela Revista Isto É.<sup>702</sup>

---

<sup>701</sup> Bem, eles chamaram Jesus de todas aquelas coisas também. Eu nasci no dia 25, o mesmo dia que Jesus nasceu, e eu também recebi a mensagem de São Francisco no meu aniversário de 33 anos, a mesma idade de Cristo quando foi crucificado”. Mera coincidência? Diz Zarur: “o destino faz coincidências, as coincidências fazem o destino”.

<sup>702</sup> <http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/religiao/relig14.htm> (acessado em 30/05/2008).

#### 4.4 – CONFUSÃO

Em 10 de Janeiro de 1964, TIME publicou uma matéria com o título *Snafu*, que em português significa confusão, algo em desordem, bagunçado. A matéria se referiu à enorme ocorrência de siglas no Brasil e abriu seu *lead* na forma de um código.

PTB Demands CPI ON CL, IN, GBA, announced the headlines in Rio newspapers.<sup>703</sup>

Segundo a reportagem, esse tipo de comunicação em código nada mais era do que uma extrovertida forma de escrever. Os brasileiros, segundo a revista, não tinham a menor dificuldade para compreender um texto enigmático daquela natureza, que ela mesmo fez questão de traduzir:

Too much bottled cheer in the composing room? Not at all. As savvy Brazilian's saw at a glance, it was the perfectly normal way of saying that President João Goulart's Brazilian Labor Party demanded a parliamentary investigation into the actions of Governor Carlos Lacerda of Guanabara state.<sup>704</sup>

Alertou para o fato de que esse grande número de siglas era capaz de deixar qualquer estrangeiro confuso e fazê-lo crer que o Brasil era a nação mais alfabetizada do mundo:

In their casual conversations, Brazilians can be just as cryptic, leaving the befuddled stranger convinced that, letter for letter, Brazil is the world's most overalphabetized nation.<sup>705</sup>

Chamar o Brasil de a nação mais alfabetizada do mundo, devido a sua capacidade de produzir siglas, situava o texto da reportagem para além da mera ironia. O problema da educação no Brasil até aquele momento era literalmente agudo. Ainda candidato, Jânio Quadros em 1960 “punha fé no plano de Diretrizes e Bases” e considerava-o “como bom

---

<sup>703</sup> O PTB exige CPI no CL na GBA, anunciavam as manchetes dos jornais do Rio.

<sup>704</sup> Excesso de criatividade na redação? Pela compreensão que os brasileiros podiam ter de relance, esta foi uma maneira perfeitamente normal de dizer que o Partido Trabalhista Brasileiro, ao qual pertence o presidente João Goulart, exigia uma investigação parlamentar nas ações do Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda.

<sup>705</sup> Em suas conversas casuais, os brasileiros, se quiserem, podem ser bem misteriosos, deixando o estrangeiro confuso e convencido de que, letra por letra, o Brasil é a nação mais alfabetizada do mundo.

início na marcha que empreenderia em prol do melhoramento das condições educacionais do País”.<sup>706</sup> O analfabetismo, segundo Quadros ‘explicava-se pela condição de subdesenvolvimento em que vivia a população brasileira’.<sup>707</sup> Ainda atribuía às cidades o papel de redutor do analfabetismo, enquanto o campo ‘se colocava como principal responsável pela criação das massas analfabetas’.<sup>708</sup> Mesmo prestes a renunciar, Jânio Quadros ainda assinou um Decreto ‘destinado a promover a Mobilização Nacional contra o Analfabetismo’.<sup>709</sup>

TIME talvez não soubesse do entusiasmo de Jango pelas Universidades norte-americanas. Para Goulart, a Universidade nos EUA “permitiu que a revolução industrial norte-americana jamais cessasse, pois ela organizou os Estados Unidos ao realizar tarefas na agricultura, na indústria, na formação profissional e na construção do cidadão, além de expandir o conhecimento”.<sup>710</sup> Para Jango, o exemplo deveria ser seguido e, em 1962, sancionava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O objetivo de Jango era ao mesmo tempo ‘dilatar as matrículas abrindo a escola aos jovens e promover a Campanha Nacional de Alfabetização, dando-lhe condição para o assalto final contra o analfabetismo’.<sup>711</sup>

Poucos meses antes da publicação dessa reportagem que atribuiu adjetivos a nossa educação, mais precisamente em fins de 1963, os dados referentes ao ensino no Brasil eram de profunda desesperança. Segundo o próprio João Goulart, a metade da população brasileira era analfabeta.<sup>712</sup> Havia 8 milhões de crianças em idade escolar fora da escola: “dos meninos e meninas que freqüentavam as escolas primárias, só 7% chegava à quarta série (...), o ensino secundário atendia apenas 14% de seus candidatos, enquanto 7% atingiam o ensino industrial e 0,5% entrava para o ensino agrícola (...). Por fim, 1% dos estudantes ingressava nas universidades”.<sup>713</sup>

#### 4.4.1 - BAP, BAM, BUM

Com o subtítulo BAP, BAM e BUM, a reportagem deu início a sua debochada análise de nossas siglas. De início, a reportagem ousou dizer que nem mesmo nos tempos do *New Deal*, de Franklin Delano Roosevelt, se ousou produzir tamanha ‘sopa alfabética’:

---

<sup>706</sup> VIEIRA, Evaldo. *Estado e Miséria Social no Brasil: de Getúlio a Geisel*. São Paulo, Editora Cortez, 1985, p. 164.

<sup>707</sup> Idem

<sup>708</sup> Idem

<sup>709</sup> Idem

<sup>710</sup> João Goulart, in: *O Estado de São Paulo*, 1 de março de 1962; citado em VIEIRA, Evaldo. *op cit*, p.167

<sup>711</sup> VIEIRA, *op cit*.

<sup>712</sup> João Goulart. Mensagem remetida ao Congresso, governo analisa problemas nacionais, in *O Estado de São Paulo*, 01 de janeiro de 1964; citado em VIEIRA, *op cit*.

<sup>713</sup> Idem

Not even F.D.R.'s New Deal (WPA, PWA, NRA, etc., etc.) managed to cook up such a rich alphabet soup.<sup>714</sup>

Talvez os editores de TIME – e o republicano Henry Luce - tenham se esquecido que durante o New Deal foram criadas nos Estados Unidos inúmeras agências federais e que acabaram recebendo “o apelido irônico de *alphabet agencies* (agências alfabéticas), devido à profusão das siglas com que eram designadas”<sup>715</sup>

A reportagem prosseguiu sua observação mencionando a ocorrência de siglas em todos os principais setores institucionais do país, tais como agências do governo, sindicatos, Estados e Bancos:

Government agencies, politicians, labor unions, all 22 states and 13 political parties are known by their initials. BAA, BLA, BAP, BAM and BUM are prominent banks.<sup>716</sup>

Não há dúvidas que a sonoridade das palavras, cujo significado assume conotações diversas no idioma inglês, foi o fator que motivou o deboche da matéria em relação às siglas brasileiras. No último exemplo, o caso da sigla BUM, que identificava ‘um Banco de destaque’, equivale ao substantivo *bum* em inglês, que significa na gíria americana: “nádegas, assento”<sup>717</sup> – talvez daí derive o termo bumbum. Ainda, além dessa interpretação, poderia haver outra, por exemplo, o termo *bum*, em inglês também pode significar ‘vagabundo habitual, desocupado, vadio, ébrio, pessoa preguiçosa, farra, bebedeira’<sup>718</sup> - para os americanos seria muito estranho uma sigla desse tipo estar relacionada a um importante Banco brasileiro.

Os jogos sonoros que advinham da pronúncia das siglas não foram poupados. Além do BAP, BAM, BUM, a reportagem brincou com o MIC, MEC, MAC:

MIC is the Ministry of Industry and Commerce, while MEC is the Ministry of Education and Culture, and MAC is a political action group called the Movimento Anticomunista.<sup>719</sup>

Com certeza, TIME naquela época ainda não tinha conhecimento das siglas da Operação Brother SAM<sup>720</sup>. Essas Siglas proliferaram de forma ainda mais assustadora do que

---

<sup>714</sup> Nem mesmo o New Deal de F.D.R. (WPA, PWA, NRA, etc., etc.) foi capaz de cozinhar tão rica sopa alfabética.

<sup>715</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/New\\_Deal](http://pt.wikipedia.org/wiki/New_Deal) (acessado em 31/05/2008).

<sup>716</sup> Agências de Governo, políticos, sindicatos trabalhistas, todos os 22 Estados e 13 partidos políticos são conhecidos por suas iniciais. BAA, BLA, BAP, BAM e BUM são bancos de destaque.

<sup>717</sup> HOUAISS, Antonio. *Dicionário Inglês-Português*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2002, p.94-95

<sup>718</sup> Idem

<sup>719</sup> MIC é o Ministério da Indústria e Comércio, enquanto MEC é o Ministério da Educação e Cultura, e MAC é um grupo ativista político chamado de Movimento Anticomunista.

essas que a matéria satirizou. Em defesa do nosso MIC, MEC e MAC, poderíamos contratar com o RUECAL, RUECKDA e RUECW, todos correspondendo aos prefixos designativos de estações de transmissão americanas, e, segundo Marco Sá Correia, ‘tratavam-se de siglas da burocracia das comunicações da CIA’.<sup>721</sup>

Prosseguindo com sua linguagem descontraída, e ao mesmo tempo sempre irônica, a reportagem citou o MUD – que em inglês entende-se lama -, o Movimento Democrático de Urbanização como um órgão de eficiência comprovada; além do SFPRICFN como algo assustador:

For slum clearance there is nothing quite so efficient as MUD (Democratic Urbanization Movement).<sup>722</sup> And tax evaders must constantly watch our for the dread SFPRICFN, which is the Federal Service for Prevention And Repression of Infractions against the Nation Treasury.<sup>723</sup>

Partindo novamente do pressuposto da sonoridade que a sigla tem para compreensão de alguém que a ouve em inglês, o termo MUD não apenas significa *lama*, como também pode significar *barro*, *lodo*, *limo*. Para um norte-americano preocupado com os problemas de moradia de seu país, ao ouvir que existia um órgão que cuidava desses assuntos com uma sigla dessas, provavelmente acharia muito estranho.

O mesmo serve para o SFPRICFN, cuja pronúncia se parece muito com os termos em inglês *sferics*, significando ‘detector eletrônico de tempestades’,<sup>724</sup> ou o radical latino também utilizado em inglês - e com pronúncia semelhante - *spectro*, cuja tradução ao pé da letra seria ‘fantasma’,<sup>725</sup> algo de fato assustador, ainda mais por ser um órgão cuja finalidade seria proteger o Tesouro Nacional Brasileiro

Em sua antropológica (sic) análise sobre a cultura brasileira, TIME julgou que a utilização de tantas siglas se justificava pela grande necessidade que os brasileiros tinham por elas:

Brazilian’s take to initials at least partly out of necessity.<sup>726</sup>

---

<sup>720</sup> Sobre as siglas da Operação Brother SAM, ver: CORREIA, Marcos Sá. 1964 *Visto e Comentado pela Casa Branca*. Porto Alegre, LP & M, 1977, p.30

<sup>721</sup> Idem

<sup>722</sup> Para resolver o problema das favelas não há nada mais eficiente do que MUD (Movimento de Urbanização Democrática).

<sup>723</sup> E os sonegadores de impostos devem tomar cuidado com o assustador SFPRICFN, que é o Serviço Federal de Prevenção e Repressão a Infrações contra o Tesouro Nacional.

<sup>724</sup> HOUAISS, *op cit*, p. 708

<sup>725</sup> Idem

<sup>726</sup> Os brasileiros se valem das iniciais em parte por pura necessidade.

Para TIME, éramos um povo com nomes reconhecidamente longos e complicados, por isso a utilização das inúmeras iniciais, abreviações e apelidos para atender a nossa necessidade de simplificarmos tudo!

They are a people with notoriously long, complicated names. Initials and short, catchy nicknames are supposed to simplify it all.<sup>727</sup>

Além de dizer que a utilização de siglas era uma necessidade dos brasileiros, a matéria não poupou nem mesmo o futebol dessa análise:

Two of Rio's top soccer teams, Flamengo and Fluminense, are known merely as Fla and Flu.<sup>728</sup>

#### 4.4.2 - ADÃO E EVA

A reportagem prosseguiu com outro subtítulo 'Adão e Eva' (*ADAM & EVE*), cuja sonoridade e significados em inglês tentavam justificar a brincadeira da revista. Nessa seção a reportagem citou que algumas combinações são interessantes enquanto outras pecam pelo descuido da pronúncia:

There are those who think the whole letter scramble – like so much else in Brazil – is SNAFU. Except for ADAM and EVE (Amazonas Association of Dentists; Army Veterinary School), few combinations are pronounceable.<sup>729</sup>

Se pudéssemos devolver a brincadeira nos mesmos moldes da reportagem, poderíamos dizer aos *rewriters* de TIME que algo muito confuso – *snafu* - aos ouvidos brasileiros também seria o ARMA, sigla utilizada pela burocracia de Washington para dizer 'Adido do Exército, coronel Vernon Walters'.<sup>730</sup> Ainda, no meio da burocracia americana, o que dizer do DIA<sup>731</sup> (*Serviço de Informações do Departamento de Defesa*)? Ou, ainda o perigoso FERA<sup>732</sup> (*Federal Emergency Relief Administration*), mais uma das agências de Roosevelt criada em 1933.

Preocupada com a repetição de algumas siglas, tais como as de Minas Gerais (MG) e Mato Grosso (MG), a reportagem informava que os próximos problemas seriam oriundos da falta de siglas – ou de criatividade?

---

<sup>727</sup> São um povo com nomes reconhecidamente longos e complicados. Iniciais, abreviações e apelidos de fácil encaixe servem para simplificar tudo.

<sup>728</sup> Duas das equipes de ponta do futebol do Rio, Flamengo e Fluminense, são conhecidos simplesmente como Fla e Flu.

<sup>729</sup> Há aqueles que pensam que toda disputa de letras – como tantas outras no Brasil – é confusa. Com exceção para ADAM e EVE (Associação de Dentistas do Amazonas; Escola Veterinária do Exército), poucas combinações são pronunciáveis.

<sup>730</sup> CORREIA, *op cit.*

<sup>731</sup> Idem

<sup>732</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/New\\_Deal](http://pt.wikipedia.org/wiki/New_Deal) (acessado em 31/05/2008).

Besides, Brazilians are running out of initials; MG stands for the states of Minas Gerais and Mato Grosso as well as the Ministry of War.<sup>733</sup>

Se o problema fosse mesmo criatividade o que dizer de duas siglas repetidas dentre as 31 (abreviadas) agências federais de Roosevelt? Qual seria a diferença da CCC<sup>734</sup> (*Civilian Conservation Corps*), criada em 1933 da CCC<sup>735</sup> (*Commodity Credit Corporation*) criada no mesmo ano?!

Mencionando o Jornal do Brasil como um veículo que vinha em socorro dos leitores, TIME relatou a publicação de um dicionário de iniciais:

Coming to the rescue of its readers, Rio's morning JB (Jornal do Brasil) recently published an article entitled Introduction to the Small Dictionary of Initials (Without Which It Is Somewhat Difficult to Read a Newspaper in Brazil)".<sup>736</sup> The list ran nearly a full page and was by no means complete.<sup>737</sup>

As agências do *New Deal* com certeza ofereceriam menos trabalho para confecção de dicionário do que as siglas brasileiras, afinal de contas já se encontravam em perfeita ordem alfabética: "AAA, CAA, CCC, CCC, CWA, EBA, FAP, FCA, FCC, FDIC, FERA, FHA, FMP, FSA, FTP, FWP, HOLC, NIRA, NLRB, NRA, NYA, PRRA, PWA, RAA, REA, RFC, SEC, SSB, TVA, USHA, WPA".<sup>738</sup>

A reportagem ainda teve tempo de mencionar algumas siglas que, segundo ela, eram maiores do que muitos nomes brasileiros:

Some initials stretch out longer than many Brazilian words – for instance, FNOMMCFETMF, for the National Federation of Officers, Machinist, Motormen, Drivers, Fireman and Electricians in Sea and River Transportation.<sup>739</sup>

FNOMMCFETMF refere-se a uma sigla exageradamente grande, 11 letras para significar 6 ramos de atividade. Mas o que dizer do COMSECONDFLT, sigla com 12 letras para identificar o "Comandante da Segunda Esquadra"<sup>740</sup> da Operação Brother SAM? E o que dizer do grande vencedor, o COMNAVAIRLANT, sigla com 13 letras para identificar o "O Comandante da Aviação Naval do Atlântico"!?

---

<sup>733</sup> Além disso, os brasileiros estão ficando sem iniciais; MG quer dizer Estado de Minas Gerais e Mato Grosso, bem como o Ministério da Guerra.

<sup>734</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/New\\_Deal](http://pt.wikipedia.org/wiki/New_Deal) (acessado em 31/05/2008).

<sup>735</sup> Idem

<sup>736</sup> Partindo em socorro de seus leitores, o matutino JB do Rio (Jornal do Brasil) recentemente publicou um artigo intitulado "Introdução ao Pequeno Dicionário de Iniciais (Sem o Qual É De Certa Forma Difícil Ler um Jornal no Brasil)."

<sup>737</sup> A lista ocupava quase uma página inteira, e longe de estar completa.

<sup>738</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/New\\_Deal](http://pt.wikipedia.org/wiki/New_Deal) (acessado em 31/05/2008).

<sup>739</sup> Algumas iniciais são até maiores do que muitas palavras brasileiras – por exemplo, FNOMMCFETMF, para a Federação Nacional dos Oficiais, Mecânicos, Operadores, Pilotos, Bombeiros e Eletricistas em Transporte por Rio ou Mar.

<sup>740</sup> Marcos Sá Correia, *op cit*, p. 29

Ainda insistindo no fenômeno, para a reportagem, as siglas começavam a sair do meio escrito para o meio falado. A revista finalizou sua extrovertida matéria brincando com as palavras que teriam sentido somente no idioma inglês.

To avoid undue capitals punishment, Brazilians have now started a trend toward spelling out the letters. Thus a member of the UDN party becomes a Udenist.<sup>741</sup> For other parties, it takes sharp eyesight, not to mention keen political insight, to determine whether a politician is a Pecebist, Pedecist, Pessebists, Pessedist, Pessepist, Pessetist, Petebist or Petenist. And that, son, is not much FUN. †<sup>742</sup>

Em inglês o intuito da brincadeira era dizer que tudo aquilo não era divertido (FUN), sendo que FUN significava, segundo menção da própria reportagem, *Fornecedor de Uniformes da Nação*, nesse caso em português.

O editor de TIME com certeza não iria achar divertido o trabalho que Marco Sá Correia teve para decifrar as diversas siglas, tais como “CINCLANFLT, CINCLANT, CINCSAC, CINSCSO, CINCSTRIKE, CNO, COMANTS, COMCARDIV4, COMDESDIV162, COMDESDIV262, COMSOLANT, COMTAC, COMUSAFSO, COMUSSCJTF, CSA, CSAF, CVA, C135, EASTAF, ETD, FM, GP3, IAW, I&L, ISA, JCS, JP4, JTF, KANKAKEE, MATS, MSG, NOTAL, NWI, OSD, PA, TAC, USARSO, USCINCEAFSA, USN, USSOUTHCOM.”<sup>743</sup>

---

<sup>741</sup> Para evitar a maldição das letras maiúsculas em excesso, os brasileiros agora começaram a ter uma tendência a pronunciar as letras de forma corrida. Assim, um membro da UDN passa a ser um Udenista.

<sup>742</sup> Para outros grupos, é necessária uma visão mais detalhista, para não mencionar uma aguçada compreensão política, para determinar se um político é um Pecebista, Pedecista, Pessebista, Pessedista, Pessepista, Pessetista, Petebista ou Petenista. E isso não é muito divertido. † Supplier of Nation Uniforms. (Fornecedor de Uniformes da Nação).

<sup>743</sup> CORREIA, *op cit*, p.30-31.

#### 4.5 – O HOMEM DO PAPA EM RECIFE



O HOMEM DO PAPA EM RECIFE (*The Pope's Man in Recife*), foi a última reportagem que TIME publicou sobre o Brasil antes do Golpe. Ao contrário dos assuntos de ordem política e econômica que a revista vinha discutindo, acabou publicando em 27 de Março uma matéria que tratava da questão religiosa no Brasil. Comentou a nomeação de Dom Helder Câmara para Arcebispo nas cidades pernambucanas de Olinda e Recife. O religioso foi destacado numa foto que trazia a seguinte frase: '*Sending the feathers flying*', que ora traduzimos como "Anunciando o Final dos Tempos".<sup>744</sup>

Dom Helder era um homem de baixa estatura, nascido no Ceará em 1909. Acabou apoiando o movimento integralista na década de 30 e, a partir dos anos 40 sua fé passou a se tornar cada vez mais progressista, e, segundo Scott Mainwaring, nos anos seguintes 'ficou

---

<sup>744</sup> A frase é de difícil tradução. O termo *sending* significa 'remessa, expedição, transmissão'. Para evitarmos falsos cognatos, o trecho que completa a frase '*...feathers flying*' foi apoiado no equivalente "*...to make the feather fly*", que na gíria americana significa "fechar o tempo". Para mais detalhes, ver: Antonio HOUAISS, *Dicionário Inglês-Português*. São Paulo, Record, 2002, p.208 e 300.

convencido da importância do laicato - sua preocupação aumentou com os vínculos entre a fé e a justiça social'.<sup>745</sup>

O *lead* fez referência direta à cidade de Recife, vista como a capital do pobre nordeste brasileiro, mas que a qualquer momento poderia explodir, pois se tratava de um 'espoleta de cidade'. Além da preocupação com o aumento demográfico na região, a reportagem citou as condições de moradia como paupérrimas para aquele povo, eles moravam em mucambos, casas que serviram como objeto de estudo do grande sociólogo, e inimigo de Dom Helder, Sir. Gilberto Freyre:

Recife, capital of Brazil's parched and impoverished Northeast, is a sizzling time fuse of a city. Its population of 900,000 has doubled in the past 15 years; more than 500,000 of its inhabitants live and starve in slums on stilts called mucambos.<sup>746</sup>

Gilberto Freyre foi um dos críticos mais agudos da presença de Dom Helder Câmara não apenas no nordeste, mas também quando o arcebispo esteve à frente da Igreja no Brasil<sup>747</sup>. Gilberto Freire, também criticou a postura contrária de Dom em relação ao regime militar instalado após o Golpe.<sup>748</sup>

O nordeste, nos idos de março de 1964, estava em constante estado de alerta. As ligas Camponesas, de Francisco Julião, eram compostas pela massa rural, oprimida e sindicalizada - além do apoio que davam às reformas de Jango. Segundo TIME, a pregação do cristianismo católico em Recife naquele momento era de fundamental importância. A escolha de Dom Helder pelo Papa Paulo VI pareceu à revista uma decisão acertada:

Who speaks for Catholicism in Recife is vitally important to the church in Brazil. Now, to be Archbishop of Olinda and Recife, Pope Paul VI has picked a spunky little churchman who has never had a diocese or even a parish of his own.<sup>749</sup>

Segundo a reportagem, Helder Pessoa Câmara, então com 55 anos, estava no Rio como Arcebispo Auxiliar desde 1954.

Overjoyed at being handed one of the toughest, most critical jobs in Catholicism is Helder Pessoa Câmara, 55, Auxiliary Archbishop of Rio de Janeiro since 1954.<sup>750</sup>

---

<sup>745</sup> MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 117.

<sup>746</sup> Recife, capital do ressacado e empobrecido nordeste do Brasil, uma crepidante espoleta de cidade. Sua população de 900.000 habitantes dobrou nos último quinze anos. Mais de 500.000 de seus habitantes vivem e sofrem em favelas chamadas mucambos.

<sup>747</sup> CLAUDINO. Assis. *O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista: Gilberto Freire, Dom Helder e a Revolução de 64*. Recife-Rio de Janeiro, Editora e Distribuidora Opção, 1985, p. 22-23.

<sup>748</sup> Idem

<sup>749</sup> Pregar o catolicismo em Recife é de fundamental importância para a Igreja no Brasil. Recentemente, para ser arcebispo de Olinda e Recife, o Papa Paulo VI escolheu um corajoso e pequenino clérigo que nunca teve uma diocese ou mesmo uma paróquia própria.

Para TIME, a fama de Dom Helder não estava restrita somente ao Brasil, ela se estendia “desde o Rio até Roma”. O motivo de fama, segundo a revista, era advindo do perfil enérgico e até mesmo radical do clérigo. Um episódio recente havia chamado a atenção de muitos:

Câmara is known from Rome to Rio as the most outspoken figure in the Brazilian church. At a recent Vatican Council session, he seriously suggested that his fellow bishops toss their jeweled episcopal rings, mitres and other symbols of office away.<sup>751</sup>

A representação de um religioso que guerreava contra a arrogância presente nos membros da Igreja Católica continuou sendo explorada na reportagem. Destacou-se a audácia de Dom Helder, que não poupou nem mesmo o Papa Paulo VI. Segundo TIME, o líder máximo da Igreja Católica precisava, segundo Dom Helder, de um pouco mais humildade:

Just before returning to Brazil, Câmara candidly told Pope Paul that he should get rid of the sedia gestatoria (portable papal throne) and the flabella, the white ostrich feather fans carried beside it.<sup>752</sup>

A reportagem destacou um dos argumentos teológicos de Dom Helder Câmara, tratava-se da intensa briga por justiça social num Brasil que não oferecia muita esperança para os mais pobres. Segundo Dom Helder, a Igreja Católica não estava sabendo administrar de forma coerente as prioridades básicas de sua função, era necessária uma racionalização dos projetos, uma observação mais segura. Quais seriam as causas prioritárias: as grandes ou as pequenas?

Camara identifies with new-wave Catholic leaders, says: "The church must join the battle for development and social justice so that later people will not say the church deserted them in their hour of need because it was compromised by big business. If that happens, the church will suffer the consequences."<sup>753</sup>

Dom Helder Câmara foi um dos fundadores da CNBB, a primeira das 84 conferências episcopais ‘que existem atualmente no mundo’.<sup>754</sup> Foi fundada em 17 de outubro de 1952 em parceria com o antigo secretário de Estado do Papa Pio XII, ‘Giovanni Battista Montini,

---

<sup>750</sup> Felizes por estarem indicando um dos trabalhadores mais firmes e sérios pela causa católica, ele é Helder Pessoa Câmara, com 55 anos, Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro de 1954.

<sup>751</sup> Câmara é conhecido desde o Rio até Roma como uma das figuras mais sinceras e francas da Igreja Brasileira. Numa recente sessão do Vaticano, ele sugeriu que seus amigos, os bispos, lançassem seus caríssimos anéis episcopais, mitras, e outros símbolos da Igreja, bem longe.

<sup>752</sup> Antes de regressar ao Brasil Câmara disse francamente ao Papa que ele devia se livrar da cadeira gestatória (trono portátil), da flabela e das penas brancas de avestruz que lhe abanavam do lado.

<sup>753</sup> Câmara se identifica com a nova onda de líderes católicos e diz: “a Igreja deve se juntar na batalha pelo desenvolvimento e justiça social de forma que posteriormente as pessoas não digam que a Igreja as desamparou na hora em que mais precisavam, estando a Igreja ocupada com as grandes causas. Se isso acontecer, a Igreja sofrerá as consequências.

<sup>754</sup> Márcio Moreira Alves. *A Igreja e a Política no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1979, p. 63.

futuro Papa Paulo VI'.<sup>755</sup> Tratou-se de um esforço praticamente solitário por parte de Dom Helder, que vinha brigando por esse projeto desde 1947 e somente em 1950, com a ajuda de um intermediário, Mons. Carlo Chiarlo, a proposta chegou às mãos de Mons. Montini, e, mesmo assim, nos conta D. Helder: "(...) os corredores do Vaticano são longos, e lenta é a ação da Cúria".<sup>756</sup> Segundo Márcio Moreira Alves, Helder Camara precisou 'voltar a Roma e esperar mais um ano, mas a CNBB viu finalmente a luz do dia'.<sup>757</sup> O grupo ao qual estava vinculado Dom Helder e que também contava com o futuro Papa Paulo VI podia ser identificado como 'os reformistas' da Igreja Católica no Vaticano.<sup>758</sup>

#### 4.5.1 - UM METRO E SESENTA DE ALTURA E 54 QUILOS

Com o subtítulo "UM METRO E SESENTA DE ALTURA E 54 QUILOS" (*The 5-ft. 4-in., 120-lb.*), a reportagem traçou um mais pouco o perfil pessoal do Arcebispo. Segundo a reportagem, Câmara era um trabalhador em constante e ininterrupto estado de ação, foi comparado a uma máquina:

Câmara goes about his business as if transistorized. Eyes, arms, legs and mind are always in a flurry of motion.<sup>759</sup>

Os traços que TIME ressaltou no trecho acima estavam em conformidade com o perfil de D. Helder. Sua presença à frente da CNBB nos primeiros dez anos de existência confundia-se com a história de vida e luta de seu fundador.<sup>760</sup> Tratava-se de uma "personalidade carismática que monopolizava a atenção do investigador (...) - tendia a extrapolar a evolução de suas idéias e a considerá-las como sendo as do grupo".<sup>761</sup> Ainda, segundo Márcio Alves Moreira, os traços da personalidade de Dom Helder eram marcados pela 'sua excepcional abertura para os problemas políticos e sociais, a sua disponibilidade permanente para se adaptar às mudanças, o seu particular misticismo, que por vezes parecia ingênuo e que se deixa de bom grado guiar pela inspiração e pelo acaso, no qual via freqüentemente a mão de Deus'.<sup>762</sup>

Segundo TIME, e confirmando as observações acima, o carisma de Dom Helder era tão grande que, enquanto esteve no Rio, ele praticamente ofuscou o Arcebispo Jaime de

---

<sup>755</sup> Idem

<sup>756</sup> Idem

<sup>757</sup> Idem

<sup>758</sup> MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 66.

<sup>759</sup> Câmara cuida dos seus negócios como se fosse uma máquina transistorizada. Olhos, braços, pernas e mentes estão sempre numa agitada movimentação.

<sup>760</sup> MOREIRA ALVES, Márcio. *A Igreja e Política no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1979, p. 63.

<sup>761</sup> MOREIRA ALVES, Márcio. *op cit*, p. 65

<sup>762</sup> Idem

Barros Câmara. A revista fez questão de frisar que, apesar do mesmo sobrenome, ambos não eram parentes:

While Auxiliary Archbishop of Rio, he consistently upstaged the doughty Archbishop, Cardinal Jaime de Barros Câmara (no kin).<sup>763</sup>

A transferência de Dom Helder para Recife ocorreu em 12 de março de 1964 - mesmo ano em que deixava a liderança da CNBB – e duas semanas antes da publicação dessa matéria. Segundo Scott Mainwaring, ‘embora sua remoção do Rio fosse uma tentativa de silenciá-lo, surtiu efeito contrário, pois o libertou da dependência do cardeal conservador, Dom Jaime de Barros Câmara.’<sup>764</sup>

Os famosos bazares da caridade de Dom Helder foram destacados na reportagem, e do mesmo modo suas lições de humildade para os ‘ricos’ turistas que vinham ao Brasil. Segundo TIME, ele era um ótimo agente de relações públicas da Igreja. A reportagem ainda citou a visita do Papa Paulo VI ao Brasil tendo a presença de Dom Helder como mestre de cerimônias:

Helder Câmara's charity bazaars have been social occasions for Brazil's jet set, and always immensely profitable. In public relations he was a pro: "What is not used in the house of the wealthy is wealth in the house of the poor." When Pope Paul (then Giovanni Battista Montini) visited Brazil in 1960, it was Helder Câmara who took him to visit the poor.<sup>765</sup>

A ida de Dom Helder à TV para criticar o ‘perigo’ do comunismo no Brasil teve espaço na reportagem. Para ele a pobreza e a miséria eram perigosamente atraentes para a ideologia comunista:

When the cardinal took to television to denounce the Communist threat in Brazil, Helder Câmara came on the screen the next week to say that he believed the nation's biggest problem was misery, "which is the ideal garden for Communism to grow in."<sup>766</sup>

O excesso de franqueza e ousadia do Arcebispo pareciam não convencer as forças vitoriosas da ‘Revolução de 64’. Dias após essa reportagem, o recém chegado Dom Helder foi intimidado e teve seus documentos revistados em Recife.<sup>767</sup>

---

<sup>763</sup> Enquanto foi Arcebispo Auxiliar do Rio, ele convincentemente roubou a cena do competente Arcebispo, Cardinal Jaime de Barros Câmara (nota: não é parente).

<sup>764</sup> Scott Mainwaring. Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 116

<sup>765</sup> Os bazares da caridade são ocasiões sociais para as viagens ao Brasil, e sempre imensamente lucrativos. Em termos de relações públicas ele era um profissional: “Aquilo que não é utilizado na casa dos ricos e riqueza na casa dos pobres”. Quando o Papa Paulo VI (então Giovanni Battista Montini) visitou o Brasil em 1960, foi Helder Câmara que o levou para visitar os pobres.

<sup>766</sup> Certa vez o Cardinal foi a TV denunciar a ameaça comunista no Brasil. Helder Câmara voltou à tela na semana seguinte para dizer que ele acreditava que a miséria era o maior problema do Brasil “sendo o jardim ideal para o comunismo crescer”.

<sup>767</sup> MAINWARING, *op cit*, p. 117

Segundo TIME, para Dom Helder, Recife era o posto chave:

Of his new job Helder Câmara says: "Recife is the key post. The Northeast is in a state of prerevolution."<sup>768</sup>

Segundo Scott Mainwaring, entre os anos de 1955 e 1964 ‘o nordeste vivenciou conflitos intensos’.<sup>769</sup> Havia uma grande competição entre ‘várias instituições e grupos de esquerda’ pela organização dos camponeses; foi ‘uma politização da pobreza’ - ‘a mobilização camponesa e o envolvimento de vários agentes políticos na região ajudaram a sensibilizar a Igreja em relação aos problemas do povo’.<sup>770</sup>

A fala de Alceu Amoroso Lima foi destacada na reportagem e atribuía um grande elogio à figura de Dom Helder:

" Brazil's leading liberal Catholic intellectual, Alceu Amoroso Lima finds Helder Câmara to be "the right man for the right place. He is earmarked to become a cardinal. He can no longer be considered a purely Brazilian church personality."<sup>771</sup>

Também conhecido sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, Amoroso Lima teve presença marcante na intelectualidade brasileira, principalmente a partir dos anos 60. Do mesmo modo que Dom Helder, ambos foram críticos do Regime Militar. Numa espécie de troca de elogios, dizia Dom Helder: “Amoroso Lima é a maior personalidade brasileira. Ele é o único hoje a poder escrever e publicar, no *Jornal do Brasil*, verdades que a censura não ousa tocar. Isso só se compreende pelo respeito que a sua força moral impõe. Foi ele que sempre atacou e denunciou firmemente as injustiças, as opressões, as mentiras e que não feriu as pessoas”.<sup>772</sup>

Com o golpe de 1964, ‘acabou a mobilização popular’,<sup>773</sup> e o forte ataque contra os camponeses, ‘juntamente com a deterioração do seu nível de vida’ ofendeu a sensibilidade religiosa de parte do clero nordestino.<sup>774</sup> Dom Helder era essa liderança, e incomodou os militares de 1964 até meados da década de 70.

O arcebispo foi visto com Jango dias antes de sua derrubada, e, segundo o próprio Dom Helder, ‘estava tentando convencê-lo da irreabilidade com a qual confiava’.<sup>775</sup> Naquela

---

<sup>768</sup> Do seu novo posto, Helder Câmara diz: “Recife é um posto chave. O nordeste esta num estado de pré-revolução”.

<sup>769</sup> MAINWARING, *op cit*, p. 115

<sup>770</sup> Idem

<sup>771</sup> O principal líder liberal católico e intelectual, Alceu Amoroso Lima, considera que Helder Câmara é o homem certo para o lugar certo. Ele está destinado a ser um cardeal. Ele pode, em breve, ser considerado simplesmente a grande personalidade de Igreja Brasileira.

<sup>772</sup> Conforme entrevista dada ao jornalista Jose de Broucker, citado em: FERRARINO, Sebastião Antonio. *A Imprensa e o Arcebispo Vermelho*. São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p. 52-53

<sup>773</sup> MAINWARING, *op cit*, p. 116

<sup>774</sup> Idem

<sup>775</sup> FERRARINO. *Op cit*, p. 142

ocasião, o encontro acabou sendo registrado em foto e vazou para a imprensa gerando sérias complicações para Dom Helder.<sup>776</sup> Segundo o Arcebispo, “foi uma inverdade histórica relacionar a minha transferência do Rio de Janeiro para Recife, com a queda de Goulart; uma exigência dos militares, por que eu estivera, dias antes, com ele”.<sup>777</sup>

Segundo Scott Mainwaring “(...) enquanto um número cada vez menor de pessoas tinha coragem de criticar o regime militar, Dom Helder denunciava o colonialismo interno e o empobrecimento generalizado”.<sup>778</sup>

---

<sup>776</sup> Idem

<sup>777</sup> FERRARINO, Sebastião Antonio *op cit*, p. 143 apud Helder Camara. *Lês conversions d’um éveque*, Paris, Ed. du Seuil, 1977, p. 72.

<sup>778</sup> MAINWARING. *Op cit*, p. 117

# CAPÍTULO 5

## O ADEUS A JANGO

Neste capítulo iremos analisar as duas últimas reportagens que TIME publicou após a queda de João Goulart e acabaram sendo publicadas no início do mês de abril de 1964. A primeira delas tomou como referência a cobertura tardia dos acontecimentos que cercaram o comício do dia 13 de março na Central do Brasil. A segunda reportagem apenas ratificou a posição contrária da revista em relação a Jango e seu governo, e numa espécie de ‘suspiro aliviado’ foi intitulada como *Goodbye to Jango*.

Na edição de 10 de abril, logo em sua primeira seção, *THE U.S.* - especifica para assuntos de interesse dos EUA -, foi publicada uma matéria com o seguinte título: TRÊS ALEGRIAS (*Three Cheers*).

Na verdade se trataram de três fatos ocorridos no mundo e que, segundo a revista, agradaram muito os EUA. Uma dessas três alegrias se referia às comemorações do 15º aniversário da OTAN cuja cerimônia, com cerca de 100 convidados, tinha como anfitrião o presidente Johnson.

Outra alegria registrada na reportagem foi a solução do impasse diplomático com o Panamá, que durava cerca de três meses e que foi solucionado graças a participação do diplomata Robert B. Anderson, este que havia trabalhado como Assistente do Tesouro na gestão de Eisenhower.

Por fim, a terceira alegria (que fizemos questão comentá-la por último – pois era a que abria o *lead* da matéria) referia-se à deposição de Goulart.

After a two-and-a-half-year tailspin toward chaos and Communism under the erratic rule of leftist President João ("Jango") Goulart, the armed forces of Latin America's biggest country finally lost patience and sent him.<sup>779</sup>

---

<sup>779</sup> Depois de dois anos e meio girando na direção do caos e do comunismo sob o problemático governo do presidente João (Jango) Goulart, as forças armadas do maior país da América Latina finalmente perderam a paciência e o depuseram.

A reportagem também reconhecia que se tratava de um golpe militar e que contava com a satisfação do Departamento de Estado:

Despite the fact that this was a military coup against a constitutional regime, State Department officials made no attempt to conceal their pleasure over Jango's fall.<sup>780</sup>

A reportagem não deixou de comentar a decisão do Congresso Nacional em legitimar 'o regime' e, do mesmo modo, as saudações do presidente Johnson:

The moment Brazil's Congress gave the new regime a legal base by naming Goulart's next-in-line to succeed him, President Lyndon Johnson extended his "warmest wishes" and hinted at quick recognition.<sup>781</sup>

Antes de prosseguirmos, convém lembrar o artigo de Tad Szul publicado no *The New York Times* em 19 de março de 1964 e que se intitulou "*U.S. May Abandon Effort to Deter Latin Dictators*". Nesse artigo foi comentado o conteúdo de uma reunião a portas fechadas entre Thomas Mann, Lyndon Johnson e demais integrantes do alto escalão político dos EUA naqueles dias. A informação vazada pelo jornalista referia-se a decisão de não punir as juntas militares que derrubassem governos democráticos. Tal notícia chegou ao Brasil através dos principais jornais num momento delicado do governo Goulart.<sup>782</sup>

TIME, no trecho abaixo de sua reportagem, parece confirmar a informação acima:

All this was in line with the policy laid down by Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs Thomas C. Mann that the U.S. will deal with such situations as occurred in Brazil on their merits, not according to a rigid doctrine that condemns all coups as evil.<sup>783</sup>

No final deste capítulo, TIME fará menção ao início de uma nova e produtiva etapa na história do Brasil.

---

<sup>780</sup> Apesar do fato de ter sido um golpe militar contra o regime constitucional, os oficiais do Departamento de Estado não fizeram questão de esconder sua alegria pela queda de Goulart.

<sup>781</sup> Neste momento o Congresso Brasileiro deu ao novo regime apoio legítimo para nomear o sucessor de João Goulart, o presidente Lyndon Johnson transmitiu sua calorosa saudação e rápido reconhecimento.

<sup>782</sup> PARKER, Phyllis. 1964: *O papel dos Estados Unidos no Golpe de 31 de março*. Tradução: Carlos Neyfeld. 1ª edição. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1977, pp. 88.

<sup>783</sup> Tudo isso estava de acordo com a política anunciada pelo Secretário Assistente de Estado para Assuntos Inter-americanos, Thomas Mann, na qual os EUA irão tratar com tais situações como as que ocorreram no Brasil pelos seus méritos, não concordando com uma doutrina rígida que condena todos os golpes como malignos.

## 5.1 – O ESPÍRITO DE 32



THEY CAME AND THEY'RE GONE. Only a few left and prices are about to go up. Precision weapons, .32 caliber, complete registration plus 50 bullets free. <sup>784</sup>

Numa das mais extensas reportagens daqueles últimos seis meses, TIME, citando o jornal *Correio da Manhã*, chamou a atenção para aquilo que, segundo a revista, foi uma das maiores crises em que vivia o Brasil e fez a seguinte menção em sua epígrafe: “Eles vieram e agora eles estão indo embora”. De acordo com o jornal carioca, que serviu de apoio à reportagem de TIME, os que vieram e os que se foram referem-se às personalidades que compuseram o legado de Vargas. Eles chegaram com a revolução de 1930 e naquele momento, 1964, partiam definitivamente.

A publicação veio ao público com grande atraso em relação aos fatos que já haviam ocorrido. Chegou às bancas do mundo em 03 de abril de 1964, exatos dois dias após o golpe. Seu texto cobriu o período iniciado com o famoso Comício na Central do Brasil, em 13 de março daquele ano, culminando com a indisposição dos militares em relação às decisões de Goulart no caso da revolta dos Marinheiros. TIME notificou uma espécie de ‘elemento surpresa’, considerou que os acontecimentos que vinham ocorrendo naquele momento jamais poderiam ser previstos meses antes.

---

<sup>784</sup> Eles vieram e se foram. Restam poucas unidades, e os preços já estão prestes a aumentar. Armas de precisão, calibre .32, registro completo e mais 50 balas grátis.

O *lead* foi irônico em relação à maneira como os brasileiros lidavam com seus problemas. Indicando o perfil do povo brasileiro como ‘gentil’ e ‘urbano’, a reportagem mencionou o famoso *jeitinho brasileiro* como uma ferramenta cultural do Brasil para solução de problemas diversos:

The ad, which ran last week in Rio's *Correio de Manhã*, would have been unthinkable a few months ago. For all their recurrent economic and political crises Brazilians are traditionally a gentle, urbane people who believe that any problem on earth can be solved by *jeito*, the artful fix.<sup>785</sup>

O título da reportagem (*THE SPIRIT OF '32*) fez menção ao ESPÍRITO DE 32 e de início traçou um cenário caótico para o Brasil comparando-o ao estado de guerra vivido pela população de São Paulo durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Campo minado, ódio e sangue foram as palavras que TIME utilizou nessa matéria para justificar que nem o *jeitinho brasileiro* era capaz de resolver.

No more. Brazil today is an armed camp, astir with hate and fear as it has not been since to bloody, abortive 1932 revolt against President Getúlio Vargas. In the ugly spirit of '32, a Congressman from São Paulo cried recently: "We are ready – old, young, even children – to go again to the trenches".<sup>786</sup>

O parlamentar citado na reportagem era João Calmon – apresentado como calouro no Congresso. Calmon, segundo a reportagem, portava uma arma de calibre 38. TIME citou o desespero do parlamentar diante da caótica situação que não oferecia segurança para ninguém, inclusive impossibilitava o agendamento de compromissos tais como jantares:

Says middle-roading Congressman João Calmon, who now packs a Smith & Wesson .38: "Brazil is catching fire so rapidly, we cannot accept a dinner date any more without wondering whether we'll be able to keep it".<sup>787</sup>

Interessante lembrar que João Calmon, em 1966, lançaria um livro fazendo uma série de denúncias sobre o escandaloso envolvimento entre as Organizações Globo e o grupo TIME-LIFE através de um contrato repleto de irregularidades<sup>788</sup> (vide capítulo 1).

A reportagem prosseguiu informando sobre o caos generalizado. Notificou uma radical divisão em âmbito nacional das principais forças do país, estavam todos divididos

---

<sup>785</sup> O anúncio, que veiculou na semana passada no *Correio da Manhã* do Rio, teria sido inimaginável há poucos meses atrás. Por todas as suas recorrentes crises econômicas e políticas, os brasileiros são, tradicionalmente, um povo gentil e urbano que acredita que qualquer problema na Terra se resolve com jeito, com improviso.

<sup>786</sup> Nada mais. O Brasil hoje é um campo armado, agitado por ódio e medo, como nunca se viu desde a sangrenta e abortiva revolta de 1932 contra o Presidente Getúlio Vargas. Baseado no espírito ameaçador de 32, um parlamentar de São Paulo bradou recentemente: "Estamos prontos – idosos, jovens, até mesmo crianças – para ir novamente às trincheiras."

<sup>787</sup> Diz o parlamentar de centro João Calmon, que agora empunha uma Smith & Wesson .38: "O Brasil está pegando fogo tão rapidamente que não podemos nem aceitar um convite para jantar sem imaginar se seremos capazes de comparecer."

<sup>788</sup> CALMON. João *O Livro Negro da Invasão Branca*, Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, 1966.

desde políticos, agricultores e principalmente o exército, além das ameaças feitas pelos sindicatos:

All over Brazil, leftists are fighting rightists, peasants are threatening landholders, unions are threatening everyone; even the military is torn by dissension.<sup>789</sup>

A radical divisão entre fazendeiros oligarcas e camponeses sindicalizados já vinha de longa data. No caso do confronto político entre esquerda e direita, notificado na reportagem, a desconfiança do embaixador inglês, Mr. K. Slater em relação à própria ‘direita’ se manifestaria logo após deposição de Goulart, segundo um telegrama à embaixada do México em 08 de maio de 1964, Mr. Slater escreveu: “é um alívio estar livre de Goulart, mas se o novo pessoal se voltar muito para a direita talvez seja uma prova de que o Brasil tenha apenas trocado o fogo pela frigideira”.<sup>790</sup>

Deixando mais clara sua localização temporal, a reportagem informou um fato da semana anterior de sua publicação, o problema dos marinheiros. TIME identificou a revolta dos marinheiros como sendo motivado por líderes comunistas. Calculou cerca de 700 oficiais envolvidos e disse que estavam acampados no prédio da União dos Trabalhadores Metalúrgicos do Rio de Janeiro gritando pelas reformas de Goulart e por comida!

Last week, encouraged by Communist labor leaders, more than 700 sailors and marines holed up for two days in Rio’s Metallurgical Workers Union building, yelling “We want reforms” and “We want food”.<sup>791</sup>

A crise dos marinheiros foi simultânea à Marcha da Família com Deus pela Liberdade em meados de Março – que comentaremos mais a frente.

Naquele momento, quando cerca de 500 marinheiros e fuzileiros navais decidiram se reunir na sede dos Securitários para protestar contra o Ministro da Marinha, o almirante Silvio Mota, que havia proibido a ida de três mil oficiais à Petrobrás para homenagearem o seu então presidente, Osvaldo Alves. Mesmo assim, a homenagem acabou sendo cancelada devido ‘a uma providencial gripe que atingiu Osvaldo’.<sup>792</sup> Liderados por José Anselmo – marinheiro de primeira classe, mas conhecido como ‘Cabo Anselmo’, além de presidente da AMNFB, Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil -, pediram a demissão de Silvio Mota e sua substituição pelo almirante Pedro Paulo Suzano.

---

<sup>789</sup> Por todo o Brasil, os da esquerda lutam contra os da direita, camponeses ameaçam donos de terra, sindicatos ameaçam a todos; até o exército está dividido pela discórdia.”

<sup>790</sup> CANTARINO, Geraldo. 1964 - *Revolução para Inglês ver*. Rio de Janeiro, Muad, 1999, p. 59 – texto extraído do FO371/174158-34722

<sup>791</sup> Na semana passada, encorajados por líderes trabalhistas comunistas, mais de 700 oficiais da Marinha acamparam por dois dias no prédio da União dos Trabalhadores Metalúrgicos do Rio, gritando: “Queremos reformas” e “Queremos comida.”

<sup>792</sup> VILLA, *op cit*, p. 186.

### 5.1.1 - ARMAS E ROSÁRIOS

Com subtítulo “Armas e Rosários” (*Guns & Rosaries*), a reportagem prosseguiu analisando o problema dos marinheiros e a Marcha da Família com Deus pela Liberdade em tom de beligerância. As discórdias dentro da marinha foram observadas por TIME num contexto de guerra. Troca de tiros e o uso de metralhadoras foram bem frisados na matéria:

When another group of sailors and marines marched off to join the rebels, navy officers intercepted them, finally opened up with machine guns, wounding three.<sup>793</sup>

O parágrafo acima tratou do segundo episódio da crise dos marinheiros. Tratou-se do rápido motim envolvendo 1425 marinheiros e fuzileiros navais favoráveis a Goulart em 25 de março de 1964. Reunidos no sindicato dos metalúrgicos, protestaram contra às decisões tomadas pelo então Ministro Marinha por ter prendido onze elementos do sindicato dos marinheiros, entre eles o cabo Anselmo, que estava foragido.<sup>794</sup> Cabo Anselmo e os demais membros da AMNFB haviam sido acusados de insubordinação e seus protestos contra ‘as autoridades reacionárias protegidas por regulamentos arcaicos e decretos inconstitucionais’, irritou os oficiais da marinha. Na ocasião, os marinheiros tomaram o prédio do sindicato, e o almirante Silvio Mota, pediu-lhes que abandonassem o local e se entregassem à voz de prisão, logo recusada por eles.

A posição dos marinheiros confrontava a hierarquia da Marinha. O prédio estava ocupado por eles no intuito de comemorem o aniversário da associação - em desacordo com as ordens do ministro. Além disso, um grande número de marinheiros queria a todo custo participar das festividades – muitos deles acabaram sendo impedidos de desembarcar do cruzador *Barroso*, ficando detidos nele até segunda ordem.

A reportagem noticiou o fato juntamente com a demissão de Silvio Mota e sua substituição por um esquerdista radical:

In the midst of rebellion, the left wing marine commander resigned, later to be restored; then the conservative navy minister resigned, to be replaced by one of navy's most outspoken leftists.<sup>795</sup>

Mota renunciou no dia seguinte, 26 de março de 1964, e tomou como justificativa a falta de apoio de João Goulart para conter os rebeldes. Antes de sua saída demitiu o almirante

---

<sup>793</sup> Quando outro grupo de marinheiros marchou para se unir aos rebeldes, outros oficiais da Marinha os interceptaram, abrindo fogo com metralhadoras, houve três feridos.

<sup>794</sup> PARKER, *op cit*, p.97.

<sup>795</sup> Em meio à rebelião, o comandante da Marinha foi demitido, para mais tarde ser recolocado; logo o conservador Ministro da Marinha renunciou, para ser substituído por um dos esquerdistas mais ousados da instituição.

Aragão, comandante do corpo de fuzileiros navais e em seu lugar colocou o contra-almirante Luis Felipe Sinai. No trecho da reportagem acima, o comandante demitido, e logo em seguida readmitido, era Cândido Aragão.

Em seguida, a reportagem notificou a chegada do novo ministro ao posto. Não citou nomes, mas referiu-se ao almirante Paulo Mario da Cunha Rodrigues, nomeado em 27 de março de 1964, logo após a chegada de Goulart – que estava em descanso com sua família no Rio Grande do Sul naquela semana.

The new minister meekly gave the mutinous servicemen full pardons and weekend passes. But for several tense hours, Rio was a trigger pull away from widespread violence – even civil war.<sup>796</sup>

TIME chamou de humilde e dócil a atitude do novo ministro ao perdoar os rebeldes. Na verdade, tratou-se de um pedido do próprio presidente João Goulart para que se entregassem às tropas do exército em 27 de março.

O clima agitado que iniciou essa sessão da reportagem fez menção ao ‘choque entre os membros da associação e seus captores’.<sup>797</sup> Naquele dia, após a rendição dos marinheiros rebeldes, um caminhão conduziu boa parte dos revoltosos ao Ministério da Marinha. Porém, temendo estarem sendo levados para uma armadilha, tomaram o caminhão e retornaram para o prédio do sindicato. O perdão citado pela reportagem referiu-se à anistia e ao reconhecimento do sindicato por parte de João Goulart e o novo Ministro da Marinha. Esse fato foi entendido como uma afronta aos militares, pois ‘líderes trabalhistas da esquerda e de inclinação comunista se metiam na direção dos negócios militares’.<sup>798</sup>

Segundo Marco Villa, o grande erro de Goulart, após a normalização dos acontecimentos, foi que ‘ao invés de ordenar a detenção dos marinheiros rebeldes – mantendo o princípio de hierarquia, tão caro à organização militar - e estudar uma forma de atender gradualmente as justas reivindicações da categoria, optou pelo pior: não puniu os marinheiros’.<sup>799</sup> Os reflexos desses problemas foram sutilmente sugeridos pela revista como originários do comício de 13 de março.

TIME fez um corte na reportagem que até então cobria a questão dos marinheiros: entrou diretamente no assunto da reforma agrária e na corrida armamentista em defesa da

---

<sup>796</sup> O novo ministro docilmente perdoou os amotinados. Mas durante horas de tensão, o Rio esteve a um gatilho de espalhar a violência – até mesmo uma guerra civil.

<sup>797</sup> YOUNG, *op cit*, p. 214.

<sup>798</sup> PARKER, *op cit*, p. 97.

<sup>799</sup> VILLA, *op cit*, p. 199

propriedade privada patrocinada pelos fazendeiros. Segundo TIME, qualquer coisa naquele momento poderia incendiar o país. A mobilização armada dos fazendeiros contra as possíveis invasões foi citada:

Almost anything could ignite the country. In the backlands, many landowners stand ready to defend their property against peasant invasion; in the state of Goiás alone, 20.000 landholders have their own "Force for the Defense of Private Properties".<sup>800</sup>

O posicionamento dos grandes proprietários de terras, diante do estado de guerra que se formava, tinha, segundo a reportagem, o apoio do governador de São Paulo, Adhemar de Barros que estava vendendo armas e formava, junto com outros quatro governadores, a "Frente Unida em Defesa da Democracia". O clima de violência notificado por TIME envolvia até mesmo as mulheres, que não viam nenhum problema em segurar um rosário numa das mãos e uma arma na outra:

São Paulo Governor Adhemar de Barros is actually selling cut-rate submachine guns, rifles and pistols to landowners all over Brazil. This week Barros and four other state governors plan to form a "United Front in Defense of Democracy". Even the women are organizing. "We'll hold a rosary in one hand, a gun in the other", cried one at a rightist rally.<sup>801</sup>

A decisão tomada por Goulart em desapropriar as terras ociosas que ficavam às margens das rodovias e açudes federais chegou a ser alvo de piadas por parte de Vernon Walters, adido militar da embaixada americana no Brasil que escreveu em seu livro, *As missões silenciosas*, uma debochada anedota sobre João Goulart. O adido nos conta que "Goulart fora visitar um fazendeiro em Mato Grosso. Viajou de avião durante cerca de uma hora, sempre sobre as terras de sua propriedade. Ao encontrar o vizinho, este lhe perguntou se a lei da reforma agrária seria mesmo aprovada. Goulart respondeu que o povo a estava exigindo e a sua aprovação seria inevitável. O fazendeiro sacudiu a cabeça, desanimado, e disse 'Bem, só me resta colocar minhas terras à venda'. Imediatamente, Goulart perguntou: 'Quanto é que você quer por elas?'".<sup>802</sup>

---

<sup>800</sup> Praticamente qualquer coisa poderia ser o estopim para o país. No interior, muitos donos de terra se preparam para defender suas propriedades contra invasões de camponeses; só no Estado de Goiás, 20.000 donos de terra possuem sua própria "Tropa para a Defesa de Propriedades Particulares."

<sup>801</sup> O Governador de São Paulo, Adhemar de Barros, está na verdade vendendo metralhadoras, rifles e pistolas a fazendeiros por todo o Brasil. Esta semana, Barros e quatro outros governadores planejam formar uma "Frente Unida em Defesa da Democracia." Até as mulheres estão se organizando. "Seguraremos um rosário em uma mão, uma arma na outra," disse uma delas num discurso direitista.

<sup>802</sup> WALTERS, Vernon. *As Missões Silenciosas*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1986, tradução de Heitor A. Herrera, p. 343.

### 5.1.2 - LICENÇA DE CAÇA

A reportagem continuou com o subtítulo ‘Licença de Caça’ (*Hunting License*).

TIME atribuiu a João Goulart a culpa por ter reacendido o espírito de 32. Considerou-o como um político volátil e que durante dois confusos anos ele não conseguiu fazer absolutamente nada para deter a inflação. A reportagem criticou os métodos de Jango sem apontá-los de forma detalhada, apenas informou que Goulart fazia uso de técnicas que só serviam para alarmar ainda mais os brasileiros:

The spirit of 32' has been rekindled by volatile "Jango" Goulart. After 2.5 years of political zigs and zags and soaring inflation, the President last month lunged sharply left, seeking power in ways that deeply disturbing and alarm many of his countrymen.<sup>803</sup>

O espírito de 32, que dá título à reportagem, estava vinculado à resposta paulista ao Comício da Central do Brasil, de 13 de março daquele ano. A resposta era a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, agendada para 19 de março de 1964, dia de São José, padroeiro da família. 34 entidades estavam diretamente ligadas a organização do evento, todas lideradas pela União Cívica Feminina, o Movimento de Arregimentação Feminina e a Liga das Senhoras Católicas. Os organizadores tomaram como ponto de partida da marcha a esquina na Praça da República com a Rua Barão de Itapetininga no centro de São Paulo - o mesmo local onde quatro estudantes foram mortos em 23 de maio de 1932 em protesto a Getúlio Vargas.

A relação de 1964 com 1932 teve como inspiração uma das crônicas do poeta Guilherme de Almeida intitulada ‘32 de 32’, na qual saudava a mulher paulista, ‘símbolo da nacionalidade’ e, conforme subtítulo da reportagem já citado, a crônica relacionava ‘armas’ e ‘rosários’: “*ora na tua retilínea marcha de hoje em tua mão alçada levarás por arma o Santo Rosário. Suas contas são feitas das miraculosas gotas daquele teu suor, daquele teu sangue e daquelas tuas lágrimas*”.<sup>804</sup>

A reportagem recuou para os principais temas do Comício de Goulart no Rio. Listando as medidas polêmicas tomadas por Goulart naqueles dias, TIME construiu uma linha dedutiva que vinculava Goulart ao comunismo. Sua dedução se baseava em algumas

---

<sup>803</sup> O espírito de 32 foi reaceso pelo volátil “Jango” Goulart. Após dois anos e meio de zigzags políticos e inflação elevada, o Presidente andou buscando o poder fazendo uso de métodos que incomodam e alarmam profundamente muitos de seus compatriotas.

<sup>804</sup> Citado em Marcos Villa, *op cit*, p. 184

propostas de Goulart tais como a legalização do Partido Comunista do Brasil e na possibilidade dele tentar mais um mandato:

He favors legalizing the Communist Party, is campaigning also for sweeping constitutional “reforms” that would enfranchise millions of illiterates, lift the constitutional ban on a second straight term for Brazil’s Presidents.<sup>805</sup>

O corte nos empréstimos do Banco do Brasil que a reportagem citou mais abaixo estava relacionado a uma retaliação de Goulart contra alguns empresários que financiavam a oposição ao seu governo, inclusive as marchas que já estavam agendadas em todo o Brasil.

Goulart has cut off all discount loans from the Bank of Brazil to politically unfriendly banks, has nationalized oil refineries and threatened to expropriate almost everything else in sight.<sup>806</sup>

A dimensão internacional da imagem de um governo Goulart pró-comunista não foi vista somente por TIME. O *Neue Zuercher Zeitung*, de Zurique, Suíça, publicou as seguintes sentenças: “todos sabem que Goulart pretende readmitir o Partido Comunista Brasileiro nas atividades políticas”.<sup>807</sup> O *Le Monde* disse que “o choque entre Goulart e seus aliados com a direita unida, que assinalou o período posterior à renúncia de Jânio Quadros, ameaçava repetir-se. Esta situação repercutirá profundamente no precário estado econômico-financeiro do Brasil”.<sup>808</sup> O *La Prensa*, de Lima, Peru, finalmente dizia, “se quisermos dar um impulso para frente, no Peru, sejamos modernos, não antiquados; sigamos o exemplo dos Estados Unidos e Europa, não o mau exemplo do Brasil, Indonésia, China comunista ou Cuba”.<sup>809</sup>

Chamando Goulart de demagogo, a reportagem prosseguiu dando destaque para a conturbada questão da reforma agrária. Os impasses políticos de Goulart foram explorados de maneira negativa, cujos argumentos o deixavam sem saída. A reforma agrária proposta por Jango foi entendida por TIME como um dos movimentos mais explosivos. Chamou o decreto de ‘claramente demagógico’, e colocou em descrédito a capacidade de repasses financeiros para as indenizações propostas no projeto. A licença de caça que dá subtítulo à matéria referiu-se ao decreto criticado pelos agricultores diante das novas medidas:

One of Goulart’s most explosive move to date was to decree an “agrarian reform” program to take over idle farmland along federal highways, railroads and reservoirs. The decree was sheer demagoguery, since the government has long had legal power

---

<sup>805</sup> Ele favorece a legalização do Partido Comunista, está fazendo campanha para acabar com “reformas” constitucionais que emancipariam milhões de analfabetos e retirariam a proibição constitucional de um segundo mandato para Presidentes do Brasil.

<sup>806</sup> Goulart cortou todos os descontos de empréstimos do Banco do Brasil a Bancos politicamente rivais, nacionalizou as refinarias de petróleo e ameaçou desapropriar quase tudo mais em vista.

<sup>807</sup> Conforme Mario Victor, *op cit*, p. 484

<sup>808</sup> Idem

<sup>809</sup> Idem

to take over these lands, but has always lacked the cash to compensate the owners.  
<sup>810</sup>

Apesar dos ataques e vinculações de Goulart a um governo de linha comunista, diversos historiadores evitaram ver dessa maneira. Até mesmo Moniz Bandeira, severo historiador de esquerda, escreveu que “as reformas não visavam ao socialismo (...) eram reformas democráticas e tendiam a viabilizar o capitalismo no Brasil, embora em outros alicerces”.<sup>811</sup> Para esse historiador “a reforma agrária (...) constituía, sobretudo, um instrumento para ampliação do mercado interno, necessário ao desenvolvimento do próprio parque industrial do Brasil”.<sup>812</sup> Segundo Skidmore, “durante seu discurso na Central do Brasil, Jango num gesto anticomunista e de aparência religiosa evocou o Papa João XXIII e o herói norte-americano, General MacArthur ‘em apoio à idéia de uma reorganização completa da estrutura rural agrária, tão necessária para aumentar e melhorar o mercado interno’”.<sup>813</sup>

No entanto, e voltando a acentuar o lado ultranegativo do Brasil, a reportagem comentou a ‘interpretação’ dada pelos camponeses em relação ao decreto de Jango para a reforma agrária. Para TIME, os camponeses entenderam que o discurso de Jango os autorizava a invadir as terras, sendo assim, a fala do presidente nada mais era do que uma ‘licença de caça’ para capturar as terras ociosas do país. Citando uma frase da Confederação Nacional dos Agricultores - além de reforçar o argumento da infiltração comunista no governo de João Goulart -, a reportagem informou que as ações estavam liberadas pelo governo e que poderiam ser postas em prática imediatamente:

To the peasants, Jango’s loudly touted decree is simply a hunting license to grab the land. The government-sponsored Communist-bossed National Peasant Confederation has even assured Brazil’s peasants that the land decree “is an instrument that peasants can use as of now”.<sup>814</sup>

A questão da violência no campo, tendo como contrapartida a inspiração nas reformas de Goulart, marcou os idos de Março de 1964. Grupos espalhados de camponeses invadiam diversas propriedades rurais já ocupadas por pequenos agricultores e, segundo

---

<sup>810</sup> Um dos movimentos mais explosivos de Goulart até aqui foi decretar um programa de “reforma agrária” para tomar posse de terras improdutivas ao longo de estradas federais, ferrovias e reservatórios. O decreto foi claramente demagógico, já que o governo há muito já teve poder legal para tomar posse dessas terras, mas sempre lhe faltou o dinheiro para repassar aos proprietários.

<sup>811</sup> BANDEIRA, *op cit*, p. 164

<sup>812</sup> Idem

<sup>813</sup> SKIDMORE, *op cit*, p. 353

<sup>814</sup> Aos camponeses, o decreto de Jango é simplesmente uma licença de caça para tomar as terras. A Confederação Nacional dos Agricultores, patrocinada pelo Governo e chefiada por Comunistas, até garantiu a eles que o decreto da terra é “um instrumento que os agricultores podem usar desde já”.

Skidmore, ‘... havia informações de que os fazendeiros estavam armados para fazer frente às crescentes hostilidades dos sindicatos rurais’.<sup>815</sup>

### 5.1.3 - MANIFESTO MILITAR

Com o último subtítulo desta reportagem, Manifesto Militar (*Military Manifest*), TIME vinculou Goulart definitivamente aos comunistas, citou Luis Carlos Prestes como um dos seus conselheiros além de uma espécie de chantagem sofrida pelo governo ao negociar as reformas constitucionais.

Many of Goulart’s decisions of late have been urged on him by advisers who include leading Communists notably Party Boss Luís Carlos Prestes.<sup>816</sup>

Luiz Carlos Prestes era o líder do PCB e tinha clara noção da batalha ideológica que iria travar com os partidos políticos. O confronto político aumentava e o PCB ‘pôs-se febrilmente em campo para definir suas próprias diretrizes’.<sup>817</sup> A pressão não atingia somente a Goulart, Prestes mobilizava a frente popular contra o Congresso que segundo ele “o objetivo continuava sendo a conquista de um governo que, embora ainda sob o atual sistema e precedendo a vitória da revolução, fosse capaz de iniciar e promover as reformas estruturais que são (eram) reclamadas”.<sup>818</sup>

A reportagem prosseguiu a análise do fechamento do cerco em torno de Goulart. Para TIME, ele defendia a revisão da Constituição e persistia na idéia de um golpe subjacente. No mesmo parágrafo, o CGT (Comando Geral dos Trabalhadores) continuou sendo vinculado aos comunistas e, dessa vez, com enorme poder de reação diante das contradições daquele momento. Num clima de guerra, TIME advertiu sobre a possibilidade de ataques através de atos de intimidação por parte do CGT caso as reformas de Goulart não fossem cumpridas:

Thus after Jango advocated revision of the constitution last month, the Communist-run General Labor Command immediately obliged by threatening a general strike unless the reforms go through.<sup>819</sup>

A marcha pela família em São Paulo também foi registrada nessa reportagem como uma espécie de crítica aberta da opinião pública ao governo de João Goulart. Segundo a

---

<sup>815</sup> SKIDMORE, *op cit*, p. 353

<sup>816</sup> Muitas das decisões anteriores de Goulart foram impostas a ele com urgência por conselheiros que incluem líderes Comunistas, notadamente sendo o chefe do Partido, Luís Carlos Prestes.

<sup>817</sup> SKIDMORE, *op cit*, p. 355

<sup>818</sup> Conforme discurso de Prestes, publicado no semanário *Novos Rumos*, 20-26 de março de 1964; citado em SKIDMORE, *idem*.

<sup>819</sup> Assim, após Jango defender a revisão da Constituição no mês passado, o Comando Geral dos Trabalhadores, gerenciado por comunistas, imediatamente ordenou, por meio de ameaças, um ataque generalizado, a menos que as reformas prosseguissem.

revista, tratou-se de um sentimento de revolta que havia se originado em São Paulo e que havia levado às ruas cerca de 500 mil pessoas, de maioria contrária às alterações constitucionais propostas por Goulart em suas reformas. TIME registrou aquela marcha como a maior multidão já reunida no país:

A measure of the feeling on the other side came in São Paulo fortnight ago, when some 500.000 antileftists – largest rally ever assembled in Brazil – demonstrated their opposition to constitutional change.<sup>820</sup>

A Marcha da Família ocorreu em 19 de Março de 1964, uma semana após o Comício de Goulart na Central do Brasil e quinze dias antes da publicação desta reportagem. Lacerda no Rio, semanas antes, havia decretado feriado para o funcionalismo público na Guanabara a fim de esvaziar o comício de Goulart. No caso de São Paulo, Adhemar de Barros liberou o ponto dos funcionários por volta das 15h para que se juntassem ao protesto daquele dia. O próprio Adhemar de Barros acabou não podendo participar do evento, mandou sua mulher, Dona Leonor Mendes de Barros, representá-lo. O ponto de partida foi na Praça de República, às 16h. Marcharam pela Rua Barão de Itapetininga, passaram pela Praça Ramos de Azevedo, seguiram pela Rua Direita rumo ao ponto final da Praça da Sé, local onde estavam inúmeros políticos anti-João Goulart. Carlos Lacerda estava em visita na cidade de São Paulo e presente na Praça da Sé. O governador da Guanabara, arquiinimigo de Goulart disse: “*O espírito de São Paulo a partir da Marcha da Família com Deus pela Liberdade é o de 1932, mas de 1932 dialético, em que as trincheiras são da paz*”.<sup>821</sup>

TIME, no parágrafo abaixo, faz uma brincadeira ao dizer que Goulart não era comunista. Brincadeiras à parte, a revista reforçou a idéia de que ele desenvolvia um mecanismo de aproximação com os comunistas tão perigosa que acabaria por colocá-lo numa situação de ida sem volta:

Unruffled, Goulart insists that the ruling classes are wantonly distorting his “democratic” reforms. Indeed he is no Communist. But he has relied so heavily on Communists and the far left that, willy-nilly, he is approaching the point of no return.<sup>822</sup>

---

<sup>820</sup> Uma medida de protesto e indignação foi tomada em São Paulo há quinze dias, quando aproximadamente 500.000 anti-esquerdistas – a maior multidão já reunida no Brasil – demonstrou sua oposição à mudança constitucional.

<sup>821</sup> *O Estado de São Paulo*, 21/03/1964, citado em VILLA, *op cit*, p. 186.

<sup>822</sup> Sereno, Goulart insiste que as classes dominantes estão distorcendo de maneira petulante suas reformas “democráticas”. De fato, ele não é um Comunista. Mas tem confiado tão fortemente nos Comunistas e na esquerda que está se aproximando de um ponto sem volta.

Nessa altura da reportagem constatamos que a confirmação do Golpe de 1964 não tinha chegado a tempo à redação de TIME. Em seu último parágrafo, a reportagem identificou em Jango a figura de um político ingênuo e incapaz de perceber que um golpe já estava em andamento contra ele, inclusive com o aviso antecipado de alguns oficiais:

So far he has been able to discount any likelihood of a coup by Brazil's studiously constitution-minded armed forces. But even the military has given him fair warning.<sup>823</sup>

Esse aviso teve como pressuposto a tomada de posição dos militares diante da crise que se alargava. Quando o ministro da guerra, Jair Dantas Ribeiro, hospitalizou-se – afastando-se do rolar dos acontecimentos –, ‘o caminho estava aberto para o golpe’.<sup>824</sup> Em 20 de março de 1964, o general Castello Branco enviou um ‘memorando sigiloso às altas patentes do exército’.<sup>825</sup> O conteúdo desse documento fazia menção à ‘perigosa situação política que havia se criado no Brasil naquele momento’.<sup>826</sup> Castello Branco chamava a atenção para o perigo identificado por eles no CGT, no governo e demais sindicatos, todos com fortes vínculos com o comunismo.<sup>827</sup>

Fechando a reportagem, TIME notificou o protesto de 73 “Generais de Pijama” – generais da reserva – através de um comunicado público ao presidente João Goulart. A reportagem mencionou as frases contra Goulart, tais como: transgressor da lei, subversivo, entre outras. Segundo TIME, o aviso desses generais sugeria o golpe pelo motivo de sua insatisfação aberta com o governo. Segundo a revista, todos acabaram sendo presos.

Last month 73 retired “pajama generals”, with 2.800 years of service among them, issued a manifesto labeling Goulart’s a “flagrant transgressor of the law”, charged that under him “subversion is not only officially tolerated, but desired, directed and aided”. The generals concluded grimly that the armed forces “are not obliged to preserve or guarantee the government”. Jango Goulart proved their main point. All 73 of the retired soldiers were put under ten days’ military arrest.<sup>828</sup>

Os protestos dos generais da reserva juntaram-se aos 2000 oficiais da marinha reunidos no Rio de Janeiro em 28 de março de 1964 para acusarem o regime de Jango de

---

<sup>823</sup> Está longe de ser capaz de deduzir qualquer probabilidade de um golpe por parte das Forças Armadas. Mas os militares já lhe deram um aviso.

<sup>824</sup> BANDEIRA, *op cit*, p. 166

<sup>825</sup> YOUNG, *op cit*, p. 212

<sup>826</sup> Idem

<sup>827</sup> BANDEIRA, *op cit*, p. 166.

<sup>828</sup> No mês passado, 73 “Generais de Pijama” reformados, com 2.800 anos de serviços somados, encaminharam um manifesto classificando Goulart como um “flagrante transgressor da lei,” dando conta de que, segundo eles, “a subversão não é apenas oficialmente tolerada, mas desejada, dirigida e apoiada.” Os generais concluíram afirmando que as Forças Armadas “não são obrigadas a preservar ou garantir o Governo.” Jango Goulart provou a veracidade da principal afirmação deles. Todos os 73 soldados reformados receberam dez dias de prisão militar.

solapar a disciplina militar - Goulart não havia punido definitivamente os marinheiros amotinados e os fuzileiros navais revoltados. Mesmo assim, um segundo movimento de protesto por parte de militares contra Jango ocorreu no dia seguinte. Em 29 de março de 1964, um grupo de oficiais navais “pedia para o país se opor à ‘comunização’, insistiam para que o almirante Cunha Rodrigues, novo ministro da Marinha, castigasse os amotinados e demitisse Aragão”.<sup>829</sup>

---

<sup>829</sup> YOUNG, *op cit*, p. 215.

## 5.2 – O ADEUS A JANGO

The revolution overturned Brazil's Jango Goulart. Latin American revolts are a hazard to TIME because they usually seem to happen on the weekend, after we go to press, but this one came in plenty of time for thorough coverage. What is more, Hemisphere Editor George Daniels, in Rio on a previously planned trip, was ready and eager to help Bureau Chief John Blashill and his staff during 37, mostly sleepless, hours of reporting. The coup started just as the moving men arrived to relocate TIME'S Rio quarters, and while the new office was a shambles, its balcony provided a magnificent view of the massed anti-Goulart troops in the square below. In fact, reported Daniels, at times "it looked for all the world as if we were directing the operations."<sup>830</sup>

TIME, editorial de 10/04/1964

O trecho acima mostrou claramente a posição da revista em relação à queda de Goulart e o Golpe de 1964. Mesmo não sendo citado no texto, o nome de Jayme Dantas constou ao lado de John Blashill na lista de correspondentes internacionais do corpo editorial da revista. Nessa edição de 10 de Abril de 1964, TIME publicou sua mais longa reportagem sobre o Brasil naquele ano. Num texto que ocupou exatamente duas páginas, o título foi ‘Adeus a Jango’ (*Goodbye to Jango*).

O *lead* da matéria destacou a forte agitação que marcou o dia 02 de abril de 1964. A Marcha do Rio de Janeiro não foi somente mais um protesto contra o governo Jango, mas a celebração da vitória por sua queda. TIME classificou aquele evento como ‘uma revolução popular’, a revolução que depôs Goulart através do povo.

If ever there was a popular revolution, it was the one that last week toppled Brazilian President João (“Jango”) Goulart.<sup>831</sup>

Começando por São Paulo, a reportagem mencionou a alegria de sambistas que dançavam pelas ruas no dia 1º de Abril. Logo após passou a cobrir as ruas do Rio de Janeiro, calculando 300 mil cariocas que tomavam a Avenida Presidente Vargas. Segundo TIME, aquela festa se assemelhava ao carnaval:

---

<sup>830</sup> A revolução depôs o governo João Goulart. As revoltas latino-americanas são imprevisíveis para TIME porque elas normalmente acontecem aos finais de semanas logo após o fechamento das edições, mas essa aqui entrou a tempo para uma cobertura completa. O que é melhor, o editor da seção Hemisphere, George Daniels, no Rio numa viagem previamente planejada, estava pronto e ansioso para ajudar o chefe da nossa agência local, John Blashill e seu pessoal durante 37 horas de reportagem ininterruptas. O golpe teve início praticamente junto com a movimentação dos nossos homens que chegavam para preparar os escritórios de TIME no Rio, e enquanto o novo escritório era montado às pressas, sua sacada nos forneceu uma visão magnífica das tropas anti-Goulart reunidas na praça abaixo. “De fato, Daniels nos disse, em alguns momentos pareceu para todos como se nós estivéssemos dirigindo as operações.”

<sup>831</sup> Se alguma vez houve uma revolução popular no Brasil, esta foi a que, na semana passada, derrubou o Presidente brasileiro João “Jango” Goulart.

In São Paulo, samba dancers whirled through the streets, singing, shouting and kicking. In Rio, some 300.000 cariocas pranced and danced along the Avenida Presidente Vargas beneath a storm of confetti, tootling carnival horns, waving handkerchiefs, clapping every back within reach.<sup>832</sup>



As comemorações pela vitória somente ganharam força ao longo do dia. Ainda pela manhã as movimentações das tropas militares eram acompanhadas de forma cautelosa por todos. As comemorações que a reportagem mencionou, principalmente no Rio de Janeiro, tiveram início no final da tarde do dia 1º de Abril. Na região do aterro do Flamengo milhares de pessoas comemoravam a ‘vitória’ em meio a uma persistente garoa, ‘uma espécie de carnaval antecipado’.<sup>833</sup> A chuva de papel picado caía dos prédios em meio à passeata alegre da vitória, além dos gritos e aplausos de apoio ao movimento iniciado no dia anterior.

A reportagem percorreu um restaurante de Copacabana e notificou três estudantes ‘cansados e ensopados de chuva’, comemorando junto à bandeira brasileira a vitória contra aquilo que era entendido como um ataque à liberdade e à Constituição do país. Entrevistados, os estudantes informaram o temor que sentiam diante da ameaça comunista que cercava o país

---

<sup>832</sup> Em São Paulo, sambistas rodopiavam pelas ruas, cantando, gritando e chutando. No Rio, aproximadamente 300.000 cariocas saltavam e dançavam ao longo da Avenida Presidente Vargas debaixo de uma chuva de confete, assoprando buzinas de carnaval, balançando lenços e todos se abraçando.

<sup>833</sup> VILLA, *op cit*, p. 218.

até aquele momento, para eles tal ameaça os privaria de suas liberdades individuais. Naquele mesmo dia o prédio da UNE no Rio era incendiando por diversos estudantes. Tratava-se do sentimento anticomunista, presente naquelas pessoas. Um pianista tocando o hino nacional brasileiro com acompanhamento dos presentes foi registrado na matéria, tratava-se de um sentimento de união nacional contra o governo que caía:

At a Copacabana restaurant, three tired, rain-drenched college boys tramped in off the street, plopped down at a table and lovingly draped a damp green, blue and yellow Brazilian flag over the fourth chair. "We are wet and dirty but not ashamed", said one dramatically. "The Communists threatened our right to carry this beautiful flag. Now man at the piano struck up the national anthem; all joined in."<sup>834</sup>

A noite do dia 1º prosseguiu num clima de intensa festa. Segundo a historiadora Marly Vianna, "ninguém dormia, pois a festa, fogos e danças tomaram conta das ruas da cidade: foi um espetáculo horrível".<sup>835</sup> Lincoln Gordon, em telegrama a Dean Rusk, lamentou que "a única nota triste era a participação limitada das classes baixas na marcha".<sup>836</sup>

Independente de qualquer especulação em torno do reconhecimento imediato do novo governo no Brasil por parte dos EUA, TIME notificou a posição do Presidente Johnson diante da 'Revolução'. Segundo a reportagem, Johnson estava entusiasmado e rapidamente saudou o novo Presidente do Brasil, "Ranieri Mazzilli":

President Johnson was almost as enthusiastic, and forthwith sent his "warmest good wishes" to new President, Paschoal Ranieri Mazzilli.<sup>837</sup>

Durante intenso debate entre a embaixada americana no Brasil e a Casa Branca em torno do 'apressamento' para se reconhecer o novo governo no Brasil, Lincoln Gordon disse "que a sua preocupação não era de que os Estados Unidos exorbitassem em seu envolvimento, mas sim de evitar que isso se desse a entender".<sup>838</sup> O Senador Auro de Moura Andrade havia decretado vaga a presidência já no dia 1º de Abril com o presidente João Goulart ainda em território nacional. A mensagem de reconhecimento foi enviada com menos de 18h da posse de Mazzilli. Johnson "mandou seus calorosos votos de felicidade, externando admiração pela vontade resoluta da comunidade brasileira de resolver (...) dificuldades dentro de uma estrutura democrática constitucional e sem luta civil. Johnson esperava a cooperação

---

<sup>834</sup> Em um restaurante de Copacabana, três estudantes colegiais, cansados e ensopados de chuva, se debruçaram em uma mesa e orgulhosamente abriram uma bandeira úmida, verde, azul e amarela sobre a quarta cadeira, era uma bandeira brasileira. "Nós estamos molhados e sujos, mas não envergonhados," disse um deles emocionado. "Os Comunistas ameaçaram nosso direito de carregar esta bela bandeira. Agora, estamos lutando pela nossa liberdade." O homem no piano começou a tocar o hino nacional; todos acompanharam.

<sup>835</sup> Entrevista de Marly Vianna a Marco Antonio Villa em 17/07/2003, citada VILLA, *op cit*, 220

<sup>836</sup> PARKER, *op cit*, p. 109 – Gordon a Rusk, 02/04/1964, NSF, CFB, VOL. 3, LBJ.

<sup>837</sup> O Presidente Johnson estava quase com o mesmo entusiasmo, e imediatamente enviou seus "mais calorosos desejos de boa sorte" ao novo Presidente, Paschoal Ranieri Mazzilli.

<sup>838</sup> PARKER, *op cit*, p. 113

intensificada no interesse do progresso econômico e da justiça social para todos, e da paz no hemisfério e no mundo”.<sup>839</sup> Um mês depois, em 08 de maio, a posição otimista dos EUA parecia ir diminuindo lentamente, fato que chamou a atenção da embaixada inglesa em Washington, Mr. K. Slater percebeu que o “entusiasmo americano parecia ter esfriado um pouco, mas não era difícil imaginar que os EUA dariam solido apoio ao novo governo”.<sup>840</sup>

Apresentando o olhar internacional em torno da “revolução brasileira”, TIME mencionou a posição de um dos principais jornais peruanos, o *La Prensa*, de Lima, classificando de ‘saúdável’ a ‘revolução’. TIME, no mesmo parágrafo deslocou sua atenção para a fala do ex-presidente da Argentina, Pedro Aramburu, que ratificava junto com a reportagem a vitória da democracia, ao mesmo tempo em que reconhecia como catastrófica a administração de Goulart. A recomendação que vinha do ex-presidente era que o primeiro passo havia sido dado, mas mesmo assim não seria suficiente para ajustar num curto-prazo a situação do Brasil:

In Peru, Lima's *La Prensa* called the revolution a “healthy action”; in Argentina, former President Pedro Aramburu said that “democracy has won out”. But despite all the enthusiasm, getting rid of Goulart was only a first and far-from-conclusive step. He had mismanaged Brazil so badly that his downfall became inevitable, but the fruits of that mismanagement remain for his successors to cope with...<sup>841</sup>

Uma voz da imprensa norte-americana destoou um pouco dessa cobertura. O jornal *The New York Times*, mesmo sendo crítico de Goulart, ironizou o golpe militar e traçou comparações com os Estados Unidos: “Seria como se os chefes do Pentágono depusessem o presidente Johnson e colocassem na presidência o presidente do Congresso, MacCormack”.<sup>842</sup> A expressão “Governo Constitucional” utilizada por Dean Rusk foi considerada ‘fantasiosa’ pelo editorial desse jornal, seria algo comparado a estória de Alice no país das maravilhas.<sup>843</sup>

### 5.2.1 - POST-MORTEN

Com o primeiro subtítulo da reportagem intitulado *Post-Morten* (pós-morte), TIME ensaiou uma frágil tentativa de síntese histórica. A reportagem partiu em busca da origem dos

---

<sup>839</sup> Ball e outros a Gordon e outros, 2300Z, 2 de abril, NSF, CFB, VOL 2, ITEM 55, LBJ; citado em PARKER, *op cit*, p. 114

<sup>840</sup> CANTARINO, *op cit*, p. 59.

<sup>841</sup> No Peru, o *La Prensa* de Lima chamou a revolução de “ação saúdável”; na Argentina, o ex-presidente Pedro Aramburu disse que “a democracia venceu.” Mas apesar de todo o entusiasmo, livrar-se de Goulart foi apenas um primeiro passo, longe de ser o último. Ele havia governado tão mal que sua queda se tornou inevitável, mas os frutos desse governo ruim permanecem e seus sucessores terão que lidar com isso.

<sup>842</sup> CANTARINO, *op cit*, p. 69.

<sup>843</sup> Idem

problemas que culminariam com a deposição de Goulart. O título pode ser traduzido simplesmente como ‘após a morte’, mas também significa ‘autópsia’ ou ‘necropsia’.

TIME recuou até a administração de Juscelino (e por que não de Goulart também?), a quem atribuiu a responsabilidade por uma série de gastos desperdiçados em imensos projetos públicos, incluindo \$600 milhões na construção de Brasília:

Brazil has been on the road to trouble for years. Under the spend-build, spend build administration of Jucelino Kubitschek (1956-61), the country lavished millions on massive public works projects, including the construction of the nation's \$600 million capital of Brasilia.<sup>844</sup>

Prosseguindo o ‘histórico’ de erros do Brasil, a reportagem deu foco à figura de Jânio Quadros (que teve também como vice-presidente João Goulart) como uma personalidade controversa, extravagante, errante por tomar medidas administrativas inseguras e pondo em risco o país. TIME relembrou a renúncia de Jânio Quadros e a chegada de seu vice, Goulart, ao palácio:

Erratic Jânio Quadros dros, who took office in 1961, slapped on rigid austerity measures. But he stuck around only seven months before resigning in a fit of pique, and then Goulart – his Vice President – moved into the palace.<sup>845</sup>

Focando a trajetória política de Goulart, a reportagem lembrou sua rica condição social como fazendeiro do Estado do Rio Grande do Sul, local onde aprendeu ‘suas táticas políticas’. TIME prosseguiu com a biografia política de Goulart sempre vinculada a Getúlio que o nomeou Ministro do Trabalho quando retornou à presidência em 1950.

A wealthy rancher from Rio Grande do Sul state, Goulart learned his politics at the knee of a ranching neighbor, old-time Brazilian Strongman Getulio Vargas, became Labor Minister when Vargas swept back into the presidency in 1950.<sup>846</sup>

Mencionando Goulart como um ‘comprador de votos’ e ‘herdeiro’ de Vargas à liderança do PTB, a reportagem também destacou as suas duas vice-presidências graças ao sistema eleitoral brasileiro:

Jango immediately began buying labor's votes with promises of pay boosts, was finally pressured out of the ministry by the military when he tried to double Brazil's minimum wage. With Vargas's suicide in 1954, Goulart inherited the leadership of

---

<sup>844</sup> O Brasil tem estado na rota dos problemas há anos. Sob a administração de Juscelino Kubitschek (1956-61) baseada em gastos, o país desperdiçou milhões em imponentes projetos públicos, incluindo a construção da capital de \$600 milhões, Brasília.

<sup>845</sup> O extravagante Jânio Quadros, que assumiu em 1961, arriscou-se em rígidas medidas de austeridade. Mas só ficou em evidência durante sete meses até renunciar, e então Goulart – seu vice-presidente – mudou-se para o palácio.

<sup>846</sup> Fazendeiro do Estado do Rio Grande do Sul, Goulart aprendeu suas táticas políticas ao lado de outro vizinho fazendeiro, o velho homem forte do Brasil, Getúlio Vargas. Tornou-se Ministro do Trabalho quando Vargas retornou à presidência em 1950.

the Brazilian Labor Party, become Vice President under Kubistchek, then under Quadros, thanks to system that permits the election of a President from one party, a Veep from another.<sup>847</sup>

Ironizando Goulart na presidência da república, TIME conferiu-lhe uma qualidade de ‘caçador de problemas’. A reportagem mencionou sua incansável procura por ‘trabalho’ à frente da nação. Atribui-lhe a irresponsabilidade de emitir – fabricar – dinheiro quando achava necessário, fato esse que, segundo a revista, agravava ainda mais a situação inflacionária do país:

As President, Goulart continued wooing labor at all costs. When he needed money, he just prites it – and Jango needed plenty, as the economy began flying apart.<sup>848</sup>

TIME identificou no período dos 31 meses do governo Goulart a gênese de todos os problemas econômicos pelos quais passava o país até aquele momento. Citou o custo de vida no país, cujo expressivo aumento se deu em sua gestão chegando à casa dos 300%. O crescimento da dívida também foi atribuído ao seu governo que não apresentava a menor esperança de saldá-la. Para TIME, um dos elementos que mais preocupavam era a falta de confiança dos investidores estrangeiros no Brasil:

During his 31 months in office, the country’s cost of living soared 300%. The value of the cruzeiro dropped 83%. The country ran up a staggering \$3.7 billion foreign debt, with almost no hope of repaying it. Foreign investors kept their capital safely at home, on sent it anywhere but to Brazil.<sup>849</sup>

TIME retomou a análise do perfil inseguro de Goulart vinculando-o ao ‘caos’ generalizado. A reportagem ressaltou os pedidos de socorro de Jango. Tais pedidos ocorriam sempre que o presidente apelava para a esquerda. TIME tentou defender a idéia de que por trás dessa guinada radical estava aberto o caminho para um golpe comunista no país juntamente com uma reforma da Constituição que poderia dar a Jango um segundo mandato:

---

<sup>847</sup> Jango imediatamente começou a comprar os votos dos trabalhadores com promessas de aumento de salários, e foi finalmente pressionado pelo exército a deixar o ministério quando tentou dobrar o salário mínimo. Com o suicídio de Vargas em 1954, Goulart herdou a liderança do Partido Trabalhista Brasileiro, tornou-se Vice-Presidente de Kubitschek, e depois de Quadros, graças a um sistema que permite a eleição de um Presidente de um partido e o Vice de outro.

<sup>848</sup> Como Presidente, Goulart continuou procurando trabalho a qualquer custo. Quando precisava de dinheiro, ele simplesmente o confeccionava – e Jango necessitava de muito, já que a economia começava a decair.

<sup>849</sup> Durante seus 31 meses no gabinete, o custo de vida no país aumentou em 300%. O valor do cruzeiro caiu 83%. O país acumulou uma cambaleante dívida externa de \$3.7 bilhões, quase sem esperança de conseguir pagá-la. Investidores estrangeiros mantinham seu capital em seu país como forma de segurança, ou o enviavam para qualquer lugar, menos para o Brasil

As ruin approached, Goulart turned disparately to the far left for political support, threatened to rewrite the constitution, which prevents a President from succeeding himself in power.<sup>850</sup>

TIME não escondeu seu receio em relação ao futuro do Brasil tendo Goulart à frente. Segundo a reportagem, tornava-se cada vez maior a possibilidade da maior nação da América Latina ser conduzida pelas forças da esquerda e, caso isso ocorresse, o restante do continente afundaria junto:

A left-run nation of permanent chaos loomed as an all too real prospect. And Brazil, of course, is no island; the largest and most important nation in Latin America, it could conceivably drag the rest of the continent down with it.<sup>851</sup>

A reportagem reforçou a existência de uma unanimidade contra o presidente. A fragilidade sugeria também o isolamento político de Jango. TIME informou que não havia mais uma polarização de forças, todos estavam juntos contra ele, tanto os grupos de direita como os de esquerda. Por fim, TIME destacou a frase de um líder comunista – a qual pode ser atribuída à Prestes – que alertava para a estupidez de Jango:

This prospect finally alarmed not only Brazil's conservatives but middle-roaders and liberals as well. Even the radical groups Jango had tried to organize – unions, peasants, and noncommissioned officers – and the end did not follow him. It was practically everybody against Jango and his ambitions, his ineptness, his phony reforms. At a party meeting in Rio, even the communists turned on him. "As far as we are concerned", said one communist leader, "Jango is dead. He was a stupid man".<sup>852</sup>

TIME propunha encerrar com esse parágrafo uma espécie de autópsia do Brasil. Tratava-se, segundo a revista, de um país que estava mergulhado no caos político e afundado num abismo econômico graças a um governo demagógico, incompetente e com forte inclinação comunista. Para TIME: com a saída de Goulart, o Brasil poderia retomar o caminho da estabilidade geral. A idéia de *pós-morte* referiu-se a uma exumação histórica da biografia política de Jango, responsabilizado pelos problemas cumulativos pelos quais passou o país enquanto contou com sua presença no poder.

---

<sup>850</sup> À medida que a bancarrota se aproximava, Goulart desesperadamente recorreu à extrema esquerda por apoio político, ameaçando reescrever a constituição, a qual impede um Presidente de suceder a si próprio, e de acumular plenos poderes.

<sup>851</sup> Uma nação em caos permanente, dirigida pela esquerda, se desenhava como um prospecto possível. E o Brasil, é claro, não é uma ilha; a maior e mais importante nação da América Latina poderia arrastar consigo o resto do continente.

<sup>852</sup> Este prospecto finalmente alarmou não apenas os conservadores brasileiros, mas também aqueles "em cima do muro" e os liberais. Até mesmo os grupos radicais que Jango tentara organizar – sindicatos, agricultores, oficiais não-comissionados - no final não o seguiram. Eram praticamente todos contra Jango e suas ambições, sua incapacidade, suas reformas sem sentido. Em uma reunião de partido no Rio, até os Comunistas lhe deram as costas. "Até onde nos diz respeito," disse um líder Comunista, "Jango está morto. Ele foi um homem estúpido."

### 5.2.2 - PLANO CAUTELOSO

Em seu segundo subtítulo, *Slow Groundwork*, para o qual optamos pela tradução ‘Plano Cauteloso’<sup>853</sup>, a revista defendeu o argumento de que o plano para o Golpe não foi algo realizado de forma espontânea nos idos de Março. Para a revista toda a trama da deposição de João Goulart teve origem em Outubro de 1963<sup>854</sup>.

Para a revista tratou-se de um plano cauteloso, lento, tramado inicialmente por meia dúzia de ‘coronéis’. Num primeiro momento, para a reportagem, essa pequena reunião de militares tinha como estratégia aguardar o rolar dos acontecimentos, numa espécie de ‘plano puramente defensivo’. Segundo TIME, esses militares tomariam a dianteira ‘somente se Goulart realmente tentasse buscar poderes ditatoriais’. No entanto, o processo de aproximação com os elementos de esquerda chamaram a atenção desse grupo que decidiu agir:

Spontaneous it seemed, but last week’s revolt was actually hatched in October. At first, only half a dozen colonels were involved, and their plan was purely defensive; only if Goulart actually tried to seize dictatorial powers would they act. But as Goulart turned farther and farther left, as more and more of the demagogue came out in him, as fiscal madness multiplied, his opponents at last decided that they must act before he did, not after.<sup>855</sup>

Os problemas de Outubro se relacionam ao pedido de Estado de Sítio e a posterior tentativa frustrada de seqüestro de Carlos Lacerda. Durante encontros de João Goulart com lideranças de esquerda, Leonel Brizola sugeriu-lhe: se não dermos o golpe, eles darão contra nós.<sup>856</sup>

A reportagem prosseguiu citando Costa e Silva como o principal articulador do golpe contra Goulart:

General Artur da Costa e Silva, 61, the army’s senior ranking officer and one of Brazil’s ablest tacticians, began organizing and planning.<sup>857</sup>

A reportagem em momento algum citou o nome do General Olímpio Mourão, líder das tropas de Minas Gerais que aparecem na matéria. TIME seguiu a mesma linha de informação dos diversos veículos de imprensa que estavam presentes ‘no calor da hora’.

<sup>853</sup> Ao pé da letra a tradução ficaria com o título “Base Lenta”, “Fundamento demorado”, entre outros.

<sup>854</sup> Ponto de partida para as nossas análises nessa dissertação.

<sup>855</sup> Parecia espontâneo, mas a revolta da semana passada foi, na verdade, tramada em Outubro. A princípio, apenas meia dúzia de coronéis estavam envolvidos, e seu plano era puramente defensivo; somente se Goulart realmente tentasse buscar poderes ditatoriais eles agiriam. Mas conforme Goulart se voltava cada vez mais para a esquerda e mais e mais demagogos apareciam, além da loucura fiscal que se multiplicava, seus oponentes finalmente decidiram que deveriam agir antes que ele o fizesse, não depois.

<sup>856</sup> Entrevista de João Goulart a Moniz Bandeira, em BANDEIRA, *op cit*, p. 130.

<sup>857</sup> O General Artur da Costa e Silva, 61, veterano oficial do exército e um dos mais hábeis estrategistas do Brasil, começou a se organizar e a planejar.

Segundo Marco Villa, “o homem forte do golpe não era Castelo Branco ou Mourão Filho, mas o general Costa e Silva, que se auto-proclamou ministro da Guerra e chefiou o Comando Supremo da Revolução”, pois “tinha ocupado o prédio do ministério aproveitando-se da viagem de Âncora e Resende”.<sup>858</sup>

De acordo com TIME, a estratégia partiria da inclusão de Minas Gerais através de um ato rebelde e que poderia expor o setor pró-Goulart em caso de confronto. Nesse meio tempo, com a entrada das forças do governo em cena, o próximo passo dos golpistas seria a aproximação com as forças do Rio de Janeiro:

The plan was twofold. First, troops at Juiz de Fora, in Minas Gerais state, would rise up in rebellion. Then would follow a pause until Goulart's loyal forces were fully committed to crushing the trouble in Minas Gerais. Then a main force would march on Rio, and other commands would join the revolt.<sup>859</sup>

Durante a madrugada do dia 1º de abril de 1964, Castello Branco havia mudado de esconderijo três vezes e Costa e Silva, codinome *Tio Velho*, tinha mudado duas vezes.<sup>860</sup> Ambos tentaram, durante toda a manhã daquele dia, coordenar as forças do I Exército. Costa e Silva, de um apartamento em Botafogo, através de inúmeros telefonemas mobilizou a 1ª Divisão de infantaria, o 1º Batalhão de Carros-de-combate e uma Brigada de Pára-Quedistas, ‘nenhuma delas conseguiu sequer uma sentinela nas primeiras doze horas do dia 1º’.<sup>861</sup> O controle por parte das forças armadas contrárias a Goulart ficou bem demonstrado no parágrafo abaixo:

Costa e Silva's emissaries began crisscrossing the country, discreetly lining up support. “In the final days before the revolt”, said Goulart's rebelling air force chief of staff, “we knew that if pilots in Rio were ordered to fly against us, they would refuse to go up.”<sup>862</sup>

Uma espécie de trama paulista foi notificada. Estava sendo articulada por Adhemar de Barros há três meses e contaria com o apoio de Carlos Lacerda, além de outros Estados que não foram citados:

Civilian political backing was hardly a problem. São Paulo's militantly anti-communist Governor Adhemar de Barros had been plotting his own revolt for three months, and was in secret contact with the governors of several other Brazilian

---

<sup>858</sup> VILLA, *op cit*, p. 225.

<sup>859</sup> O plano era duplo. Primeiro, tropas em Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, surgiriam numa rebelião. Então se seguiria uma pausa até que as forças leais a Goulart estivessem completamente engajadas em acabar com o tumulto em Minas Gerais. Logo após, uma força principal marcharia para o Rio, e outros comandos se juntariam à revolta.

<sup>860</sup> Elio Gaspari. *A Ditadura Envergonhada*, São Paulo, Cia das Letras, 2002, p. 95.

<sup>861</sup> Idem

<sup>862</sup> Os emissários de Costa e Silva começaram a fazer um jogo de linhas cruzadas no país, discretamente alinhando mais apoio. “Nos últimos dias antes da revolta,” dizia o chefe da força aérea rebelde de Goulart, “nós sabíamos que se os pilotos no Rio recebessem a ordem de voar contra nós, eles se recusariam a decolar.”

states. Carlos Lacerda, governor of pivotal Guanabara state, which consists mostly of the city of Rio de Janeiro, was Jango's declared enemy and would surely go along.<sup>863</sup>

Entre os telegramas trocados entre Lincoln Gordon e Dean Rusk durante a movimentação de tropas no golpe, Adhemar de Barros encontrava-se entre as autoridades que mais reclamava apoio bélico por parte dos EUA, dizia o embaixador: “Adhemar de Barros e alguns paulistas continuam a falar confusamente sobre necessidades de armas e a possibilidade de uma demonstração de força naval, não tem havido, repito, não tem havido nenhuma pressão para oferecermos apoio ostensivo”.<sup>864</sup>

### 5.2.3 - PAUSA PLANEJADA

O terceiro subtítulo da reportagem, ‘Pausa Planejada’, (*Planned Pause*), recuou a análise para o mês de Março, justamente no episódio da revolta dos marinheiros e que foi amplamente coberta na reportagem da semana anterior. A pausa em questão referiu-se ao intervalo entre 30 de março, quando João Goulart compareceu no Salão do Automóvel, e o dia 1º de Abril. Para TIME, a última revolta dos marinheiros, semanas antes do Golpe, significou o clímax para a conspiração, haja visto que os marinheiros foram apresentados como pró-Goulart e exigiam as reformas.

A fortnight ago, the plot came to a boil when pro-Goulart navy and marine enlisted men rebelled against their officers and staged a sit-in-strike in a Rio union hall, demanding passage of Goulart's broad and sweeping social and economic “reforms”.<sup>865</sup>

Com o apoio do aliado de Jango, o recém nomeado Ministro da Marinha apontado como ‘de esquerda’ na reportagem, o perdão foi concedido aos rebelados. Isso só serviu para acirrar os ânimos e aumentou a ‘certeza’ em relação às inclinações políticas de Goulart para um sistema comunista e também para aumentar o protesto público em relação ao seu governo:

---

<sup>863</sup> Suporte político civil dificilmente era um problema. A militância anti-Comunista do Governador de São Paulo Adhemar de Barros estava planejando sua própria revolta há três meses, e fazendo contatos secretos com os Governadores de vários outros Estados brasileiros. Carlos Lacerda, Governador do Estado da Guanabara, inserido em sua maior parte dentro da cidade do Rio de Janeiro, era inimigo declarado de Jango e certamente se juntaria.

<sup>864</sup> VILLA, *op cit*, p. 209.

<sup>865</sup> Há quinze dias, a trama ferveu quando os alistados da Marinha pró-Goulart se rebelaram contra seus oficiais e prepararam um contra-ataque no Rio, exigindo a passagem das amplas e radicais “reformas” sociais e econômicas (Time, 3 de Abril).

Far from cracking down all weekend passes and full pardons. Newspapers, middle-road and right-wing politicians sensed that Goulart was bent on the swift formation of socialist regime, and began a clamor of public protest.<sup>866</sup>

A fala de Juscelino Kubitschek apareceu na reportagem em tom de advertência às posições que Goulart vinha tomando:

Up to then, ex-President Juscelino Kubitschek (1956-1961) had never publicly criticized Goulart. But now his patience had run out. He warned angrily: "Goulart has gone too far".<sup>867</sup>

Goulart, segundo a reportagem, não recuava diante da enorme crise que se formava em torno dele e de seu governo. TIME registrou suas severas críticas aos oficiais do exército, responsabilizou-os como portadores de intrigas. Ainda nesse trecho, ficou registrado o momento em que Goulart chamou a oposição de retrógrada:

Instead of falling back, Goulart last week went before a meeting of military police noncoms to accuse the army and navy brass of "carrying out intrigues" against him, and to label the opposition "a minority of privileged ones who live with eyes turned toward the past".<sup>868</sup>

A postura de Goulart foi apresentada como contraditória, pois ao invés de rebater a decisão de seu Ministro da Marinha, Jango simplesmente foi conivente com a decisão de perdoar os marinheiros rebelados. A revista reconheceu esse erro de Goulart, suas críticas tocavam no grande problema em questão, a hierarquia militar. A reportagem também registrou o estado de saúde de Goulart naquele evento, e cuja exaltação precisou de acompanhamento médico:

So worked up was Goulart that his worried aides summoned his private physician, and the doctor stayed by his side through the rest of his speech, lest he overdo it.<sup>869</sup>

A imagem de um presidente cansado e, naquele momento, com a saúde delicada foi retomada pela revista. Na reportagem de 10 de outubro de 1963 (vide capítulo 2), e feita uma referência à condição de exaustão de Jango.

Do trecho abaixo em diante, TIME iniciou sua cobertura sobre o levante de Minas. Citou o deslocamento de 10.000 soldados em direção ao Rio. Segundo a revista, tratou-se de

---

<sup>866</sup> Longe de reagir deu a eles todo o perdão necessário. Jornais e políticos relevantes e também de direita sentiram que Goulart estava curvado diante da formação de um regime socialista, e começou um clamor de protesto público.

<sup>867</sup> Até então, o Ex-presidente Juscelino Kubitschek (1956-61) nunca tinha criticado Goulart publicamente. Mas agora sua paciência tinha se esgotado. Ele advertiu furiosamente: "Goulart foi longe demais."

<sup>868</sup> Ao invés de recuar, na semana passada Goulart foi antes a uma reunião de oficiais subalternos da Polícia Militar para acusar as altas patentes do Exército e da Marinha de "levar intrigas adiante" contra ele, e de rotular a oposição como "uma minoria de privilegiados que vivem com seus olhos voltados para o passado."

<sup>869</sup> Goulart estava tão exaltado que seus preocupados aliados chamaram seu médico particular que ficou a seu lado durante o resto de seu discurso para que não se excedesse.

uma pausa de 24 horas e que deixou uma atmosfera de expectativa no ar em meio aos noticiários, afinal de contas o pronunciamento de Goulart não deveria passar branco. Mesmo assim a reportagem aludiu uma questão: tinha a revolta falhado ou foi tudo um alarme falso? Registrou que houve certa imprecisão a respeito do conhecimento de Goulart sobre o levante:

The morning after Goulart's speech, the troops rose in Minas Gerais; a force of 10.000 soldiers marched off toward Rio. Then came the pause planned by the plotters, and with it a gap in the news that set all of Brazil speculating: had the revolt failed? Was it all a false alarm? The next morning, Goulart responded by ordering the first Infantry Division, supposedly loyal to him, to put down the Minas Gerais revolt.<sup>870</sup>

Sobre a resistência por parte de Goulart, TIME informou que suas tropas estavam prontas. Todavia, o elemento surpresa foi trazido à tona numa espécie de traição coletiva: a reportagem notificou o levante de 14 estados Brasileiros que se aliaram aos golpistas. Para TIME, o cerco a Goulart se fechava ao passo em que militares se uniam contra o presidente. Um grupo designado para se dirigir a Minas Gerais logo mudou de lado quando encontrou as tropas de Mourão:

Once Goulart's troops were committed and on the road, however, all doubt ended. Suddenly, 14 Brazilian states stood in open rebellion; two of the country's four armies had risen, and the other two were wavering. When Goulart's first Infantry Division met the Minas Geraes troops, it promptly switched sides.<sup>871</sup>

Apresentado como uma instituição ilegal e controlada pelos comunistas, o CGT, segundo a reportagem, tentou montar uma greve geral a favor de Goulart. No mesmo parágrafo, a figura de Leonel Brizola reapareceu do modo como sempre foi visto nas reportagens de TIME: 'aquele que odeia os Yankees'. A famosa tentativa de resistência por parte do Rio Grande Sul tendo Brizola a frente também foi registrada:

The outlawed Communist-controlled General Labor Command tried to stage a general strike in Goulart's favor, with only spotty success. Goulart's leftist, Yankee-hating brother-in-law, Congressman Leonel Brizola, tried to mobilize peasant and Gaucho guerrillas he had armed, but they just stayed home.<sup>872</sup>

---

<sup>870</sup> Na manhã seguinte ao discurso de Goulart, as tropas se ergueram em Minas Gerais; uma força de 10.000 soldados marchou em direção ao Rio. Então veio a pausa planejada pelos estrategistas, e com ela uma lacuna nas notícias que punham o Brasil inteiro a especular: tinha a revolta falhado? Foi tudo um alarme falso? Na manhã seguinte, Goulart respondeu ordenando à Primeira Divisão de Infantaria, supostamente leal a ele, para derrubar a revolta em Minas Gerais.

<sup>871</sup> Assim que as tropas de Goulart estavam alinhadas e a caminho, de repente toda a dúvida acabou. Repentinamente, 14 estados Brasileiros se aliaram à rebelião aberta; dois dos quatro exércitos do país haviam se erguido, e os outros dois estavam hesitando. Quando a Primeira Divisão de Infantaria de Goulart encontrou as tropas de Minas Gerais, ela prontamente mudou de lado.

<sup>872</sup> O ilegal CGT, controlada por Comunistas, tentou montar uma greve geral a favor de Goulart, com pouco sucesso. Esquerdista, cunhado de Goulart e anti-Yankees, o Deputado Leonel Brizola tentou mobilizar guerrilhas gaúchas que havia preparado, mas que acabaram ficando nos quartéis.

#### 5.2.4 - DE VOLTA À BRASÍLIA

No subtítulo ‘De volta à Brasília’ (*BACK TO BRASÍLIA*), TIME passou a relatar o cerco estratégico montado contra Goulart. A figura de Amaury Krueel foi apresentada pela revista como um general anti-Jango:

Back to Brasilia. The turning point came as rebel troops, led by anti-Jango General Amaury Krueel, flew from São Paulo over the defense lines Goulart had set up outside Rio and took over city behind them.<sup>873</sup>

Sendo apresentado dessa forma, Amaury Krueel pode também ser indicado como traidor. As 20h do dia 1º de Abril, Krueel ainda falou ao telefone com Jango na condição de um dos generais de confiança do governo. Na verdade, impôs a Goulart uma condição de apoio: que demitisse Abelardo Jurema e Darcy Ribeiro, além do fechamento do CGT e da UNE. Todos os seus pedidos foram negados por Goulart.<sup>874</sup> A meia noite, Krueel “divulgou um manifesto de seis parágrafos e nos quais citou seis vezes a palavra ‘comunismo’, (...) nada disse, porém, sobre a derrubada de Jango”.<sup>875</sup> Mesmo assim, ainda manteve aberto o caminho para legalidade dizendo que o II Exército se mataria fiel à Constituição.<sup>876</sup>

TIME registrou as estratégias de Lacerda contra Goulart durante o levante. Segundo a reportagem, o arquiinimigo de Goulart mobilizou cerca de 500 soldados para protegerem seu Palácio. Usou também caminhões de lixo com o slogan “ajudem-nos a manter a cidade limpa” - aludia à comparação entre o governo de Goulart e o lixo. A postura do fanático religioso, incorporada pelo próprio Lacerda, também ficou registrada nessa reportagem, principalmente no momento em que ele foi à rede de televisão agradecer a Deus pelas manifestações contra João Goulart:

Whitin the city, Goulart's archenemy, Carlos Lacerda, had manned the governor's palace with 500 state troopers and barricaded it with 20 city garbage trucks still bearing an anti-litter slogan: "Help us. We are cleaning up the city". When the tide turned against Jango, Lacerda went on television to proclaim emotionally, "God has taken pity on the people. God is good".<sup>877</sup>

---

<sup>873</sup> De Volta a Brasília. O ponto de mudança veio quando tropas rebeldes, lideradas pelo General anti-Jango, Amaury Krueel, voou de São Paulo sobre as linhas de defesa que Goulart tinha montado fora do Rio e tomou conta da cidade por detrás deles.

<sup>874</sup> Marco Villa, *op cit*, p. 215

<sup>875</sup> O Estado de São Paulo, 01/04/1964, citado em Marco Villa, *idem*

<sup>876</sup> *Idem*

<sup>877</sup> Dentro da cidade, o arquiinimigo de Goulart, Carlos Lacerda, tinha equipado o Palácio do Governo com 500 soldados do Estado e o cercou com 20 caminhões de lixo da cidade ainda sustentando um slogan anti-desordem: “AJUDEM-NOS. ESTAMOS LIMPANDO A CIDADE.” Quando a maré se voltou contra Jango, Lacerda foi à televisão proclamar emocionalmente, “Deus teve pena das pessoas. Deus é bom.”

As encenações de Lacerda não paravam por aí. Durante a movimentação dos caminhões de lixo, Lacerda empunhou uma metralhadora a tiracolo e um rádio na cintura no intuito de transmitir a imagem de que ele estaria liderando um golpe contra o governo subversivo de Goulart.<sup>878</sup>

A reportagem analisou o roteiro de fuga João Goulart e manteve o tom irônico a todo o momento. A primeira parada seria Brasília, cidade que acabou sendo apresentada como grandiosa e remota, porém inóspita para Jango, pois nela não havia a segurança da qual precisava. Às pressas fuge de Brasília para Porto Alegre, local que a revista não hesitava em vincular à figura de Leonel Brizola. A Possibilidade do contra-ataque por parte de Jango também foi registrada, ao mesmo tempo em que negava a renúncia da presidência e o eventual suicídio similar ao de Vargas:

Jango fled, ironically enough, to the nation's capital – the remote, grandiose inland city of Brasilia. But even Brasilia threatened to become too hotly rebellious for comfort. Still spouting defiance, Jango flew south to still loyal Porto Alegre, homeground of his firebrand brother-in-law and capital of his home state of Rio Grande do Sul. From there, Goulart hoped to lead a “counterattack of the legalist forces”. Vowed Jango: “I will not resign. I will not put a bullet through my chest. I will resist”.<sup>879</sup>



<sup>878</sup> Conforme entrevista de Neiva Moreira à Marco Villa em 09/09/2003, in VILLA, op cit, p. 213

<sup>879</sup> Jango escapou, ironicamente, para a capital da nação – a remota e grandiosa cidade de Brasília. Mas mesmo Brasília ameaçava tornar-se exageradamente rebelde para se abrigar. Ainda mostrando-se desafiador, Jango seguiu para o sul para a ainda leal Porto Alegre, terra-natal de seu cunhado e capital de seu Estado-natal, Rio Grande do Sul. De lá, Goulart esperava liderar um “contra-ataque das forças legalistas.” Prometeu Jango: “Não irei renunciar. Não enfiarei uma bala em meu peito. Eu resistirei.”

João Goulart tinha partido do Palácio das Laranjeiras, no Rio, rumo à Brasília por volta das 12:30h do dia 1º de Abril, chegou em Brasília as 15h. Tomou um helicóptero rumo à Granja do Torto onde estavam Maria Tereza e seus filhos. Ainda pode conversar com Tancredo Neves e Almino Affonso sobre a situação que viviam. Voou logo após para o Palácio do Planalto onde ainda falou com Darci Ribeiro, cuja conversa acabou sendo gravada pelos golpistas, dizia Goulart: “Eu vou ficar aqui, vou organizar a resistência aqui”, mas logo desistiu.<sup>880</sup> Em seguida decidiu viajar rumo ao Rio Grande do Sul.



Neste ponto, a reportagem faz uma quebra na seqüência dos fatos e sem citar o nome de Auro de Moura Andrade, informa que o presidente do Senado foi visto como o articulador de ‘uma junta’ de parlamentares para anunciar o abandono do cargo por Goulart:

Within four hours after Jango left Brasilia, the Senate president gavelled a special joint session of Congress to order and announced that Goulart “had abandoned the site of the republic” and “left the presidency vacant.”<sup>881</sup>

<sup>880</sup> Diário de Notícias (RS), 4/04/1964, citado em Marco Villa, *op cit*, p. 220

<sup>881</sup> Num período de quatro horas após Jango deixar Brasília, o presidente do Senado montou uma junta especial do Congresso para ordenar e anunciar que Goulart “tinha abandonado o posto da república” e “deixado a presidência vaga.”

Mazzili foi destacado em foto na reportagem e com o título “Presidente Interino Mazzili, um cargo vago ocupado” (*Interim Presidente Mazzili – A vacancy filled*). Após comentar a chegada de Mazzili à Presidência, a reportagem passou a reduzir sua atenção sobre a trama do golpe.

Foram registradas as lágrimas de Jango em sua rota de fuga. Segundo a reportagem, esse choro foi testemunhado pelos que o acompanharam até o aeroporto cujo destino seria o Uruguai:

Mazzilli, president of the Chamber of Deputies and next in the line of succession, thereupon became chief of state automatically – even though it took Goulart one more day to accept the inevitable and follow his lovely wife, Maria Teresa, and his two children to exile in Uruguay. Only a few scattered shots were ever fired in his defense. Those who saw him just before his plane took off from the airport said he was a beaten man, verging on tears.<sup>882</sup>



TIME destacou em foto a ‘adorável’ esposa de Goulart junto com os filhos no exílio. Maria Tereza aparece abraçada com as crianças e tem ao fundo a foto de Goulart num quadro. O título da foto foi “*uma república abandonada*”, ratificando a tese de que Jango havia deixava vago o cargo de presidente da república.

---

<sup>882</sup> Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados e o próximo na linha de sucessão, em consequência disto tornou-se chefe de estado automaticamente – mesmo que custasse a Goulart mais um dia para aceitar o inevitável e seguir com sua adorável esposa, Maria Tereza, e seus dois filhos, para o exílio no Uruguai. Apenas alguns poucos tiros espalhados foram disparados em sua defesa. Aqueles que o viram momentos antes de seu avião decolar do aeroporto disseram que ele era um homem derrotado, à beira das lágrimas.

Naquele momento quem quer que fosse o substituto de Goulart, seria um presidente temporário, serviria apenas para completar o mandato. Sem citar o nome dos presidenciais, a ideia de um presidente transitório parecia – para TIME - o mais indicado até 1966:

Whitin 30 days, congress must elect a “permanent temporary” President to fill out the rest of Goulart’s term, which runs until January 1966. No real presidential candidate will want to jeopardize his chances in next year’s elections by becoming an interim President legally forbidden to succeed himself.<sup>883</sup>

A figura de Castelo Branco apareceu na reportagem como um dos conspiradores da queda de Goulart. Segundo a revista, sete Estados lhe deram apoio para ocupar a presidência.

At week’s end seven of Brazil’s key states had already endorsed General Humberto Castelo Branco for the temporary job. One of the key plotters and Goulart’s army chief of staff, General Branco handled many of the top contacts before the revolt.<sup>884</sup>

Seguindo a mesma linha das previsões calmas e otimistas em relação ao futuro do Brasil, TIME deslocou a atenção dos militares para os civis Lacerda e Kubitschek, vistos naquele momento, pela revista, como os homens fortes da nação:

Behind the scenes, the real powers will be held by the civilian leaders of the revolt – the governors of several states, including Carlos Lacerda. Other potentially powerful men, such as ex-President Kubitschek, wait in the wings.<sup>885</sup>

#### 5.2.5 - UM COMEÇO

A última seção dessa reportagem recebeu o subtítulo “Um começo” (*A Start*).

Comentou os últimos e mais relevantes fatos da fase pós-Golpe. Começando pela violência contra a União Nacional dos Estudantes, a reportagem registrou o incêndio de uma das suas sedes:

In the first flush of revolutionary fervor, Brazil’s right and center went after the left. Crowds burned out the headquarters of the left-dominated National Students Union.<sup>886</sup>

---

<sup>883</sup> Dentro de 30 dias, o Congresso deve eleger um Presidente “temporário permanente” para completar o resto do mandato de Goulart, que vai até Janeiro de 1966. Nenhum real candidato presidencial irá querer colocar em risco suas chances nas eleições do próximo ano tornando-se um Presidente interino, legalmente proibido de suceder a si mesmo.

<sup>884</sup> No fim da semana, sete dos Estados-chave brasileiros já haviam endossado o General Humberto Castelo Branco para a temporária tarefa. Um dos conspiradores-chave e chefe de batalhão do Exército de Goulart, o General Branco teve muitos contatos com o alto escalão antes da revolta.

<sup>885</sup> Nos bastidores, o verdadeiro poder estará nas mãos dos líderes civis da revolta - os governadores de vários Estados, incluindo Carlos Lacerda. Outro homem potencialmente poderoso, tal como o Ex-presidente Kubitschek, aguarda nos bastidores.

<sup>886</sup> Na primeira pompa do fervor revolucionário, a direita e o centro do Brasil foram atrás da esquerda. Multidões queimaram o quartel general da União Nacional dos Estudantes, dominada pela esquerda.

Segundo Moniz Bandeira, diversos fazendeiros em parceria com o IV Exército sob o comando de Justino Alves Bastos, derrubaram simultaneamente Miguel Arraes e João Seixas Dória, então governadores de Pernambuco e Sergipe.<sup>887</sup> Na reportagem o governador de Pernambuco, Miguel Arraes foi visto como mais um daqueles que seriam perseguidos após a derrubada de Goulart. Segundo a matéria, ele foi exilado para uma ilha distante juntos com vários elementos da esquerda:

The left-leaning governor of Pernambuco was packed off exile on a lonely island in the Atlantic, along with a passel of Communists and other assorted leftists.<sup>888</sup>

Lembrando a linha de parentesco com Goulart e o tom de uma fuga desenfreada, Brizola reapareceu na reportagem como o último dos perseguidos. O tom irônico estava na maneira como Brizola tentou escapar do país, em disparada dentro de um fusca verde:

Brother-in-law Brizola was last seen gunning up the highway out of Porto Alegre in a borrowed green Volkswagen.<sup>889</sup>

O pedido de retorno do embaixador russo, a expectativa de uma quebra diplomática com o governo cubano e o apoio dos EUA foram destacados:

Moscow recalled its ambassador; the Cuban ambassador braced for a diplomatic break any moment. The U.S. promised sympathy and aid.<sup>890</sup>

Retomando a discussão econômica, a revista apresentou, de forma breve, novamente o seu ponto de vista em relação ao futuro do país. A necessidade de uma retomada de confiança por parte dos investidores estrangeiros se fazia necessária a partir daquele momento:

But Brazil itself still has an uphill fight ahead. It will have to re-create a business climate that will appeal anew to foreign investors long ago disenchanted. .<sup>891</sup>

O tom de advertência em relação à ajuda norte-americana, segundo o próximo trecho da matéria, foi descrito como algo praticamente consolidado, passou-se a idéia de que algo já estava em andamento:

---

<sup>887</sup> Moniz Bandeira, *O Governo João Goulart*, p. 183

<sup>888</sup> O Governador de Pernambuco - de esquerda - foi despachado para o exílio em uma solitária ilha no Atlântico, junto com Comunistas e vários esquerdistas.

<sup>889</sup> O cunhado Brizola foi o último visto, disparando pela estrada, saindo de Porto Alegre em um Volkswagen verde emprestado.

<sup>890</sup> Moscou chamou de volta o seu embaixador; o embaixador Cubano preparava-se para uma quebra diplomática a qualquer momento. Os Estados Unidos prometiam simpatia e ajuda.

<sup>891</sup> Mas o próprio Brasil ainda tinha uma luta diante de si. Ele terá de recriar um clima de negócios que se destaque outra vez para investidores estrangeiros há muito desencantados.

It must assure the U.S. that solid economy aid will not just be fed, greenback by greenback, onto a fire of inflation.<sup>892</sup>

TIME ainda recomendou o ‘senso de responsabilidade’, muito cobrado em suas matérias. Os aumentos salariais não eram bem vistos pela revista:

It must inspire a sense of national responsibility among its people. That means that labor must forgo any more of those massive 75% and 100% raises long demanded – and won – under Jango. The government will have to slow down the money presses and cut back overloaded federal payrolls. Manufacturers will have to hold the line on prices.<sup>893</sup>

O último parágrafo da reportagem anunciava um futuro melhor para o país graças à saída de Goulart. Segundo a revista, seria o momento para o país recuperar a confiança em si mesmo. A velocidade das melhoras econômicas com a saída de Goulart, segundo TIME, já podiam ser percebidas na valorização da moeda brasileira, em suma, a inflação começava a diminuir.

But at least by dumping Goulart, Brazil has made a start along the road to confidence in itself. Over one 24-hour period during the revolution, Rio’s black-market exchange rate for cruzeiros dropped from 2.200 to the dollar to 1.300.<sup>894</sup>

---

<sup>892</sup> Ele deve assegurar aos Estados Unidos que ajuda econômica sólida não será queimada, cifrão por cifrão, num fogo de inflação.

<sup>893</sup> Ele deve inspirar um senso de responsabilidade nacional entre seu povo. Isto significa que os trabalhadores devem esquecer aqueles aumentos absurdos de 75% e 100% reclamados, e ganhos na administração de Jango. O Governo terá de diminuir a emissão de papel-moeda e cortar folhas de pagamento federais superfaturadas. Fabricantes terão de segurar a linha de preços.

<sup>894</sup> Mas ao menos se livrando de Goulart, o Brasil preparou um começo ao longo de uma estrada para a confiança em si mesmo. Em um período de 24 horas durante a revolução, a taxa de câmbio por cruzeiros no mercado negro do Rio caiu de 2.200 de dólar para 1.300.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das páginas de TIME Magazine, seus leitores tiveram uma imagem que com certeza não diferia muito da idéia que eles mesmos já faziam do restante da América Latina, África e Oriente. Era de fundamental importância ‘informar’ o público dos EUA sobre a situação econômica e política daqueles países beneficiários do dinheiro dos seus impostos, países que no imaginário norte-americano ainda pertenciam ao *Wilderness*.<sup>895</sup>

Antes de comentarmos a figura de Jango e o perfil do seu governo sob a ótica da revista TIME, faremos algumas considerações em torno de dois temas que chamaram muito a nossa atenção durante a pesquisa: a violência e o misticismo vinculados a nossa política - subjacentes ao corpo de algumas reportagens.

O caso mais representativo foi o do futebol. A violência tanto dentro como fora de campo dialogavam com o fanatismo em torno desse esporte. TIME interpretou esse fator como uma ‘loucura latino-americana’ - análogo à idéia de uma religião nacional. O vigor físico, distante do vigor intelectual, servia como ‘afirmação de nossa raça’. A venda de um ídolo – por que não um deus -, como Pelé para outro clube fora do Brasil seria retaliada com a ‘pena-de-morte’ do político e presidente do Santos Futebol Clube. (E o que dizer da ‘maneira de se fazer política no Brasil’ quando se destaca uma cena de *bang-bang* no Plenário da Câmara?).

O Brasil, principal beneficiário dos investimentos da Aliança para o Progresso e que tinha um presidente cercado de comunistas, era, segundo as reportagens de TIME, um país místico. Desde a mística de nossas enigmáticas siglas, as quais propunham um novo dialeto para TIME, até o descendente de Sírios, Alziro Zarur, tudo sugeria risco e temor. O Partido dos Machos de Zarur recuperava a tônica da virilidade masculina, e o seu cristianismo herege, caracterizado por uma hierarquia vertical e fanática, chamava a atenção de uma revista liberal e conservadora. Além da ameaça vermelha e atéia, os brasileiros dispunham em seu quadro político de figuras controvertidas e perigosas, e que ainda lideravam as pesquisas eleitorais do momento – estava declarado definitivamente o *chaos*. O Brasil era um país que pedia a todo custo um salvador da pátria! E o que dizer o pequenino e autoritário Dom Helder? Sua ida

---

<sup>895</sup> A narrativa de TIME pode ser comparada – guardadas as devidas proporções - aos relatos de viagem dos navegantes norte-americanos que se aventuravam pelo *Wilderness*. Podemos, em certa medida, relacionar os correspondentes internacionais de TIME com esses desbravadores. Fizemos menção ao conceito *Wilderness* no capítulo 4, e para mais detalhes, ver: JUNQUEIRA, Mary Anne, *op cit*.

para o nordeste brasileiro era interessante naquele momento? Ora, diante das propostas de reforma agrária de Jango, um líder messiânico em pleno nordeste não poderia conter os ânimos das massas revoltadas? Poderíamos acrescentar a essa mística alguma ideologia ou alguma percepção estética advinda do monarca-de-tudo-o-que-vejo<sup>896</sup>? Os olhos imperiais de TIME se permitiam a tudo: ironizar, criticar, prever, sugerir, alertar...

A atualidade dessas percepções é notória, ainda mais quando a preocupação dos EUA, em relação aos países subdesenvolvidos, não deixa de vincular a religião à política. Segundo nos conta Edward Said, o livro *The republic of fear* (República do Medo), publicado antes da primeira guerra do Golfo, voltaria às livrarias como um sucesso editorial e que trouxe ‘uma enxurrada de outros livros de tipo jornalístico e programas de televisão’, em torno do tema Iraque.<sup>897</sup> Infelizmente, segundo Said, o autor de *República do medo*:

“(...) virou celebridade não porque seu livro trouxesse alguma contribuição ao saber – o autor não oculta o fato -, e sim porque seu “retrato” obsessivo e monocromático do Iraque atendia perfeitamente à necessidade de uma representação desumanizada, a-histórica e demonológica de um país como a encarnação de um Hitler árabe. Ser não ocidental (os rótulos reificantes são, em si mesmos, sintomáticos) portanto, é ser ontologicamente desafortunado em quase todos os aspectos, ser um fanático ou, na melhor das hipóteses, um seguidor, um consumidor preguiçoso que pode usar o telefone, mas nunca seria capaz de inventá-lo (...)”<sup>898</sup>

As idéias contidas na citação acima podem ser deslocadas facilmente para décadas anteriores. Essa perspectiva imperial é histórica e nos parece longe de uma solução de curto ou médio prazo.

Conforme pudemos constatar no capítulo de economia, a revista TIME, de perfil republicano, não deixaria de fazer críticas à Aliança para o Progresso, projeto idealizado e aplicado pela gestão do presidente democrata John Kennedy. Os conselhos e alertas ao empresariado internacional de como deviam ‘operar em meio ao caos político-econômico’ do Brasil enviesaram boa parte das reportagens. Além disso, a sagacidade estava subjacente: uma grande nação estava prestes a ser engolida por um imenso abismo. A espiral inflacionaria foi objeto de análise histórica em uma de suas matérias e com analogias espaciais: era o foguete que começava sua trajetória para o céu inflacionário em 1952 e terminaria nas nuvens em 1964.

---

<sup>896</sup> Conceito trabalhado por Mary Louise Pratt no livro: *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, EDUSC, 1999.

<sup>897</sup> SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1995, p. 374.

<sup>898</sup> Idem

A gestão de Goulart - ‘o inábil’ como foi tratado – não poderia deixar de preocupar uma revista cujo proprietário era um dos maiores exemplos administrativos dos EUA.<sup>899</sup> TIME, neste ponto, não deixou de repetir ao longo dos seus textos a ‘volátil’ administração de Goulart. As críticas se estenderam desde suas fracassadas decisões como as do pedido do Estado de Sítio em fins de 1963 até a instabilidade dos seus ministros, principalmente os ministros da Fazenda. O Petróleo brasileiro, em especial a Petrobrás, não poderia ficar sem uma matéria exclusiva no exato momento em que um militar simpático pela ‘esquerda’, Osvino Alves, substituíra um militar ‘moderado’, Albino Silva, no comando da estatal. Neste caso, a ‘bagunça na Petrobrás’ era derivada da perigosa e desastrosa administração de João Goulart.

A Era Vargas contextualizou a maioria das observações históricas nas quais TIME apoiava suas matérias. As biografias de Lacerda e de Goulart foram ambientalizadas nesse período. Lacerda era o anti-Vargas e o anti-Jango, enquanto João Goulart era visto como a continuação do legado de Vargas. Inserida nos quadros do liberalismo econômico, TIME não poupava as inúmeras greves ocorridas no Brasil daquele período de uma visão negativa na qual os movimentos e reivindicações sociais sugeriam a influência comunista. Conhecedora da biografia política de Goulart, ela não deixou de informar o empresariado internacional que o então presidente Jango incluía em seu currículo o Ministério do Trabalho do ex-presidente Vargas - no qual concedeu um significativo aumento de salário à classe trabalhadora do país. A Corporativa TIME-LIFE, que flertava naquele momento com o empresariado da mídia local, tinha motivos de sobra para temer às guinadas para a esquerda de João Goulart.

Todas as ações do seu governo ratificavam as suspeitas que atemorizavam os EUA. Desde Leonel Brizola até Ney Galvão, tudo dava a certeza de que o Brasil em breve se tornaria um satélite de Moscou. As constantes citações em relação ao sentimento anti-yankee serviam de alerta para os EUA refletirem, a partir de TIME, sobre o que seus vizinhos pensavam deles. Em fevereiro de 1964 alguns sintomas de insegurança e medo em relação ao Brasil como nação do futuro puderam ser percebidos em outros veículos para além da TIME. O *The New York Times* deu destaque ao livro de Charles Wagley, cujo título foi “Uma Introdução ao Brasil”, com subtítulo: “Setenta milhões de brasileiros e como eles estão crescendo!”. A resenha era de Juan de Onis, responsável pela seção Books do NYT, e dizia: “Esta é a mais lúcida e atual interpretação do Brasil contemporâneo, agora disponível em

---

<sup>899</sup> ELSON, Robert T. *TIME Inc. The Intimate History of a Publishing Enterprise (1923-1941)*. New York, Atheneum, 1968, p. 460-461.

Inglês. Seu aparecimento não poderia deixar de ser oportuno”. Por fim, o jornalista advertia: “uma compreensão do Brasil, a nação mais poderosa da América Latina (...), é de vital importância para apressar o futuro das relações dos Estados Unidos no hemisfério Ocidental.”.

Finalmente, lá estava Jango, cujo pseudônimo remetia a um fora da lei mestiço do faroeste norte-americano. Se formos um pouco mais além, a lenda de D’jango coincidia com a última parte da história de Goulart. Segundo o filme de Giulio Questi, o bandido Jango “*que após assaltar uma diligência que carregava uma fortuna em ouro, é traído pelos companheiros e deixado para morrer, porém Django se levanta da cova rasa para encontrar vingança. Entretanto, quando sua busca o leva até uma bizarra cidade, ele mergulha em uma horrível odisséia de tortura, violência (...). Simplesmente imperdível!*”<sup>900</sup> O assalto a diligência não poderia se relacionar às encampações, à reforma agrária? Os melhores amigos de Jango, e agora seus traidores, não poderiam ser Amaury Kruel e Jair Dantas Ribeiro? Montevideú não seria essa cidade assustadora na qual se exilou e que futuramente serviria para aproximá-lo de Lacerda e Kubitschek? Essa *horrível odisséia de tortura, violência* não poderia ser a repressão instaurada com o golpe?

Em de 10 de abril de 1964, Henry Luce e o presidente dos EUA viram com bons olhos a saída de Jango. Naquele exato momento, TIME anunciava um futuro promissor para o Brasil.

---

<sup>900</sup> Conforme sinopse do filme *D’jango Vem Par Matar (Se sei vivo spara)*, 1967, direção Giulio Questi.

# BIBLIOGRAFIA

- BANCO INTERNACIONAL DE RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO (BID). 'O Estado num mundo em transformação'. *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial – 1997*. Washington, 1997.
- BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart: As lutas sociais no Brasil 1961-1964*. Rio de Janeiro, Renavan, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- BAUGHMAN, James L. *Henry Luce and the Rise of the American News Media*. Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 2001.
- BELTRAN, L. Ramiro e CARDONA, Elizabeth Fox. *Comunicação Dominada – Os Estados Unidos e os Meios de Comunicação da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- BOURBAGE, Robert, CAZEMAJOU, J., e KASPI, A. *Os Meios de Comunicação nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Agir, 1973.
- BRANCO, Carlos Castello. *Introdução a Revolução de 1964*. Rio de Janeiro, Artenova, 1975.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. *Reforma do Estado para a cidadania: a reforma gerencial brasileira na perspectiva internacional*. São Paulo: Ed.34; Brasília: ENAP, 1998.
- CALMON, João. *O Livro Negro da Invasão Branca*. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, 1966.
- CANTARINO, Geraldo. *1964 - Revolução para Inglês*. Rio de Janeiro, Muad, 1999.
- CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino (imprensa e ideologia no jornal "O Estado de São Paulo")*. São Paulo, Alfa-Omega, 1980.
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo, Contexto, 1988.
- CAPISTRANO, Martins. *Alziro Zarur: Intelectual e Apóstolo*. Rio de Janeiro, Agência Paz, 1978.
- CARVALHO, Getúlio. *Petrobrás: do monopólio aos contratos de risco*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.
- CLAUDINO. Assis. *O Monstro Sagrado e o Amarelinho Comunista: Gilberto Freire, Dom Helder e a Revolução de 64*. Recife-Rio de Janeiro, Editora e Distribuidora Opção, 1985.
- CLURMANN, Richard. *Até o fim da TIME*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

- CORREIA, Marcos Sá. *1964 Visto e Comentado pela Casa Branca*. Porto Alegre, LP & M, 1977.
- CUPERTINO, Fausto. *Os contratos de risco e a Petrobrás: o petróleo e nosso, o risco é deles?* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado – Ação, Poder e Golpe de Mestre*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda, a vida de um lutador (1914-1960)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.
- ELSON, Robert T. *TIME Inc. The Intimate History of a Publishing Enterprise (1923-1941)*. New York, Atheneum, 1968.
- EMERY, Edwin. *História da Imprensa nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Lidador, 1965.
- FERRARINO, Sebastião Antonio. *A Imprensa e o Arcebispo Vermelho*. São Paulo, Edições Paulinas, 1992.
- FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracias ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
- FISCHER, Heinz-Dietrich. “A situação Internacional das Revistas”, in: *Comunicação Internacional: meios-canais-funções*. São Paulo, Cutrix, 1975.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo, Cia das Letras, 2002.
- HERZ, Daniel. *A História Secreta da Rede Globo*. Porto Alegre, Tchê, 1987.
- HERZSTEIN, Robert. *Henry R. Luce, Time and the American Crusade in Asia*. Cambridge, Cambridge University Press, 2005.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Inglês-Português*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2002.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista / EDUSF, 2000.
- JUREMA, Abelado. *Sexta-Feira 13 – Os Últimos dias do Governo João Goulart*. Rio de Janeiro, Edições Cruzeiro, 1964.
- KENNEDY, Robert. *O Desafio da América Latina*. Rio de Janeiro, Laudes, s/d.
- LACERDA, Carlos. *Depoimentos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Weiner: o corvo e o bessarabiano*. São Paulo, Editora SENAC, 1998.

- LAVAREDA, Antonio. *A Democracia nas Urnas – O processo partidário-eleitoral brasileiro: 1945-1964*. Rio de Janeiro, Iuperj: Renavan, 1999.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- MANGABEIRA, Francisco. *Imperialismo, Petróleo e Petrobrás*. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.
- MARTINS, Ana Luiza. & LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2008.
- MOREIRA ALVES, Márcio. *A Igreja e Política no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- MOREL, Edmar. *O Golpe Começou em Washington*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- PARKER, Phyllis R. 1964: *O Papel dos Estados Unidos no Golpe de 31 de Março*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- PETERSON, Theodore. *Magazines in the Twentieth Century*. Illinios, University of Illinois Press, 1964.
- PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, EDUSC, 1999.
- ROMANOVA, Z. *A expansão econômica dos Estados Unidos na América Latina*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- SAPORTA, Marc (org). *O Grande Desafio. Enciclopédia comparada USA-URSS*. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura, 1968.
- SCHILLER, Herbert I. *O Império Norte-Americano das Comunicações*. Petrópolis, Vozes, 1976.
- SCHLESINGER, Arthur. *Mil Dias: John Fitzgerald Kennedy na Casa Branca*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- SILVA, Hélio. *1964: golpe ou contragolpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- SOBRINHO, Antonio Porto. *A guerra psicológica no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1965.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1977
- STACCHINI, José. *Março 64: Mobilização de audácia*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1965

TÁVORA, Araken. *1º de Abril*. Rio de Janeiro, Sociedade Gráfica Vida Doméstica, 1964.

TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor*. São Paulo, Cia das Letras, 2000.

US DEPARTMENT OF COMMERCE – ECONOMICS AND ESTATISTIC  
ADMINISTRATION – BUREAL OF THE CENSUS,

VICTOR, Mário. *Cinco Anos que Abalaram o Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

VIEIRA, Evaldo. *Estado e Miséria Social no Brasil: de Getúlio a Geisel*. São Paulo, Editora Cortez, 1985.

VILLA, Marco Antonio. *Jango: Um perfil (1945-1964)*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2002.

WOLSELEY, Roland E. *The Changing Magazines: Trends in Readership and Management*. New York, Hasting House Publishers, 1973.

YOUNG, Jordan M. *Brasil 1954/1964 O Fim de um Ciclo Civil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1973

ZARUR, Alziro. *Mensagem de Jesus para os sobreviventes*. Rio de Janeiro, Promopaz, 1978.